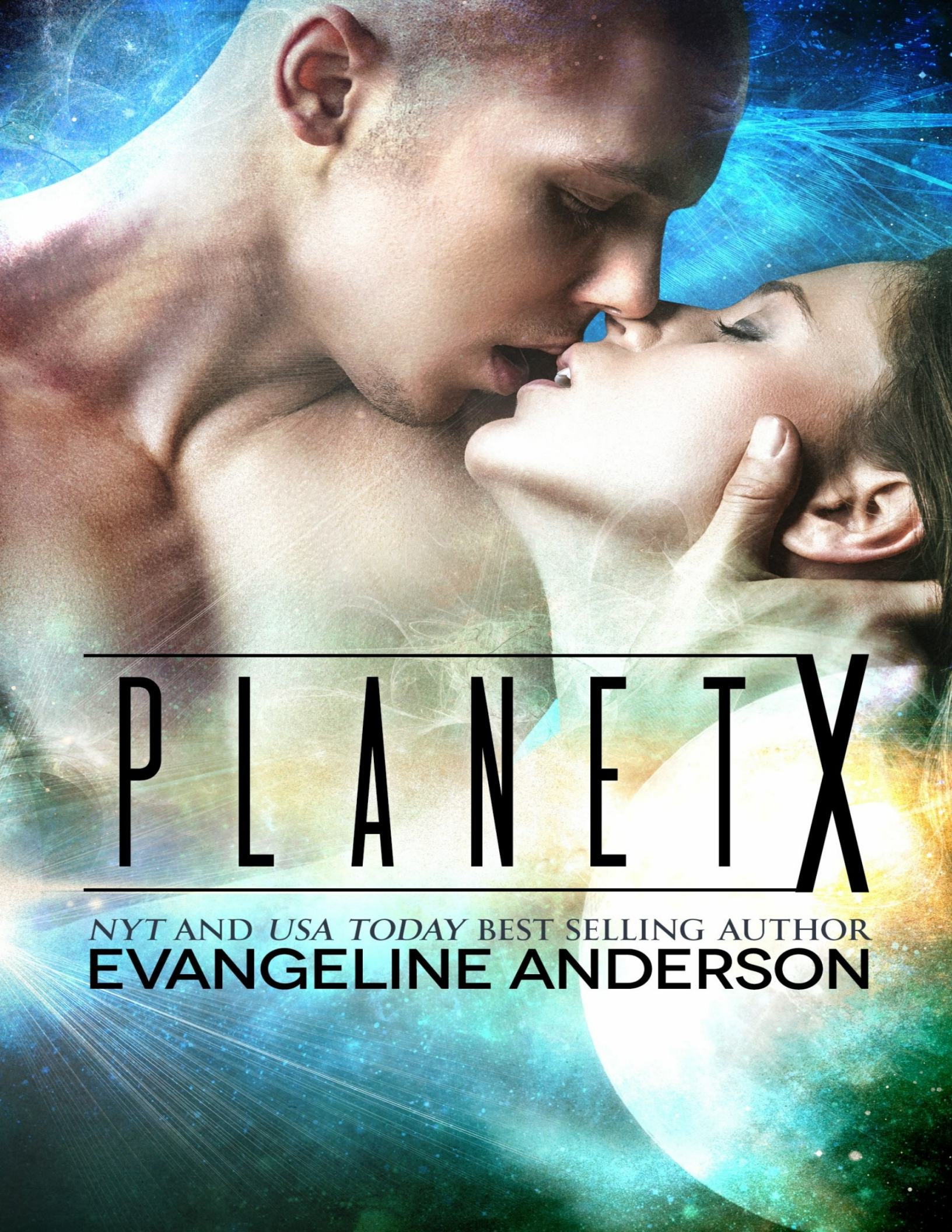

PLANET X
NYT AND USA TODAY BEST SELLING AUTHOR
EVANGELINE ANDERSON

Planeta X

Evangeline Anderson

Livro Único



Aviso 1

Esta tradução foi feita por fãs para fãs, sem qualquer propósito de Lucro. Pedimos que se estiver dentro de suas possibilidades financeiras adquirira o livro físico ou no formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros se destina, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



Aviso 2

Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Respeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato e-book em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!





Envio: Kaka

Tradução: Paula D.

REVISÃO INICIAL: Mari Stark, Rose Ajala

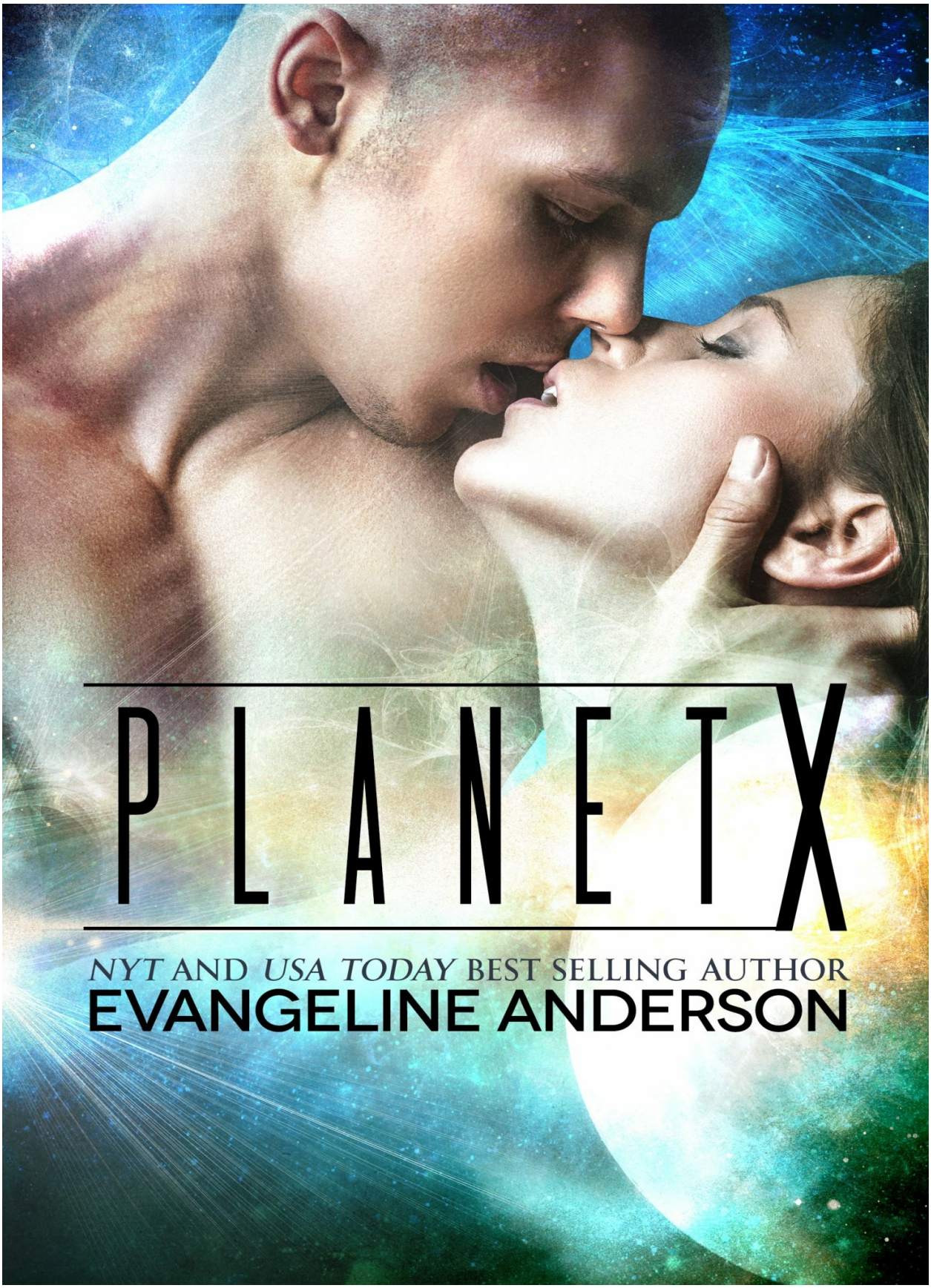
REVISÃO FINAL: Lilly Lyon

LEITURA FINAL: Louvaen Duenda crow

FORMATAÇÃO: Bec Deveraux crow

Sumário

Sinopse
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Fim...
Sobre o Autor


PLANET X
NYT AND USA TODAY BEST SELLING AUTHOR
EVANGELINE ANDERSON

Sinopse

Krisa Elyison é uma futura esposa que em breve será adquirida por um aristocrata enfadonho. Embora secretamente anseie por apenas uma aventura por conta própria, ela conhece a realidade de sua vida, pois está destinada a ser a esposa do idoso e pomposo Senhor Radisson.

Kurt Teague é um prisioneiro, um criminoso galáctico procurado por múltiplos assassinatos. Ele também é um guerreiro feroz, de um orgulhoso e selvagem povo conhecido por sua indomável vontade de sobreviver e sua natureza ferozmente possessiva. Seu tortuoso passado o transformou em um assassino, um destino impensável para a inocente e protegida Krisa.

Krisa está resignada com seu destino a bordo da nave que vai levá-la a outro planeta, diretamente para um casamento sem amor. No porão de carga, ela se depara com Teague, um feroz prisioneiro, que está vendado e acorrentado a uma parede. Mesmo assim, seu coração salta ao som de sua voz profunda e grave.

Quando a nave cai em um planeta selvagem e inexplorado, Krisa não tem escolha a não ser confiar no ameaçador condenado, tanto com sua virgindade quanto com sua vida. No entanto, em um mundo cheio de telepáticas feras vorazes e nativos canibais, Krisa descobre que o lindo e misterioso Teague pode ser o animal mais perigoso de todos.

Capítulo Um

— Não, não, Krisa! Venha logo de uma vez.

— Mas quem é ele? O que ele é?

Krisa Elyison olhou com fascinação para o enorme homem de olhos vendados, que estava acorrentado ao porão revestido de metal da nave Princesa das Estrelas. Ele era o maior homem que ela já tinha visto, e não só por ser alto, o que era óbvio, embora o prisioneiro estivesse sentado em um banco de metal estreito. O encarcerado também era enormemente constituído.

O prisioneiro tinha um peito amplo e braços grossos de puro músculo, levando até uma cintura estreita e coxas poderosas que se espalhavam em um amplo e preguiçoso desleixo. O cabelo preto azulado era espetado e estava cortado perto de seu couro cabeludo. Sua pele era de um exótico tom escuro, que Krisa nunca tinha visto antes. Todos em seu planeta natal eram muito pálidos, devido à configuração de seu sol. Havia uma tensão enrolada em sua forma muscular que a lembrou de um animal selvagem em repouso.

— Krisa, venha.

— Mas o que ele está fazendo aqui, Percy? — Krisa virou-se para o pequeno homem, nervoso por trás dela, com uma sobrancelha delicada arqueada em interrogação. A Princesa das Estrelas era uma polida nave mercante da classe de cruzeiro com tonelagem leve e que transportava uma quantidade igual de carga e passageiros, mas Krisa não se lembrava ter lido nada no folheto holográfico de publicidade sobre também ser usado como um transporte de prisioneiros.

— Isso não é do seu interesse, minha querida. Agora, precisamos instalar

sua bagagem e voltar para as nossas poltronas para nos prepararmos para a decolagem. —Percy deu a ela uma pequena carranca, que expressava sua frustração.

Percy DeCampeaux era o homem enviado para acompanhá-la de sua casa, no planeta de Capellia, até Lynix Prime. Krisa nunca tinha encontrado uma pessoa mais nervosa e certinha, apesar de ter pouco contato com homens devido ao fato de que uma variação genética na população Capellian garantir que dois terços de seus habitantes fossem do sexo feminino.

Ignorando as ordens de seu acompanhante, Krisa deu um passo mais perto do homem amarrado e vendado. Ela devia guardar sua mochila de viagem rosa pálida no porão e se preparar para a decolagem, mas não conseguia tirar os olhos da figura enorme acorrentada à parede cromada do porão. Havia algo fascinante sobre ele, uma masculinidade tão intensa que era quase primitiva. Nervosa, Krisa prendeu o grosso cabelo na parte de trás de seu pescoço, certificando-se que todos os seus cachos castanhos, de um tom profundo de chocolate, estivessem firmemente no lugar, embora o prisioneiro não pudesse vê-la através da venda preta e grossa que usava.

— Krisa. — Percy disse, em voz alta e anasalada que ela achava tão irritante. Krisa olhou por cima do ombro e viu que ele estava bem atrás do homem amarrado, brincando nervosamente com a monograma de sua bagagem.

— Só um momento. — Ela deu mais um passo, movendo-se em torno de uma montanha de bagagem que havia sido amarrado com segurança para a decolagem. Suas longas saias de cetim produziam um som através das placas do piso de metal, soando como o sussurro inquieto de fantasmas. Krisa ansiava por um pouco de aventura em sua primeira e única viagem interestelar, mas jamais teria imaginado que a iniciaria no minuto em que pôs os pés a bordo da nave.

Era sua primeira viagem fora do planeta, e muito provavelmente a sua última. Ela estava indo para encontrar o seu futuro marido, Senhor Radisson, que

era o enviado planetário para Lynix Prime. Logo, sua única função seria a de servir como uma obediente esposa e polida anfitriã para um dos homens mais ricos da galáxia, e não haveria nenhuma chamada para quaisquer outras aventuras no espaço.

E era por isso que Krisa estava determinada a tirar o máximo partido desta única viagem, não lhe importando o que Percy dissesse.

Ela deu outro passo e o prisioneiro levantou a cabeça, suas narinas se dilataram em sua direção, quase como se ele a estivesse farejando. O pensamento fez Krisa arrepiar-se enquanto estudava o rosto do homem. O cativo tinha uma boca de lábios cheios e vermelhos, de aparência cruel. Sua mandíbula estava coberta com uma escura barba por fazer, e usava calças pretas lisas que moldavam as suas pernas poderosamente construídas e a camisa regata preta que usava deixava seus ombros e braços musculosos nus. Ela se perguntou se o preso não sentiria frio no porão revestido de metal.

— Olá? —Ela disse de maneira hesitante. Agora que estava perto o suficiente para que pudesse sentir o cheiro de um perfume quente, almiscarado, vindo do homem acorrentado. Ele tinha uma aura selvagem que, como sua aparência, era totalmente masculina. De alguma forma esse perfume parecia se apoderar de todos os seus sentidos ao mesmo tempo, fazendo-a sentir-se inquieta de uma maneira que não conseguia entender.

Suas narinas se dilataram e ele virou a cabeça, como se estivesse rastreando-a de alguma forma. Krisa sentiu-se de repente sem fôlego. Puxou a alta e confinante gola do seu vestido, se perguntando por que de repente parecia tão quente no porão anteriormente frio.

— Eu não faria isso se eu fosse você. — Ele disse com uma voz profundo, enquanto lhe advertia com palavras educadas.

Krisa deu um gritinho e pulou para trás, colocando a mão sobre os seios,

onde sentiu as batidas rápidas de seu coração. O espartilho apertado que usava debaixo de suas roupas para lhe dar uma forma perfeita de ampulheta beliscou fortemente com o movimento súbito, e ela tropeçou, caindo no colo do prisioneiro acorrentado. Estendendo a mão cegamente, Krisa pegou em uma coxa que mais parecia uma rocha dura, sentindo os músculos tensos do homem de olhos vendados imediatamente sob sua palma. Ela teve uma impressão breve e fugaz de sua imensa força era mal contida por suas correntes. E ouviu Percy gritar um aviso tardio em algum lugar atrás dela. Percebeu que um rosnado baixo estava se construindo na garganta do prisioneiro, mas antes que ele pudesse lhe dizer alguma coisa, foi puxada para longe dele.

— Isso aqui não é lugar para você estar. — O homem falou à ela, dando-lhe um olhar que era meio reprovação e preocupação. — Você tem sorte de ele não ter lhe arrancado a cabeça.

Ele usava uma jaqueta curta de cor marrom decorada com galões dourados e calças pretas estreitas que terminavam em botas pretas brilhantes.

Krisa reconheceu o uniforme dos Soldados Reais do Espaço no mesmo instante. O homem que falava certamente usava-o bem, mas apesar dos largos ombros que preenchiam a jaqueta decorada admiravelmente, e tinha uma grossa cabeleira loira que brilhava no escuro do porão. Mesmo assim os olhos de Krisa se voltavam para o homem acorrentado, se perguntando o que ele poderia ter-lhe feito se o oficial não a tivesse afastado. Na verdade, ela mal registrou o fato de que o homem que tinha falado ainda estava segurando seu braço, mas o contato inapropriado certamente não foi perdido por seu acompanhante.

— Eu sinto muito. E você é? — Disse Percy, que estava encolhido no canto do porão, agora deu um passo adiante, eriçado com a audácia do estranho. — Tenha a gentileza de largar a futura Lady Radisson. — Acrescentou, erguendo-se em toda sua altura de um metro e sessenta e dois centímetros, e olhando o recém-chegado na altura de seu queixo deliciosamente fendido.

— Estou terrivelmente arrependido, foi muito rude de minha parte, mas estava preocupado com a segurança da senhora. — Ele soltou seu braço e recuou um passo. — Permita me apresentar. Capitão Owen Ketchum ao seu serviço.

Ele esboçou uma pequena saudação encantadora, e realmente se inclinou sobre sua mão quando Krisa estendeu-a para ele. Ela sentiu o cheiro da cara colônia Tazzenberry e se perguntou de onde seu sotaque era. New Britton, talvez?

— Eu sou Krisa Elyison de Capellia, e este é Percy DeCampeaux, meu acompanhante. Nós vamos a Lynix Prime. — Krisa respondeu antes que Percy pudesse detê-la. — Para onde você está indo, Capitão Ketchum?

— Estou retornando para Lynix Ômega para entregar esse animal. — Ele empurrou o queixo para o homem acorrentado que estava sentado em silêncio no banco de metal estreito. — Kurt Teague. Ele é um Selvagem de Al'hora. E já escapou uma vez, o que não é tarefa fácil, considerando que o Centro Correcional de Lynix Ômega é uma prisão de máxima segurança, triplo X. — O capitão balançou a cabeça severamente. — Desta vez, como você pode ver, nós estamos tomando todas as precauções para que ele não tenha chances de escapar. Essas fechaduras magnéticas são capacitadas com mais de dez mil psi cada um. — Ketchum lhe deu um pequeno sorriso condescendente.

— Isso é muito, caso você esteja se perguntando, senhorita Elyison.

Não há chances de fato, Pensou Krisa, quando ela voltou sua atenção para o prisioneiro silencioso, de olhos vendados. Ambos os seus antebraços musculosos foram de fato envolto nas fechaduras magnéticas inquebráveis, que estavam ligados as correntes afixadas firmemente nas paredes de cada lado, obrigando-o a ficar com a parte superior do corpo em uma posição muito desconfortável, parecendo com uma águia com as asas estendidas. As algemas de aço e titânio de grande espessura certamente pareciam fortes o suficiente para manter alguém no lugar, mas, recordando a impressão anterior de sua imensa força, Krisa se

perguntou se as aparências não poderiam ser enganadoras neste caso.

Enquanto ela observava, o prisioneiro inclinou a cabeça para trás e mostrou os dentes brancos num sorriso assustador, como se soubesse que ela estava lhe observando. Mas isso não era possível, era? Krisa estremeceu e desviou rapidamente o olhar, apertando a mão que tinha tocado na coxa musculosa de Teague firmemente em um punho ao lado de seu corpo. E pensar que tinha chegado tão perto de um homem tão perigoso! Deu-lhe um pouco de emoção curiosa ao longo do comprimento de sua coluna, mesmo sabendo que o seu interesse no enorme prisioneiro não era decididamente aceitável para uma dama.

— O que…. que ele fez? — Perguntou ao capitão em voz baixa, ignorando o desejo óbvio de Percy para estar longe do porão do navio e do homem de olhos vendados acorrentado à parede.

— Oh, ele é um assassino que muitas vezes prefere uma faca para seu trabalho sujo. Um sociopata e uma máquina de matar habilmente, não é mesmo, Teague? — O Capitão Ketchum virou a cabeça para dirigir suas últimas palavras ao próprio prisioneiro, mas a única resposta de Teague foi novamente o mesmo sorriso branco e selvagem.

Krisa pensou que seus dentes pareciam muito mais acentuados do que o normal, quase animalesco. Ela não teria ficado surpresa ao ver um sorriso como este lhe olhando para por trás das grades na grande exposição predador do Imperial Menagerie[1] de Capellia.

— Ele parece gostar de matança! —Ketchum continuou com um sombrio bom humor. — Mas então, o que você pode esperar de um bruto como esse? Estes selvagens são mais animais do que homens.

— Estou surpreso que o prisioneiro esteja em um navio mercante de classe junto com as pessoas normais, se é tão perigoso como você diz. — Percy disse nervosamente. Ele tinha decidido evidentemente resignar-se a interagir com o

Capitão Ketchum.

— Oh, ele é perigoso sim e mortal quando está em ação. Mas você não precisa se preocupar, senhor DeCampeaux, senhorita Elyison. — O capitão concordou, e um olhar sombrio passou brevemente sobre suas características bonitas e regulares. — Eu tive muito trabalho para pegá-lo, posso lhes afirmar. Mas agora ele está voltando para onde pertence, o Congelador. É assim que os sujeitos que vivem lá chamam o Centro Correcional Lynix Ômega — Explicou. — Porque a temperatura nunca fica muito acima de zero, você sabe.

— Mas por que a venda? — Krisa não poderia deixar de perguntar. Seus olhos foram atraídos novamente para Teague, que estava rosnando silenciosamente.

— A venda é realmente uma bondade. — Ketchum respondeu. — Os selvagens são indígenas que vivem no lado Noturno de Al'hora. Eles nunca veem o sol, por isso, as bestas se adaptaram para viver sem ele, a luz é dolorosa para os olhos subdesenvolvidos. Se eu quisesse ser cruel eu deveria transportá-lo sem ela, mas nunca vi a necessidade de brutalidade desnecessária, mesmo para um animal como Teague. — Ele sorriu charmosamente para Krisa, que devolveu com um sorriso hesitante.

— Mas e sobre …. — Ela foi cortada por um anúncio do sistema aéreo do navio.

— Será que todos os passageiros se encontram nas poltronas para a decolagem? A decolagem está programada para dez minutos.

— Bem. — Percy perguntou com evidente alívio. — Eu acho que nós devemos ir agora.

— Muito bem. — O Capitão Ketchum concordou. — Eu não gostaria de tentar uma decolagem se não estivesse acomodado com segurança. Acho que seria bastante doloroso. — Ele ofereceu a Krisa seu braço. E ela notou uma linha

modesta de medalhas em sua jaqueta marrom que brilhava com um fraco reflexo sob a diminuta luz do ambiente. — Posso acompanhá-la até o compartimento antes da decolagem? — Ele perguntou gravemente.

— Tudo bem. — Ela tomou seu braço, ignorando os resmungos de Percy. — Mas…. — Ela olhou para o homem acorrentado. — Mas e quanto a ele?

Ketchum riu um som de tenor deliciosamente suave que caiu agradavelmente em seus ouvidos. — Não se preocupe com Teague, minha querida. Os selvagens são extraordinariamente fortes, ele vai ficar bem mesmo sem uma poltrona para a decolagem. A menos que você queira eu o solte e o acomode uma poltrona ao lado da sua? — O tom agradável era levemente zombeteiro.

Krisa olhou para o homem enorme e sentiu um formigamento de interesse correr ao longo do comprimento de sua coluna novamente. Por alguma razão, suas bochechas ficaram quentes, e se forçou a desviar o olhar de Teague rapidamente. — Não. — Ela disse em uma voz que era pouco mais que um sussurro.

— Imaginei que não gostaria. Vamos, então? — Ele os direcionou para estrutura de metal da porta e deixaram o porão com um Percy fumegante no reboque. Ainda assim, Krisa não podia resistir a dar um último olhar sobre o ombro para a enorme figura acorrentado à parede do porão.

Quando ela olhou, Teague levantou a cabeça e virou o rosto para ela, assim como se ele estivesse olhando para trás.

A última coisa que viu enquanto eles saíam do porão foi o seu sorriso branco e predatório.

Capítulo Dois

Embora tivesse tirado o espartilho que dava a sua forma curvilínea uma forma de perfeita ampulheta, e tomado um bom banho quente de chuveiro sônico para relaxar, Krisa ainda não conseguia dormir. Apertou o travesseiro plano, de esponja hemostática e rolou novamente em sua cama estreita para o que tinha que ser a quinquagésima vez. De acordo com Percy, a cama estreita iria também funcionar como uma câmara de crio-sono em uma semana, quando o navio tivesse construído impulso suficiente para usar o hyperdrive[2].

Krisa sabia, também graças a Percy, que a nave Princesa das Estrelas era muito grande para usar seu hyperdrive imediatamente, como teria sido capaz de fazer uma nave mais compacta. Seu acompanhante a tinha impressionado quando informou que Lorde Radisson tinha escolhido um modo mais luxuoso para o percurso em detrimento para o próprio prazer e conveniência de Krisa.

Enquanto Percy tinha explicado sobre a câmara de repouso, ele havia corado furiosamente. Manchas gêmeas de vermelho ardente pintaram seu rosto magro, como se o próprio pensamento de Krisa deitando no leito, mesmo com a finalidade de crio-sono, fosse indecente. Krisa só o conhecia há uma semana, mas estava começando a acreditar que Percy pensava que quase tudo era indecente. Ela estava mais do que cansada dele orbitando em torno dela, como uma pequena lua circulando um planeta com uma órbita irregular, e só esperava que ele o homem fosse preencher uma parte muito importante em sua nova vida em Lynix Prime.

Ela suspirou e sentou-se na escuridão de seu cubículo de dormir, apropriadamente chamado, uma vez que era um compartimento claustrofóbico de tão pequeno, que mal tinha espaço para a cama onde ela dormiria. Ainda assim, Krisa se sentiu com sorte, porque pelo menos o pequeno cubículo tinha

uma pequena pia em um canto. Era um dos poucos a bordo da nave Princesa das Estrelas que o tinha. Ela sabia, porque Percy tinha lhe dito várias vezes que este pequeno luxo tinha custado milhares de créditos a mais ao Senhor Radisson. Krisa supôs que deveria se sentir grata que seu futuro marido se importava o suficiente para gastar muito para que ela estivesse confortavelmente acomodada, mas era difícil se sentir grata a um homem que nunca conheceu.

De pé na escuridão ao lado de seu leito, Krisa murmurou — luzes fracas. — No mesmo instante uma tira fina de células luminosas se acendeu ao longo da parte inferior da parede de madeira artificial, para que ela pudesse entrar no pequeno nicho sem tropeçar.

A porta deslizou e se fechou atrás dela com um silvo sibilante quase silencioso de ar comprimido, e Krisa permaneceu incerta durante um minuto no meio do quarto do tamanho de um selo postal. Ela realmente não precisava se aliviar e apesar de que outro banho sônico poderia ter sido bom, estava bem consciente de que cada um que ela tomou custou ao Senhor Radisson créditos adicionais. Krisa não queria que parecesse um desperdício, embora por todas as contas, seu futuro marido tinha muito crédito para desperdiçar. Relutantemente ela decidiu deixar outro banho para de manhã. E em seu lugar contentou-se com o movimento rápido do holo visor sobre a pequena pia.

Um zumbido baixo anunciou que o holo visor estava se aquecendo. Logo Krisa foi saudada por uma versão 3D de sua própria cabeça, pairando acima da pia, olhando tão cansada e assustada quanto ela se sentia.

Um rosto pálido, oval dominado por olhos amendoados, cor de chocolate, e emoldurado por uma profusão de cachos quase exatamente da mesma cor, olhou para ela. E Krisa olhou ansiosamente para os desagradáveis círculos escuros que se formavam sob seus olhos, na esperança de que ela pudesse descansar o suficiente para apagá-los antes que tivesse que encontrar o Senhor Radisson pela primeira vez. Não seria bom aparecer se não no seu

melhor no porto espacial de Lynix Prime, considerando o surpreendente dote de casamento que ele havia pagado por ela.

Krisa empurrou os botões direcionais sobre o holo visor, fazendo com que a imagem 3D girasse para que pudesse estudar a parte de trás de sua cabeça e, em seguida, o virou assim que ela estava olhando para o seu rosto de cabeça para baixo. O holo visor era uma novidade, uma vez que simples espelhos eram considerados mais do que adequados na conservadora Capellia.

Realmente, Krisa não sabia por que estava tão nervosa. Não era como se o jogo tivesse saltado sobre ela no último minuto, como para algumas garotas infelizes na Academia de Aperfeiçoamento Rose de Briar. O Senhor Radisson tinha comprado seu contrato a oito anos atrás, desde que tinha treze anos de idade.

Krisa tinha tomado conhecimento há anos que, logo que ela atingisse a idade de consentimento, seu futuro marido viria para buscá-la. Tinha ficado um pouco decepcionada ao ver que ele havia enviado Percy DeCampeaux em vez de vir pessoalmente, mas sabia que o Senhor Radisson era um homem ocupado. Ele provavelmente não poderia ser incomodado com pequenos detalhes, como buscar a sua futura esposa pessoalmente.

Não há nada a temer, disse a si mesma. Só porque ela ia para um planeta estranho para se casar com um homem que nunca conheceu, um desconhecido que só tinha visto por imagens de holo-vídeos, não havia razão para agir como uma pequena boba nervosa. Krisa fez uma careta para si mesma no visualizador e, em seguida, apertou o botão distorcer e observou-a torção da pele cremosa como a borracha em uma máscara de palhaço sorrindo que piscou e acenou para ela com conhecimento de causa.

De repente ela deu um tapa no botão de desligar do holo-visor. Não havia nenhum ponto em tentar dormir com tanto em sua mente. Era tarde, mas talvez ainda tivesse alguém com quem conversar no salão principal. Talvez até

mesmo o capitão Ketchum, se tivesse sorte.

É claro que não era propriamente adequado estar na companhia do capitão, sem um acompanhante e sem um espartilho, o que era muito importante para dar uma forma perfeita em uma verdadeira senhora. *Mas estaremos em um lugar público*, Krisa justificou para si mesma. Ainda assim, Percy não gostaria nada se descobrisse.

Krisa sabia que seu acompanhante reprovaria sua familiaridade com o capitão, mas ela não podia ver mal algum nisso. Afinal, não era como se fosse fazer qualquer coisa. Seu Certificado de virgindade tinha sido verificado e carimbado antes de sair de Capellia, e o fato era que a virgindade era um dever sagrado e fortemente impresso em todas as meninas Briar Rose.

O Capitão Ketchum parecia ser um perfeito cavalheiro e estava cheio de histórias e anedotas para entreter. Ele era muito mais divertido do que Percy, com sua contínua insistência sobre quanto o Senhor Radisson tinha pago pôr cada pequeno luxo que lhe foi concedido.

Krisa usou alguns grampos de cabelo e arrumou seus cachos em um coque solto, mas adequado, encolhendo-se quando um dos pinos raspou a pequena marca do tamanho de uma unha na parte de trás de seu pescoço onde seu chip de identificação foi implantado. Não seria bom deixar o capitão ver seu cabelo solto em torno de seus ombros, havia limites para as impropriedades que ela estava disposta a cometer. Em seguida, pegou um roupão branco, e teve certeza de que estava modestamente coberta do pescoço aos calcanhares como era apropriado para uma futura noiva Briar Rose, então Krisa fez seu caminho para o corredor principal e foi à procura de companhia.

O salão principal estava deserto e um rápido passeio nos longos e estreitos corredores do navio revelou que, além do piloto e alguns membros da tripulação, todos estavam dormindo. Manhã e à noite não significava muito no meio do espaço, mas todos a bordo da Princesa das Estrelas mantinham mais ou

menos um ciclo de vinte e cinco horas com os quais eles estavam acostumados, dormindo e levantando-se basicamente no mesmo horário.

O nome da nave era Princesa das Estrelas, Krisa tinha amado esse nome da nave em que estava viajando a partir do momento que ouviu pela primeira vez. Um nome saído de um conto de fadas, ela pensou. Aquele em que a bela princesa acaba com o belo príncipe no final.

Agora, enquanto vagava pelos corredores vazios, ouvindo a respiração lenta, vindo dos vinte e tantos outros cubículos de sono, o pensamento parecia juvenil e tolo.

Seu próprio conto de fadas era nada mais do que um simples caso de oferta e demanda.

Capellia, às vezes conhecido como planeta das noivas, produzia o dobro do número de fêmeas necessárias para manter sua população em andamento. Ao contrário, no Sistema Lynix as mulheres eram escassas. Krisa era uma mercadoria como qualquer uma das outras importações armazenadas no porão do navio.

Era única, rara e valiosa, mas uma mercadoria da mesma forma.

Pare de ser tão boba, ela repreendeu-se. Você tem sorte de que um homem como Lorde Radisson estivesse interessado o suficiente para comprar o seu contrato. Algumas das meninas em Briar Rose não tinham mais nada para esperar senão os mineiros que ficaram ricos, ou colonos que tiveram uma autorização Federal para comprar uma esposa para fins reprodutivos. Krisa estava grata que ela não era uma daquelas garotas infelizes. Em vez de incerteza e da pobreza, teria uma vida de luxo lhe esperando.

O Senhor Radisson tinha visto pela primeira vez a sua foto no Rose Garden, web site interestelar do Briar Rose, e ele estava esperando-a atingir a idade certa há oito anos. Ele insistiu que Krisa era a única garota que combinaria

com seu estilo de vida. Embora soubesse que era para ser um elogio, suas palavras fizeram Krisa se sentir mais como uma bela aquisição significativa para completar uma coleção cara, do que uma estimada futura esposa.

Suspirando, ela virou-se para voltar a descer ao longo dos corredores para seu cubículo do sono e tentar descansar quando outro pensamento lhe ocorreu. Ignorando o cubículo Krisa escorregou silenciosamente de volta para a seção de carga da nave. Ela prendeu a respiração quando passou pelo cubículo de Percy, onde podia ouvir um alto e assoviado ronco, de dentro das paredes de metal.

De volta ao porão, na parte onde a Princesa das Estrelas desistiu de qualquer pretensão de luxo e tornou-se feia de uma forma prática. O piso falso de madeira deu lugar ao piso com placas de metal que estava frio em seus pés descalços e o quieto e quase silencioso ar comprimido circulando através do navio era o único som. Krisa sabia que não devia fazer o que estava fazendo, mas havia uma parte dela que ansiava por aventura, uma parte que simplesmente não podia resistir a uma situação proibida.

Quando estava em Briar Rose, tinha sido lendária por suas aventuras e fugas do dormitório trancado, para vagar pela propriedade à noite. Os terrenos de Briar Rose eram demasiados vastos para realmente chegar a algum lugar e voltar a pé em uma única noite, mas isto não tinha sido o ponto de partida para Krisa. O ponto era a própria fuga em si, a onda de adrenalina percorria suas veias quando ela cancelava o bloqueio ou saia pela janela e percorria a grama orvalhada, absorvendo a luz das luas duplas de Capellia, e respirava o ar fresco da noite. Era a única vez que se sentia realmente livre, realmente viva.

Agora Krisa sentiu essa mesma emoção elétrica que percorria ao longo do comprimento de sua coluna enquanto ela deslizava silenciosamente para o porão escuro e, na ponta dos pés, foi em direção ao prisioneiro que dormia embora estivesse acorrentado à parede. Mordendo o lábio, admitiu para si

mesma que essa era a verdadeira razão que porque tinha saído de seu cubículo de dormir esta noite. Ela moveu-se cuidadosamente porque as luzes do teto acima estavam escuras e as tiras luminosas na base das paredes de metal forneciam apenas um tênue e sinistro brilho verde, que davam o mínimo possível de visibilidade.

Krisa respirou calmamente pela boca e parou a quatro metros do homem acorrentado. *Um sociopata,* ela ouviu a voz agradável de tenor do capitão Ketchum ecoando sinistramente em sua cabeça. *Mata sem remorso. Um verdadeiro açougueiro, mata qualquer número de inocentes. Foi apanhado em Siriús Seis porque seguimos o rastro das vítimas, alguns com corações arrancados diretamente de seus peitos. Fez um soberbo trabalho com uma faca um pouco como um cirurgião homicida.*

Ketchum estava mais do que disposto a relatar os atos horríveis de Teague, embora fosse menos informativo sobre os detalhes de sua recaptura. Ele tinha assegurado a Krisa que era muito sangrenta para uma senhora ter de ouvir falar. *Acredite em mim, minha querida, você realmente não quer saber*.

Krisa olhava fascinada para o homem acorrentado. Ela nunca tinha visto um sociopata antes, muito menos um homicida assassino. As únicas pessoas que visitavam Academia Briar Rose, além de maridos potenciais, eram os palestrantes convidados. Os professores tendiam a serem senhoras gordas, de meia-idade, que falavam sobre temas como “Administrar uma casa com um orçamento” ou “Como agradar seu futuro marido”. Nenhum deles eram nem parte tão fascinantes como Teague.

Ele estava imóvel sentado no banco de metal estreito, envolto em sombras. Seu queixo quadrado estava caído contra seu peito largo e os braços ainda estavam mantidos na posição desconfortável de uma águia espalhada, com aparência incomoda provocada pelas travas da fechadura magnética. Apesar dos bloqueios, Teague estava deitado em uma atitude de graça felina e suas coxas

enormes estavam espalhadas, revelando uma grande protuberância na virilha de suas calças pretas, realçado pela luz esverdeada de baixo.

Essa parte da anatomia de um homem era algo que Krisa ainda tinha que ver, e ela só tinham falado em sussurros e rido com as outras meninas na academia. Seu pênis, pensou, sentindo suas bochechas brilharem vermelhas com a palavra proibida. Deusa, deve ser enorme. É claro que não tinha uma ideia real do tamanho que essa parte de um homem deveria ser, mas sabia o que estava vendo nas calças de Teague parecia maior do que qualquer coisa que jamais poderia imaginar ser capaz de cuidar de por si mesma. Ela esperava nervosamente que Lorde Radisson fosse um pouco menor.

Teague se mexeu um pouco, seu peito musculoso se movendo para cima e para baixo enquanto ele inspirava profundamente. Krisa permaneceu perfeitamente imóvel, observando com cuidado o rosto com os olhos vendados, para julgar se havia sinais de vigília. No entanto, o homem apenas se acomodou novamente e ela se sentiu corajosa o suficiente para deslizar para a frente um outro passo. Estava perto o suficiente para ver cada pequena cerda na mandíbula de corte quadrado e traçar os bíceps enormes e ombros largos com os olhos. Um animal, Ketchum havia chamado, e Krisa podia ver o porquê.

Uma vez, quando Krisa tinha doze anos, antes que tivesse entrado em Briar Rose e quando ainda vivia em casa com sua família, um zoológico itinerante de animais selvagens tinha chegado a sua cidade em Capellia. Ela ainda se lembrava da emoção de vê-los descarregar os animais no porto. As enormes gaiolas tinham sido lançadas flutuando em hidro almofadas para a arena que haviam erigido naquela manhã. Havia um enorme gato, muito elegante em uma das gaiolas. *Felidae Panthera*, a placa de metal na gaiola tinha dito, e nativo da Velha Terra.

A pantera tinha toda a sua graça muscular, sua pele negra reluzente e seus olhos como duas pedras verdes, ardendo com a violência mal controlada.

Krisa ainda se lembrava do quanto ela queria avançar através das barras da gaiola e acariciar a pantera, embora soubesse que seria uma coisa estúpida e perigosa para se fazer.

Agora, ela estendeu a mão, sabendo que não deveria, mas de alguma forma se sentia atraída para tocar o prisioneiro que dormia. Krisa, isso não é inteligente, advertiu uma vozinha dentro de sua cabeça, mas sentiu-se impotente para parar. Seus sentidos se encheram do cheiro picante de Teague, de alguma forma, inquietante, forte, mas não desagradável, e ela se lembrou do odor almiscado proveniente das gaiolas dos grandes gatos no zoológico.

Mais perto... Mais perto... O que ela estava fazendo era não só perigoso, mas altamente impróprio, muito pior do que sair em público sem seu espartilho. Mas não podia esquecer a sensação de sua coxa dura como pedra sob sua palma, ou a forma como o corpo grande tinha ficado tenso quando ela havia caído em seu colo. Krisa disse a si mesma que só queria escovar a sua áspera bochecha, ou talvez apenas sentir o calor irradiando de seu grande corpo para o ar frio.

— Eu sei que você está aí, menina. Eu posso sentir seu cheiro.

Ele tinha a voz mais profunda que Krisa já tinha ouvido, como se alguém estivesse esfregando um punhado de cascalho contra um muro de pedra. A cabeça com os olhos vendados levantou e virou em sua direção, com aquele sorriso selvagem como uma fatia branca em seu rosto escuro.

Com o coração batendo loucamente contra as costelas, Krisa correu para trás, quase tropeçando sobre as pilhas organizadas de bagagem amarrados ao chão de metal do porão. Quando os nervos lhe disseram que estava longe o suficiente para virar as costas em segurança para ele, ela se virou e correu pelo corredor. Seu profundo riso, rouco ecoou na escuridão atrás dela.

Naquela noite, ela teve o sonho outra vez….

As mãos grandes e calejadas percorreram mais de sua carne nua,

trazendo seu corpo para a vida de uma maneira que não sabia que era possível. Uma boca, quente e exigente, tomou conta da sua e, em seguida, arrastou beijos abrasadores pela garganta, para lamber e chupar seus seios nus.

Krisa podia sentir seus mamilos endurecendo sob a doce pressão de suas mãos moldando seus seios, o prazer dolorido de seus dentes beliscando seus botões tenros, marcando em vermelho sua pele cremosa com mordidas de amor.

Ela gritou, sentindo sua buceta inchar e se encharcar para que os seus dedos experientes encontravam seu caminho dentro dela, acariciando suas dobras e empurrando para testar sua profundidade e prontidão para levá-lo. Ele estava acariciando seu clitóris como se soubesse exatamente como fazer seu corpo corresponder, como se a conhecesse melhor do que ela conhecia a si mesma. Krisa engasgou sem fôlego e abriu mais as coxas, querendo mais dele, mais de suas mãos em seu corpo. Uma ponta do dedo acariciava brandamente ao longo do lado do feixe de nervos sensíveis agora, o homem não era gentil, mas sua própria aspereza a trouxe para a borda. A maneira como ele conhecia seu corpo, sabia exatamente como fazê-la perder o controle sob o seu toque áspero e conhecedor, como nada que Krisa tivesse experimentado antes. Ela gemeu, contrariando seus quadris descaradamente para atender suas carícias, oferecendo-se ao homem sem reservas. Seu clitóris estava em chamas, sua buceta encharcada com seus sucos, e ainda assim ele não parava de acariciar seu sexo molhado, dolorido, explorando suas profundezas com os dedos grossos até que Krisa ansiava por algo mais. Algo que ela mal podia nomear, até para si mesma.

Havia a sensação de estar apenas na borda de algo enorme e incrível. Era um limiar que Krisa nunca conseguira atravessar, pois ela tinha tido esse sonho antes.

Ela ficou cada vez mais perto do homem sem rosto, e seu corpo se preparou para receber seu pênis. E Krisa sabia que, de alguma forma, que uma

vez que ela atravessasse esse limiar não haveria como voltar atrás.

Ela ficaria comprometida de corpo e alma com este homem que a estava levando tão deliciosamente rude, forçando seu corpo para responder a todos os seus desejos, mas não se importava. Só sabia que precisava dele dentro dela agora. Necessitava senti-lo despertando seu corpo e sua alma, fazendo seu sangue subir ao encontro de seu próprio destino.

Capítulo Três

— Bem, esta noite o hyperdrive será engatado e todos nós vamos entrar em crio-sono. Quando você acordar em Lynix Prime eu já vou ter ido embora, sendo jogando até Lynix Ômega com aquele bruto, Teague, a reboque. Acho que devemos dizer adeus esta noite.

O Capitão Ketchum curvou-se galantemente sobre sua mão e Krisa sorriu para ele em reconhecimento. Eles estavam sentados juntos em um dos confortáveis sofás de espuma verde na sala de estar, e o capitão estava tomando uma dose de uísque importado de Brucado.

Krisa aderiu estritamente às bebidas não alcoólicas. Na Academia Briar Rose um dos credos era *uma senhora nunca se embriagava*.

— Que pena — Ela murmurou educadamente, ciente de que Percy estava a olhando do outro lado da sala meio cheia. Ele supostamente estava jogando um jogo de boca de lobo com os empresários sentados à sua mesa, mas seus redondos e nervosos olhos estavam fixos na sua direção. E Krisa esperava que o homem começasse a ganhar em breve para que a atenção fosse mais nas suas cartas e menos sobre ela e o capitão.

Para retomar a conversa, ela perguntou: — Será que a Princesa das Estrelas vai fazer quaisquer outras paradas além daquela para deixá-lo e ao Sr. Teague fora de Lynix Ômega, antes de chegarmos à Prime?

O Capitão Ketchum se moveu e tomou outro gole civilizadamente do líquido âmbar em seu copo. — Bem, é mais do que uma ligeira parada para nós. É como cair sem uma parada, mas eu não deveria pensar nisto. É apenas outro planeta do sistema Lynix Xi, o Planet X, você sabe. Está localizado entre Lynix Ômega e Lynix Prime, mas ninguém nunca faz parada lá.

— Por que não? — Perguntou Krisa com interesse. Ela tinha tentado fazer alguma pesquisa sobre o sistema Lynix desde que soube que o Senhor Radisson tinha comprado seu contrato, mas a biblioteca Briar Rose se concentrava mais nas características atraentes e convidativas de qualquer sistema particular, onde se pudesse ser enviado. Planetas com nomes misteriosos onde ninguém nunca tivesse pousado foram em grande parte encobertos em favor de atrações cênicas e as principais zonas comerciais.

— Ninguém nunca vai para o Planeta X, porque ninguém nunca saiu do Planeta X. — O capitão respondeu misteriosamente. — A cobertura das nuvens é tão espessa que você nunca vê o sol, além de fazer os pousos e decolagens serem extremamente difíceis, na verdade, quase impossíveis, você sabe. Depois, há os rumores perturbadores sobre os nativos que vivem lá.

— Oh, realmente? — Perguntou Krisa, sentindo um formigamento de excitação correndo através dela.

— Como eles são?

— Ninguém realmente sabe. — Ketchum disse de maneira sombria. — Selvagens com os costumes mais bárbaros. Cerimônias religiosas com estranhos rituais e canibalismo. As almas infelizes que acabaram lá por uma razão ou outra quase nunca voltam para a civilização. — Ao pensar nisso ele estremeceu dramaticamente.

— Mas não é mais provável que as pessoas que caíram lá morreram no acidente, por que eles não podiam ver a terra? Que os rumores só cresceram porque, como você diz, praticamente ninguém conseguiu voltar porque não pousou com vida? — Krisa argumentou. Ela gostava de uma boa história de fantasmas, tanto quanto qualquer garota, mas desta vez o que Ketchum estava lhe dizendo parecia um pouco rebuscado.

— Você pode acreditar no que quiser. — Disse o capitão, parecendo um

pouco irritado. Ele parecia ter preferido, Krisa tinha notado, que ela ficasse pendurada e totalmente sem fôlego com as suas palavras, do que realmente questionar e discutir qualquer uma de suas histórias. Mas havia um lado cético e prático dela que nem sempre podia ser suprimido, apesar de sua formação Briar Rose.

— Percy está acenando para mim Capitão Ketchum. Creio que terei de dizer boa noite — Ela disse, um pouco friamente. — Eu espero que você tenha uma viagem muito agradável e que a sua entrega do Sr. Teague ocorra bem, e sem complicações. — Ela se levantou, sacudindo as saias e dando a Percy um aceno para indicar que ela estava em seu caminho para a cama.

— Espere, por favor. — Para sua surpresa, o capitão ergueu a mão e pegou a mão dela entre as suas. Krisa virou rapidamente para que suas saias escondessem o contato, na esperança de que Percy não tivesse visto.

— O que é capitão? — Perguntou ela, imaginando se ele estava ciente da impropriedade do gesto.

— Tem sido uma semana linda, Srta. Elyison. Eu odiaria que terminasse de forma tão abrupta. — Os olhos azuis do capitão estavam derretendo com sinceridade.

De repente Krisa se sentiu um pouco triste porque seu tempo juntos estava quase no fim. Algumas de suas histórias tinham sido um pouco exageradas talvez, mas no todo o Capitão Ketchum tinha sido um excelente companheiro de viagem. Ele tinha certamente animado o que de outra forma teria sido uma viagem monótona e muito maçante. Nenhum dos outros vinte e tantos passageiros tinham valido a pena para conversar. A maioria deles eram homens de negócios com seus narizes enterrados nos relatórios financeiros, e Krisa estremeceu só com o pensamento de passar uma semana inteira em conversa com Percy.

— Foi lindo — Disse ela — e eu sinto muito ter que dizer adeus, capitão Ketchum.

— Então não, ou pelo menos, não ainda. — Disse ele suplicante, ainda segurando a mão dela.

— Eu não vejo como posso evitá-lo — Krisa opôs. — Como você mesmo disse, todos nós vamos ser bloqueados em crio-sono até amanhã de manhã.

— Sim, mas eu tenho algo para lhe dar. Algo que eu acho que você vai gostar. — Disse ele.

— Encontre-me no meu cubículo em uma hora, todos devem estar dormindo até então.

— Mas, capitão, eu não poderia... — A impropriedade do que ele estava sugerindo… encontrá-lo em um lugar privado, sem acompanhante, devia ser óbvio para o Capitão Ketchum. No entanto, ele estava perguntando isso de qualquer maneira.

— Seu Mr. DeCampeaux está chegando. — Disse ele, abruptamente deixando cair sua mão. — Meu cubículo em uma hora. Não se atrase. — Ele pegou o copo e tomou outro gole, deixando Krisa a pensar o que ela faria, enquanto seguia Percy de volta para seu cubículo para o crio-sono.

De volta ao seu próprio cubículo, Krisa caminhou, tanto quanto o espaço extremamente limitado permitia, e mudou de ideia sobre o que fazer uma dúzia de vezes. Por um lado, era extremamente impróprio se encontrar com um homem em uma sala privada sem acompanhante. Por outro lado, seu senso de aventura foi despertado. O que poderia o capitão possivelmente querer?

Os homens só querem uma coisa, meninas. Vocês devem tomar cuidado para não perderem o seu maior tesouro e nunca devem ficar sozinha com um

homem estranho, nem mesmo por um instante. A voz de Madame Ledoux, a instrutora de comportamento em Briar Rose, ecoou em sua cabeça. Mas esse tipo de pensamento certamente não se aplica nesta situação.

O Capitão Ketchum nunca tinha sido nada menos do que o perfeito cavalheiro durante toda a semana. – *Sim, mas você nunca o viu exceto quando Percy estava assistindo sobre seu ombro.*

Krisa afastou o pensamento de sua cabeça. Ela estava bastante certa de que conhecia o capitão bem o suficiente para saber que ele não era um estúpido ou um demônio do sexo.

— Eu irei. — Decidiu pôr fim. Afinal, o capitão Ketchum provavelmente só queria dar-lhe algum pequeno sinal ou lembrança da semana que passaram juntos. Talvez ele tivesse feito um pequeno holo-vídeo, que ela poderia manter para se lembrar dele, já que eles nunca deveriam se encontrar novamente.

Krisa tinha vários holo-vídeos de Lorde Radisson, na sua maioria enviados a ela em aniversários e para o solstício de inverno. Mas o que tinha de sua mãe, Krista o apreciava acima de tudo. Sua mãe tinha feito para ela quando Krisa tinha doze anos, antes que ela fosse enviada para Briar Rose. Krisa ainda o assistia de vez em quando, somente quando estava se sentindo deprimida ou chateada. Era tudo o que tinha ficado de sua mãe, que morreu quando Krisa tinha treze anos e em seu primeiro semestre na Academia de Aperfeiçoamento. *O que sua mãe pensaria do que você está fazendo agora?* Sussurrou aquela voz interior que soava como Madame Ledoux, mas Krisa ignorou.

Até o momento que ela tinha tomado sua decisão já estava na hora de ir. Krisa ajustou seu espartilho apertado deu uma olhada rápida no visualizador para ter certeza de que seu cabelo estava preso corretamente no lugar. Ela estava usando um grampo ornamental extremamente grande e bastante afiado em seus cachos castanhos grossos. O Senhor Radisson tinha enviado como um presente

com Percy e Krista já havia se espetado com ele duas vezes. Satisfeita que parecia arrumada e elegante, Krisa furtivamente e em silêncio saiu de seu cubículo.

Ela se arrastou ao longo do corredor, contando silenciosamente para si mesma até que alcançou o penúltimo cubículo que ela sabia ser o do capitão. Respirando fundo, ela bateu em silêncio e ouviu uma voz baixa dizer: — Entre.

Deixando-se entrar no cubículo do capitão Ketchum sem um acompanhante levou mais coragem do que ela tinha certeza que tinha. Por um longo momento, Krisa hesitou, com a mão no interruptor de porta com o seu coração batendo forte. Estava quase confirmando que era uma má ideia e que deveria voltar para seu próprio cubículo, quando ouviu um ruído súbito e forte no próximo cubículo de sono. Provavelmente foi apenas um dos empresários virando em seu leito, mas o som impulsionou Krisa para a ação. Antes que ela pensasse novamente sobre o assunto, se viu pressionado o interruptor e entrando no cubículo do capitão Ketchum. Houve um leve chiado quando a porta se fechou atrás dela.

Era, se alguma coisa pudesse ser dita, ainda menor do que seus aposentos. Krisa viu com alguma inquietação que o capitão estava descansando na cama com sua jaqueta marrom e sua camisa meio desabotoada. A camisa aberta mostrou uma extensão do peito loiro e peludo que ela realmente não queria ver.

— Capitão Ketchum? —Ela disse incerta.

— Krisa, estou tão feliz que você veio. Eu estava com medo que você fosse perder a sua coragem no último momento. Venha, sente-se. — Ele acariciou o espaço na cama ao lado dele convidativo.

— Capitão, eu não tenho certeza…. — Começou Krisa.

— Absurdo. E me chame Owen, por favor. Toda essa formalidade é

bobagem, especialmente quando vamos ficar conhecendo um ao outro muito melhor.

Krisa não tinha certeza de que gostava do som disso, mas de alguma forma, se encontrava sentada ao lado dele na cama, muito mais perto do que ela gostaria.

— Tome uma bebida. — O Capitão Ketchum disse, pressionando um pequeno frasco na mão dela. Krisa quase tomou um pequeno gole para ser educada, mas a fumaça flutuando desde a boca da garrafa deixou-a saber que era melhor não.

— Eu já lhe disse que eu não tomo bebidas alcoólicas. — Ela o lembrou, devolvendo o frasco.

Ketchum deu de ombros. — Faça como quiser. Só pensei que você gostaria de ter algo para se soltar.

— Você disse que tinha uma coisa para mim? — Krisa perguntou incisivamente. De repente, ela se sentiu muito ansiosa para estar do lado de fora do pequeno espaço confinado com o capitão recentemente muito amigável.

— Na verdade eu tenho minha querida, e eu tenho certeza que você vai amá-lo. — Ele sorriu para ela dê uma forma que ela não gostou muito. — Luzes fracas — Disse ele e depois se aproximou ainda mais, enquanto o cubículo se tornava mais escuro e mais íntimo. — Eu tenho querido fazer isso desde o primeiro minuto que te vi — Ele murmurou. Inclinando-se para frente, e o capitão segurou ambos os ombros em suas mãos e tentou beijá-la.

Krisa estava tão surpresa que ele realmente conseguiu no início. Houve uma pressão quente e úmida em seus lábios e, em seguida, sua língua estava em sua boca e na garganta dela, espalhando o gosto forte, amargo de álcool. Krisa fechou sua boca e se afastou de repente, quando o impacto do que ele estava fazendo bateu nela.

— O que…? — Ela limpou sua boca com um antebraço através de um modo muito grosseiro antes que ela pudesse se conter. — O que você pensa que está fazendo?

— Dando-lhe o seu presente de despedida, minha querida. — O sorriso de Capitão Ketchum, que parecia tão encantador no início da semana, agora parecia decididamente predatório. Krisa percebeu com desconforto que ele realmente ainda não tinha soltado seus ombros.

— Eu não entendo — Ela disse hesitante. De repente, o espartilho, que foi usado para fazer sua cintura pequena ficasse realmente minúscula, parecia demasiado apertado para ela ter uma boa respiração profunda. — Eu pensei que talvez você tivesse gravado um holo-vídeo ou algo parecido para eu me lembrar de você.

— Oh, eu posso lhe dar algo muito mais interessante do que um holo-vídeo para você se lembrar de mim. — Ketchum disse, puxando-a para mais perto.

O cheiro de sua colônia masculina era forte e enjoativo em suas narinas, e sob ele estava o leve odor de suor velho. Por que ela nunca tinha notado isso antes?

Porque você nunca foi tão perto antes, A pequena voz interior sussurrou. Mas Ketchum ainda estava falando.

— Eu vou dar-lhe uma noite com um homem de verdade antes que você ficar acorrentada eternamente com aquele bastardo velho enrugado que será seu marido. Acredite, você vai olhar para trás e lembrar desta noite pelos próximos anos e vai me agradecer. — Ele tentou beijá-la novamente, mas Krisa conseguiu colocar as duas mãos em seu peito e o empurrou com força para longe.

As palavras de Madame Ledoux para uma situação como esta subiu automaticamente para seus lábios.

— Sr. — Disse ela tão friamente quanto possível. — Peço-lhe para não impingir suas atenções indesejadas a mim.

Ketchum afastou-se, obviamente surpreso com sua rejeição. — Atenções indesejadas, hein? — Ele perguntou, com um pequeno sorriso desagradável de desdém. — Por que você veio até aqui então se você não desejava o mesmo que eu?

— Eu te disse, eu pensei que você tinha uma imagem ou um holo-vídeo para mim. Eu nunca sonhei….

Krisa tremeu e balançou a cabeça. — Eu tenho que ir.

— Ainda não, minha querida. — Ele agarrou seu braço em um aperto doloroso e Krisa engasgou quando ele enfiou os dedos em uma parte macia de seu cotovelo. Imediatamente, todo seu antebraço ficou dormente.

— O que você está fazendo? Deixe-me ir. — Ela exigiu achando difícil ser capaz de acreditar que aquilo estava acontecendo. O que tinha acontecido com o homem charmoso que conheceu no início da viagem? Quem era esse estranho com o sorriso de um tubarão e seus dedos cavando em seu braço?

— Eu estou explicando os fatos da vida, Krisa, meu doce. — Ketchum disse maldosamente. — Você é apenas uma pequena cadela ignorante da Noiva do Planeta, então eu pensei que eu poderia educá-la um pouco.

Krisa engasgou e tentou se livrar, mas o aperto de Ketchum em seu braço era implacável.

— Deixe-me ir! — Ela disse, levantando a voz.

— Em um momento, quando eu estiver terminado. E pense duas vezes antes de gritar, minha querida.

— Você realmente quer que seu acompanhante, o honorável Sr.

DeCampeaux, possa encontrá-la em tal situação comprometedora? — Ele perguntou, quando Krisa abriu a boca para gritar por socorro. — Eu pensei que não. — Ele continuou, quando ela fechou a boca abruptamente no pensamento terrível — Esse Certificado de Virgindade que eu sei que você tem escondido em um pequeno tubo em sua sacola de viagem rosa não significaria um inferno inteiro de muito se o velho Percy começar a contar suas peripécias fora da escola, seria?

Krisa balançou a cabeça, sentindo-se quase tonta de pânico enquanto seu espartilho parecia ficar ainda mais apertado. Esta não era a maneira como as coisas deveriam ter acontecido. O Capitão Ketchum deveria oferecer a ela algum pequeno sinal de sua estima eterna e talvez até mesmo admitir que a amasse. Então ela, Krisa, faria uma bonita fala sobre como ela iria sentir-se eternamente infeliz por não poder retornar suas afeições, mas que iria mantê-lo sempre em seu coração. Em seguida eles partiriam com uma memória agridoce para acalentar para sempre.

Estúpida, estúpida, estúpida! Gritou a pequena voz em sua cabeça. A parte prática de si mesma que ela nunca tinha sido completamente capaz de suprimir subiu para frente de seu cérebro. *Você se meteu nisso, você vai ter que sair disso,* ela disse. *Agora pense em algo, e pense rápido.*

Levantando seu outro braço, o que ele não estava atualmente quase quebrando em dois, Krisa agarrou o grande grampo ornamental de seu cabelo e puxou-o livre, sacudindo seus cachos cor de chocolate no que ela esperava que fosse uma forma sedutora.

— Agora isso é mais parecido com o que eu gosto. — Disse Ketchum com aprovação. — Eu sabia que você veria da minha maneira, uma vez que tivesse pensado sobre isso. A maioria das mulheres faz.

A maioria das mulheres faz, Krisa pensou entorpecida. E ele sabia sobre seu Certificado de Virgindade. Tinha o Capitão Ketchum feito isso antes? Passou

uma semana fazendo amizade com uma garota infeliz e ingênua, que estava viajando pela primeira vez para encontrar seu futuro marido e, em seguida, a atraiu para seu cubículo e a chantageou para fazer o que ele desejasse? Ela tinha muito medo que o capitão tivesse realmente feito isso antes. *Bem, esta é uma menina que não vai cair nessa*, a voz um pouco sombria em sua cabeça sussurrou.

Tomando um aperto firme na cabeça ornamental do grampo, Krisa o espetou tão duro quanto podia na mão que segurava seu braço.

— Ai! Você pequena puta! — Ketchum gritou e pulou. O pequeno leito em que se sentavam balançou e rangeu de forma alarmante com seu movimento. Seu aperto afrouxou, mas não relaxou completamente.

— Deixe-me ir ou eu vou fazê-lo novamente. — Disse Krisa em voz sombria que ela mal reconheceu como sua própria. — Eu não vou fazer isso fácil para você, Capitão Ketchum.

O olhar de aço em seus olhos castanhos deve tê-lo convencido de que ela falava sério, porque ele relaxou seu aperto o suficiente para Krisa se afastar.

— Tudo bem. — Ele disse de mau humor, como um menino o qual foi negado o brinquedo que queria. — Fuja de volta para seu próprio cubículo, Krisa. Mas algum dia no futuro próximo você vai olhar para trás e desejar ter aproveitado esta oportunidade.

— Eu duvido muito disso. — Disse Krisa, recuando cuidadosamente longe dele. Ela ainda estava segurando o grande grampo ornamental como se fosse uma arma laser na mão.

— Oh, mas você vai. — Disse maldosamente. — Sabe o que vão fazer com você assim que assinar o contrato e se juntar com o velhote em Lynix Primeiro, o que está comprado você? Eles vão ativar esse minúsculo chip castidade um pouco à direita na base do seu pescoço, e se você alguma vez

pensar em outro homem novamente, isso te dará uma sacudida de pura agonia direto para o seu sistema nervoso central.

— É isso mesmo. — Ketchum acenou e sorriu o sorriso desagradável, predador novamente. — Você vai se sentir como se cada terminação nervosa estivesse em chamas, minha querida. E não vai nem mesmo ser capaz de sonhar em fugir ou ter um único pensamento que seu marido não aprove.

— Você estará presa lá para sempre. Espero que aproveite todas as noites com o Senhor Pau Mole tentando montar você, enquanto pensa em como teve a chance de ter um homem de verdade e não a aproveitou.

— Você…você está mentindo. — Disse Krisa com uma voz trêmula. Sua boca estava tão seca que ela ficou surpresa por conseguir dizer as palavras, enquanto tentava novamente conseguir uma respiração profunda. Ela desejou vagamente que lhe fosse permitido soltar um pouco o espartilho apertado em volta da cintura. Ninguém, na Briar Rose, tinha dito nada sobre um como ele chamou o implante... Chip de castidade, era isso. Mas então, por que eles foram capazes de anunciar que as noivas Briar Rose nunca deixavam seus maridos?

— Esse chip foi colocado no meu pescoço para fins de identificação no caso de eu ser sequestrada e eles terem como me rastrear. — Krisa protestou. Mas as desculpas soaram falsa e sem convicção até mesmo para ela.

Sem pensar, ela levantou uma mão para a pequena elevação que ficava bem abaixo da linha dos cabelos, na parte de trás do seu pescoço, onde estaria o chip que Ketchum tinha falando que estaria.

Ele tinha sido implantado no seu primeiro semestre na Briar Rose. O procedimento tinha sido tão simples e descomplicado que Krisa tinha aceitado sem questionar. Cada uma das meninas Briar Rose tinha um, e ela só tinha treze anos na época.

— Oh eles podem rastrear, você está certa. — Ketchum zombou. —

Mas ele tem seus outros fins, como você vai descobrir em breve. Então vá em frente, meu doce. Corra de volta para seu cubículo e tenha uma vida agradável como uma pequena e doce esposa em Lynix Prime. De qualquer maneira você não é bonita o suficiente para valer a pena o esforço. — Ele apertou o interruptor da porta e sacudiu sua cabeça para ela sair.

Krisa tropeçou para o corredor e a porta fechou atrás dela, deixando-a com um último olhar para o sorriso de escárnio do rosto distorcido do outrora bonito capitão Ketchum.

Capítulo Quatro

Não é verdade. Não pode ser verdade, Krisa pensou mais e mais, como um cântico enquanto corria de volta para baixo na longa fila de cubículos para o seu próprio. Eles não…não poderiam. Ou poderiam?

Por que você acha que as noivas de Briar Rose são tão caras? A voz prática em sua cabeça perguntou. Krisa estava começando a desejar que aquela pequena voz se calasse, mas ela continuou a falar da mesma forma. Por que eles são garantidos a ficar com qualquer homem que as compram para a vida toda?

Estava até mesmo no seu lema: Uma esposa Rose Briar é fiel por toda a Vida.

Krisa tentou empurrar o pensamento fora de sua cabeça, mas ele não saia. Mesmo o ataque monstruoso do capitão Ketchum ficava diminuído à insignificância, mediante ao que ele tinha dito a ela sobre o chip na parte de trás de seu pescoço.

Ela correu pelo corredor e apertou o botão do holo-visor no minuto em que ela estava dentro do cubículo dela. Então Krisa retirou o seu vestido adequado para o entardecer e arrancou o miserável espartilho que tinha estado dificultado a sua respiração durante toda a noite.

Esperando impacientemente para que o visualizador se aquecesse, ela puxou seu cabelo e esfregou a pequena e discreta protuberância com a ponta do seu dedo indicador. *Quão profundo está?* Ela pensou.

Quão profundo ele vai? Está fixo em minha medula espinal?

Ela desejou saber um pouco mais de biologia e anatomia, mas essas aulas de ciências mais aprofundadas não eram incentivadas em Briar Rose. Krisa

nem teria tanto conhecimento quanto tinha, se uma das meninas em seu dormitório não tivesse um amoroso irmão mais velho que tinha contrabandeado seus episódios do drama Vínculo com a Vida de vez em quando.

Ela tinha tomado três semestres na coleta de borboleta e um na captação de ervas para uso na cozinha. Essa era a soma de seu conhecimento científico, exceto o que ela tinha sido capaz de recolher a partir dos vídeos do Vínculo com a Vida, contrabandeados e a limitada biblioteca da escola, que tendiam a ser cheios de romances, livros de receitas e decoração.

Claro, todo mundo sabia que no Briar Rose uma menina era treinada para ser uma esposa perfeita, não uma cirurgiã ou um piloto de nave espacial ou qualquer outra coisa que era mesmo remotamente interessante.

— Oh Deusa. — Ela murmurou enquanto o acendedor finalmente clareou o cubículo e ela foi capaz de ajustá-lo para ver a parte de trás do seu pescoço. A pequena protuberância estava lá tudo bem, cerca de meia polegada quadrada de lado a lado, como seu dedo questionador havia lhe dito. Mas esse era o limite do que sua visão podia lhe dizer. Quão profundo? Ela pensou novamente.

Krisa sabia que sempre pinicava se ela o raspava com um grampo de cabelo ou uma escova, mas agora que o pressionou e golpeou experimentalmente com um dedo, mais forte do que tinha feito antes. Uma onda de dor estonteante a atingiu, como se um cravo de ferro fosse enfiado na base de seu crânio, e Krisa realmente teve que agarrar nas laterais escorregadias da pequena pia para não cair. Era isso o que ela tinha de esperar se tivesse a imprudência de pensar por si mesma uma vez que assinou o contrato juntando-se com Lorde Radisson? Está horrível agonia?

Oh Deusa, diga que não vai ser assim!

Krisa desligou o acendedor e andou inquieta para cima e para baixo no

comprimento do pequeno cubículo de sono. Logo ela começou a se sentir tonta de andar em círculos e teve que se sentar na cama. O que devia fazer? Por um lado, havia sido prometida ao Senhor Radisson desde a idade de treze anos. *Mas eu não lhe prometi a minha mente ou o meu livre arbítrio,* Krisa pensou com raiva. Por outro lado, como ela poderia evitar dar-lhe essas coisas?

Capitão Ketchum era um pedaço desagradável de escória e ele poderia ter mentindo apenas para atormentar lhe, por recusar sua oferta. Como ela poderia ter alguma vez pensado que o homem era um cavalheiro estava além do seu entendimento. Krisa estava tentada a ir acordar Percy naquele instante e exigir a verdade, mas que bem isso faria? E como ela poderia explicar o súbito conhecimento do que era obviamente um segredo em Briar Rose, pelo menos para as noivas que foram negociadas por serem uma garota extremamente adequada?

Bem, se perguntar a Percy estava fora de questão o que mais poderia fazer? Pedir ao Senhor Radisson para não ativar o chip? Ou se de alguma forma o cortasse fora esta noite? Será que seria capaz de esconder a parte de trás de seu pescoço até que a ferida ficasse suficientemente curada?

Krisa pensou na terrível onda de dor que tinha experimentado quando só pressionou mais forte a protuberância na parte de trás de seu pescoço e estremeceu. Cortar o chip seria uma agonia e ela não tinha certeza se poderia fazê-lo. Então, novamente, e se o chip estivesse de alguma forma ligado à sua medula espinal e Krista conseguisse estragar o trabalho e provocasse a morte ou paralisia em si mesma?

O que fazer então?

Krisa colocou a cabeça sobre os joelhos e chorou silenciosamente, seus ombros vergados com uma miséria como nada que ela já havia sentido desde que sua mãe morreu. Sua progenitora, se Krista pudesse falar com ela mais uma vez! Sua genitora tinha sido uma mulher forte, contrária ao envio de qualquer uma

das suas filhas para Briar Rose, porque ela e o pai de Krisa tinham concebido sete filhas e apenas um filho. Até o momento em que sua mãe morreu, Krisa tinha esperança de voltar para casa, para o outro lado de Capellia. Mas quando sua progenitora morreu, a sua esperança morreu com ela. Krisa era a mais velha e a mais bonita e o dote de noiva que ela trouxe manteria sua família em grande estilo por um bom tempo. Mas oh, se apenas sua mãe estivesse viva, Krisa apenas sabia que não estaria nesta situação desesperadora agora.

De repente, parecia claro para ela que se apenas pudesse assistir ao holo-vídeo acalentador de sua mãe novamente, poderia decidir-se sobre o que fazer. Ele estava armazenado em seu saco de viagem rosa no porão. Krisa não tinha estado lá desde o susto que ela teve na sua segunda noite a bordo da nave.

O enorme selvagem realmente tinha lhe dado um susto, falando quando ela tinha estado tão certa de que ele estava dormindo. Mas agora Krista sentiu que nada poderia ser mais assustador do que a perspectiva de ser controlada pelo resto de sua vida, através do chip em seu pescoço. O que era um enorme assassino sociopata homicida comparado a isso? Além disso, o homem estava acorrentado, e se ele falasse alguma coisa ela poderia simplesmente ignorá-lo.

Krisa foi para o banheiro e encheu um copo alto com água fria e bebeu tudo de uma vez. Então ela jogou um pouco mais do precioso líquido nas bochechas para esfriar seu rosto aquecido. Krista era perfeitamente consciente do quão alto era o valor da água em uma nave. Ela sabia que iria provavelmente custar ao Senhor Radisson mais mil créditos com sua pequena extravagância. *Quem dava à mínima*? Perguntou uma pequena voz em sua cabeça. Desafiadoramente, Krisa encheu outro copo inteiro. Ela saborearia enquanto remexia na mochila de viagem para encontrar o holo-vídeo de sua mãe. Segurando o copo escorregadio em uma das mãos, saiu para o corredor.

Ela estava mais que um pouco nervosa quando passou o penúltimo cubículo, mas ao ouviu os roncos constantes de um homem verdadeiramente

dormindo, vindos da parte de dentro. Bons sonhos, Capitão Ketchum, pensou ironicamente, espero que cada um deles seja um pesadelo. Mas Krisa teve de admitir que, se ele estava dizendo a verdade, com certeza o capitão havia tinha lhe dado uma valiosa peça de informação.

A pergunta era o que ela faria com o conhecimento agora que ela o tinha?

Capítulo Cinco

Escorregando para o porão escuro, Krisa seguiu seu caminho para a pilha de bagagem que era dela e de Percy, então começou a procurar em torno da montanha de bagagens por sua mochila de viagem rosa pálido, onde guardava seus bens mais preciosos.

— Acenda as luzes se quiser. Não me incomoda.

A voz profunda e grave a assustou tanto que Krisa quase derramou sua água.

Deixando o copo cuidadosamente no chão, virou-se para enfrentar o selvagem algemado.

— O que você disse? — Perguntou ela, sua determinação de ignorar o enorme prisioneiro esquecida.

— Eu disse para acender as luzes. Elas vão ajudar a encontrar o que você está procurando mais facilmente. — Seu tom era tão casual e educado que a assustou. Ela não sabia o que tinha esperado de Teague, talvez ameaças ou delírios, ou mais estranhamente declarações oblíquas sobre ser capaz de sentir o cheiro dela, mas não civilidade casual.

— Luzes, fraca. — Sua voz era baixa e hesitante, mas a luz brilhou nas vigas de qualquer maneira, emitindo um brilho suave e dourada iluminou a sala forrada de metal, o que melhorou muito a visibilidade. Mas em vez de voltar a cavar em busca de seu saco de viagem, Krisa encontrou seus olhos sendo novamente atraídos para Teague. Havia algo sobre ele que era tão horrível que a fascinava.

— Que tal me dar um gole de sua água uma vez que você encontrar o

que você está procurando?

Ele falou no mesmo tom casual, sua cabeça se virou para ela. Era como se Teague estivesse olhando diretamente para ela, apesar da venda pesada ainda envolta em torno de seus olhos.

— Como você sabe? Você pode me ver? — Ela perguntou, por fim.

— Como eu sei que você tem água? Eu posso sentir o cheiro. E ouvi o tilintar de vidro quando você o deixou no chão. Meu nariz e as orelhas são tão bons quanto os seus olhos, se não melhores, menina. — Teague se moveu e as fechaduras magnéticas tilintaram contra a parede de metal em que ele se encostava.

— Meu nome é Krisa — Disse ela automaticamente. A mochila de viagem esquecida, ela pegou o copo de água e se moveu para ele de maneira hesitante.

— Eu sei. — Ele abriu aquele sorriso selvagem e branco que tanto a assustou quando o viu pela primeira vez. Agora ela o comparou com o olhar desagradável do capitão Ketchum e não pareceu tão ruim. Pelo menos Teague estava na frente sobre o que ele era, ao contrário daquela cobra que o guardava.

Outro pensamento lhe ocorreu. — Como você sabe meu nome? — Krisa se aproximou um pouco mais.

— Ouvi quando disse a Ketchum no primeiro dia. Que tal aquela água, agora? Selvagens pode ficar muito tempo sem, mas eu não me importaria de, pelo menos, mais uma bebida antes de todo mundo entrar em crio-sono.

— Mas a viagem a Lynix Ômega é de, pelo menos, duas semanas e meia. — Ela sabia que o Capitão Ketchum vinha pelo menos uma vez por dia com um blíster carregado para dar a sua pasta de nutrientes ao prisioneiro e algo para beber, mas Krisa tinha assumido que um membro da tripulação assumiria

esse dever enquanto o capitão estava em crio-sono. — Será que nenhum dos tripulantes atenderão às suas necessidades, enquanto o capitão Ketchum está dormindo?

— Não. Não está em seu contrato lidar com um criminoso perigoso como eu. Além disso, todos eles estarão em crio-sono com o resto dos passageiros, bons meninos e meninas.

— Oh, isso é certo. —Krisa murmurou. Ela tinha esquecido que uma vez que o hyperdrive da nave fosse acionado, mesmo o capitão e a tripulação da nave entrariam em crio-sono, deixando a nave seguir para o seu curso até que acordassem já na órbita de Lynix Prime. Ao longo do caminho, a Princesa das Estrelas retardaria minimamente para permitir que os passageiros que tivessem que parar durante o percurso, usando as cápsulas de desembarque especialmente concebidas, serem ejetadas durante o modo de hyperdrive.

Os dois únicos passageiros que iriam ser ejetados seriam Ketchum e seu prisioneiro, mas seria duas semanas e meia a partir de agora. Aparentemente Teague estava indo para ser mantido acorrentado à parede durante todo o tempo que levaria para chegar ao Lynix Ômega, onde a unidade prisional estava localizada. Krisa lembrou o pequeno discurso do capitão Ketchum no início da viagem e sentiu-se mal. O que estavam fazendo com um homem, mesmo um homem como Teague, acorrentado no porão do navio sem comida ou água por duas semanas, se não algo brutal?

— Eu não posso acreditar que você está sendo deixado aqui por duas semanas e meia sem nada para comer ou beber. — Disse ela.

Ele mostrou os dentes em um sorriso branco, desarmando-a novamente. — Eu sobrevivi sem alimento e água por mais tempo. Não é divertido, mas eu posso fazê-lo, selvagens são resistentes. Embora eu não me importasse com uma bebida antes de um longo tempo de jejum. Ketchum não veio hoje à noite por algum motivo. Provavelmente me quer fraco antes do desembarque, então eu

não lhe causaria nenhum problema.

Porque ele estava tentando me seduzir, Krisa percebeu, sentindo-se absurdamente culpada. *É por isso que o capitão Ketchum não deu a Teague suas rações esta noite. Porque conseguir o que queria da Vadia ignorante do Planeta das Noivas era mais importante do que atender as necessidades do homem confiado a sua guarda.*

— Eu vou te dar um pouco de água…. — Disse ela, hesitante. Krisa deu um passo para frente, chegando mais perto dele do que ela tinha desde a noite que lhe tinha dado o tal susto. — Só que eu não tenho certeza... — Ela estava procurando uma maneira de dar-lhe o copo, mas percebeu que as mãos foram atadas longe demais de sua boca para ele ser capaz de obter o copo aos lábios de si mesmo.

— Você vai ter que segurá-la para mim. — Disse ele.

Krisa hesitou, e ele a surpreendeu rindo, um som profundo e retumbante que parecia vir do fundo do seu peito enorme.

— Eu entendo. — Disse ele. — O Ketchum provavelmente disse que eu morderia seus dedos se eu tivesse uma chance. Bem, você não precisa se preocupar menina. Eu prometo não morder. Pelo menos não agora.

— Não me chame assim, eu disse que meu nome é Krisa. — Disse ela, picada por sua impertinência.

— Tudo bem, Krisa. Por favor, posso ter um pouco da sua água? — Ele perguntou assim tão educadamente que ela quase sorriu.

Sem responder, ela segurou o copo e o levou até a sua boca, de cheios lábios vermelhos, e o inclinou com cuidado. Ele bebeu em longos goles que fizeram o pomo de Adão em seu pescoço se mover para cima e para baixo rapidamente, e não derramou uma gota.

Vendo que ele tinha acabado, Krisa afastou o copo vazio de seus lábios. Mas no último momento, a língua de Teague disparou e lambeu a borda, pegando seu polegar em um movimento molhado e chocante ao mesmo tempo. Krisa fez um pequeno suspiro de ar abafado e retirou a mão, apertando o dígito violado dentro de seu punho.

— Desculpe. — Teague disse, mas havia riso em sua voz profunda. Krisa não podia deixar de pensar que ele tinha feito isso de propósito de alguma forma, que o homem queria saboreá-la por algum motivo. Mas isso era louco, não era?

— É…. Tudo o que eu ouvi sobre você é verdade? — Ela se encontrou perguntando, ainda segurando o copo vazio em uma mão.

— Bem, agora, isso depende de quem você esteve escutando. — Teague respondeu em um tom divertido. — O que você ouviu, exatamente?

— Eu ouvi…. Capitão Ketchum me disse que... que você matou um monte de gente... — disse Krisa em um tom abafado. Ela não queria perguntar se Teague tinha realmente arrancado os corações e os olhos de suas vítimas com sua faca, parecia rude, de alguma forma.

— Isso é verdade. — Disse ele. E então, como se estivesse lendo sua mente, ele acrescentou: — Eu acho que você quer saber como eu fiz isso.

— Bem. — Krisa hesitou. — Ele disse que... que você usou uma faca. — Disse ela por fim, ainda se sentindo terrivelmente indelicada. Mas havia alguma maneira adequada para perguntar como alguém tinha cometido um assassinato? O tema certamente caiu bem fora dos limites de aulas de Conversação e Etiqueta de Madame Ledoux.

— Quando você está tentando ir para fora de algum lugar sem ninguém saber, uma faca é muito mais silenciosa do que uma arma a laser. — Teague apontou — Você rasteja por atrás e corta sua garganta. Nenhuma confusão,

nenhum barulho. Bem, na verdade, há barulho considerável se eles o pegarem antes de que você consiga os pegar, consegue me entender.

— Eu…sim, acho que sim. — A garganta de Krisa de repente ficou seca e ela desejava mais um gole de água para si mesma. Ela sabia que deveria procurar sua mala e parar de falar com este homem estranho e selvagem, mas de alguma forma se sentia presa. Krisa tinha sido mantida no lugar por sua fala calma e casual, tão presa quanto ele estava pelas fechaduras magnéticas que o mantinham acorrentado à parede. — Será que... — Ela limpou a garganta nervosamente. — Será que você realmente apreciou fazê-lo?

— Não, — ele respondeu imediatamente, franzindo um pouco a sua cheia boca vermelha. Isso a fez sentir um pouco melhor, mas, em seguida, ele continuou — mas particularmente não me incomoda, no entanto.

— Eu não entendo. — Krisa disse simplesmente. — Como…como não poderia?

Teague suspirou e se moveu, suas correntes tilintando contra a parede de metal atrás dele.

— Tenho certeza de que Ketchum lhe disse como eu matei pessoas em detalhes mais do que provavelmente exagerados, mas ele lhe disse o porquê?

— Ele disse que você gostou. — Disse Krisa, segurando o vidro escorregadio apertado em uma mão. — Que você fez isso para se divertir.

— Bem, eu já lhe disse que não foi isso. — Teague apontou, soando impaciente.

Ele mexeu a cabeça, parecendo olhar para ela novamente, apesar da venda espessa. — Você já ouviu falar do meu planeta natal, Al'hora?

— Não, não realmente. Capellia está em um lugar bastante isolado da galáxia. — Krisa admitiu.

— Sim, o Planeta das Noivas fica muito longe. — Teague assentiu. — Acho que você está indo se encontrar com seu futuro marido, não? — Krisa não respondeu então ele continuou. — Al'hora é bloqueada de acordo com o movimento da mare alta e baixa. Você está com medo?

— Não, eu não estou com medo. — Krisa disse humildemente. Ela não queria ter que ir para as deficiências educacionais da Academia Briar Rose então ela simplesmente disse: — Diga-me.

— Significa que a órbita do nosso sol tem uma força gravitacional tão forte que Al'hora não pode girar sobre seu eixo da forma como a maioria dos planetas faz. Um lado é sempre voltado para o sol por isso é sempre dia. O outro lado está sempre voltado para longe por isso é sempre noite. Eu sou de um povo feroz e meu habitat fica no lado noturno do planeta.

— Ah, claro. Seus olhos… — Krisa gesticulou e então percebeu que não podia ver o movimento. — O capitão disse que foi a razão para a sua venda.

Houve aquele sorriso branco novamente, mas Krisa descobriu que estava quase se acostumando com isso.

— Bem, a rigor, a venda não é realmente necessária. — Disse Teague.

— Mas eu pensei…o Capitão Ketchum disse...

— Sim, o Ketchum diz um monte de coisas. Levante a venda e olhe para os meus olhos.

— Mas será que não vai lhe machucar? — Krisa opôs.

— Desligue as luzes suspensas em primeiro lugar.

— Luz, desligar. — Disse Krisa. As luzes suspensas se extinguiram e imediatamente mergulhou o porão em uma assustadora escuridão verde. Ela colocou o copo no chão ao lado dela e deu um passo adiante em direção ao

homem acorrentado novamente, mas, em seguida hesitou.

Ao se aproximar, o selvagem aroma picante dele invadiu seu nariz, e ela pode sentir o calor que irradiava de seu grande corpo no porão frio, como o fogo de um incêndio. Puxar para trás a venda e olhar em seus olhos parecia um ato muito mais pessoal do que simplesmente dar-lhe um copo de água. A memória dele lambendo o dedo ainda era forte e de alguma forma perturbadora.

— Ainda com medo? — Ele perguntou a voz profunda e levemente zombeteira.

— Você... você vai me dar sua palavra de que não vai me machucar? — Perguntou Krisa hesitante.

— Eu não sou exatamente um cavalheiro, Krisa. — Disse ele secamente. — Você aceitará a minha palavra, se eu lhe der?

Krisa pensou no último “cavalheiro” que ela tinha confiado, o Capitão Ketchum, e decidiu que definitivamente gostava mais de Teague. Pelo menos ele não tentou esconder o que era, ou fingir ser algo que não era.

— Sim. — Ela disse com firmeza. — Se você me der sua palavra eu vou aceitá-la.

Houve uma longa pausa e, em seguida, Teague disse: — Você tem a minha palavra. Levante a venda.

Krisa tocou a borda da venda preta espessa. Era feita de um material de feltro pesado e foi colocada cruelmente apertada em volta da cabeça, cortando em seu rosto. Ela não conseguia encontrar uma maneira de desfazê-lo e, finalmente, ela teve de se contentar em erguê-la com as unhas, tomando cuidado para não arranhar as bochechas de Teague enquanto fazia isso.

Ele deixou escapar um longo suspiro quando ela finalmente conseguiu colocar a pesada faixa de material fora. Mesmo no brilho fraco e esverdeado das

tiras fluorescentes, ela podia ver as linhas vermelhas que a venda tinha deixado em sua pele escura.

— Melhor. — Ele resmungou finalmente, virando a cabeça para esfregar uma bochecha contra o material áspero de seu top preto. — Agora olhe para os meus olhos. — Ele comandou, voltando-se novamente. Krisa olhou e um pequeno suspiro de surpresa escapou.

Os olhos de Teague eram de uma pura e luminosa cor prata, brilhando fracamente na escuridão como os olhos de um gato. Também como um gato a pupila era vertical, com fendas que dividia cada esfera de prata brilhante. Krisa lembrou-se novamente da pantera que tinha visto quando era uma criança. Seus olhos eram os mais bonitos e os mais mortais que ela já tinha visto.

Aparentemente Teague gostou do que viu, pois, aqueles brilhantes olhos de prata vagaram de cima a baixo pelo seu corpo, em um passeio visual agradável que fez Krisa corar. — Bom, — Ele retumbou depois de inspecioná-la completamente — Você é como eu pensei que seria. — De alguma forma Krisa sabia que ele não estava falando sobre sua personalidade.

— Por que você quer me mostrar seus olhos? —Perguntou ela, tentando obter a conversa de volta onde pertencia.

— Desculpe, já faz um longo tempo desde que vi uma mulher, especialmente uma bonita como você.

— Obrigado. — Disse Krisa, corando mais ainda. — Seus olhos? — Ela repetiu incisivamente.

— Oh sim. Ligue as luzes suaves, por favor. E observe os meus olhos.

Krisa percebeu que as luzes do navio provavelmente não foram programadas para reconhecer a sua impressão de voz como foram para outros passageiros e a tripulação. — Luzes suaves. — Disse ela, olhando para as esferas

de prata sem piscar.

Ela estava nervosa ao ter tanto contato visual direto com este homem que ela mal conhecia, e que era conhecido por ser perigoso. Isto de alguma forma era íntimo, estar de pé sobre ele e olhando para aqueles olhos, embora Krisa não tivesse que olhar muito para baixo. Teague era tão alto que eles estavam quase no nível dos olhos, embora ele estivesse sentado e ela se encontrasse de pé.

No momento em que as luzes acima brilharam, derramando seu brilho suave e dourado em todo o porão, os olhos de Teague piscaram estranhamente. De repente, quase demasiado rápido para ela ver, uma membrana preta desceu cobrindo não apenas as íris e pupilas de seus olhos, mas o branco também.

— Oh! — Krisa engasgou, dando um passo pequeno, involuntário para trás. — O que é isso? — Seus olhos agora tinham um olhar vazio, alienígena, que ela achou muito mais perturbador do que as pupilas frias e as lentes de prata.

— Uma segunda pálpebra. É uma mutação que alguns de nós temos ao sermos expostos à luz quando em cativeiro. — A voz de Teague foi um rosnado baixo.

— Mas eu pensei que você disse ter vindo do lado Escuro de Al'hora. — Krisa objetou.

— Não, eu disse que meu povo vem do lado da noite. Nasci no lado do dia. Nascido na escravidão e criado para servir a um mestre dominante durante toda a minha vida. A liberdade nunca foi uma opção. — A voz profunda estava agora grossa e com raiva. Ele vibrou em seu peito enorme, e ela sentiu a vibração a partir das solas dos pés até a cabeça.

— Isso é terrível. — Disse ela com sinceridade e de coração. — Criado como um escravo para servir a um homem que não tinha o direito de possuir você

— Oh? — Teague olhou com aqueles olhos estranhamente alienígenas, como piscinas gêmeas de meia-noite em seu rosto escuro. — E como a minha situação é diferente da sua, menina? Você não foi vendida, assim como eu? Eu posso ser o único usando as amarras, mas parece-me que nós dois estamos indo para a prisão.

— Eu nunca pensei nisso assim…. — Krisa sussurrou, colocando a mão à boca.

Como seriam suas situações diferentes? Sua família a havia vendido para Briar Rose por um preço, e a academia por sua vez, vendeu o seu contrato a um homem que ela nunca tinha visto. Um homem que seria o dono de seu corpo e de sua alma para o resto de sua vida, uma vez que o chip em seu pescoço fosse ativado, se Ketchum tivesse dito a verdade. Ela balançou a cabeça, não querendo pensar nisso.

— Então você matou seu mestre? — Ela perguntou, tentando mudar de assunto.

— Não, o primeiro não. — Teague deu-lhe o sorriso branco e assustador novamente, mas agora ela pensou que tinha uma ideia de onde vieram algumas das selvagerias por trás desse sorriso.

Nascido em cativeiro. Criado como um escravo.

— O primeiro morreu de causas naturais, — Disse ele. — Foi o segundo que eu matei. Roubei um navio e pulei do planeta. O filho da puta era estúpido o suficiente para ter me treinado como um piloto.

— É por isso que foi enviado para Lynix Ômega em primeiro lugar? — Perguntou Krisa.

— Entre outras coisas, mas o congelamento profundo não foi a primeira prisão em que estive, querida. Veja, não foi exatamente porque eu o matei. Foi a

maneira como eu fiz isso. — Teague enfatizou. — Tenho certeza que você já ouviu falar muito a partir Ketchum sobre o meu “trabalho de expert com uma faca”. — Krisa estremeceu, olhando para aqueles olhos negros opacos.

— Como você pode falar sobre isso assim? Como pode ser tão causal sobre isso? — Ela perguntou.

Ele encolheu os ombros maciços, fazendo com que as correntes tilintassem suavemente. — Eu fiz o que foi preciso fazer para sobreviver. Chega a ser um modo de vida quando você está na corrida. — Disse ele. — Embora em minha defesa, meu velho mestre foi o único que você poderia dizer que eu realmente “retalhei”. Contudo, isso me deu uma reputação.

— Parece que você está orgulhoso disto. — Disse Krisa, sentindo a garganta seca.

— Não. — Teague disse simplesmente — Orgulhoso por ter sobrevivido, talvez. Mas foi essa reputação que me salvou mais de uma vez. Chega a ser uma dor na bunda por vezes, no entanto. Olhe para a forma como eles me acorrentaram de volta aqui. Não tendo quaisquer chances, assim como Ketchum disse a você.

Krisa estreitou os olhos, o castanho chocolate olhando para o preto opaco. — Você está me dizendo para não ter medo de você. Que você não é tão ruim quanto eu fui levada a acreditar. — Disse ela finalmente.

Teague piscou e o preto, a segunda lente que cobria seus olhos, se retraiu. Ele olhou para ela com olhos brilhantes de prata, as pupilas verticais de gato contraídas para uma fenda quase invisível.

— Não é isso que eu estou te dizendo, garotinha. Estou de bom humor agora. Eu não poderia dizer em que tipo de humor eu estaria se estas correntes não me segurassem. — Ele rosnou.

Ele avançou inesperadamente ao limite das correntes com fechadura magnética, puxando-as esticadas atrás dele. De repente aquele rosto selvagem estava a menos de uma polegada do dela. Krisa engasgou e cambaleou para trás, quase tropeçando na sua pressa de fugir. O copo a seus pés tombou e quebrou com um estrondo musical. Uma pulverização confusa de cacos quebradiças s espalharam através das placas de metal do chão.

Teague olhou para ela por mais um momento e, em seguida, retornou para o banco estreito atrás dele.

— Meu ponto é que às vezes as coisas ficam exageradas. — Disse ele em um tom completamente normal de voz. As membranas negras piscaram de volta para baixo sobre os seus olhos enquanto falava, e mais uma vez Teague parecia tão casual e pacífico como era possível para um homem tão grande — Ketchum por exemplo, tende a exagerar um pouco, especialmente em seu próprio favor.

Krisa ainda tinha uma mão pressionada com força contra seu coração batendo. Ela olhou para o homem enorme e feroz. — Isso não foi engraçado. — Como se ela não tivesse tido trauma suficiente para uma noite!

— Não era para ser. — Teague disse calmamente. — Será que Ketchum disse-lhe como me pegou?

Krisa sabia que deveria abandonar a conversa já que as coisas estavam ficando muito perigosas. Na verdade, ela tinha dado meia volta para ir, mas a curiosidade foi mais forte, e Krisa se virou.

Ela tinha estado se fazendo a mesma pergunta durante toda a semana. Como tinha alguém como capitão Ketchum tinha sido capaz de capturar e subjugar alguém tão formidável quanto Teague?

Mesmo antes que ela soubesse a verdade sobre o capitão, ele lhe parecera ser do tipo mais de conversa do que de ação, na maioria das situações

pelo menos, Krisa emendou para si mesma. A pergunta de Teague engatou-a de volta e ela virou-se relutantemente para enfrentá-lo novamente, certificando-se de manter uma distância segura desta vez.

— Como ele fez isso? — Perguntou ela, prometendo a si mesma que sairia depois que obtivesse a resposta.

— Ele não fez. — Disse Teague, sorrindo novamente. — Ele está apenas me transportando. Eu estava indo para Alpha Lyrae e tive a má sorte de encontrar uma fragata inteira cheia de Soldados Reais do Espaço.

— Foi preciso um regimento inteiro para me trazer para baixo, reagi com bastante força, mas eles me pegaram no final.

— Claro, metade deles não será capaz de “escrever” para casa para contar a ninguém sobre isso. — Ele disse não como uma ostentação, mas como uma relutante declaração de fato.

Krisa notou que o sorriso branco tinha caído tão repentinamente quanto tinha aparecido, deixando seu rosto escuro em branco e impassível. A expressão a gelou até os ossos, mas o que ele tinha dito a marcou.

— Então ele mentiu, — Disse ela. — Capitão Ketchum mentiu. — *E se ele mentiu sobre alguma coisa talvez ele mentisse sobre outras coisas também. Sobre o chip,* pensou ela, esperançosa. — Será que ele mente muito, então?

Ela perguntou, curvando-se e começando a recolher os cacos de vidro espalhados em torno de seus pés.

— Não tanto quanto com alguns, mas mais do que com outros. — Teague disse evasivamente. — Por quê? O que ele te disse?

Krisa se levantou e depositou o punhado de cacos de vidro que tinha reunido em uma caixa convenientemente colocada. Ela trabalhou cuidadosamente e deliberadamente, como se quisesse ter certeza que não se

cortasse, mas Krisa estava realmente tentando pensar em uma maneira de dizer a ele o que tinha acontecido. Finalmente, ela decidiu apenas deixar sair.

— Hoje à noite ele tentou t-to... Mas eu não iria deixá-lo. — Ela gaguejou, sentindo suas bochechas crescer quente. Ela olhou para Teague, mas seu rosto ainda estava impassível, não ia ajudá-la de qualquer forma. — De qualquer forma, ele disse que eu ia me arrepender por não ter aproveitado a oportunidade de estar com um homem real.

— Ele disse que o chip de identificação na parte de trás do meu pescoço é, na verdade, um chip de castidade e uma vez que meu futuro marido o ativar em Lynix Prime, eu não vou ser capaz de pensar em mais ninguém, ou tentar fugir sem ter dores horríveis. — Krisa respirou fundo.

— Mas ele poderia ter mentido, não poderia? Quero dizer, apenas para ser desagradável? Porque eu não... você sabe? — Ela olhou para Teague, esperando que ele fosse apoiar a sua teoria e como Krisa desejava que ele apoiasse tão desesperadamente. Ao contrário, ele parecia pensativo.

— Certo…na parte de trás do seu pescoço? Abaixo da linha do cabelo? — Perguntou.

Krisa assentiu.

— Mostre-me! —Ele ordenou.

Virando-se ela levantou a massa pesada de cachos castanhos escuros para mostrar-lhe a parte de trás do pescoço. De repente, ocorreu-lhe que ela estava de pé e falando com ele na última meia hora com seu cabelo para baixo e não usava um espartilho sob o vestido, mas Krisa não tinha pensado na impropriedade de suas ações nem uma vez. Ela e Teague pareciam, de alguma forma, terem chegado além das sutilezas sociais básicas.

— Mais perto. — Teague rosnou.

Krisa virou a metade cabeça, dando-lhe um olhar incerto.

— Eu não vou te morder, mas eu preciso vê-lo. — Disse ele, exasperação clara em sua voz profunda.

Com os nervos formigando em mal-estar, Krisa ficou apoiada mais perto até que estava quase sentada em seu colo. De pé entre suas coxas maciças e espalhadas ela podia sentir sua respiração quente soprando sobre o dorso nu de seu pescoço enquanto Teague examinava de perto a pequena protuberância. A sensação causou arrepios correndo para cima e para baixo em sua espinha e Krisa meio que esperava sentir a sua língua, quente, úmida e chocante, lamber ao longo de sua nuca exposta a qualquer momento.

— Tudo bem. — Teague disse finalmente e ela deixou cair o cabelo, contente de cobrir a carne vulnerável, e voltou-se para encará-lo.

— Bem? — Perguntou ela com expectativa.

— Não posso ter certeza, mas parece do mesmo tamanho e posicionamento dos chips da dor que eles colocam em você quando você vai preso. — Disse ele — Um chip de identificação regular é um quarto menor. Os chips de dor têm que ser maiores para conter a parte programável. O primeiro que eu tive era suposto ser programado para me impedir de pensar sobre escapar sem sentir dor, mas eu consegui uma forma de ludibriar ele.

— Como? — Krisa perguntou esperançosamente.

— Eu pensei sobre isso o tempo todo. — Teague disse suavemente. — Depois de um tempo eu me acostumei com a dor. Na noite em que passei por cima do muro eu me livrei dele.

— Você encontrou alguém para removê-lo? — Perguntou Krisa.

— Eu o cortei fora, — Ele rugiu — Só mais um exemplo do meu “excelente trabalho com uma faca” — Ele sorriu.

— Então ele pode ser removido sem danificar a medula espinhal? Eu poderia fazer isso, poderia cortá-lo? — Krisa sentiu uma onda de esperança.

— Eu não recomendo. — Teague se mexeu, fazendo as correntes tilintarem. Ele franziu a testa. — Doeu como um filho da puta, tirar aquela coisa fora do meu pescoço. Quase desmaiei duas vezes e você deve saber que eu não desmaio facilmente. — O sorriso novamente. — Eu esperaria até chegar em algum lugar onde alguém que eu confiasse pudesse fazê-lo para mim, alguém com anestesia e os equipamentos corretos, mas eles poderiam ter me rastreado no tempo que me levasse para chegar onde eu precisava estar. Eu não tinha escolha. Por que, você estava pensando em realizar uma pequena operação em si mesmo esta noite, amada?

— O pensamento passou pela minha cabeça. — Krisa admitiu. Agora que Teague tinha confirmado seus temores sobre o chip, ela sentiu uma espécie de medo, como uma bola de chumbo, no fundo da sua barriga. — Mas mesmo se eu conseguisse tirar o chip….

— O que seu querido marido vai achar quando você chegar à Prime? — Teague terminou para ela. — O seu marido vai querer saber por que a esposa perfeita que ele pagou apareceu com um buraco em seu pescoço. Poderia muito bem perguntar-lhe logo de cara se vai deixar “honrar e obedecer” fora dos votos da cerimônia de adesão, é? Não acho que ele gostaria muito disso.

— Mas se eu não fizer isso, então eu estarei presa para sempre. — Krisa protestou, passando a mão pelos seus cachos emaranhados distraidamente.

— Você não iria de qualquer maneira? — Teague perguntou com praticidade enlouquecedora.

— Será que você realmente tem planos para fugir e encabeçar uma expedição para braços inexplorados da galáxia ou levar uma vida de crime como um ladrão de joias intergaláctico? — Ele sorriu irritantemente.

— Não, mas…. — Krisa suspirou de frustração, tentando colocar seus sentimentos tumultuados em palavras. — Eu estava resignada a estar casada com ele. O Senhor Radisson possui meu contrato desde que eu tinha treze anos. — Disse ela. — Eu sabia que ele iria... possuir meu corpo, fazer o que quisesse de qualquer jeito. — Ela sentiu suas bochechas ficando quente e descobriu que não podia olhar Teague nos olhos. — Mas ninguém disse nada sobre ele possuir minha mente. Ninguém disse que eu não seria capaz de ter meus próprios pensamentos. Isso não era parte do negócio. — Ela explodiu.

— Assim, um homem pode possuir o seu corpo, mas não sua alma? — Ele perguntou secamente.

Krisa encolheu os ombros com raiva. — Você mesmo disse que nossas situações eram semelhantes. Você gostou de ser um escravo?

Seu rosto escureceu e as segundas membranas pretas piscaram brevemente, expondo uma visão rápida dos olhos de prata estreitados. — Semelhantes, mas não exatamente iguais, garotinha. — Ele rosnou. — E eu acho que minhas ações deixaram bem claro que eu não gostei. — Ele deu de ombros, correntes tinindo. — Às vezes, porém, você tem que jogar a mão, se a vida não trata bem de você.

— Você não fez. — Krisa apontou, sentindo-se mais e mais chateada. — Eu não me importo de deixar o meu planeta natal para ir viver com um homem que eu nunca conheci, eu sempre soube que eu precisava. Mas eu não quero nenhum homem controlando meus pensamentos e sentimentos. Há algumas partes de mim onde ninguém deve ser capaz de tocar.

— Realmente? — Disse Teague em um tom desligado que a incitou ainda mais. — E que partes são estas?

— Deuses que droga! — Krisa explodiu com raiva, descartando o decoro completamente. — Eu não quero ter ele dentro da minha cabeça!

Teague pareceu ligeiramente surpreso. — Tal linguagem em uma senhora. — Ele zombou. — Estou surpreso, Krisa. — Mas seu tom era pelo menos metade de admiração. — Então, basicamente você deseja remover o chip, mas manter o marido rico que vem com ele.

— Eu não me importo com o dinheiro, — Krisa disse com veemência. — Mas onde mais poderia ir? Não é como se eu tivesse um lugar qualquer onde eu possa ficar, e eu certamente não posso pagar o preço de um bilhete de passagem interestelar para me levar de volta para Capellia, mesmo que o meu pai me aceite de volta, o que ele não fará. — Ela acrescentou, sabendo que era verdadeiro.

— Essa é uma história triste, garotinha. — Disse Teague, os cantos de sua boca cheia se contraindo levemente.

Krisa sentiu sua raiva borbulhando para a superfície novamente. — Eu não sei por que se preocupou em dizer qualquer coisa. — Disse ela, sentindo suas pequenas mãos dobradas em punhos de raiva. — Se você não estivesse acorrentado e indefeso acho que eu iria… golpeá-lo.

— Nunca cometa o erro de pensar que estou impotente, Krisa. — Ele demorou preguiçosamente e ela viu outro flash rápido de prata em seus olhos. — Pessoas maiores que você e muito mais perigosas pagaram para ter o privilégio de colocar as mãos em mim com suas vidas. Eu gosto de você, mas não acho que isto a faz diferente.

— Eu estou saindo. — Pela segunda vez, Krisa se afastou dele, mas as palavras de Teague a pararam novamente.

— Eu sei como você pode fazê-lo. — Disse ele. Sua voz profunda era tão suave que era mais uma vibração de um som.

— O quê? — Krisa o enfrentou novamente.

— Como você pode retirar o chip, mas manter o crédito que vem com ele. Eu sei como você pode fazê-lo.

— Você tem a minha atenção. — Krisa cruzou os braços sobre seus seios cheios e bateu um pé pequeno com um chinelo no chão.

— Escute, eu só vou dizer isso uma vez. — Teague inclinou para frente, as correntes tilintando. — Eu estive em todo o Sistema Lynix, antes de me enviarem para o congelamento profundo. Há um homem em Centauro que pode ajudá-la, essa é a capital de Lynix Prime. Sabe onde eu quero dizer?

— Isso é onde estou indo. O Senhor Radisson, o homem que comprou o meu contrato, é enviado planetário de Prime. Ele vive lá. — Krisa sentiu seu coração bater um pouco mais rápido.

Teague assentiu bruscamente. — Certo, então você deve ser capaz de encontrá-lo facilmente. Seu nome é Dr. T'lix Alphonius, T’lix é como eles o chamam o médico do chip. Tudo que você precisa fazer é ir para o Grande Mercado, eles vêm a cada dez dias para a Praça Central em Centauro. No lado oeste há uma banca de flores e o fornecedor é uma mulher alta, com o cabelo vermelho escuro. Peça-lhe rosas azuis do Sistema de Rigel, em seguida, permaneça ao redor. Ela vai deixar T’lix saber que você quer vê-lo.

— Encontrar a mulher com cabelo vermelho na banca de flores no lado oeste do mercado e pedir rosas Rigelian azuis. — Krisa recitou, balançando a cabeça.

— Quando ele vier, — Teague disse — Diga-lhe que Kurt Teague está pedindo um favor. Se ele lhe dá um tempo difícil, diga-lhe para lembrar o que aconteceu em Pentaurus Cinco.

— O que aconteceu em Pentaurus Cinco? — Perguntou Krisa, intrigada.

— Não importa, — Teague disse de maneira sombria. — Você não quer

saber, garotinha. Basta lembrar-se de dizer para T’lix.

— E ele, o Dr. T'lix será capaz de me ajudar? — Perguntou Krisa.

— Ele pode remover o chip castidade e colocar um chip simulado no lugar. Ele foi bom removendo mais do que alguns de mim. Desde que tirei o primeiro eu não faço minha própria cirurgia a menos que não haja nenhuma outra opção. — Teague sorriu brevemente.

— Mas Krisa, — Ele continuou a sério. — Se você tiver sorte, você vai ser capaz de encontrar-se com T'lix antes do chip ser ativado. Se você não tiver sorte e seu primeiro dia no Mercado cair depois de ativá-lo, ele vai doer como o inferno até mesmo lembrar o que eu acabei de dizer.

— Cada passo que você der até a Praça Central será como caminhar sobre brasas. Quando você disser o nome de T'lix vai ser como engolir fogo. Agora me escute, — Ele se inclinou para frente. — Faça isso de qualquer maneira, — Enfatizou silenciosamente em sua voz profunda e intensa — Faça-o assim que você puder ou você nunca será livre. Quanto mais tempo o chip permanece em seu corpo, mais poderes terão sobre você. Sobre sua mente e seu livre arbítrio. Compreende?

— Eu…. — Krisa engoliu em seco — Eu entendo. — Ela disse por fim. — E Teague, obrigado. Você não precisava me dar esta informação ou o direito de pedir em seu favor.

Ele encolheu os ombros enormes, as correntes tinindo. Krisa pensou que para o resto de sua vida, quando ouvisse esse som particular, ou qualquer coisa parecida, ela pensaria no grande selvagem.

— Você me deu um copo de água quando eu estava com sede, e não tinha que ter feito isso. Ninguém mais em todo este navio maldito o teria feito. Eu sempre pago minhas dívidas, é à nossa maneira feral. — Ele falou como se fosse um código sob o qual ele vivia.

Krisa pensou que não importava o que ele tivesse feito, havia uma espécie distorcida de honra neste grande homem. E honra torcida era melhor do que nenhuma honra em tudo.

— Ainda assim, — Disse ela — Obrigado. Então fez algo que surpreendeu até a ela.

Inclinando-se para frente, ela segurou um áspero, rosto barbeado na palma da mão e deu um beijo suave e puro em sua boca cheia.

Além das atenções muito indesejadas do capitão Ketchum mais cedo naquela noite, este era seu primeiro beijo, e Krisa teve que admitir que tinha gostado. Era muito perigoso, como se atrever a acariciar uma pantera quando você não tinha certeza se ela lamberia sua mão ou arrancaria seus dedos com uma mordida selvagem. Krisa sentiu a emoção familiar de adrenalina correndo por sua espinha, e um pouco de dor e de tristeza logo atrás. Certamente todos os beijos em sua vida a partir de agora, seriam maçantes.

Terminou em um instante, mas depois ela não podia deixar de correr a ponta da língua nos lábios para capturar o sabor selvagem dele. E Krisa viu que Teague estava lambendo os lábios, com uma expressão pensativa em seu rosto.

— Você tem um gosto bom garotinha, — Ele rosnou. — Mantenha isso e eu vou dever-lhe outro favor. — Krisa viu a segunda membrana preta se retrair brevemente e os olhos de prata debaixo pareciam, ao mesmo tempo, suaves e intenso. Ela estremeceu, sentindo a emoção ao longo de sua espinha novamente e um calor de entendimento floresceu entre as coxas e nas pontas sensíveis de seus seios.

— É melhor eu ir, — Disse ela com relutância — Eu tenho que ir para a cama antes que o crio-sono se inicie. Eu acho que... eu nunca vou vê-lo novamente. — Acrescentou ela, em vez irremediavelmente triste.

— Oh, eu não teria tanta certeza sobre isso, garotinha, — Ele

respondeu, brincando. — Lembre-se do que eu te disse sobre o chip.

— Eu não vou esquecer. Obrigado mais uma vez. — Ela sentiu vontade de beijá-lo mais uma vez e reprimiu-se severamente. Era hora de voltar ao seu estado normal. *Impropriedade suficiente para uma noite*, à voz de Madame Ledoux repreendeu-a dentro de sua cabeça. Desta vez Krisa escutou.

— Boa noite. — Disse ela enquanto varria os cacos de vidro em sua mão e se virou para ir antes que um pensamento a atingisse. — Oh, espere, devo colocar a venda de volta em você? — Ela perguntou. Teague deu-lhe um último vislumbre de seu selvagem sorriso, branco. — Não, apenas diminua as luzes em seu caminho para fora. Vamos deixar Ketchum se perguntando como diabos eu consegui tirá-la. Isto vai o assustar mais do que já está.

Krisa sorriu de volta para ele, gostando da ideia. — Tudo bem. — Ela tinha uma imagem mental do capitão tremendo em suas botas, com a ideia de que o seu enorme prisioneiro era ainda mais formidável do que ele havia imaginado. — Bem, boa noite, então. Luzes apagadas. — Ela se virou e voltou para o corredor, suprimindo o impulso de dizer qualquer outra coisa.

— Boa noite, Krisa. — Ela ouviu a voz profunda e grave flutuando atrás dela no corredor. Ele acariciou sua espinha como uma mão grande, quente e deu outro arrepio. — Doces sonhos, garotinha. — Mas esta última foi tão baixa que poderia ter sido apenas sua imaginação.

Krisa jogou os cacos de vidro na calha dispersão e se refrescou, antes de vestir sua camisola favorita e subiu em seu beliche. Uma placa de aço fina e transparente se estendia desde o pé de sua cama gerando um campo de estase. Ela relaxou quando ouviu o assobio leve e sentiu o campo de estase se formando acima de suas pernas e movendo-se mais para cima em seu corpo, mandando-a para crio-sono.

Seu último pensamento consciente foi que ela nunca iria ver Kurt

Teague novamente.

Capítulo Seis

Não é suposto você ser capaz de sonhar em crio-sono, mas de alguma forma Krisa o fez de qualquer maneira...

Ele estava atrás dela neste momento, correndo aquelas mãos grandes e ásperas sobre seu corpo trêmulo. Deixando- a nua, fazendo-a precisar dele. Krisa sentiu o hálito quente na parte de trás de seu pescoço, sentiu a curvas esbelta de seu corpo tremer com antecipação quando se pressionou contra suas costas, enorme e exigente como uma parede sólida. O homem estava acariciando o ponto sensível onde seu ombro encontrava sua garganta. Mordendo. Marcando-a.

Suas mãos estavam cobrindo seus seios cheios, levemente no início, apenas provocando seus mamilos sensíveis, eretos com desejo e medo, contra as palmas das suas mãos. Em seguida, mais firmemente, apertando seus botões tenros até que ela gemeu, a sua vontade era de dar-lhe tudo o que quisesse. Deusa, sim... qualquer coisa... qualquer coisa..., Krisa sussurrou, mas o homem não respondeu com palavras, nunca tinha feito. Ele torceu seus mamilos impiedosamente, enviando faíscas de prazer de seus seios diretamente para sua molhada, dolorida vagina. Em seguida, uma boca quente, molhada foi lambendo-os, sugando seus mamilos e acalmando a dor com movimentos longos e quentes de sua língua. Assim, quando ela se sentiu aliviada, o homem a beliscou novamente, a enviando a uma nova onda de choque de prazer e dor que a fez gritar, pedindo-lhe por algo que Krista não poderia mesmo nomear. Sua vagina pulsava com a necessidade, os lábios macios de sua boceta espalhando para revelar seu clitóris inchado. Espalhado por seus dedos. Espalhando por seu pênis.

De repente, ele estava atrás dela novamente. Aquelas mãos grandes e quentes foram deslizando para baixo de seu corpo, sobre sua cintura fina e a

curva de seus quadris e, em seguida, o homem estava abrindo suas coxas, forçando a espalhar-se para ele. As pontas dos dedos separaram os lábios inchados de seu sexo e se esfregaram contra suas dobras lisas, pressionando para dentro. Ele estava tão perto, tão perto de tomar o que não deve ser tomado, perto de dar a ela exatamente o que ela precisava. Krisa gemeu impotente e montou os dedos, abrindo-se para ele, submetendo-se a ele de uma forma que sentia absolutamente perigoso e totalmente certo. Seus sucos fizeram seu sexo escorregadio e molharam ambas as coxas e sua mão, facilitando sua entrada em sua boceta virgem. Atrás dela, ela podia sentir a cabeça grossa de seu pênis esfregando contra sua coxa, em seguida, movendo-se acima para deslizar contra seu clitóris inchado.

***

Um enorme e esmagador acidente, como se o mundo estivesse terminando quebrou o sonho e a acordou. As pálpebras de Krisa ficaram abertas na sala escura, seus membros sentiam-se pesados com os efeitos secundários do crio-sono. O sonho estranho permanecia em sua mente como o fantasma de uma fantasia que não deixaria ir. Ainda existe? Ela pensou desentendida.

Ela estava deitada em um ângulo estranhamente inclinado. Na verdade, a única coisa que a impedia de rolar para fora da cama era a grande placa de aço e plástico, curvo que estava pendurado sobre o pé de sua cama por algum motivo. Essa placa se estendeu por todo o caminho até a cintura. Krisa se contorceu para fora dela e sentou-se ao lado de sua cama inclinada, olhando para ela com uma vaga inquietação. Seu cérebro ainda estava cheio de teias de aranhas do sono profundo.

Foi o gerador do campo de estase, ela tinha certeza, mas por que estava estendido apenas até a metade sobre o pé da cama? Durante o crio-sono, se ela se lembrava corretamente, o gerador dava cobertura a toda cama, formando o campo de estase e colocando a pessoa deitada na cama para dormir em uma

espécie de animação suspensa.

Seu gerador só estava estendendo até meio? Isso poderia explicar o sonho estranho que ela estava tendo quando acordou, mas também significava que apenas metade de seu corpo tinha sido coberto pelo campo e seu crio-sono tinha sido incompleto. A metade inferior de seu corpo tinha sido mantida em animação suspensa enquanto sua metade superior teve seu envelhecimento mantido normalmente.

"Agora a minha metade superior é um mês mais velha que a minha metade inferior," Krisa pensou grogue. A ideia era estranha demais para envolver sua cabeça e ela empurrou-a para fora de sua mente. Trêmula, se levantou, ajeitando a camisola branca longa que tinha, de alguma forma, sido levantada para suas coxas. Não era apenas a cama que estava inclinada, todo o piso parecia ligeiramente inclinado para baixo e para a direita. Sua sensação de desconforto começou a crescer, especialmente quando ela começou a se sentir mais desperta, e lembrou-se do som ensurdecedor que a tinha acordado.

O quarto ainda estava muito escuro, aumentando a sua inquietação. — Luzes! — Krisa disse em voz alta, mas nada aconteceu. — Luzes! — Disse ela novamente, quase gritando neste momento, mas não houve resposta das luzes incandescentes. Olhando em volta freneticamente, Krisa notou que as tiras de células de radiação ao longo da base da parede de falsa madeira pareciam estar crescendo visivelmente de forma mais fraca, enquanto observava. Como se a fonte de alimentação do navio estivesse morrendo.

Tenho que sair daqui! Ela correu para a porta, que não respondeu imediatamente a seu dedo no interruptor. O pânico subiu no seu peito, bloqueando sua garganta como algodão seco, enquanto Krisa apertava o botão novamente e novamente. Finalmente, como uma onda lenta que era mais parecido com um suspiro cansado do que um sibilo rápido e usual de ar, a porta deslizou apenas meio caminho aberta. Krisa não esperou que ela abrisse mais.

Contorcendo-se como uma enguia, ela escorregou pela fresta estreita, raspando a pele ao longo de seus braços e ombros e rasgando sua camisola branca pura quando ela fez isso. Mas Krisa mal notou o vestido rasgado e a picada de seus braços sangrando, ela estava tão aliviada por estar fora da pequena tumba que era o quarto.

Lá fora, no corredor, o navio estava estranhamente silencioso e escuro. Tudo estava inclinado para baixo em direção à frente do navio. Krisa virou nesse sentido primeiro, andando pelo chão inclinado, pensando em encontrar o capitão ou um dos tripulantes e perguntar o que estava acontecendo. Mas, como ela vagou para cima e para baixo pelos corredores vazios do Princesa das Estrelas, e Krisa se convenceu de que não havia ninguém lá. E, no entanto, ela teve uma sensação estranha, como cócegas entre as omoplatas, como se alguém estivesse a olhando de alguma forma.

À medida que os últimos efeitos de seu crio-sono começaram a se desgastar, a cabeça de Krisa começou a encher- se com perguntas em pânico. Onde está todo mundo? Seguido rapidamente por, Onde estamos? Desde o ângulo inclinado do navio e a forma como os motores pareciam ter morrido. Krisa só poderia supor que a nave Princesa das Estrelas havia caído em algum lugar. Mas, e se eles estivessem em Lynix Prime, um planeta densamente povoado, alguém não teria vindo até agora para ajudá-los? Seria eu a única que tinha acordado do crio-sono? E em caso afirmativo, por quê?

"Tudo bem mantenha a calma, ela disse a si mesma, tentando conter o pânico que estava ameaçando sufocá-la. Se eu sou a única que acordou isso significa apenas que todo mundo ainda está em crio-sono. Eu só vou dar uma olhada."

Cautelosamente, Krisa fez seu caminho de volta ao salão principal até chegar à longa fila de cubos de sono, mas as portas estavam fechadas e nenhuma delas respondeu às suas repetidas tentativas para ativar os interruptores. Ainda

bem que eu saí, enquanto podia, ela pensou.

Só de imaginar estar presa no quarto minúsculo e claustrofóbico que ela estava e mal tinha conseguido espremer -se a fez se sentir doente.

Então ela se perguntou, inquieta se seria capaz de sair da nave e em que planeta tinham caído em cima. Se os poderes das portas dos cubos de sono interno não funcionaram, quais eram as chances de que as portas exteriores iriam funcionar? E se eles não o fizessem? Então ela estaria presa neste fantasma silencioso de uma nave, por quem sabe por quanto tempo. E se eu nunca sair? Krisa empurrou o pensamento para longe rapidamente.

Tentando controlar o medo que ameaçava cegá-la, Krisa obrigou-se a andar devagar e com cuidado para trás ao longo do corredor para o porão do navio. Era aí que a escotilha principal estava, e foi por onde ela e Percy tinham entrado no navio. Parecia que apenas uma semana atrás, eles tinham vindo a bordo da nave Princesa das Estrelas, embora, dependendo da duração do tempo em que tinha estado lá, em metade do tempo estava em estado de crio-sono, isto poderia estar em qualquer lugar de uma semana a um mês.

Pensando no porão a fez pensar em Teague. Krisa se perguntou se o acidente tinha acontecido antes ou depois que ele e capitão Ketchum tinham sido programados para serem ejetados até a superfície de Lynix Ômega. Será que ela estaria à espera de encontrar o enorme feral vagando livre em torno? Era um pensamento assustador. Apesar da longa conversa e a ajuda que ele lhe dera, Krisa não tinha certeza de que ela queria conhecê-lo cara a cara, sem as restrições e os bloqueios magnéticos segurando-o para baixo.

Finalmente, ela encontrou-se no batente da porta de metal olhando para o porão escuro. Neste extremo do navio, o ângulo da inclinação era tão íngreme que ir para frente no porão era como subir uma colina de metal escorregadio. Algumas das tiras de restrição que mantinham a pilhas de bagagem no lugar haviam se partido e havia sacolas soltas e mochilas de viagem espalhadas perto

da borda da porta.

As luzes incandescentes estavam quase que completamente apagadas aqui, mas no outro extremo do porão, Krisa viu algo que lhe deu esperança. Quase escondido atrás de um alto monte de bagagens, que milagrosamente ainda se mantinham intactas por seus laços tensos, havia um leve brilho de luz exterior. Ela já tinha começado a fazer o seu caminho em direção a ela, subindo a inclinação íngreme até o fim, quando pensou em verificar Teague.

Ele poderia estar escondido em qualquer lugar do espaço escurecido, agachado atrás de uma pilha de bagagens, esperando para jogar um jogo selvagem de gato e rato com ela. Eu gosto de você, ele disse a ela, mas não acho que isto te faz diferente... O pensamento fez a coceira entre os ombros dela, a sensação de estar sendo observada, vindo de volta cem vezes pior.

Quase com medo do que ela poderia ver, Krisa deu um passo hesitante em direção à parede escura onde o enorme Feral tinha estado acorrentado. A escuridão era quase completa no pequeno espaço. Ela teve que obter uma grande quantidade mais perto do que queria, a fim de verificar se os magno bloqueadores estavam pendurados e vazios e as cadeias que o ligavam à parede foram arrancadas ao longo do banco de metal estreita onde ele estava sentado.

— Teague? — Ela chamou sem muita esperança. Provavelmente o acidente, o pouso de emergência ou o que quer que tenha sido, aconteceu depois que ele e capitão Ketchum tinham sido ejetados para baixo para Ômega. Ainda assim, ela não podia deixar de tentar mais uma vez. — Teague! — Ela chamou mais alto, sua voz ecoando perturbadoramente na sala escura.

— Não se preocupe, minha querida. Temo que ele já deva estar muito longe.

Krisa virou com um suspiro, quase tropeçando no piso inclinado, escorregadio para ver o Capitão Ketchum em pé diretamente atrás dela. O

homem que ela tinha pensado que era tão bonito e arrojado quando se conheceram pareceu consideravelmente pior e desgastado agora.

Ketchum teve sua jaqueta marrom e calças de uniforme preto, mas a trança de ouro tinha sido rasgada metade fora e estava pendurado em uma corda longa, desgastada para baixo no seu lado. Ele estava sujo e desgrenhado, e metade de seu rosto estava manchado com uma substância escura. Krisa não podia ter a certeza na iluminação fraca, mas parecia sangue.

— Capitão, — Disse ela, hesitante, consciente da maneira como eles se separaram. — Você está bem? E você sabe onde estamos?

— Sim, eu sangrentamente sei bem onde estamos. — Ele rosnou seu rosto torcendo com raiva.

— Lynix Xi, o sangrento Planet X é onde estamos. Aquele filho da puta do Teague deve ter mudado o nosso curso de alguma forma. Eu sabia que ele tinha tido algum treinamento como piloto, mas nunca sonhei que o homem pudesse pilotar um gigante interestelar como o *Princesa.* — Ele olhou para o chão e as calhas de luzes inclinadas. —Aparentemente, ele não é especialista nisso de qualquer maneira. Ele não foi tão bem e sangrentamente nos derrubou. — Disse ele, com o que parecia uma sombria satisfação.

Krisa tinha tantas perguntas que ela não sabia o que perguntar em primeiro lugar. — Mas quando isso aconteceu? O que ele fez? Como ele poderia ter obtido acesso aos controles? Você não estava cobrindo-o com uma arma a laser? — Ela derramou de uma só vez.

Ketchum fez uma careta, suas rugas no rosto manchado de sangue eram como uma máscara de raiva. Claro que eu o tinha coberto com o blaster sangrento. — Ele cuspiu. — Só que o bastardo estava pronto, esperando por mim.

— De alguma forma, ele conseguiu tirar sua venda fora e ele tinha algo

afiado, eu lhe disse como ele gosta de usar uma faca, só que não era uma faca. Era um pedaço de vidro, eu acho.

Ele parou por um momento para esfregar a testa sangrenta e Krisa pensou culpada no copo que ela tinha quebrado no porão. Ela tinha certeza de que tinha pego cada fragmento irregular, mas aparentemente estava errada. Onde mais poderia Teague ter começado a sua arma? Possivelmente ele mesmo a tinha assustado de propósito para ela derrubar o copo, e Krista não iria passar vidro para ele.

— Ele veio para mim assim que eu tinha liberado os magno bloqueadores, e cortou o inferno fora do meu rosto. — Ketchum informou. — Eu fui forçado a deixar cair o blaster, a fim de lidar com ele no mão a mão, e eu estava meio cego pelo sangue. Eu quase o tive, mas o bastardo escorregadio conseguiu ficar atrás de mim de alguma forma. E me jogou contra a parede e eu devo ter batido a cabeça, porque eu não me lembro de nada até que ouvi o barulho que o *Princesa* fez quando ele caiu, eu diria.

— Então agora ele se foi? Você tem certeza? — Perguntou Krisa, recuando um pouco, assim como o piso inclinado permitiria. Ela estava achando que a perspectiva de estar sozinha, no navio às escuras com o Capitão Ketchum não era mais atraente do que a perspectiva de estar sozinho com Teague tinha sido.

— Longe. — Ketchum disse acidamente. — Acho que vou ter um grande trabalho para capturar o animal novamente.

Krisa quase apontou que o capitão não tinha pegado ele da primeira vez, mas manteve a boca fechada. Não havia nenhum ponto em antagonizar o homem que estava parado entre ela e a única saída do navio. Em vez disso, Krisa disse: — O que vamos fazer? Será que eles vão enviar uma equipe de resgate, o que você acha?

Ketchum suspirou e passou uma mão através de seu cabelo loiro sujo,

metade dos quais estava de pé em espigas sangrentas. — Eu já tropecei no sinalizador do navio onde deveria estar alguém de Prime o tempo todo, assim que eles perceberem que não tem alguém, eles verão que estamos perdidos. — Disse ele. — O problema é que o *Princesa* deveria chegar em apenas dois anos e meio ou três semanas solares, e, dependendo do tipo de navio que eles usam, acho que poderia levar quase tanto tempo para chegar até nós com uma equipe de resgate. Então, o pior cenário possível, digamos, um mês, um mês e meio antes que alguém possa ser razoavelmente esperado para aparecer.

Ainda assim, ele continuou, pensativo, quase como se ele estivesse pensando ou falando para si mesmo, em vez de para Krisa. — Todo mundo ainda está bloqueado em crio-sono e o gerador de backup é feito para isso. Portanto, não deve haver muita comida nas lojas do navio para durar até que eles venham.

Krisa mal podia esconder sua consternação com suas palavras. Um mês e meio? O que eu vou fazer sozinha com ele por um mês e meio? O Capitão Ketchum absolutamente não poderia ser confiável. Ele já tinha provado que tipo de homem ele era e Krisa não estava ansiosa para dar-lhe uma chance de provar isso novamente.

Ainda assim, parecia que estava presa com ele e Krisa pensou que a melhor coisa a fazer era tentar retornar ao seu relacionamento civilizado de antes. Talvez, se fingisse que sua tentativa para com ela na noite anterior, antes de eles entrarem em crio-sono nunca tivesse acontecido, ele o faria também.

— Essa ferida parece séria. Devemos tentar encontrar um kit de primeiros socorros e tratá-la. — Disse ela tão levemente como podia. — Talvez você deva sentar-se contra a parede, enquanto eu dou uma olhada nisso, você está todo desarrumado com sua roupa rasgada e seu rosto todo ensanguentado.

— Eu não sou o único com roupas rasgadas, pelo que eu vejo. — Ele olhou para o peito de Krisa seguido com os olhos dela própria. Pela primeira vez ela percebeu que a camisola branca pura que usava estava rasgada no peito. O rasgo

aberto em tela completa deixou seus seios à vista. Como se percebendo a atenção prestada a eles, seus mamilos ficaram de repente, dolorosamente eretos com a atenção.

Krisa agarrou o vestido, puxando-o fechado o melhor que podia, mas ela podia ver pelo olhar predatório nos olhos do capitão Ketchum que o dano já havia sido feito.

Não importa o quão vigorosamente ela agisse com o seu papel de dama, estava claro que ele não ia voltar ao seu papel do cavalheiro galante.

— Você parece bastante atraente, minha querida. — Observou ele, dando um passo mais perto. Isso forçou Krisa a dar um passo para trás, sentindo o seu caminho com pés descalços para não cair.

— Eu-eu estou ferida também. — Disse Krisa, indicando os braços sangrentos. — Eu realmente devo achar o kit de emergência. N-não quero que esses arranhões se tornem infectados. — Ela sabia que estava balbuciando, mas ela não parecia ser capaz de parar.

— Oh, mas eu acho que a infecção será a menor de suas preocupações, meu doce. — Ketchum cantarolou, dando mais um passo para frente, e a forçando a dar mais um passo para trás. Krisa viu, com desespero, que ela estava ficando cada vez mais longe do brilho fraco da luz no fim da nave.

— Fique longe de mim. — Disse ela tão nitidamente como pôde.

— Palavras corajosas, Krisa, minha querida, mas eu noto que você está desarmada desta vez. — Ketchum zombou, avançando mais um passo.

Krisa recuou novamente, mas desta vez as suas costas colidiram com algo frio e inflexível. Ela estava apoiada contra a parede longe do porão e ela não podia ir adiante. – Presa! Uma pequena voz sussurrou em pânico dentro de sua cabeça.

— Você sabe, — Ketchum continuou no mesmo tom sarcástico. — Eu estava me perguntando como na galáxia, eu devo passar o tempo de espera para a equipe de resgate chegar até que eu vi você vagando pelo navio como um fantasma pequeno delicioso em um vestido transparente.

— É... é minha camisola. — Krisa vacilou. Ela fez um movimento brusco para o lado, mas Ketchum já estava lá, bloqueando seu caminho com um braço vestido de marrom. Ele se inclinou em direção a ela, bloqueando o outro lado com o outro braço, fazendo-a se sentir como um animal enjaulado.

— Indo tão cedo, Krisa, meu amor? — Ele sorriu um sorriso de tubarão sem humor nisso tudo. — Você não quer ficar e se divertir um pouco? Pense em toda a diversão que podemos ter juntos em um mês e meio até que a equipe de resgate chegue,

— Você. — Krisa lambeu os lábios secos de repente. — Não ousaria! Você acha que eu não iria dizer ao Lorde Radisson? Ele é um homem poderoso. Você vai ser despojado de sua posição e lançado numa prisão.

— Ah sim, o bom Lorde Pau Mole. — Ele arrastou, sem parecer nem um pouco chateado. — Seu pequeno acompanhante me mostrou uma foto dele, você sabia? Patético isso, carregando uma foto de seu empregador, mas ainda assim... Ele deve ser uns quarenta anos mais velho, minha querida. Provavelmente não poderia levanta-lo nem para salvar sua vida. — Ele riu maldosamente.

— Deixando tudo isso de lado, no entanto, eu não recomendo que você diga a ele alguma coisa, uma vez que formos resgatados. Bens danificados, você sabe. Você só vai lhe mostrar o todo-importante Certificado de virgindade e dizer a toda gente o quão bravamente o capitão Ketchum protegeu você nos confins do Planeta X e tudo vai ficar bem. Ele provavelmente não vai mesmo pedir uma nova verificação de sua virgindade preciosa. Pelo menos, você vai ter que esperar que ele não faça.

Ele estava tão perto dela agora que Krisa podia sentir o cheiro do suor velho e o fantasma da colônia de Tazzenberry flutuando de sua pele suja. Sua respiração estava soprando em seu rosto e ela virou a cabeça, tentando se afastar dele.

— Você sabe. — Disse Ketchum, torcendo um de seus longos cachos em torno de um dedo sujo.

— Eu nunca vi você com seu cabelo solto antes. Eles são adoráveis, especialmente emparelhados com aqueles grandes olhos castanhos em um pequeno rosto pálido parecendo um pouco com uma boneca.

— Eu pensei que você disse que eu não era bonita o suficiente para se preocupar com isso, — Disse Krisa, encontrando finalmente sua voz. Além do medo que ela estava sentindo outra emoção foi crescendo também.

Era indignação em como este homem, que fingia ser um cavalheiro poderia ser tão completamente selvagem e cruel sob a fina camada de gentileza que ele apresentava. Como se atrevia a empurrá-la contra a parede e dizer-lhe que pretendia estuprá-la? Como se atrevia a esperar que ela não fosse dizer nada e apenas ir junto com ele?

— Oh, você é bastante bonita e eu espero que você perceba isso amor, — Disse Ketchum. — Por que mais um Imponente e arrogante como o velho Radisson pagaria para trazê-la do outro lado da galáxia? Em todos os anos que tenho vindo a fazer esta viagem, transportando prisioneiros do seu pequeno planeta ignorante para o Congelamento Profundo, eu acredito que você é a mais bela noiva de correspondência que eu já, digamos assim, usufruí.

— Você não vai conseguir ainda. — Disse Krisa. Esquivando-se de repente, ela quase ficou debaixo do braço dele, mas Ketchum foi rápido demais para ela.

— Não tão rápido, meu amor. — Ele sussurrou em seu ouvido, pressionando-a com força contra a parede.

Ela podia sentir a protuberância substancial em suas calças cavar em sua coxa. — Eu só estou começando. Agora vamos ver o que está por baixo desta sua pequena camisola.

Com um súbito movimento violento, ele agarrou o pescoço rasgado sua branca e pura camisola e puxou violentamente. Houve um ruído baixo de rasgar e Krisa estava subitamente exposta do pescoço aos tornozelos. Ketchum ficou para trás por um momento, uma mão apertando duro em seu ombro para mantê-la no lugar, enquanto admirava sua obra.

— Agradável, muito bom mesmo, — Ele murmurou, seus olhos viajando avidamente sobre sua carne exposta. — Eu acho que estou indo realmente para apreciar isso, minha querida.

Krisa deu um tapa tão forte quanto podia. Sua pequena mão deixou uma impressão vermelha vívida que era visível até na escuridão do porão no lado não sangrento de seu rosto. Ketchum deu um passo para trás, e ela tentou tirar proveito de sua surpresa para se libertar, mas a mão segurando-a contra a parede manteve-se firme, seu aperto terrivelmente forte.

— Você vai pagar por isso, — Ele rosnou, agarrando-lhe o outro ombro e batendo suas costas contra a parede violentamente. A parte de trás da cabeça de Krisa conectou-se com o metal inflexível e por um momento ela viu pequenas faíscas brilhantes de luz dançando em seu campo de visão.

— Eu estava indo para torná-lo agradável para você, já que você é uma pequena virgem inocente. Mas eu estou começando a pensar que você iria se beneficiar melhor de uma boa... e difícil... foda. — Com cada palavra que dizia ele batia com os ombros dela para trás contra a parede, a cabeça se conectando toda vez até que Krisa tinha certeza que ela ia desmaiar.

A escuridão do porão estava começando a assumir um ondulado acinzentado, e as pequenas luzes brilhantes dançando na frente de seus olhos

tinha se transformado em enormes, estrelas explodindo em meteoros. Mas, de repente Krisa viu algo que a trouxe de volta à consciência.

Atrás da cabeça de Ketchum, com o cabelo cheio de sangue e emaranhados de sujeira, um par de olhos de prata em fendas, tinha aparecido.

Teague... Seus lábios tentaram formar o nome, mas ela estava muito entorpecida para fazer algo mais do que abrir a boca. Ainda assim, Ketchum deve ter percebido algo em seu rosto, porque seus próprios olhos se arregalaram e ele parou de bater nela.

— O QU... — Ele começou, mas, em seguida, duas mãos enormes se fecharam em torno dos lados de sua cabeça, fechando-o.

— Você sabe, Ketchum, eu tive a sensação que eu deveria acabar com você. — A voz de Teague era um rosnado baixo que parecia vibrar em toda a sala. — Isto é o que eu ganho por tentar ser legal, eu acho.

— Agora, Teague, espere um minuto! — Os olhos azuis de Ketchum saltaram das órbitas em um terror abjeto e parte de seu rosto não coberto de sangue tinha ido para um branco giz.

— Espanta-me. — A voz profunda e rosnada continuou quase pensativa. — Como eu fui enviado para a prisão por alguns homicídios pequenos enquanto uma escória como você continua a andar livre. Krisa me disse que já tentou isso uma vez e ela o deixou saber que não estava interessada. Não recebeu a mensagem da primeira vez?

As mãos enormes nos lados da cabeça de Ketchum começaram a apertar e os olhos azuis escorreram ainda mais fora de suas órbitas. Krisa, que ainda estava presa contra a parede, se perguntava com um tipo doente de fascínio, se Teague tinha a intenção de esmagar a cabeça do capitão entre as mãos como uma fruta madura.

— Eu não iria machucá-la eu juro! — Ofegou Ketchum. Seu rosto tinha tomado uma aparência assustadoramente oblonga.

— Bem, isso é bom de você, Ketchum. — Teague falou. — Porque todo mundo sabe que o estupro é totalmente indolor. Então eu acho que você não vai se importar se eu fizer algo tão indolor para você. — O olhar em seu rosto escuro era absolutamente aterrorizante, e a intensidade da raiva que ardia em seus olhos de prata era diferente de tudo que Krisa já tinha visto antes. As enormes mãos apertaram até que ela pudesse realmente ouvir os ossos rangendo no crânio de Ketchum.

— Não Teague! Espere. — Ketchum engasgou em um alto sussurro, sem fôlego.

Adeus, Ketchum. Eu prometo isso não vai doer nem um pouco. — Teague rosnou. Ele deu na cabeça do capitão, uma torção viciosa e rápida para um lado.

Houve uma trituração nauseante, que Krisa sabia que ela ouviria em sonhos para o resto de sua vida e de repente ela estava olhando para a parte de trás da cabeça do capitão Ketchum em vez da frente.

* * * * *

— Não desmaie, não temos tempo. — Teague ordenou a ela, os olhos de prata ainda em chamas. Ele casualmente empurrou o corpo inerte do capitão para o lado, como se estivesse jogando para o lado um tecido velho e usado, pensou Krisa doente. Ela encostou-se à parede, ainda em choque, e tentou obedecê-lo embora tudo fosse ficando embaçada em torno das bordas e nadando dentro e fora de foco.

— Pensei que você sempre... usasse uma faca. — Disse ela, tentando fazer seus olhos se concentrarem na forma sombria com olhos brilhantes aparecendo na frente dela. Krisa só o tinha visto sentado e ao se levantar ele era absolutamente enorme.

Teague sorriu selvagemente. — Isso é bom, eu gosto de uma menina com um senso de humor. Sim, eu poderia ter. — Ele fez um movimento repentino, rápido demais para que os olhos pudessem seguir. Uma lâmina longa e mortal como a prata de seus olhos apareceu na mão grande. — Mas se eu tivesse cortado a garganta dele com ele ainda em cima de você, com certeza você estaria na linha de fogo, por assim dizer. Achei que talvez não apreciasse isso. —Tão rapidamente como tinha aparecido, a faca desapareceu.

— Você pensou certo. — Krisa disse fracamente. Ela tentou se afastar para longe da parede, cambaleou e quase caiu. Sentia a cabeça quatro vezes o seu tamanho normal, e quando ela passou os dedos pelos cachos grossos na parte de trás pôde sentir um nódulo, e os dedos úmidos e pegajosos.

— Acalme-se. — Uma mão grande, quente curvou-se em torno de seu braço, apoiando-a.

— Você está bem? — Ele perguntou e Krisa assentiu, sem saber se era verdade ou não, mas pareceu satisfazê-lo. — Nós estamos saindo daqui rápido. — Ele se virou para a luz que ainda estava irradiando mal do outro extremo do casco. — Logo será noite e eu quero colocar alguma distância entre nós e a nave antes de montar acampamento.

— E-espere um minuto. Nós estamos saindo? Por quê? Quer dizer, eu posso ver por que você tem que ficar longe, mas por que eu deveria ir com você? — Krisa perguntou com o que esperava ser um tom razoável.

Sua cabeça ainda latejava e Krisa não tinha certeza porque não estava doente no chão, então pensou que estava fazendo muito bem não dizer nada incoerente em tudo. De repente, percebeu que seu vestido rasgado estava aberto, expondo sua carne nua do peito até os tornozelos. Agarrando as bordas esfarrapadas, ela puxou o tecido branco puro firmemente em torno de si mesma.

Teague olhou para ela com uma expressão ilegível em seus olhos prateados.

—Você realmente quer ficar aqui com tudo solitário como uma garotinha? Esperando por uma equipe de resgate que talvez nunca venha?

— Eles virão, — Krisa disse teimosamente. — O Cap... — O nome morreu em sua garganta e ela balançou a cabeça em direção à forma inerte de Ketchum. — Ele disse que tropeçou no farol do navio. Que só levaria um mês solar para nos encontrarem.

O rosto de Teague escureceu com suas notícias e ele jurou viciosamente em voz baixa. — Filho da puta! Sabia que deveria ter certeza que ele estava morto, — Ele rosnou. — Bem, não importa se for um mês ou uma semana, eu ainda teria que levá-la comigo.

— Para usar como refém, eu suponho, — Krisa disse com raiva. O imenso palpitar em sua cabeça havia diminuído para uma dor surda, persistente, mas a dor ainda era intensa. Tudo o que queria fazer era deitar-se por um tempo até que se sentisse melhor, mas ela sabia que não podia. Em vez disso, ela ia ser arrastada pelas florestas de algum, planeta desconhecido e perigoso para a conveniência de outra pessoa. Recentemente, Krisa começou a sentir que toda a sua vida tinha sido vivida para a conveniência de outra pessoa, e ela estava ficando completamente cansada disso.

— Não, não para usar como refém, — Teague rosnou. — Porque você não vai sobreviver se eu não fizer isso.

— K-Ketchum disse que havia muita comida nas lojas do navio. — Protestou Krisa.

— Não tem nada a ver com o fornecimento de alimentos, a menos que você gostaria de considerar você como comida.

Teague a agarrou pelo braço de novo e puxou-a bruscamente pela inclinação íngreme do piso do porão, até chegarem ao buraco irregular no final, onde uma estranha luz, alienígena estava se vertendo para o navio.

Os olhos de Krisa foram ofuscados pelo brilho no começo, mas logo ela podia ver um céu de bronze profundo em que o sol não era visível, pendurado sobre o que parecia ser uma espécie de selva abaixo das ruínas do porão do navio. A selva, um redemoinho de cores pastel, e como algodão doce, não era como nada que ela tinha visto antes na seleção reconhecidamente limitada de vídeo-livros em Briar Rose.

— Ouviu isso? — Exigiu Teague. Krisa olhou para ele e viu que a luz tinha causado que suas segundas pálpebras piscassem para baixo e seus olhos estavam agora de um preto sólido, opaco que ela achou tão perturbador.

— Eu não ouço nada... — Ela começou e, então, um som alto e irritado, que começou a soar em algum lugar nas profundezas da floresta alienígena a cortou. — O que... o que foi isso? — Ela perguntou hesitante. Havia uma nota de aviso sinistro na estranha chamada que arrepiou o cabelo na parte de trás do seu pescoço e apertou os dentes na borda. — Algum tipo de carnívoro?

Teague sorriu severamente. — Não, esses são pequenos animais, suaves e peludos tão grandes quanto sua mão.

— Eles soam adoráveis. — Krisa protestou. — Eu deveria ter medo deles?

— Não. Mas eles só soam assim quando uma manada de soondar está próxima. E aqueles são carnívoros e grandes. Eles podem sentir o cheiro de sangue por milhas. O resto da tripulação e passageiros estará seguro porque eles estão trancados em crio-sono e selados firmemente por trás de suas portas do cubo. Mas você seria um banquete à espera de acontecer, entendeu? — Ele deixou cair seu braço e olhou para ela com aqueles olhos pretos ilegíveis.

— Sinto muito, eu pensei...

— Eu sei o que você pensou. — Teague olhou para ela. — Deixe-me dizer uma coisa, garotinha, se eu quisesse tornar as coisas fáceis para mim mesmo eu a deixaria aqui para a manada de soondar ou eu mesmo a mataria . Você só vai me

atrasar e ainda tem esse chip maldito na parte de trás do seu pescoço. Você poderia muito bem usar um grande sinal de néon que diz: "*Eis-me aqui, venha me pegar*". Eles vão a seguir, nenhuma dúvida sobre isso. — Ele respirou fundo e explodiu em um som frustrado que estava em algum lugar entre um grunhido e um suspiro. — Eu estava a meio caminho daqui e então eu tive que ir e voltar. — Ele murmurou.

— Então por que se preocupar? — Krisa explodiu, seu temperamento de repente, levando a melhor sobre seu medo.

Vagamente, dentro de sua cabeça ela podia ouvir Madame Ledoux dizendo em tom de reprovação, *Uma dama nunca levanta a voz. Mas* havia algo sobre o enorme feral que parecia trazer para fora a parte dela mais imprópria de uma senhora e como ele mesmo tinha apontado, Teague não era nenhum cavalheiro.

— Por que você voltou mesmo em primeiro lugar, se eu sou um fardo, Teague? —Ela esqueceu de segurar seu vestido modestamente fechado e colocou seus punhos fechados nos quadris, empurrando o queixo desafiadoramente.

— Ouvi dizer que gritou meu nome, — ele rosnou em breve. — Eu pensei que você estaria segura dormindo com todas as outras ovelhas. — Ele empurrou o queixo, escuro com restolho azul-preto, na direção da parte principal do navio. — Como é que você está acordada, de qualquer maneira?

— Meu gerador de campo de estase estava com defeito, eu acho, — Krisa disse firmemente. — Ele só me cobriu metade assim quando você bateu o navio eu acordei. Então, desculpe lhe incomodar. Talvez você deva apenas me matar agora e salvar-se do incômodo.

No momento em que as palavras saíram de sua boca, ela sabia que ela tinha ido longe demais.

Os olhos de Teague estreitaram, cintilando perigosamente para revelar vislumbres de prata sob o preto. Deliberadamente, ele caminhou para mais perto

dela até que ele a agarrou, inclinando-se sobre ela ameaçadoramente. Ela podia sentir o calor do seu corpo grande irradiando contra sua pele exposta. Tardiamente, Krisa percebeu que seu vestido tinha caído aberto novamente e correu para puxá-lo fechado.

— Não se preocupe, pequena. Eu já vi isso e deixe-me dizer-lhe, eu gostei do que vi.

A voz grave estava cheia com ameaça de um tipo diferente agora. Um calor sexual que saltou entre eles como eletricidade estática e lambeu sobre sua pele em ondas ardentes.

— Você sabe quanto tempo passou desde que eu tive uma mulher, especialmente uma tão saborosa como você? — Ele retumbou, elevando uma mão enorme para acariciar seus cachos emaranhados.

— Eu... — O cérebro de Krisa parecia ter congelado e sua língua se sentia como se fosse feita de chumbo. Cuidadosamente, ela recuou um passo, sentindo um senso de déjà vu. — Será que... você matou o capitão Ketchum apenas para terminar o que ele começou? — Ela perguntou, finalmente, no que esperava ser uma voz forte, com raiva. Infelizmente as palavras saíram mais como um sussurro estridente.

— Eu posso ser um assassino, mas eu não sou estuprador. — Ele cuspiu a palavra como se estivesse tentando livrar a boca de algo impuro. Mas, para alívio de Krisa Teague não fechou a distância que ela tinha colocado entre eles e a forçou a contra a parede de metal como Ketchum fez.

Teague ficou com a cabeça baixa, o braço enorme cruzado sobre o peito, num gesto quase pensativo por um longo momento. Então ele olhou para ela, as piscinas da meia-noite de seus olhos cintilando de prata por um instante. — O que você deve se lembrar sobre mim, Krisa, é que eu não tenho muita paciência, por isso não me teste. Agora, vamos estar fora daqui enquanto eu conto até dez e

você não pode ir nessa roupa. — Olhos negros correram sobre sua camisola rasgada com desprezo óbvio. — Eu sugiro que você se vista com pressa. Se você não estiver pronta quando eu disser vamos, eu te deixarei. Compreendeu?

Krisa assentiu em silêncio, a boca muito seca para falar.

Teague se abaixou e pegou um grande pacote a partir do solo, que ele tinha, obviamente, deixado cair mais cedo. E virou-se para enfrentar a selva alienígena, com sua estranha, folhagem pastel visível através do buraco irregular no casco do navio.

— O relógio está correndo, querida. — Disse ele suavemente. — Eu me apressaria se eu fosse você.

Capítulo Sete

Krisa lutou através da estranha vegetação pastel, sua cabeça latejante preenchida com o aroma rico, pungente da selva alienígena. Ela estava dizendo as piores coisas que poderia pensar em voz baixa quando empurrou de lado uma pálida videira azul e trepadeiras de lavanda. Seu vocabulário de palavrões era reconhecidamente limitado, mas ela estava aprendendo rápido, ouvindo Teague. O grande Feral andava arando à sua frente, cortando uma trilha com sua enorme faca.

A lâmina curva brilhava devidamente, uma vez que subia e descia incansavelmente, cortando a vegetação que impedia o seu progresso. De vez em quando ele dava um rosnado quando encontrava um ninho particularmente difícil de vinhas e depois Krisa podia ouvi-lo usando palavras que nunca tinha aparecido em qualquer um dos seus testes de vocabulário em Briar Rose.

Enquanto eles empurraram através da folhagem, que tinha lembrado Krisa de um grande turbilhão de algodão doce quando olhou para baixo sobre ele a partir do porão da nave, ela pensou que tinha feito um monte de coisas ultimamente que nunca poderia ter se visto fazendo em Briar Rose. Por um lado, não só tinha deixado de usar o espartilho que era muito importante porque lhe dava uma cintura minúscula, mas Krisa estava usando umas calças de homem. Vestindo calças, assim como um homem, em vez das saias longas que usara toda a sua vida. Era uma visão tão horrível que iria, sem dúvida, ter feito a diretora da academia, Madame Sylvanna, vomitar em suas mãos bem cuidadas e desmaiar. Uma senhora será sempre delicada, graciosa e, acima de tudo, feminina. E com certeza Krisa não estava se sentindo em nenhum dos três, enquanto seguia o rastro de Teague.

Sentia-se estranhamente exposta nas calças, que tinha sido um par de Percy.

Krisa tentou dizer a si mesma que, pelo menos, elas cobriram muito mais do que o vestido rasgado e irregular que tinha descartado, mas não ajudou muito. Percy era uma boa polegada e meia, menor do que ela, e tinha os quadris mais estreitos também. O resultado era que as calças estavam bem apertadas e mostravam uma polegada de seus tornozelos, abaixo de suas bainhas perfeitamente adaptadas. Krisa estava usando uma de suas botas elegantes e abaixo do tornozelo e uma de suas camisas também.

Os punhos foram enrolados para proteger seus braços, apesar do calor sufocante e os botões estavam abaulados em protesto contra seus peitos cheios.

O estado atual do seu traje certamente não tinha sido ideia de Krisa. Teague lhe dissera para se preparar para ir, mas quando ela tinha retornado de vasculhar em seu saco de viagem rosa e colocou um vestido longo adequado para a tarde ou cedo da noite, ele tinha amaldiçoado primeiro baixinho e depois riu dela.

— Você não vai andar em um quintal lá fora vestindo' isto, querida. — Disse ele. — Você não tem nada para usar no exterior?

— Isto. — Krisa insistiu. — Eu usei-o para todos os tipos de atividades, de piqueniques ao ar livre e para fotografar a natureza.

— Do pico da Água Branca? Até cruzar a ponta da colina? — Teague questionou sarcasticamente, uma sobrancelha grossa e preta azulada levantada quase até a linha do cabelo. — Esqueça garotinha. Isso pode funcionar sobre as Noivas do Planeta, mas não nas selvas do Planeta X. Encontre outra coisa, e depressa.

Krisa vasculhou irremediavelmente através de seu saco de viagem, tendo alguns itens preciosos, incluindo o holo-vídeo de sua mãe, até que o grande Feral levou as coisas em suas próprias mãos.

Resmungando algo sobre as mulheres que levam todo maldito dia procurando, ele começou a vasculhar recipientes de bagagem e sacos abertos. Os

artigos de viagem comprimidos sob pressão pulverizavam-se em confusão repentina de roupas coloridas como balões numa festa, mas é claro desistindo dos respectivos prémios já que tudo era muito grande para ela.

Finalmente ele se deparou com a bagagem de Percy, decorada com bom gosto com uma monograma em um bonito cursiva em ouro, com as iniciais, PD. — Aqui, coloque estes. — Ele ordenou, segurando um par de calças.

— Calças? — Krisa olhou para ele com os olhos arregalados e sacudiu a cabeça. — Eu não poderia.

— Você pode e você vai. Tome aqui. — Teague balançou as elegantes calças cor de bronze com listras vertical e listras mais escuras na mesma direção como numa bandeira.

Krisa arrebatou o artigo ofensivo de roupa e olhou para ele em silêncio indignado. Finalmente, Teague virou as costas, dando-lhe um pouco de privacidade nominal, enquanto ela lutava para vestir as calças coladas na pele.

— Você sabe, — Disse ela com os dentes cerrados, atrapalhada com as fixações não familiares à frente das calças. — Na Academia Briar Rose onde eu fui treinada, eles nos disseram que o uso de calças masculinas era uma das coisas mais vulgares e ridículas que uma senhora poderia fazer. Madame Ledoux sempre disse que deixar uma mulher usar calças fazia tanto sentido como se tentasse ensinar um gato a ler.

— Bem, eu estou achando que a sua Madame Ledoux nunca teve de cortar trilhas através de uma selva extenuante com um vestido de noite ou ela poderia ter mudado de ideia. — Teague rosnou, olhando brevemente sobre um ombro largo. — Acredite em mim, menina, você vai me agradecer, antes de andarmos a metade de um click. Não há nada ridículo ou vulgar sobre a sobrevivência. — Isso tinha sido sua palavra final sobre o assunto.

Foi assim que ela acabou suando sob o céu bronze maçante, vestindo as

calças de seu acompanhante, seguindo um homem que era um conhecido assassino em massa e um fugitivo, enquanto cortava caminho através da selva de um planeta misterioso e proibido a partir do qual, supostamente, ninguém nunca escapou.

Estranhamente, Krisa descobriu que não se importava tanto.

Ela não gostou, é claro. Mesmo que fosse Teague que estava fazendo o trabalho sujo de abrir uma trilha, seguindo em seu rastro ainda era, um negócio quente e suado na umidade fumegante da selva pastel. E Krisa continuava ouvindo sons que a fazia saltar, assumindo que eles estavam vindos de uma matilha de soondar· vorazes, até que Teague tinha rosnado que ela deveria parar de ser tão malditamente nervosa.

Ele não permitiu que ela trouxesse muito, tampouco. Os bolsos das calças de Percy foram recheados com o essencial de sua abandonada mochila de viagem rosa pálido. Krisa teve o holo-vídeo de sua mãe, um pequeno pacote comprimido de produtos de higiene e itens que ela pensou que poderiam vir a calhar e seu todo importante Certificado de Virgindade.

As bordas duras e afiadas do documento dobrado passavam fora de seu bolso na parte de trás, e escavavam suas costas impiedosamente se ela se inclinasse para o lado errado, quase como se para lembrá-la de seu significado. Krisa era muito consciente do grande e vermelho Certificado de Virgindade carimbado sobre o pergaminho duro que poderia facilmente tornar-se uma mentira. Tinha na verdade, quase se tornado por duas vezes já nesta viagem louca.

Isso a fez pensar no Capitão Ketchum, deitando, flácido e morto no naufrágio da nave Princesa das Estrelas e se perguntou quantos certificados ele havia invalidado. Quantas virgens que ele teve violado com seu charme oleoso e chantagem viciosa? Ele tinha dito algo sobre fazer a viagem na rota Capellia-Lynix durante anos transportando prisioneiros.

Quem sabia quantas futuras noivas viajou de Capellia a Lynix em um determinado ano solar? Muita coisa, ela tinha certeza.

Apesar do choque inicial de ver a maneira como Teague o matara tão casualmente em frente a ela, Krisa não poderia fazer-se sentir muito que o capitão estava morto. Na verdade, ela se sentiu mais feliz quando considerou quantas mulheres mais poderiam ter caído presas de seus ardis nos anos por vir.

Ela suspirou e enxugou a testa suada, empurrando para trás rapidamente enquanto uma trepadeira cor de rosa chicoteava na frente de seu rosto. Deslizando para a esquerda em um matagal lavanda denso, um pio musical soou brevemente e depois morreu. Respirando fundo o ar da selva pungente, Krisa se permitiu admitir que suas emoções sobre o fim violento do capitão não eram totalmente altruístas. Na verdade, depois de obter mais de seu horror inicial da violência casual de Teague, ela experimentou uma satisfação quase selvagem. Era bom ver um homem que tinha estado planejando fazer tais coisas indizíveis com ela sendo tratado com uma justiça mortal.

Ouça-me, eu pareço como em um daqueles vídeos de suspense que Madame Prunésia proibiu depois de descobrir que eles não eram sobre passeios em um parque de diversões, Krisa pensou ironicamente. Distraída, ela levantou um braço para evitar ser batida nos olhos por uma videira lilás. Havia trepadeiras e arbustos em todos os lugares, mas a selva pastel não era só mato e arbustos. Havia também coisas que eram incrivelmente altas e esbeltas, como arvores longas e finas. Elas acenavam suavemente no ar úmido, lembrando Krisa de algumas plantas subaquáticas que tinha visto em sua única viagem ao Oceano Vermelho de Capellia no ano que ela tinha completado nove anos.

Quando ela lhe perguntou: Teague explicou brevemente que Lynix Xi tinha uma força gravitacional relativamente fraca. Isto permitiu que as árvores delgadas, que nunca poderiam ter se sustentado num planeta com gravidade superior, a crescer a alturas tremendas. Para Krisa parecia quase como se longos

dedos rosa e roxo raspassem o céu bronze nublado.

Perguntou-se se a gravidade mais leve podia ser responsável por ela ter sido capaz de manter o ritmo furioso que o grande Feral estava mantendo. Isto ou o fato de que o espartilho que estava tão acostumada a usar tinha ido embora.

Teague se recusou a deixá-la levar o espartilho, nomeando-o como um item não essencial, apesar de suas tentativas de convencer-lhe que ela parecia completamente imprópria sem ele. — Você está bem para mim. — Ele disse brevemente. Os olhos de meia-noite tinham deslizado sobre ela, seguindo o caminho forçado que a camisa branca mostrava por causa dos seus seios confinados e estavam colocados sobre ela, até que Krisa tinha corado e deixou morrer o assunto.

Agora, caminhando atrás dele, observando os músculos se movendo e saltando nos seus braços e ombros largos enquanto ele cortava e afastava incansavelmente as videiras, ela admitiu que estava respirando mais fácil e mais profundamente sem o espartilho que a tinha confinado desde os treze anos de idade. Era realmente necessário, afinal, para uma menina ter uma cintura tão anormalmente pequena?

Apesar da pulsação maçante na parte de trás de sua cabeça e a dor de seus braços arranhados, ela se sentia viva de uma maneira que nunca se sentiu antes. Eu nunca mais vou usar um espartilho novamente, pensou e, em seguida, repreendeu-se por um pensamento tão tolo. É claro que teria que usar um espartilho novamente. Uma vez que Krisa necessitasse voltar para a civilização em Lynix Primeiro que não seria aceita numa sociedade educada em qualquer lugar sem um. Com isso ela afastou o pensamento e se concentrou em manter-se com Teague.

Eles pareciam estar caminhando por horas. Krisa nunca tinha ficado sem um lenço de renda delicada desde que entrou em Briar Rose, mas agora ela enxugava o suor da testa de um modo mais grosseiro. Seu cabelo comprido,

encaracolado estava preso à nuca do pescoço suado com o pino longo ornamental, que usara na primeira noite que o Capitão Ketchum tentou atacá-la. Teague rira de seu ridiculamente ornamentado estilete preto e prata esmaltada, mas Krisa tinha pensado em particular, que, como ele tinha salvado sua virgindade uma vez, o gancho de cabelo poderia salvá-la novamente. Ela tinha suas dúvidas embora Teague não parecia ser o tipo de homem para ser detido por um gancho na mão. Se ele realmente a quisesse, Teague a teria, com pino ou Certificado de virgindade ou não.

Ela teve uma breve imagem, vívido mental de ser tomada na clareira, no chão coberto de erva. O corpo grande de Teague estaria acima dela, pressionando-a contra o chão.

Ele iria abrir suas pernas e espalhar os lábios de sua vulva, expondo-a ao seu ataque. E Teague iria esfregar a cabeça larga de seu pênis contra suas dobras escorregadias, fazendo que gemidos e suspiros escapassem de seus lábios. Então iria encher seu sexo molhado, aberto com o seu pênis grosso, a mesma parte dele que Krisa tinha imaginado na primeira noite, quando ela surgiu no porão para vê-lo dormindo.

A conversa de advertência de um pequeno grupo de animais interrompeu esses pensamentos altamente impróprios e Krisa foi capaz de olhar para cima e ter um vislumbre das pequenas criaturas. Eles pareciam sopros em pó com enormes olhos negros líquidos e sua pele combinava com o resto da selva. Decorado com manchas de verde menta, pó azul, amarelo e rosa pálido, eles correram repreendendo e tagarelando com raiva com minúsculos pés com garras para cima e para baixo nas árvores longas e finas, marcando seu território.

Krisa esperava mais uma vez que os targees não estavam alertando para um ataque iminente por um bando de soondars, que ela tinha começado a imaginar que podiam parecer com enormes panteras irritadas com pele em tons de lilás. Mas a alta, nota de medo que tinha ouvido quando Teague os apontou da

primeira vez para ela, parecia estar ausente de suas chamadas tagarelas. Com um suspiro, Krisa se forçou a relaxar.

Se Teague pensasse que era um problema, ele diria isso. Ela se repreendeu firmemente e mentalmente. Ele a deixava nervosa por ter que confiar em um homem com sua vida passada, mas o que mais, razoavelmente, poderia fazer? E até agora Teague não tinha feito nada de errado ou impróprio.

Basta esperar até que vocês fossem parar para a noite, sussurrou a pequena voz prática em sua cabeça. *Então vamos ver sobre errado e impróprio, Krisa*. Apesar de sua forte declaração sobre não ser um estuprador, ela encontrou o pensamento distintamente inquietante.

Empurrando a vozinha irritante para a parte de trás do seu cérebro, ela cavou o cronômetro de joias de fantasia que o Senhor Radisson tinha lhe enviado em seu aniversário de quinze anos fora do bolso da frente das calças de Percy. E Krisa o estudou o rosto delicado por um momento, antes de perceber que ele ainda estava definido para o tempo Capellian. Aqui nas florestas do Planeta X era inútil. Krisa o colocou de volta no bolso das calças em um movimento que já estava começando a se sentir mais natural e meio gritou acima do barulho da faca batendo para demolir a vegetação rasteira, para chamar a atenção do grande Feral.

— Teague!

— O quê? — Ele rosnou, sem se preocupar em se virar.

— Quanto tempo até chegarmos onde quer que seja que nós estamos indo? E para onde estamos indo, afinal? — Perguntou Krisa. Parecia estranho, mas não havia muito para ver e pensar sobre o que ainda não tinha considerado antes. Ela tinha acabado de assumir que de alguma forma, em algum momento, seria capaz de voltar à sua vida regular como futura esposa do Senhor Radisson. Agora, Krisa se sentiu claramente desconfortável. Por que Teague estava cuidando de

sua vida e de que jeito deveria ir? E onde estava o enorme Feral a levá-la?

— Tem um rio adiante há aproximadamente mais outros dois pulos, — Ele resmungou, ainda sem se virar. — Nós temos que fazê-lo até ao anoitecer.

Algo em seu tom deu a Krisa um arrepio frio abaixo em sua coluna suada. Pela primeira vez ela percebeu que o céu nublado bronze virou uma cor mais profunda nas duas horas que tinham viajado. Ele estava começando a escurecer, o que Krisa suspeitava ser a versão do crepúsculo do Planeta X.

— Por quê? — Ela perguntou um pouco ofegante, lutando para manter-se com ele e falar ao mesmo tempo. Não era que ela estava fora de forma, exatamente, apenas que a natureza dos passeios em Briar Rose não era precisamente para preparar para algo tão extenuante como caminhadas através de uma selva úmida por horas em um tempo quente. Na verdade, Krisa estava começando a pensar que nada ensinavam em Briar Rose para se prepararem para a vida real.

Teague parou por um momento, deixou cair o pacote que estava carregando sobre um ombro e, em seguida, virou-se para encará-la. Ele tinha estado incansavelmente cortando e limpando pelas últimas duas horas, cortando e cortando o seu caminho através da selva e o estado de suas roupas e corpo mostravam isso.

Folhas e samambaias estavam presas em seu cabelo negro azulado e eriçado, e seu rosto escuro estava manchado de suor. As vinhas que ocasionalmente eram batidas para trás e capturavam Krisa tinham tratado muito mais duramente com ele. Sua pele bronzeada escura era uma massa de linhas vermelhas finas que parecia que devia pinicar. A parte superior do colete preto que Teague usava estava rasgada onde espinhos tinham se pegado e rasgado ele e as superfícies planas de seu peito largo, musculoso e abdominais ondulando mostrou através em vários lugares.

Teague enxugou o suor do rosto, os bíceps ondulando com a tensão enrolando quando ele fez isso. O poder ocasional de seu grande corpo agora que foi desencadeado quase tirou o fôlego de Krisa longe. Apesar do suor e as marcas em sua pele, ele ainda parecia fresco o suficiente para cortar trilha o resto do dia e até tarde da noite, se necessário. Ocorreu-lhe que, para um homem tão físico como Teague, obviamente, era, a ação intensa desta jornada áspera através da selva foi provavelmente apenas o que ele precisava depois de semanas de inatividade forçada. Melhor esperar que Teague colocasse para fora, Krisa, ou você pode ver algum outro tipo de ação intensa, esta noite, alertou a pequena voz. Krisa empurrou-a.

— Por que nós temos que chegar ao rio ao cair da noite? — Ela perguntou de novo, na esperança de obter uma resposta direta.

Teague fez uma pausa mais para tomar um longo gole do frasco da garrafa de plástico de água e nutrientes que eles tinham trazido com eles do navio. Ele ofereceu a Krisa que balançou a cabeça. Ela estava com sede, mas queria as respostas primeiro.

— Você realmente quer saber? — Perguntou Teague sério.

Krisa assentiu, sentindo que um arrepio engraçado e frio desceu abaixo em sua espinha novamente.

— Porque você tem um monte de sangue em você, querida, e não estou muito melhor eu mesmo. — Ele apontou para os arranhões filiformes como miríade que cobriam seu grande corpo, alguns deles escorrendo filetes finos de carmesim. — Se não chegarmos ao rio e nos lavarmos antes que ele fique escuro, os soondars vão pegar o nosso cheiro. Se isso acontecer, não terá que se preocupar sobre o corte de mais da fuga, amanhã ou nunca mais.

— Mas... Eu não ouvi as targees fazendo aquele som que você disse antes... — Ela começou. Só então, como se estivessem ouvindo suas palavras, ouviram o

alto, tagarelar preenchido com uma nota de raiva e de advertência que Krisa tinha notado quando Teague apontou primeiro ao saírem.

O grande Feral olhou para cima, as narinas dilatadas brevemente. Krisa viu suas negras segundas pálpebras piscarem para mostrar um vislumbre de prata.

— Isso veio da esquerda, — Disse ele calmamente e cheirou o ar novamente. — Se eles estão entre nós e o rio estamos mortos.

— Oh... — Ela colocou a mão na boca, incapaz de esconder seu medo.

— Krisa. — Ele olhou para ela sério, segurando um ombro delgado em sua mão enorme para enfatizar o ponto. — Estou na trilha cortando como se o próprio diabo estivesse atrás de mim.

— Fique na minha perna e não se atrase - entende?

Krisa assentiu a boca seca demais para responder corretamente.

Teague apertou seu ombro uma vez e, em seguida, virou-se. Ele tomou um novo aperto na enorme faca, o gotejamento na lâmina de prata era um rosa pegajoso e seiva roxa.

— Então vamos!

Capítulo Oito

Teague rugiu à frente dela, e se ela pensou que ele estava indo rápido antes, agora Teague era uma máquina. Seu braço musculoso subia e descia de forma metódica e tão rapidamente que era apenas um borrão no crescente crepúsculo. Krisa lutava para manter suas costas largas à vista enquanto corriam a cortar e cortar seu caminho através da selva alienígena, tentando manter-se à frente do alto grito, selvagem dos targees.

Parecia a Krisa que a nota fina e lamentosa que estava infundida na tagarelice dos minúsculos animais estava ecoando ao seu redor. Isto levantou o cabelo na parte de trás do pescoço dela e enviou um dedo fino, frio de pavor cima e para baixo na sua coluna, mesmo quando a respiração rasgou sua garganta e ameaçou incendiar seus pulmões.

A luz foi ficando mais escuro e mais escuro e ela começou a entender que quando Teague disse, escuridão total ele quis dizer isso no sentido mais literal. Por causa da espessa camada de nuvens em torno da atmosfera do planeta X, quando a última luz do sol se escondia e desaparecia, eles seriam mergulhados numa escuridão que era profunda, escuro como breu. Não haveria lua ou as estrelas acima para orientá-los aqui. A menos que eles chegassem à vista do rio em breve, iriam morrer nesta estranha selva, alienígena, mesmo sem ser capaz de ver o que estava comendo-os.

Atrás dela, tão perto que podia jurar que os animais estavam quase sentados no ombro dela, a vibração fina e lamentosa ressuscitou, em um coro trêmula contra o céu escuro. Nós não estamos indo para torná-lo, pensou Krisa, irremediavelmente. Ainda assim, ela empurrou de qualquer maneira. Se eles iriam morrer, pelo menos eles poderiam morrer tentando fazer algo sobre isso, mesmo que eles só estivessem fugindo.

Em seguida, Teague afrouxou o passo para cair de volta ao seu lado. Krisa viu que eles estavam fora da selva no momento e corriam ao longo de uma estreita faixa de terra irregular, mas clara.

Sua cabeça virou para ela e Krisa conseguiu um olhar embaçado para ele. Suas segundas pálpebras estavam completamente retraídas para que seus olhos brilhassem como prata e como luas gêmeas em seu rosto escuro. Os olhos dele! Ela de repente se lembrou, e a esperança inundou através dela novamente.

Teague seria capaz de ver para onde estava indo, não importa o quão escuro ficava. Se ele iria ficar com ela, se Krisa podia confiar nele para não deixá-la, então ela ainda pode fazer isso.

Mas ela podia confiar nele?

— Chegaremos ao rio em alguns minutos, mas há um desfiladeiro em primeiro lugar. Temos que saltar sobre ele esteja pronta quando eu avisar. — Ele gritou.

Krisa viu com espanto que o grande Feral nem estava respirando muito difícil enquanto ela estava quase ofegando por ar para si mesmo. Teague poderia estar no rio agora se não fosse por mim, pensou. Ele poderia ter estado lá há dez minutos.

Ela perguntou se ele iria perceber que ela estava segurando-o de volta e deixá-la, mas Teague apenas manteve o ritmo ao lado dela. Seus luminosos, olhos de prata examinou o último fio de luz polido circundando o horizonte enquanto corriam. A escuridão se arrastou atrás deles, com fome como qualquer predador.

Em seguida, um som como nada que ela já tinha ouvido na vida dela cortou o ar e encheu a noite. Pois era noite completa agora e Krisa estava correndo cegamente. Era um rugido baixo que retumbou e correu ao longo da terra e vibrou até as solas dos seus pés, quase fazendo-a tropeçar. Mas era mais do que

um som, de alguma forma.

Como a vibração lambeu como uma língua áspera ao longo de sua espinha suada, Krisa também sentiu e ouviu o rugido em sua cabeça. Era um som quente, preto que reverberou dentro de sua mente, retorcendo-se atrás de seus olhos até que ela sentiu que escorriam para fora das órbitas. E Krisa sentiu seus tímpanos se preparando para estourar a partir da força horrível da pressão interna.

— Teague! — Ela engasgou, mas ele saiu em um sussurro ofegante e Krisa percebeu que ele não estava ao seu lado mais. — Teague! — Ela gritou, forçando os pulmões a trabalharem. Se ele a tivesse deixado como isca para as coisas vorazes atrás dela, enchendo sua mente com seu medo grosso e negro? Ela começou a desacelerar, exaustão e pânico tomando seu pedágio em seu cérebro devastado.

De repente, uma mão dura, forte agarrou seu braço pouco acima do cotovelo. — Corra! — Ele gritou em seu ouvido. Eles avançaram para a escuridão, Krisa tropeço de exaustão, enquanto o grande Feral arrastou-a junto. Várias vezes ela tropeçou no terreno irregular e teria ido para baixo, mas a pressão firme em seu braço puxou de volta novamente, salvando-a de ir de cabeça para a terra inflexível e escura.

— Quase hora de saltar. — A voz no ouvido dela era baixa e calma. — Não entre em pânico.

Deu a Krisa esperança, mas agora ela estava quase no fim de sua força.

— Não... sei... se... eu... posso, — Ela disse ofegante. Apenas o esforço de tentar se comunicar a estava deixando tonta. Seus pés tropeçaram mais uma vez e desta vez quando sua mão deu uma puxada, Krisa não teve a força para fazê-los se moverem.

— Não há tempo para isso, aqui. — De repente, ela foi arrastada para um par de braços enormes. Teague a jogou sobre um ombro largo como um saco, a

cabeça pendendo para baixo atrás dele.

Havia um sentimento de solavancos e, em seguida, seu ritmo nivelado e sua velocidade começou a aumentar enquanto corria na completa escuridão.

Krisa reuniu a força para levantar a cabeça e viu um par de luzes roxas brilhantes que se encandeavam ao longo atrás deles na noite negra. As luzes piscaram por um momento e então veio novamente e ela percebeu com uma espécie de fascinação doentia que eram olhos, os olhos cheios de uma ameaçadora inteligência, predatória que Krisa nunca tinha visto em um animal antes.

Logo atrás de nós, Oh, Deusa. Bem atrás de nós! Ela pensou desconexa. De repente, eles estavam no ar e por uma fração de segundos Krisa pensou que eles estavam de alguma forma voando.

Eles vieram para baixo com um baque e solavancos que a teria desalojado se Teague não tivesse tomado um aperto tão firme em suas coxas superiores. Em seguida, eles foram cair em um abençoado frescor molhado que ele estava dizendo: — Tudo bem agora, Krisa. Eles não vão nos seguir aqui. Perderam o nosso cheiro e eles não gostam de água. — Então, apesar da água descontrair seu corpo superaquecido ela estava fora.

*** * * * ***

Quando ela acordou, Krisa se perguntou por que ela estava tomando banho com suas roupas e por que tudo estava tão escuro. Em seguida, duas luas prateadas apareceram no céu acima dela e ela percebeu o que deve ter acontecido. Estava de volta a Capellia com as luas duplas acima dela no céu noturno. Furtivamente para fora outra vez em um desafio com Tisha Romella, pensou. Sair do dormitório tudo bem, mas por que estou tão molhada? Choveu? Madame Ledoux vai estar tão zangada se eu deixar uma pista de água em todo o Grande Salão e ela vai saber que foi eu...

— Krisa, você está bem? — A voz vinha de algum lugar perto de sua orelha. Foi um estrondo preocupado que vibrava na cabeça, mas de uma forma agradável, não com o gosto horrível, do rugido invadindo sua mente do soondar. Soondar!

Tudo veio de volta em uma inundação. Ela lutou até que os braços que a seguravam a deixaram ir e, em seguida, Krisa estava mergulhando mais profundamente na umidade alienígena. E algo com sabor doce de água com uma pitada metálica de cobre, como uma mancha de sangue, encheu sua garganta enquanto ela se debatia na escuridão.

— Calma, vá com calma. — A voz que Krisa reconheceu como de Teague soou em causa. Mãos fortes pescando-a para fora da água gananciosa enquanto ela tossiu e engasgou, tentando obter o gosto de sangue doce e enjoativo fora de sua boca.

— Não consigo ver, — Ela suspirou, finalmente encontrando seus pés. Eles estavam de pé na parte rasa do rio. Ela estava apenas até a cintura, mas a corrente a estava puxando ela poderia facilmente arrastá-la para fora mais longe se Teague a deixasse ir. Krisa sentiu um puxão de fome e ouviu a borbulhante risada profunda, como uma outra entidade na escuridão sólida, mas não podia ver nada. Era como se ela estivesse de repente ficado cega, como se alguém tivesse pintado sobre seus olhos enquanto ela não estava olhando.

— Não me deixe ir, — Disse ela, tentando segurar os fortes pulsos que estavam segurando seus ombros. Ela os encontrou e apertou com a força do pânico. — Não... só não me deixe ir, Teague.

— Eu não vou. — A voz profunda era estranhamente suave e, em seguida, a mão enorme encontrou a dela.

— Vamos, garotinha, já é tempo para sair do rio. — Ele puxou sua mão. Krisa tentou seguir, mas ela tropeçou na escuridão novamente, indo até os

joelhos na água fria, correndo.

Sem dizer uma palavra, Teague virou-a em seus braços e ela estava sendo levada novamente embora de uma forma muito mais digna do que tinha sido durante a sua corrida para o rio. Duas luas de prata pairavam em algum lugar acima de sua cabeça na escuridão morta de seus olhos.

Sem pensar nisso, Krisa passou os braços ao redor do pescoço com fortes tendões e deixou a cabeça descansar no ombro largo. Ela ouviu o estrondo de algo sobre o acampamento, mas mal registrou. Sabia apenas que o terror de sua pequena corrida e a desorientação do mergulho a levaram a um estado de exaustão para além de qualquer coisa que nunca tinha sentido antes. Eu não estou cega, porém, ela pensou, tranquilizando-se. — Enquanto eu ainda posso ver seus olhos. Eu não estou cega.

Por um tempo desconhecido, ela dormiu.

Ela acordou uma vez no meio da noite ao lado de um fogo moribundo que fez pouco para perfurar a escuridão circundante. O cobertor debaixo dela estava úmido e ela também.

Krisa estremeceu convulsivamente com um súbito arrepio. Então ela percebeu que havia uma fonte de calor atrás dela, bem como, uma que parecia oferecer garantia mais sólida do que as pequenas chamas em frente a ela.

Ela se aconchegou de volta contra algo firme e quente e foi recompensada de uma só vez por um delicioso calor que parecia penetrar seus ossos. Um movimento profundo, rítmico a embalou de costas para dormir. Pouco antes de ela cair sob as ondas de inconsciência de novo, um braço grande, musculoso puxou-a ainda para mais perto da fonte de calor, envolvendo-a com segurança para mais perto.

Capítulo Nove

— Acorde garotinha, temos um longo caminho a percorrer.

A voz profunda invadiu seu sonho, mas Krisa não se importou.

Estava tendo o sonho perturbador novamente, sobre o homem sem rosto que a tocou. Esse sonho sempre a deixou se sentido quente e estranhamente inquieta, durante a maior parte do dia, depois que acordava.

Abriu os olhos para a luz bronze silenciosa que se difundia através das nuvens do Planeta X e se encontrou em um cobertor ligeiramente úmido, perto dos restos de uma fogueira apagada. Eles estavam em uma pequena clareira, de volta a selva e o borbulhar de água corrente vindo da esquerda, lhe disse que o rio não estava muito longe.

— Que horas são? — Perguntou automaticamente e então percebeu que era uma pergunta boba.

— Deixa para lá... Oh-este chão é duro! — Gemeu, levantando-se rigidamente.

— Desculpe-me por não ter tempo para fazer-lhe uma cama macia e agradável de musgo e folhas, princesa... — Teague retumbou.

O comentário foi sarcástico, de uma maneira que estava começando a conhecer como tipicamente "*Teague*", mas Krisa pensou ter visto os cantos de sua boca cheia se contraírem um pouco, enquanto ele falava.

Ele estava do outro lado do fogo apagado, remexendo em sua mochila. Observou que as linhas vermelhas finas e arranhões que tinham decorado sua pele escura no dia anterior, já estavam curados. Talvez fossem os efeitos da água

do rio?

Krisa olhou para seus próprios braços, esperançosamente, arregaçando as mangas brancas da camisa de Percy ao fazê-lo. Ainda estava coberta de arranhões e contusões da fuga e de seu encontro com o Capitão Ketchum no dia anterior. Não é a água então. Já os dois incidentes pareciam muito distantes, tão distantes como se tivessem acontecido semanas atrás ou para alguém completamente diferente.

Era impossível sentar-se a de luz ouro quente e escura caindo do céu bronze e pensar em como tinha sido sua vida há menos de uma semana. Podia sentir o aroma exuberante, pungente da selva e o gorjeio musical, a conversação e a vibração acontecendo ao seu redor, com a ondulação fraca do rio se sobrepondo a tudo, enchendo seus ouvidos.

Uma leve brisa agitava as cores suaves, mas ainda vivas da vegetação alienígena em torno deles, em todas as direções. Era outro mundo, decidiu Krisa, a vida que tinha abandonado a bordo da Princesa das Estrelas. Uma que tinha certeza, de não sentir falta.

Não que a nova, onde se encontrava fosse perfeita de qualquer forma, apesar de sua estranha beleza. Quando tentou se esticar, sentiu-se rígida e dolorida. Era como se alguém a tivesse jogado sobre uma linha e a dobrado, da maneira que costumava bater os enormes tapetes do Grande Salão a cada sete dias, no Briar Rose. Soltou um gemido involuntário.

— Dolorida? — Teague perguntou, achando o que estava procurando no saco de viagem, um tubo de pasta de nutrientes.

Krisa assentiu e depois estremeceu com a dor aguda no pescoço.

— Tudo por causa da corrida que fizemos ontem. Não estou exatamente acostumada com isso! — Admitiu com pesar.

— Você quer dizer que eles não ensinam habilidades de sobrevivência na selva e corrida de longa distância em Briar Rose?

A boca cheia mostrou uma pitada de diversão novamente e Krisa decidiu não responder. Ele só iria rir dela, se lhe contasse sobre a caminhada semanal na natureza, que nunca sequer se estendeu além das terras de Briar Rose ou as incursões de coleta de flores silvestres que faziam em cada primavera.

— Estou rígida em toda parte! — Era tudo o que ela diria. — E me sinto toda suja e desagradável de dormir nas minhas roupas... — Acrescentou com desgosto.

As roupas de Percy estavam de algum modo, ainda mais desconfortáveis hoje, como resultado de terem sido molhadas completamente e forçadas a secar em seu corpo. As calças pareciam pequenas agora e a camisa branca Oxford estava abaulada onde tentou cobrir os seios cheios, ameaçando estourar um botão a qualquer momento.

— Pensei que você preferia dormir nelas do que me deixar tira-las de você. — Teague disse secamente, pegando um outro tubo de pasta nutriente e jogando-o para ela.

Krisa corou e quase se atrapalhou com o tubo.

— Não quis dizer..., é só que elas encolheram e agora... — Ela parou.

— Posso ver isso. — Comentou Teague, olhando incisivamente para os globos de seus seios, empurrando contra a camisa branca.

Krisa sentiu seus mamilos tornarem-se duros, destacando-se contra o material grosso, quase como se seu olhar sobre ela estivesse fazendo seu corpo reagir como se tivesse sido tocado. Queria cruzar os braços sobre o peito e esconder-se, mas tinha medo que ele riria dela. Depois de um momento, Teague baixou os olhos, que estavam encapuzados em preto novamente e voltou para o

seu tubo de pasta.

Olhando para o dano que ser mergulhada no rio tinha feito com suas roupas, Krisa de repente se perguntou sobre o efeito da água do rio sobre o resto de seus escassos bens. Seu cabelo estava solto ao redor de seus ombros, em uma massa de cachos escuros, mas o prendedor de cabelo ornamentado estava jogado sobre o cobertor ao lado dela. Teague o deve ter removido na noite anterior. Tudo em seus bolsos dianteiros estava bem, além do cronômetro e joias que o Senhor Radisson lhe dera. Ele parecia ter parado de correr. O holo-vídeo de sua mãe estava bem – Obrigado a Deusa que era à prova d'água, mas... *O Certificado!* Krisa alcançou apressadamente o bolso de trás das calças de Percy e voltou de mãos vazias.

— Está aqui mesmo, querida. Não entre em pânico.

A voz de Teague foi baixa e ilegível quando ele lhe entregou o documento dobrado e amassado através do fogo morto.

Krisa o tomou agradecida.

— O sequei para você. — Disse ele. — Pensei que você poderia desejá-lo. Eventualmente...

Foi o mais perto que ele chegou de dizer, que a ajudaria a voltar para casa, para onde pertencia. Ouvi-lo dizer isso, afrouxou o apertado nó de preocupação que Krisa estava carregando em seu intestino, desde que tinha deixado o navio e partido para lugares desconhecidos, pelo menos desconhecidos para ela, nesta selva.

— Obrigada! — Krisa olhou com gratidão para os olhos vazios e negros e depois de volta para seu Certificado de Virgindade.

Ele obviamente, tinha sido por alguns momentos, difícil e ainda a era. Isso trouxe a sua mente, a noite anterior em detalhes vívidos. A corrida pela selva, a

maneira como Teague poderia tê-la deixado e não o fez. Todas as coisas que ele poderia ter feito e que não o tinha.

—Teague. — Disse, e ele olhou para cima novamente.

— Obrigada! — Disse, dobrando o documento muito amassado e guardando-o firmemente no seu bolso de trás.

— Não apenas por isso, mas pela noite passada. Você poderia ter me abandonado.

— Mas não abandonei — disse ele categoricamente.

Krisa esperou, mas depois de um tempo, percebeu que era tudo o que ele estava preparado para dizer.

— É melhor comer a sua pasta, nós temos um longo caminho a percorrer hoje. — Disse Teague depois de um tempo.

Krisa provou-a, fazendo uma careta ao sabor suave do material. Mas comeu obedientemente, sabendo que tinha energia e nutrientes suficientes para mantê-la em movimento durante todo o dia. Na primeira mordida, percebeu o quanto estava faminta.

— Para onde estamos indo? — Conseguiu perguntar entre garfadas.

Teague terminou a sua própria pasta e colocou o tubo de volta em sua mochila.

— Há uma vila não muito longe daqui. Esse é o nosso primeiro objetivo.

— Vila?

O coração de Krisa começou a bater com mais força. Selvagens... Cerimônias religiosas e rituais bizarros... Canibalismo, a voz de Ketchum sussurrou na parte de trás de sua cabeça. É claro, o bom capitão tinha mentido e

exagerado muito, Krisa lembrou. Então, novamente, ele não tinha mentido completamente. Sentia-o debaixo do pesado emaranhado de cabelos, onde esfregou a protuberância na parte de trás de seu pescoço.

— E as pessoas que vivem aqui são... normais? — Perguntou ela a Teague com uma voz suave, meio com medo de alguns deles poderem estar à espreita nos arbustos, ouvindo sua conversa.

O grande feral jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

— Normal? Olhe com quem está viajando, querida! Você me consideraria normal?

— Não é isso o que quero dizer e você sabe disso! — Krisa se irritou. Estava cansada dele encontrar defeito em tudo o que fazia e disse zangada. — Você já esteve aqui antes, mas eu não tenho nem ideia. Ouvi algumas coisas muito assustadoras sobre os nativos do Planeta X. Só quero saber o que esperar.

Teague ficou sério.

- Eles são humanoides. — Disse ele. — E, para as coisas assustadoras que você escutou, basta lembrar que ouviu algumas coisas muito assustadoras sobre mim também e não matei você, ainda...

Ele lhe deu aquele sorriso branco e afiado que fez Krisa se sentir insegura de novo.

— Lhe direi mais sobre os Yss, quando chegarmos um pouco mais perto. Seria inútil assustar você agora.

Ele se levantou e empurrou o pacote, a faca pronta na mão. A lâmina brilhava à luz bronze.

— Mas...

— Vamos. Não me importo o quão dolorida você está, garotinha, espero que você possa seguir. Gostaria de estar na aldeia, antes que fique escuro por completo e já é final da manhã.

Seus olhos negros esquadrinharam o céu bronze como se estivesse rastreando a posição do sol invisível.

— Vamos.

Pela segunda vez, Teague parou para examinar o chão enquanto eles abriam caminho por entre a vegetação pastel. Krisa sabia que algo estava errado. Na terceira vez, ela conseguiu pegar um vislumbre de algo que parecia uma depressão em um pequeno pedaço de terra lamacenta, era uma pegada. Uma pegada do tamanho de sua cabeça.

Krisa puxou a parte de trás do top preto irregular de Teague, para impedi-lo de recomeçar a andar.

— Teague. — Disse ela calmamente. — Diga-me, por favor.

— Os soondar. Estão nos seguindo, — Disse ele brevemente. — Circulando ao redor, mas não chegarão muito perto, enquanto estiver claro.

A espinha de Krisa arrepiou com um medo frio, enquanto se lembrava dos enormes olhos roxos na escuridão e o som escuro e tenebroso em sua mente, que ameaçava rasgar a cabeça, como uma mão flexionando o punho.

— Mas os soondar... — Ela protestou fracamente. — Nós não temos os ouvido.

— Essa é a única boa notícia, amada. Soondar não dão alarme, a menos que seja uma manada. Há apenas um nós seguindo, talvez dois. Provavelmente um casal.

— Apenas um... — Disse ela fracamente. — Dois no máximo. Claro, não

há problema.

— Não chegaremos à aldeia esta noite. — Teague disse pensativo. — Mas se me lembro bem existe outro rio, mais como um fluxo realmente, a meio caminho dos arredores da aldeia. Acamparemos lá hoje à noite e construiremos uma grande fogueira. Ficará tudo bem. Vamos lá! — E ele retomou a trilha, cortando as folhagens.

Krisa não sabia se estava mais aliviada sobre o seu encontro com os Yss, como Teague tinha chamado os nativos do Planeta X ou mais perturbada sobre passar mais uma noite ao ar livre, especialmente agora que eles sabiam que estavam sendo rastreados. Mas, a ela, não estava sendo dada muita escolha.

Para seu alívio, ouviram o som, o lindo som da água, muito tempo antes que o céu ficasse escuro. Depois de terem feito um lugar no meio de uma pequena clareira para o seu fogo, Krisa decidiu que queria se lavar rapidamente no fluxo estreito. A água era de uma cor rosa pálido, o que a lembrou perturbadoramente de sangue diluído, mas estava quente, suada e dolorida e queria lavar a sujeira de sua caminhada pela selva. Teague, no entanto, se recusou a deixá-la tomar banho em privacidade.

— Me recuso a tirar a roupa na sua frente! — Krisa reclamou.

Seu temperamento estava a flor da pele, uma vez que se via ao redor do enorme feral. Estava cansada e quente e só queria se lavar, sem ter que se preocupar com nada... Nada impróprio acontecendo. *Por que ele não podia deixá-la*?

— Então você não vai tomar um banho! — Teague respondeu levemente, mas ela podia ver as cintilações de prata em seus olhos, atrás da segunda pálpebra preta. — Nós sabemos que há pelo menos um, talvez dois soondar em nosso caminho. Você ir lá sozinha e desprotegida, é como colocar uma grande placa que diz *“primeiro prato”* em torno de seu lindo pescoço. Ou *“aperitivo”*

no seu caso, duvido que você seria mais do que um lanche, para um soondar adulto.

— Pensei que você havia dito, que eles não caçariam até o anoitecer... — Krisa disse em tom acusador, mãos fechadas em punhos, em seus quadris.

— A caça é uma coisa, ter a sua refeição entregue numa bandeja de prata é outra, amada — Ele rosnou. — Do que você tem medo, afinal? De que verei o seu doce corpo nu e ser incapaz de conter meu desejo animalesco? Acha que vou jogá-la ao chão e ter o meu caminho com você?

Quando ele disse isso assim, soou ridículo. Mas na verdade, era exatamente com o que Krisa tinha estado preocupada.

— Apenas não é adequado... — Murmurou, sentindo suas bochechas se tornarem escarlate. O cenário que ele mencionou, lhe ocorrera em detalhes vívidos mais de uma vez, enquanto observava suas costas largas e as ondulações flexíveis dos músculos, enquanto o seguia no meio do mato.

— Ouça, garotinha, se eu quisesse estuprá-la, já poderia ter feito isso. — Ressaltou, dando um passo mais perto de modo que se ergueu sobre ela.

Krisa se manteve firme.

— Na verdade... — Teague levantou uma mecha de cabelo castanho encaracolado que tinha se soltado de seu prendedor de cabelo e o cheirou, esfregando-o ao longo de sua bochecha que estava espessa com a barba preta azulada. — Poderia ter feito isso, mesmo sem você saber. Ontem à noite você estava apagada, duvido que tivesse acordado mesmo se um soondar mordesse sua mão. Como você sabe que não o fiz, então?

Krisa se afastou dele, um medo súbito florescendo dentro de seu peito. Tinha uma memória muito vaga de ser envolvida por um par de braços musculosos, de dormir de costas para o peito largo, quente. Mas quando tinha

acordado naquela manhã, Teague estava do outro lado do fogo e tinha assumido que era mais um dos seus sonhos perturbadores. Agora tinha que saber.

Olhou para o rosto escuro do grande feral. Nos olhos impassíveis, não encontraria qualquer pista. Certamente, se ele tinha feito, iria sentir-se diferente de alguma forma. *Não é*?

— Se... você tivesse feito isso. — Disse devagar, tentando avaliar sua reação às suas palavras. — Me sentiria diferente hoje, não sentiria? Quer dizer, tenho certeza que seria capaz de dizer se você... Não estaria ferida? — Perguntou, seus olhos piscando desesperadamente, para o grosso vulto na virilha de suas calças pretas.

O olhar em seu rosto escuro ficou um pouco menos vazio e Krisa pensou ter visto uma mistura de diversão e algo mais cintilou brevemente em seus olhos.

— Sim, garotinha, se transasse com você, você saberia mais tarde. — Ele rosnou.

Krisa se encolheu com a palavra grosseira. Mesmo à meia-noite no dormitório, quando tinha certeza de que ninguém podia ouvi-la, não se atreveu a proferir este palavrão em particular.

O olhar em seu rosto deve tê-lo irritado, porque Teague de repente, rosnou para ela. Dando um passo para fechar a distância entre eles, agarrou seus ombros em ambos as mãos, os dedos cravados em sua carne quando olhou para ela. Seus olhos brilharam como prata aquecida.

— Oh, essa palavra ofende sua sensibilidade Deusa da censura e do decoro, não é, Krisa? Bem, deixe-me dizer-lhe algumas coisas, este é o Planeta X, não o Planeta da Noiva. Estamos no meio da porra da selva, não em uma escola de aprimoramento para senhoras muito refinadas e elegantes, caso você não tenha notado. Estou aqui tentando nos manter vivos, então me perdoe se não estou muito preocupado com o seu senso de decoro. Aqui fora, na selva, é mais

provável que você seja morta, do que arranje um marido rico. Então sugiro que esqueça isso por um tempo. Compreendeu?

— Entendo perfeitamente. Agora tire suas mãos de mim!

Krisa ficou surpresa com a voz fria que saiu da sua boca. Suas palavras enviaram uma corrente de calor através de seu sistema, o temperamento dele provocando o seu, como foi o tempo todo.

Teague deu uma pequena sacudida e depois a soltou com um grunhido frustrado.

— Olha, disse que não te estuprarei. Acredite ou não, apesar do meu registro criminal, consigo me controlar.

— Bem, você não pode me culpar por estar preocupada. — Krisa retrucou de volta para ele, esfregando os ombros doloridos e recuando um passo. — Quase fui estuprada duas vezes, no último mês.

— Mas não por mim.

Sua voz era um profundo estrondo irritado, que vibrou através dela, fazendo-a sentir como se seus ossos chocalhassem.

— Está ficando escuro e preciso fazer uma fogueira, se você não quer ser um lanche soondar. Portanto, decida agora, Krisa. Quer um banho ou não?

— Tudo bem. — Ela cuspiu.

Virando as costas para ele, rapidamente desabotoou a camisa branca suja e deixou-a cair, em seguida, desabotoou as calças e deslizou para fora delas também. Deu um pontapé para sair de seus sapatos e sentindo-se muito consciente de seus olhos em seu traseiro nu, entrou no fluxo na altura da cintura e começou a se lavar o melhor que pôde.

Submergiu-se até o pescoço na corrente, se acostumando com a água fria. Depois de um tempo, mergulhou a cabeça e deixou a água rosada correr através de seus longos cachos castanhos, fazendo-os parecer uma nova espécie de erva daninha na água, à medida que deslizavam na corrente viva. Apesar de um pouco desagradável, o sabor doce-sangue da água, parecia ter um tipo de condicionador natural nela. Krisa, cujo cabelo naturalmente encaracolado tinha sido sempre uma espécie de teste para corrigir, teve que admitir que seus cabelos castanho-chocolate nunca tinham estado mais sedosos ou administráveis.

Enquanto se banhava, podia sentir os olhos de Teague nas costas. Temia ter que se virar e encará-lo de frente e nua, mas viu que não tinha muita escolha.

Sair da água seria um tanto ridículo e perigoso. Se caísse, porque não conseguia ver onde estava indo, seria doloroso também.

— Você já terminou?

Sua voz profunda estava mais perto do que esperava e a pele de Krisa arrepiou mais com calafrios de medo e surpresa. Podia sentir seus mamilos, já endurecidos pela exposição à água fria, contrair dolorosamente apertado. Colocou os braços em torno de si, tremendo.

— Quase! — Disse com tanta dignidade quanto podia.

Nervosa, preparou-se para o inevitável. Virou-se e o olhou diretamente nos olhos. Teague estava em pé na margem do rio, segurando uma manta estendida entre as mãos, esperando por ela. Havia um olhar impassível em seus olhos negros.

Por um longo momento, segurou aqueles olhos com os dela. Krisa sabia que devia apressar-se o mais rápido possível e envolver-se modestamente no cobertor. Mas algo subiu dentro dela, uma espécie de orgulho, um desejo de desafiar suas expectativas.

Respirando fundo e ignorando o sentimento de pânico na boca do estômago, deixou cair os braços e ficou em silêncio, esperando. As pálpebras pretas piscaram de volta para revelar a prata pura, brilhando, enquanto Teague olhava seu corpo nu, pingando. Seus longos cabelos desciam por suas costas e gotas da água rosada se agarraram ao ápice suavemente arredondado de sua vagina, as curvas completas de seus seios e os bem salientes botões rosados de seus mamilos.

— Gostou do que você está vendo? — Krisa perguntou desafiadoramente.

Seu coração batia contra as costelas e tinha dificuldade em respirar profundamente, mas estava determinada a não deixar Teague saber o quanto aqueles olhos de prata em seu corpo nu, a deixavam nervosa. O calor de seu olhar parecia começar um fogo dentro dela de alguma forma, e ainda podia sentir sua pele pálida e cremosa corando em um tom rosado, mas ainda assim se manteve firme.

Dentro de sua cabeça, as vozes de seus instrutores de Briar Rose desapareceram e estavam estranhamente silenciosas, talvez tenham desmaiado da pura impropriedade de seu ato, Krisa especulou. Era um fato bem conhecido, que uma verdadeira dama não deixava qualquer homem, mesmo o marido, vê-la completamente despida. Isto simplesmente não era feito. Acho que não sou uma verdadeira dama então, pensou Krisa, desafiadoramente. Era difícil acreditar que no dia anterior tinha tido discussões sobre o direito de trazê-la de espartilho e usar um vestido na selva para evitar a impropriedade, mas recusou-se a pensar sobre isso agora.

— Bem? — Perguntou de novo, porque Teague ainda não tinha respondido.

Ele respirou fundo e deixou seus olhos deslizarem por seu corpo mais uma vez.

— Venha até aqui, Krisa. — Ele rugiu finalmente, balançando o cobertor

para dar ênfase. — Está ficando escuro e ainda preciso fazer uma fogueira.

Sentindo de uma forma estranha, que tinha feito seu ponto, Krisa subiu a margem e permitiu-lhe jogar o cobertor sobre os ombros. Virou as costas para ele novamente, enquanto se secava e se vestia.

— Você não deveria ter feito isso. — Disse ele atrás dela, sua voz profunda e grave vibrando através dela, enquanto penteava seu cabelo úmido com os dedos.

— Mas eu fiz! — Krisa lhe respondeu à sua maneira oblíqua.

Estava pensando no beijo que tinham compartilhado a noite no porão, enquanto Teague ainda estava na cadeia. Se fechasse os olhos, ainda podia lembrar o sabor selvagem daquele beijo, que permaneceu em seus lábios depois. Uma das meninas em seu dormitório, Mazy Engelton, uma vez recebeu um pacote que continha doces vindos da Velha Terra. O doce tinha um sabor doce, picante que era deliciosamente único. Canela, este era o nome dele, Krisa lembrou.

Esse tinha sido o sabor do beijo-selvagem de Teague, doce e forte.

— Não deveríamos fazer uma fogueira? — Perguntou, virando-se para enfrentá-lo finalmente.

Os olhos de Teague brilharam prata e depois voltaram para o preto opaco.

— Você precisa observar a si mesma, garotinha. — Ele rosnou em advertência. —Há tanta coisa que posso tomar.

Ele se virou e se afastou, deixando-a seguir.

Ajudou Teague a recolher varas pastel secas e formou uma braçada. Como no mundo ele conseguiu na noite anterior, enquanto ela estava com frio e Teague teve de carregá-la, e fazer uma fogueira? Provavelmente apenas me pendurou no

ombro novamente e continuou indo, pensou.

Sua imensa resistência física ainda era um ponto de espanto para ela, do jeito que ele só ficava indo e indo sem nunca parecendo precisar de uma pausa. Será que isto tem algo a ver com sua herança feral ou era apenas a maneira como Teague era? Krisa nunca tinha conhecido ninguém com mais força de vontade e determinação para sobreviver. Mas então, ela pensou com um pequeno estremecimento, essas seriam qualidades necessárias para se manter vivo tanto como um escravo, como na prisão.

Ainda estava confusa sobre porque agiu da daquela maneira no rio. A memória daqueles olhos de prata em seu corpo nu, a fez sentir-se corada e incerta sobre si mesma. Não pense sobre isso, disse a si mesma com firmeza. O que está feito não pode ser desfeito. Sim, mas é melhor não o fazer novamente.

Há tanta coisa que posso tomar, Teague tinha dito. A memória do calor que veio de seus olhos e irradiando em seu corpo grande, quando ele disse que era o suficiente para a fazer tremer novamente, mesmo enquanto tentava tirar o incidente de sua mente.

Krisa despejou sua última braçada na pilha pastel crescente, viu algo que a fez sorrir e de repente caiu na gargalhada. A pilha de gravetos rosa e roxo e azul bebê, se tivesse sido colocada ordenadamente e tivesse fitas e laços para combinar, teria ficado muito bem para arranjos florais secos em uma das aulas de Madame Perot.

Madame Perot era a instrutora de arte em Briar Rose. Ela era uma pequena senhora, com um rosto como uma fruta enrugada e cabelo que foi tingido de um preto dramático. Krisa podia ouvir sua voz alta nasal, flutuando em sua cabeça dizendo: *“— Agora classe, a atribuição de hoje é fazer um arranjo magnifique de videiras secas da selva. Vocês serão responsáveis pela coleta de seus próprios materiais para este projeto, então emparelhem-se e tenham em mente que se vocês se afastarem muito, pode ter um soondar voraz na vizinhança.”*

— O que é tão engraçado?

Teague deixou cair sua consideravelmente maior carga de madeira e gravetos ao lado dela e deu a Krisa um olhar interrogativo.

— Nada, — Ela disse, ainda sorrindo um pouco. — Eu estava pensando sobre de onde vim e o que toda a gente de Briar Rose pensaria se pudessem me ver agora. Parece apenas tão bizarro que esteja aqui com você.

— Em vez de estar de volta a Prime, ao lugar a que pertence, se preparando para se casar com seu senhor e futuro mestre? — Terminou por ela, em um tom levemente zombeteiro e começou a acender o fogo.

Pelo menos o seu senso de humor estava de volta, Krisa refletiu. Estava feliz, porque ele aliviou um pouco a tensão entre eles. Poderia ter ficado sem sua observação sobre o Senhor Radisson e da vida que estava esperando por ela na Lynix Prime, no entanto.

— Não, — Disse tão levemente quanto podia. — Não estava pensando nisto tudo. Só estava pensando que é tão estranho e diferente aqui. Portanto, o contrário de qualquer coisa que nunca fui treinada em Briar Rose e ainda... — Ela ficou em silêncio por um momento, olhando para as chamas lambendo a pilha de lenha.

— E, no entanto. — Teague solicitou suavemente.

Krisa olhou para ele e ficou surpresa ao ver o interesse genuíno em seu rosto. Era quase crepúsculo e a segunda pálpebra preta havia se retraído para mostrar os seus luminosos olhos de prata. Eles estavam mais brandos do que quando tinham deslizado sobre seu corpo, mais abertos de alguma forma.

— E, no entanto, — Krisa disse lentamente. — É quase como se toda a minha vida até este ponto tivesse sido uma espécie de, não sei..., uma espécie de sonho. Eu me sinto como se nunca estive realmente viva até agora. Acho que

isso parece loucura.

— Não. — Teague disse, mas não deu mais detalhes.

Ele não estava zombando dela, porém, o que na opinião de Krisa foi uma grande melhora. Ele começou a cavar na mochila e jogou um tubo de nutri-pasta. O pegou com folga e sentou-se no cobertor que tinha espalhado ao lado do fogo. Teague estava sentado em frente a ela e eles comeram a pasta de mau gosto em silêncio por um tempo.

— Costumava tirar o bloqueio do meu dormitório e sair à noite, em Briar Rose...

Krisa disse com ar sonhador, olhando para o fogo crepitante.

— Não ia a qualquer lugar, porque não havia nenhum lugar para ir, esperava apenas o aparecimento da lua. Era a única vez que me sentia livre, mas não era realmente. E nunca serei, até tirar este chip do meu pescoço.

— Mesmo assim, você se juntará a Lorde Radisson. — Teague apontou em sua voz retumbante de profundidade. — Acha que você gostará disso?

Krisa olhou para o fogo e para ele, mas o olhar em seu rosto escuro estava completamente impassível.

— Pode não ser tão ruim... — Disse ela cautelosamente depois de um tempo. — Afinal de contas, é o que tenho treinado toda a minha vida.

— Fui treinado para ser um escravo a maior parte da minha vida. — Teague disse sem emoção.

A luz do fogo tinha feito com que sua segunda pálpebra descesse e Krisa podia ver as chamas dançando espelhadas nas profundezas negras de seus olhos ilegíveis.

— Você já se juntou? — Perguntou, decidindo passar sobre sua última declaração. A luz do fogo a fazia se sentir sonolenta e sem vontade de discutir.

Teague pareceu considerar por um tempo, mas, finalmente, ele disse: — Sim. — Em um tom que a fez perceber que nenhuma outra informação seria dada sobre o assunto, a menos que ela pressionasse.

— Você a ama? — Perguntou Krisa, tentando imaginar um Teague mais jovem, mais suave, mas era quase impossível de se fazer.

— Você ama o Senhor Radisson? — Ele rebateu, respondendo a sua pergunta com uma questão.

Krisa franziu a testa, considerando.

— Não sei, — Disse ela, pensando nos holo-vídeo e nas imagens por ele sempre enviadas. Elas mostraram um homem alto, magro, com cabelos grisalhos e um cavanhaque bem cortado e bigode. Ele estava geralmente vestido em um terno caro e cuidadosamente postado na frente da sua propriedade rural ou sua limusine negra ou a sua valiosa coleção de artefatos artesanais, ou alguma outra propriedade cara e valiosa.

O Senhor Radisson era um colecionador de coisas raras e belas e Krisa sabia que se tornaria parte de sua coleção, logo que o contrato fosse assinado, juntaria apenas mais uma aquisição valiosa.

— Ele possuirá meu contrato para sempre. — Disse suspirando e cutucando uma vara rosa pálido no fogo para ver as faíscas voando para cima na escuridão aveludada. — Ele mandou-me um holo-vídeo, logo depois de ter me escolhido e disse que tinha estado à procura de uma esposa por um longo tempo.

— Disse que no minuto em que viu minha imagem no Rose Garden, que é o nome da web interestelar de Briar Rose, que sabia que eu era a única para ele. Tinha apenas treze anos na época. — Suspirou.

— Então, eu sempre soube que me casaria com ele, mas de alguma forma o Senhor Radisson parecia ser apenas um sonho, como algo que realmente nunca vai acontecer. Então, de repente, estava na Princesa das Estrelas e foi se tornando uma realidade. Acho... Mas me sinto um pouco aliviada, de uma forma que ainda não entendo. — Ela terminou em voz baixa.

— Não soa muito parecido com o amor verdadeiro para mim. — Teague retumbou. Krisa podia ver que ele estava sorrindo para ela de uma forma divertida através do fogo.

— Bem, como poderia amar um homem que nunca conheci? — Perguntou, sentindo-se irritada.

— Sempre me enviou presentes maravilhosos nos meus aniversários e solstício de inverno. Muitas das outras meninas em Briar Rose ficaram com inveja de mim, mas nunca me senti real. Ele era simplesmente como algum tio velho e gentil que me enviou coisas bonitas e agradáveis e holo-vídeos o tempo todo.

— Se encontrar uma maneira de levá-la de volta para Prime, a etiqueta de preço de todas aquelas coisas bonitas, será cobrada. — Teague apontou, se deslocando mais perto do fogo. — Você terá que dormir com o velho Lorde Radisson, já pensou sobre isso?

Krisa corou, sentindo suas bochechas queimarem vermelho com as palavras dele.

— De vez em quando, — Ela admitiu finalmente. — Mas não muito. Há mais para se pensar, do que isso. Tem de manter sua casa em ordem e ser uma boa anfitriã nas festas

— Odeio quebrar suas ilusões, querida, mas isto, como você diz, é uma grande parte da adesão.

— Não são muitos os homens que estão dispostos a pagar o preço de um bilhete interestelar de Capellia a Prime Lynix para adquirir uma boa anfitriã. — Teague disse secamente. — Mas acredito que você não está olhando exatamente para a parte do pagamento do flautista quando chegar a hora. — Ele arqueou uma sobrancelha preta para cima, com um sorriso sardônico brincando nos cantos de sua boca cheia.

Krisa franziu a testa e tentou manter a voz firme.

— Como sei se é algo para aguardar ou não? — Perguntou. — Você sabe que eu nunca...

— Fez amor? — Terminou por ela em voz baixa. Sua escolha de palavras a surpreendeu.

Krisa assentiu, deslocando-se no cobertor. Dobrou os joelhos e colocou os braços ao redor das pernas de forma protetora.

— Não sei se gostarei ou não. — Disse ela em voz baixa. Estava pensando nas aulas de educação sexual que todas as meninas de dezessete anos e mais, assistiam duas vezes por ano.

O curso era ministrado pela enfermeira da escola, Madame Glossop, uma mulher alta, com cara de cavalo, óculos de aros de chifre que pendiam até a cintura grossa, em uma corrente de contas longa.

A ideia principal das lições, pareciam ser que o seu marido faria o que quisesse, quando desejasse e era trabalho da esposa suportá-lo. — É seu dever, meninas!

Madame Glossop seguia com sua bengala, batendo com seu bastão de madeira longa contra o quadro negro, onde uma imagem de giz dos órgãos genitais masculinos e femininos tinha sido elaborado. Isso sempre causou um riso nervoso na parte de trás da sala, onde as meninas mais velhas que estavam

quase na idade de consentimento se sentavam. — Seu dever, eu digo! Fazer! Sua obrigação!

— Não acho exatamente que você deveria apreciá-lo. — Disse Krisa, olhando para o fogo com o queixo nos joelhos, enquanto a voz de Madame Glossop tocava em sua memória.

— Por que não? Ou isso é outra coisa que ensinam na academia de onde você veio? — Teague exigiu.

Krisa assentiu uma vez, mantendo os olhos no fogo.

— Basta lembrar, querida, isso é a mesma coisa de quando eles colocaram o chip em seu pescoço. — Disse, em voz baixa e com raiva.

— Ele fará isso comigo, eu gostando ou não, por isso não faz qualquer diferença o que penso sobre isso, não é? — Krisa corou, olhando por cima do fogo para encontrar seus olhos negros.

— Deixe-me perguntar-lhe isto. — Disse Teague, com os olhos fixos nos dela através do fogo. — Você pensa nele quando se toca à noite?

— Quando eu... — A pergunta era totalmente inesperada, por um momento Krisa ficou sem palavras. — Eu nunca... eu não... ela gaguejou.

— Você estará mentindo se disser que não o faz. — Teague disse categoricamente, ainda olhando para ela com aquele olhar indecifrável no rosto escuro. — Basta responder à pergunta, Krisa.

Krisa olhou para o fogo, incapaz de encontrar seu olhar e pensou em noites tranquilas no dormitório quando todas as outras meninas estavam respirando suavemente em suas camas estreitas e tinha certeza de que ninguém saberia. Lembrou-se da sensação de estar apenas na borda de algo grande que nunca conseguia alcançar. Pensou nos sonhos estranhos que às vezes tinha, sobre um homem sem rosto, que a deixou nua e correu as mãos grandes e ásperas sobre

seu corpo. O homem que a fez implorar e suspirar antes que a tomasse, por vezes, duro e rápido e às vezes longa e lenta, mas sempre com um prazer tão profundo que era quase insuportável.

— Não. — Ela disse finalmente, em voz baixa, abraçando os joelhos contra o peito. — Não, não penso nele... assim. Nem em ninguém. Qualquer um que eu saiba, de qualquer maneira.

— Acho que é outra coisa que você não pode fazer na boa e velha Briar Rose, hum? — Perguntou Teague, ligeira diversão soando em seu tom profundo. — Sabe, querida, desde que você esteve me falando sobre este lugar de onde veio, estive pensando que é tão ruim quanto qualquer batida que dei. Mas acho que mudei de ideia.

— Sério? — Krisa olhou para cima ao contemplar o fogo, o rosto ainda manchado de vermelho de vergonha.

— Realmente! — Teague confirmou, sorrindo, um sorriso irreprimível branco.

— Agora penso que é muito pior. Vamos, hora de ir para a cama.

Se levantou, estendendo-se até a sua longa coluna ranger e começou a reposicionar os cobertores ao lado do fogo.

Krisa olhou para ele em confusão.

— Mas estou pronta para a cama, o meu cobertor já está estendido. — Ela apontou, deslizando uma mão sobre o material bruto. Teague tinha tomado os cobertores de emergência em lojas do navio, em vez do luxuoso mais suave do salão, explicando que eles enfrentariam melhor, o estresse da viagem.

— Não lá, querida, por aqui. — Teague se acomodou deitado de lado sobre o cobertor e deu uma tapinha no espaço na frente dele entre seu corpo e o fogo.

— Olha, só porque nós falamos sobre o que falamos... — Krisa começou com raiva.

— Quer dizer, espero que você não ache que por causa do que viu quando estava tomando banho... porque deixei você me ver... que me transformarei em uma espécie de... um... — Mas ela não poderia pensar em uma palavra ruim o suficiente para terminar a frase.

Teague franziu a testa. — Isso não tem nada a ver com o que falamos garotinha. E quanto ao pequeno show que fez no rio, sei que não foi coisa que já fez antes. Isso foi só você tentando mostrar que não tem medo de mim. Sei a diferença entre um desafio e um venha. A Deusa sabe que já tive o suficiente de ambos.

— Bem, então por que... — Krisa começou, mas ele a cortou.

— Para proteção, Krisa. Aqueles soondar ainda estão lá fora em algum lugar. Com soondar, é sempre melhor se colocar entre o fogo e a água, porque eles não gostam de qualquer um. Agora tenho o rio nas minhas costas e o fogo na minha frente. Se você se colocar entre mim e o fogo, estará segura. Compreende?

Os olhos castanhos chocolate guerrearam com o preto e prata por um momento e, em seguida, Krisa suspirou.

— Tudo bem, — Disse ela levantando-se e vindo para o seu lado do fogo. — Mas não me venha com nenhuma gracinha, Teague.

— Não sonharia com isso. — Teague disse secamente quando ela espalhou seu cobertor onde ele havia indicado. — Especialmente quando sei que você está se guardando tão ansiosamente para o querido Senhor Radisson.

Krisa estava deitada de lado com firmeza, de costas para o grande feral e se recusou a aceitar a isca.

— Sabe querida, — Continuou ele, deitado atrás dela com seu peito apenas a poucos centímetros de suas costas, de modo que Krisa podia sentir o calor do seu corpo grande irradiando contra ela própria. — Disse uma vez antes que com o seu senso de decoro, é provável que acabe morta aqui. Isso não é só porque não quero aguentar a sua merda refinada, tampouco. Uma vez que nos encontrarmos com os Yss, você realmente terá que falar mais baixo um ponto ou dois, ou ambos estaremos em apuros.

— O que você quer dizer? Conte-me sobre o Yss! — Krisa exigiu, virando o pescoço para descobrir que ele estava inclinando-se e olhando-a de uma maneira muito inquietante.

— Mais tarde. — Ele retumbou. — Agora é hora de dormir, garotinha. — Ele se estabeleceu atrás dela, usando a mochila como um travesseiro e ficou em silêncio, exceto por sua respiração profunda e lenta.

Krisa tentou, mas não estava tão exausta, com dor e medo como tinha estado na noite anterior, quando não tinha tentado dormir e sim desmaiado. Era difícil se sentir confortável com apenas o cobertor fino entre ela e o terreno irregular e ainda mais difícil de ignorar o fato de que Teague estava tão perto dela. Ele tomou uma lavagem rápida na corrente, ao contrário de seu banho. Seu selvagem, perfume masculino era forte no nariz, mas não desagradável.

Ele tinha uma espécie de perfume almiscarado natural, picante, que parecia invadir seus sentidos de uma vez e completamente, tanto quanto o calor que irradiava de seu corpo grande, permeando o espaço escasso entre eles. Krisa pensou que nunca tinha encontrado alguém, que a afetasse tão completamente e de muitas maneiras.

A selva sussurrava ao redor deles como um animal, em si cheia de ruídos assustadores e intrigantes. A escuridão aveludada pressionava por todos os lados. Krisa logo descobriu que, apesar dos dias com mormaço, as noites ficavam bastante frias no Planeta X, provavelmente porque não havia nenhuma luz direta

do sol durante o dia para o chão poder absorver. Apesar do fogo morrendo lentamente a alguns pés dela e o calor de Teague atrás, começou a sentir frio.

Pensou na nebulosa meia lembrança, de se aconchegar perto de Teague na noite anterior. Se pudesse fugir de volta para seu calor que penetrava os ossos e relaxar no sono, mas depois de fazer um alarde tão grande sobre não querer estar muito perto dele, não podia fazer isso. Mexeu desconfortavelmente, desejando que pudesse virar para o lado direito, mas isto a colocaria cara-a-cara com ele, o que era inteiramente demasiado íntimo nessa posição.

— Fique quieta. Por que você está tão inquieta?

Sua voz profunda era um grunhido irritado e Krisa congelou no meio do movimento ao ouvi-lo. Tinha pensado que ele já estava dormindo.

— Estou com frio, — Ela disse finalmente, desejando que eles houvessem trazido cobertores suficientes para cobrir-se também, bem como para deitar. — E não consigo dormir direito, sem um travesseiro.

— Aqui.

Teague se deslocou atrás dela e um braço musculoso puxou-a para perto, a curva de sua espinha encaixando perfeitamente contra seu peito plano e abdômen. Krisa encontrou a cabeça apoiada em seus bíceps grossos e pernas enroladas ao longo do comprimento das suas. Era exatamente o que ela tinha desejado, mas ainda assim, era perturbador para encontrar-se em tal contato físico íntimo com o grande feral.

Krisa endureceu contra ele, sentindo sua respiração em sua garganta, mas não se atreveu a dizer nada. O havia provocado o suficiente por uma noite e sabia que Teague só fora pressionado até agora. Assim quando achava que ele tinha adormecido, sua voz profunda interrompeu seus pensamentos tumultuados.

— Relaxe, garotinha. Não vou te machucar. — Teague disse, seu tom

estranhamente delicado neste momento. — Tente dormir um pouco. Amanhã será um longo dia. — Então sua respiração ficou mais profunda e regular e Krisa sabia que ele realmente estava dormindo.

Relaxou em lentas etapas, deixando as pálpebras derivarem para baixo enquanto o fogo morria e o calor de Teague penetrava em seu corpo. Havia algo intensamente reconfortante em ser envolvida tão perto, no seu aperto de proteção. Ele era muito maior do que ela. Seu peito estava em suas costas como uma parede sólida e seu braço envolto frouxamente em torno dela, fazendo-a sentir, completamente fechada. Teague era como sua própria fortaleza privada, mantendo o frio e a selva perigosa igualmente fora. *Perfeito*, Krisa pensou sonolenta e deixou-se escorregar para o sono.

***

Mãos grandes vagavam sobre seu corpo, explorando seus lugares escondidos e mapeando suas curvas. Uma doce boca quente cobriu sua própria exigindo entrada, a qual Krisa concedeu com prazer. O homem a saboreou completamente e em seguida, o calor úmido de sua língua arrastou para baixo em sua garganta para as curvas suaves de seus seios. Ele estava chupando seus mamilos, tendo o máximo que podia de seu seio em sua boca, enquanto os dedos grandes moldavam o outro com gentileza áspera.

— Você tem um gosto tão bom garotinha... — Uma voz profunda sussurrou em seu ouvido. — Mal posso esperar para estar dentro de você. Mal posso esperar para enchê-la com meu esperma. Abra suas pernas para mim agora e me deixe entrar em sua vagina.

Krisa obedeceu sem questionar, separando suas coxas para a doce pressão de seus dedos grandes esfregando sobre o clitóris inchado. Os lábios de sua boceta estavam encharcados com seus sucos, tornando a sua carne quente escorregadia, facilitando seu caminho. Não havia nenhuma dúvida, queria isso, precisava. Então, ele estava espalhando os lábios de sua boceta, abrindo seu sexo

para seu próprio prazer e para os seus. Dois dedos grossos pressionados dentro dela, explorando, mapeando seus lugares secretos onde ninguém jamais tinha estado. E o homem foi enchendo-a, fazendo-a gemer e suspirar.

— Aqui é onde colocarei meu pau, querida. Aqui mesmo em sua pequena boceta doce. Vou espalhar, abrir os lábios escorregadias com a cabeça do meu eixo e deslizar em sua boceta molhada e apertada, uma polegada de cada vez até que esteja todo dentro de você. Todo em sua buceta quente. Você está pronta para isso agora? Pronta ser fodida?

Palavras. Havia palavras neste momento e olhando para cima ela pensou que quase podia ver seu rosto. Quase.

— Sua boceta está tão molhada, tão pronta para mim... — Os dedos dele, estavam esfregando sobre seu sexo quente e escorregadio insistentemente, com urgência.

— Preciso estar dentro de você, enchendo-a. Preciso abrir suas pernas amplamente e fodê-la, te encher com o meu pau. Te farei minha para sempre, garotinha. — Ele rosnou baixo em sua orelha, pressionando profundo agora, mas não muito profundo o suficiente.

As palavras quentes e sujas, o movimento de seus dedos em sua fenda a fizeram sentir-se tão molhada, quente e pronta que Krisa só podia gemer e arranhar os ombros largos do homem em cima dela. O homem esperando para montá-la e pressionar o seu pau grosso no fundo de sua vagina molhada e disposta. Queria-o tanto, que quase podia senti-lo, quase podia sentir o lento deslizamento de seu eixo grosso contra seu sexo, espalhando seus lábios abertos para ele, antes da cabeça larga e escura violar sua entrada. Quase podia senti-lo entrando nela, uma polegada grossa de cada vez, tal como tinha prometido. E quando o homem estivesse todo dentro dela, tão profundo que poderia sentir a cabeça de seu pênis pressionando contra a boca do seu útero, então ele iria começar a empurrar para foder. E bateria nela sem piedade, sabia disso e ainda

assim, não se importava. O homem a abriria, encheria, usaria sua vagina e iria espalhar suas coxas largas para recebê-lo e desfrutar de cada momento disto. Finalmente, ele pressionará profundo, segurando seus quadris em suas mãos grandes, capazes de mantê-la no lugar, enquanto inundava seu sexo desprotegido com seu esperma. E transaria com ela até a conclusão e Krisa também alcançaria o êxtase indescritível que sempre procurou e nunca encontrou completamente.

— Por favor. — Ela engasgou, arqueando-se para encontrá-lo. Todos os pensamentos de vergonha ou impropriedade foram queimados a cinzas com o calor de sua necessidade de seu corpo grande em cima dela, dentro dela. — Por favor, faça isso agora!

Capítulo Dez

— Faça o que agora?

A voz profunda e divertida, invadiu seu sonho espalhando as imagens que encheram sua cabeça. Krisa abriu os olhos para ver Teague apoiado em seu lado e olhando para ela com olhos de prata.

Parecia uma continuação de seu sonho. Tinha rolado de costas de alguma forma e agora, quando ele se inclinou sobre ela, estendeu a mão e correu os dedos hesitantes sobre sua garganta forte. E Teague baixou a cabeça e esfregou a mão, os olhos arregalados de prata, nunca deixando seu rosto.

Ainda meio adormecido ela pensou, seus olhos... O seu rosto! Posso finalmente ver o seu rosto! Chegando-o até ela, enterrou ambas as mãos em seu cabelo preto espetado e puxou-o para baixo, querendo provar o doce sabor quente de canela de seu sonho novamente.

Os olhos prateados se arregalaram e então ele estava beijando-a de volta, tomando o controle do beijo e rolando-a sob seu corpo grande, para pressionar a dureza de sua espessura entre as pernas, para a umidade disposta entre as dela.

Krisa arqueou as costas e gemeu como um animal, sentindo o duro comprimento de seu pênis esfregando contra o centro de sua necessidade. Amaldiçoou as calças estúpidas que os mantinham afastados, o impedindo de penetrar dentro de sua vagina e dando-lhe o que seu corpo estava pedindo.

Assim como no meu sonho, ela estava pensando metade delirantemente, saboreando a sensação assustadora, erótica de estar presa ao chão, impotente sob seu corpo grande. Assim como no meu sonho... *Sonho*! *Oh minha deusa, este não é um sonho*!

A realização horripilante bateu em seu cérebro atordoado enquanto as últimas teias de aranha do sonho foram afastadas. Krisa começou a lutar debaixo dele, lutando para ficar longe da realidade da situação.

— Teague pare! Não... não! — Suspirou, pressionando suas pequenas mãos no seu peito enorme para tentar segurá-lo. — Por favor, não queria. Foi apenas um sonho... O tenho às vezes...

Se perdesse a virgindade... Se Senhor Radisson insistisse em uma reverificação e se fosse...

Teve sua camisa branca meio desabotoada e um peito firme seguro na mão grande, enquanto ele chupava violentamente contra o lado de seu pescoço. Mesmo quando tentou empurrá-lo de cima dela, Krisa podia sentir seu corpo responder. Sabia que logo seria tarde demais para parar tanto o grande feral, quanto ela ceder aos impulsos quentes que os estavam dirigindo para mais perto do ponto de não retorno. Mesmo pedindo-lhe para parar, gemeu de prazer quando os dedos ásperos torceram seus mamilos, atirando faíscas de pura sensação, elétrica por sua espinha e ao calor úmido entre as pernas.

— Teague, por favor! — Engasgou não mais certa se estava empurrando-o ou puxando-o para mais perto. — Por favor, você disse que não iria me machucar! Disse que não iria me estuprar!

As palavras pareciam ter um efeito retardado sobre ele. Com um rosnado baixo, Teague deu em seu pescoço uma última chupada, quase uma mordida e depois afastou-se dela e sentou. Correu as grandes mãos pelo seu cabelo azul-preto em um gesto de pura frustração.

— Que diabos? — Ele rosnou, finalmente, olhando para Krisa que ainda estava ofegante, sem fôlego sobre o cobertor.

— Eu...

Seu coração batia tão forte que mal podia ouvir suas próprias palavras.

— Sinto muito, — Disse ela finalmente. — É apenas um sonho que tenho às vezes. Há um homem... um homem sem rosto. Ou pelo menos, não posso ver seu rosto e ele... faz coisas para mim. Toca-me...

— Fode você? — Teague rosnou, os olhos de prata selvagens com a necessidade que ela tinha deixado nele.

Krisa corou duro, sentindo a profunda queimadura de embaraço ao longo de todo o seu corpo.

— Eu..., quando você me acordou, pensei que era parte do sonho. — Sussurrou, puxando as metades abertas de sua camisa apertada em torno de seus seios doloridos. — Sinto muito, sei que comecei isso, mas pensei...

— Pensou que eu era o homem dos seus sonhos, não é? — De repente, ele riu, balançando a cabeça como se estivesse tentando dissipar a tensão que havia construído em seu corpo grande. — Bem, você não é a primeira mulher a cometer esse erro, querida.

— Sinto muito, — Krisa disse novamente, sentindo-se à beira das lágrimas de constrangimento e vergonha. — Mas era tão real. Podia ouvi-lo falar comigo. Nunca ouvi sua voz antes. E quase podia ver seu rosto.

Ela lutou para se sentar e puxou os joelhos até o queixo, envolvendo os braços de forma protetora em torno deles.

Teague olhou para ela, seu rosto moreno meio zangado, meio divertido.

— Você vem tendo esses sonhos a um longo tempo, então?

Krisa abaixou a cabeça e estudou as mãos sob o brilho ofuscante do fogo morrendo.

— Anos. — Admitiu ela. — Não sei o que os causa. Eles só vêm. E parece que não posso detê-los.

Não quis admitir que realmente não queria detê-los, perturbados como estavam. Ouviu que Teague deixou escapar uma longa respiração, que ficou em algum lugar entre um suspiro e um rosnado.

— Tudo bem. — Disse ele finalmente. — Deveria saber que você não teria de repente mudado de ideia e quisesse lançar o seu Certificado de virgindade no fogo.

— Sinto muito. — Krisa disse novamente, sentindo as lágrimas que tinha estado ameaçando descerem por suas bochechas, em uma inundação quente e úmida.

— Não sei o que está acontecendo comigo recentemente. É como se.. estar neste lugar selvagem estivesse me mudando. Nunca, nunca teria agido em Briar Rose da maneira que tenho feito aqui.

— Você não pode se culpar. — Teague disse brevemente.

Tinha a sensação de que ele queria levá-la em seus braços e confortá-la, mas não chegou a confiar em si mesmo para chegar tão perto de novo ainda.

— É apenas a sua natureza se mostrando, querida. Em um lugar como aquele, aquela academia ou onde quer que esteja, eles podem tentar transformá-la em algo que você não é. Mas quando você está longe, a sua verdadeira natureza saiu de vez. Eles podem moldar quem você é do lado de fora, mas não podem realmente mudar o que está no interior.

— O que você quer dizer? — Perguntou Krisa, fungando. Limpou as palmas das mãos em todo o rosto e desejou apenas um lenço de renda. — Você está dizendo que no fundo sou apenas uma espécie de horrível... horrível...

— Claro que não. — Teague disse asperamente. Se aproximou dela e usou

a bainha de sua esfarrapada regata preta, para secar seus olhos.

— Só estou dizendo que você tem uma natureza quente, menina. Rápida para a raiva, rápida para à luxúria. Algumas pessoas são assim, sangue quente. Eu deveria saber, porque sou um deles. Não é algo que você pode mudar, mas também não é nada para chorar sobre isso.

— É isso que me faz agir da maneira diferente ultimamente. — Krisa apontou.

Virou de costas para ele, de frente para as últimas brasas da fogueira e tentou obter o controle de si mesma. *O que há de errado comigo ultimamente? Por que estou agindo desta forma? Deixando-me ver sem roupa. Ter esse sonho e em seguida, quase o deixando...*

Um baixo ruído e surdo interrompeu-a em sua silenciosa autocrítica. Krisa de repente tornou-se ciente de que estava olhando para dois olhos roxos malévolos, apenas uma pequena distância de si própria, sobre as ruínas de sua fogueira. Brilhavam na escuridão, num ametista profundo e malicioso.

— Teague. — Disse ela com os lábios dormentes, seus olhos nunca deixando os do soondar faminto agachado na escuridão.

Podia sentir outra vez a pressão quente se contorcendo em sua mente, podia sentir os olhos na escuridão à espreita e seus tímpanos abaulando com a pressão. Tinha uma vontade terrível de fugir e chegar em qualquer lugar, menos aqui.

— Estou vendo. — A voz profunda de Teague, estava calma e controlada atrás dela. — Fique onde está, Krisa. Ele tentará fazer você correr. Não dê ouvidos.

— Eu... — Mas a voz dela parecia a ter abandonado completamente.

Estava hipnotizada pelos brilhantes olhos roxos na escuridão. Fuja pequena coisa, o soondar sussurrou em uma voz sibilante e quente dentro de sua cabeça.

Fuja e em seguida, você estará segura.

Corra para a floresta, para a noite. Corre…

Sim, Pensou Krisa. *Tenho que correr. É a única maneira de ficar segura*. Queria se levantar, mas alguém estava segurando suas costas, mantendo-a para baixo.

— Disse para não ouvir.

A voz áspera de Teague quebrou o feitiço do soondar, mas Krisa ainda era incapaz de tirar os olhos de sua forma escura enorme, na escuridão. Tinha uma impressão perfeita de um gato enorme, coberto de escamas em vez de pele, balançando sua cauda. Isso a fez se sentir um fraco e assustado ratinho. Podia sentir o pânico, azedo e elétrico, na ponta da sua língua. O fogo estava quase apagado. O que impediria a imensa criatura de saltar sobre eles e os devorar em pedaços, crus úmidos e ainda trêmulos?

— Não se mova.

A voz de Teague foi tão baixa, que ela sentiu ao invés de ouvi-lo.

Houve um som de deslizamento baixo atrás dela, metal saindo lentamente de uma bainha. Em seguida, um movimento muito rápido e violento acompanhado por um baixo zumbido, que passou ao lado de sua orelha esquerda. Krisa ouviu um estrondo que soava horrivelmente alto na escuridão.

O baixo grunhido pelo ar da selva, tornaram-se rugidos irregulares por uma fração de segundos. Era ensurdecedor e Krisa tinha certeza de que seus tímpanos estourariam e seus globos oculares escorreriam como geleia, em suas bochechas. Assim como começou a sentir a pressão completamente insuportável, a sensação terminou abruptamente, como tinha iniciado.

As luzes roxas e malévolas que estavam além do fogo sumiram e desapareceram, como se alguém tivesse abruptamente desligado a corrente que

lhes alimentava. Pela luz fraca das brasas que estavam onde antes havia estado o fogo, Krisa podia ver o punho da faca enorme de Teague. Estava se sobressaindo entre os olhos roxos agora apagados, ainda tremendo com o impacto que tinha enviado sua lâmina mortal profundamente no cérebro do soondar.

— O que... — Começou com uma voz atordoada, mas Teague a cortou.

— Fique aqui e não importa o que ouvir, não deixe este ponto. — Ele ordenou.

De pé, deu um grande passo ao longo dos restos de seu fogo, agarrou o punho de sua faca. Puxou-o livre e desapareceu na escuridão da noite, na selva.

Krisa sentou tremendo sobre o cobertor amarrotado, pelo o que deve ter sido uns quinze minutos embora parecesse que foram quinze horas. Joelhos pressionados perto de seu queixo, apertou o alfinete ornamentado de prata em uma mão e ouviu, sentindo-se cega na escuridão.

Por um longo tempo não ouviu nada e em seguida, não muito longe, um som ruim, batendo no mato seguido pelo rugido alucinante de um soondar raivoso. Então, ouviu algo que soou como a voz de Teague, exceto que ele estava gritando numa língua que nunca tinha ouvido antes, algo multe silábico e gutural. Seu tom era áspero e ameaçador. Houve aquele rugido de novo que encheu sua cabeça com a negra neblina e um rosnado. Ele a fez estremecer de dor e medo, mas desta vez foi mais longe. Em seguida, por um longo, longo tempo houve um silêncio morto, quebrado apenas pelos sons normais da selva à noite.

Os olhos de Krisa queria voltar para o soondar morto do outro lado do fogo. Até agora as brasas tinham queimado tão baixo que não podia vê-la e ela ficava imaginando se poderia voltar à vida de alguma forma. Sua mente continuava mostrando terríveis imagens de Teague morto na selva em algum lugar, com um soondar faminto o rasgando em pedaços, não importa quão duro tentasse

bloqueá-los.

Oh minha doce Deusa, e se o pegaram? E se ele nunca mais voltar? E se…?

De repente, ouviu um ruído de crepitação furtiva, suave, mas crescendo gradualmente mais alto.

Havia algo atrás dela na escuridão, movendo-se. Algo na escuridão que havia terminado com Teague e estava vindo para ela. Com um grito feroz, desesperado, Krisa virou-se e apontou o alfinete na criatura que estava perseguindo-a com toda a força em seu corpo.

— Deusa, droga! Por que diabos você fez isso? — Era Teague, pairando sobre ela na escuridão. Ele puxou o alfinete de prata de sua coxa com um puxão irritado e jogou-o sobre o cobertor.

Krisa quase chorou, estava tão feliz de vê-lo vivo e inteiro.

— Pensei que você fosse um soondar. — Ela engasgou. — Você me deixou sozinha e esta era a única arma que eu tinha. Pensei que o outro tinha matado você e ele estava voltando para me atacar.

O rosto escuro acima dela suavizou um pouco, enquanto ele caia sobre o cobertor ao lado dela. Teague se curvou por trás e arrastou um par de varas da pilha de madeira que estava carregando e começou a reconstruir o fogo.

— Está tudo bem agora, querida. — Disse ele em brevemente. — Estou de volta.

— Mas por que... — Krisa sentiu as lágrimas ameaçarem cair pela segunda vez naquela noite e lutou severamente para mantê-las no lugar. — Por que você me deixou sozinha com isso?

Teague fez um gesto em direção ao fogo recém-brilhante.

— Tinha que ter mais um pouco de madeira e queria ter certeza que o outro estava muito longe.

— É por isso que você estava gritando? — Perguntou Krisa, sua voz ainda tremendo, apesar de tudo o que tentava fazer para parar.

Teague concordou e acrescentou mais alguns gravetos no fogo crescendo lentamente.

— Avisei para cair fora, mas ela não queria ir.

— Mas como... Eles são apenas animais, não são? — Krisa perguntou incerta. — Como você pode avisar um animal?

Mas ela lembrou-se da voz suave e insidiosa do soondar dentro de sua cabeça, *Correr... Correr para a floresta*, mesmo enquanto falava.

Teague parou o que estava fazendo e olhou para ela de forma intensa por um momento.

— Só porque eles não são humanoides, não significa que eles não são inteligentes, Krisa. Você não pode rotular algo como um animal e apenas rejeitá-lo como indigno de respeito. — Ele deu o sorriso branco assustador para ela, fazendo-a se contorcer. — De fato, esse foi exatamente o erro do meu velho mestre. Foi o último erro que ele cometeu.

O fogo cresceu até suas proporções anteriores e ele começou a endireitar os cobertores, se preparando para voltar para a cama pelo resto da noite.

— M... Mas, Teague... — Krisa começou não querendo apenas voltar a dormir depois de tudo que tinha acontecido.

— Não agora. — Ele rosnou, deitando no cobertor de um lado e batendo no chão na frente dele comandando.

— Agora nós temos que dormir um pouco. Amanhã estaremos dentro dos perímetros da aldeia, o mais provável é nos encontrarmos com os Yss. Preciso estar descansado.

— Por quê? — Krisa exigiu cansada de suas declarações oblíquas sobre os nativos do Planeta X. — São os Yss realmente tão ruins? Depois desta noite, não vejo como eles poderiam ser piores do que o soondar.

— Um soondar só vai te comer. — Teague disse severamente. — Há coisas piores do que ser comido, menina. Agora venha aqui. — Bateu o cobertor de novo, com firmeza.

Krisa não viu qualquer outra coisa que poderia fazer, embora seu tom exigente fosse pelo caminho errado. Mas sentiu que empurrá-lo mais longe, depois de seu sonho e do encontro com o soondar seria tolo. Além disso, toda a emoção e medo a haviam esgotado e estava quase ao ponto do colapso. Relutante, deitou-se ao seu lado e reposicionou-se entre o grande feral e o fogo, certificando-se de manter pelo menos várias polegadas entre o peito de Teague e suas costas.

— Não seja estúpida, vem cá.

Um braço longo e musculoso chegou ao redor e trouxe-a para perto, moldando-a de volta à sua frente novamente e colocando sua cabeça em seu bíceps. Krisa enrijeceu por um momento e depois relaxou, sentindo que era inútil lutar com ele. Afinal de contas, era verdade que queria toda a segurança que poderia conseguir depois de tudo o que tinha acabado de passar.

Tentou voltar a dormir, mas através do fogo ficava vendo os olhos vidrados do soondar que Teague tinha matado. Sentia como se os olhos roxos ainda estivessem olhando para ela em tom acusador e não conseguia parar de ouvir aquela voz sussurrando em sua cabeça. Longe na selva podia ouvir os uivos irritados do outro soondar e estremeceu com a raiva e perda no seu tom. Você

não pode descartar algo como um animal e decidir que não é digno de respeito, Teague tinha dito. Era o que todos os que estavam em seu planeta natal pensavam? Que todos os ferais eram apenas animais?

O rosnar, o uivo raivoso veio novamente e desta vez Krisa pensou ter ouvido uma nota de tristeza no som horrível. Teague havia dito que poderia ser um casal, se referiu a um sondar como "*ele*" e o outro como "*ela*". *Poderia a fêmea estar de luto pela perda de seu companheiro*? Krisa estremeceu.

Havia muitos pensamentos na sua cabeça e os olhos vidrados do soondar olhando-a através do fogo, a deixou a deriva. Nunca seria capaz de dormir, não enquanto posso ver essa coisa. Vê-lo olhando para mim, Krisa pensou ressentida. Então teve uma ideia.

Voltando para o lado direito, de modo que estava de frente para o peito de Teague, em vez do fogo e o soondar morto, deslocou-se para ficar mais perto do grande feral. Enrolou-se contra seu corpo, como um pequeno animal que procura abrigo e calor. Seu calor e o perfume picante penetraram seus sentidos quando Krisa enfiou a cabeça debaixo do queixo e apertou o rosto nos grandes planos de seu peito. Suspirando, ela relaxou completamente, finalmente, sentiu-se segura no círculo de seus braços, apesar dos perigos da noite.

Houve uma risada estrondosa acima dela que pareceu vibrar seus ossos, mas muito suavemente.

— Confortável garotinha? — Teague perguntou suavemente na escuridão, mas Krisa se sentiu quase sonolenta demais para responder.

— Mmm-hmm.— Murmurou sonolenta, aconchegando-se para ficar um pouco mais perto. O braço ao redor dela apertou momentaneamente, no que sentiu ser suspeito como um abraço e em seguida, uma grande mão acariciou seus cabelos delicadamente.

***

Quentes, a mão áspera segurou os seios e os dedos calejados reviraram os mamilos, torcendo e comprimindo com prazer e dor requintado, que a fez gemer. Ele estava abaixo dela desta vez, chegando a tocá-la e Krisa percebeu que estava montando-o, suas pernas abertas para sentar-se montado seus quadris musculosos. O homem beliscou seus mamilos novamente e ela jogou a cabeça para trás, gemendo.

— É isso aí, garotinha, deixe-se ir. Gosto de assistir você começar a ficar quente para mim, amaria tomar a sua boceta molhada, exatamente como está agora.

Krisa abriu a boca para perguntar como ele sabia que ela estava ficando quente e úmida entre as coxas, em seguida, percebeu que estava nua e o homem também. Krisa olhou para baixo na preocupação com o ninho suave de cachos úmidos que decoravam o ápice de seu monte, perguntando como isso tinha acontecido, como tinha perdido todas as suas roupas. Tinha o homem sem rosto a despido? Ele pareceu sentir sua preocupação.

— Não se preocupe, menina, não vou te machucar. — Rugiu, com uma voz estranhamente familiar. — Só quero tocar este pequeno monte doce. Só quero enfiar meu pau dentro de sua pequena vagina apertada e fazer você gozar. Agora afaste as pernas para mim e venha um pouco mais perto.

Como sempre no sonho, não houve parada. Grandes mãos quentes acariciavam seus quadris e puxou-a para ele. Krisa olhou para baixo para ver um longo, grosso eixo passando de entre suas coxas musculosas. Queria-o dentro dela, queria sentir este calor de espessura perfurando sua boceta e empurrando profundamente para enchê-la com seu esperma, mas ao mesmo tempo estava com medo. Será que dói? Será que o homem sem rosto traz a dor, bem como o prazer?

— Não. — Ele disse, como se lesse seus pensamentos. — Primeiro preciso prepará-la, garotinha. Abra os lábios de sua boceta e vou lhe mostrar o que quero

dizer.

Obediente, Krisa estendeu a mão para abrir seu sexo molhado, oferecendo-se como ele tinha exigido. Esperava que o homem empurrasse em sua vagina, abriu-se tão convidativa para ele. Em vez disso, ele a posicionou, para que o eixo de seu pênis empurrasse entre seus lábios, esfregando-se contra ela, mas não a penetrando de qualquer maneira.

— Agora, deslize. — Ele rosnou, usando as mãos nos quadris para mostrar-lhe o que queria dizer.

Krisa moveu sua pélvis para trás e depois avançou novamente em sua insistência. Seu eixo foi pressionado contra sua barriga lisa, enquanto esfregava sua boceta aberta para cima e para baixo, o comprimento de seu pênis em movimentos escorregadios e lentos. Formigamentos elétricos de prazer dispararam através dela, quando seu clitóris sensível deslizou sobre a cabeça queimando e em seguida, para baixo novamente, quase até a base de suas bolas.

— É uma sensação boa, não é, menina? — Rugiu quando ela engasgou com a sensação quente e úmida de seu pênis quente deslizando entre seus lábios, nus abertos.

— Sente-se quase tão bem quanto penetrada. Mas não completamente. Você quer que te mostre?

Ela assentiu com a cabeça, incapaz de ajudar a si mesma. Incapaz de parar, embora soubesse que era errado. O queria tão mal, queria senti-lo envolto em seu corpo, enterrado dentro dela, enchendo-a, transando com ela, levá-la para aquele lugar que nunca conseguia alcançar sozinha.

A próxima vez que deslizou para a frente sobre a ampla cabeça de seu pênis, ele trocou as posições.

De repente, em vez de deslizar entre os lábios da boceta, seu membro

estava deslizando dentro deles.

Krisa gemeu, quando sentiu a cabeça queimando invadindo sua entrada, pressionando dentro dela para esticar sua boceta virgem toda a largura suficiente para encaixá-lo.

— É isso que você precisa? — Ele perguntou a ela, enquanto outra polegada de espessura penetrava seu sexo.

— Você precisa de mim para te foder, menina, para encher sua boceta doce com meu pau e foder até que possa enchê-la com minha porra.

Krisa gemeu seu assentimento. Não havia palavras, não há maneira de dizer-lhe o que precisava ou o quanto precisava. Mas ele sabia. Sempre soube.

— Me moverei dentro de você agora, menina. — Disse a ela com aquela voz profunda, gravemente. — Encherei sua vagina com meu pau. É isso que você quer? É isso que você precisa? — Mãos fortes a puxaram para baixo, como seu pau grosso se movimentando para fora e para dentro, rompendo suas defesas inevitavelmente.

Em seu sonho Krisa sabia que era errado, sabia que iria pagar por esse prazer, mas não conseguia parar. Arqueou as costas, sentindo as grandes mãos quentes nos quadris, impulsionando-a para baixo. Suas pernas estavam espalhadas, sua boceta aberta e vulnerável, meio-cheia com o seu pênis. Sabia que o homem não estaria satisfeito, até que o comprimento grosso de seu eixo a empalasse completamente, até o fundo do poço dentro de seu sexo molhado, aberto e a enchesse de seu esperma.

– *Por favor* – Ela queria dizer, mas não conseguiu. – *Por favor*... – Mas se queria pedir-lhe para parar ou pedir-lhe para nunca parar, não podia dizer. Porque então ele estava empurrando para dentro dela, transando com ela, possuindo-a...

***

— Krisa... Krisa. — Uma mão quente a sacudiu, acordando-a do sonho. Krisa piscou, olhando para as esferas de prata de fogo dos olhos de Teague novamente.

— O que... — Ela olhou para ele em confusão.

— Você estava sonhando de novo. — Disse ele em breve. — Acordou-me com o seu gemido.

— Oh. — Krisa sentiu seu rosto ficar vermelho de vergonha e não conseguia mais encontrar seu olhar.

— Está tudo bem! — Teague suspirou e deitou-se, puxando-a com ele. — Volta a dormir. E tenta colocar uma tampa sobre esse sonho.

Ela se enrolou de volta contra seu peito musculoso, seu corpo dolorido, mas desta vez o sono demorou um longo tempo para chegar.

Capítulo Onze

Acordou quando alguém despejou um balde de água sobre sua cabeça.

— O que... como...? — Krisa sentiu uma pulverização caótica de água, pensando que tinha de ser Maida Shepard, que era uma das suas melhores amigas em Briar Rose, mas apenas terrível sobre piadas. Então percebeu que não era apenas a cabeça que estava molhada, estava completamente encharcada da cabeça aos pés! A razão para isso parece ser uma parede quase sólida de água caindo do céu, cobrindo a selva em uma batida, com as folhas fervilhando de umidade.

Tentou olhar em volta, mas era como abrir os olhos debaixo d'água, tudo era um grande borrão pastel. Apertando os olhos para a esquerda, viu uma forma escura de altura que tinha que ser Teague. Estava de costas para ela e curvado para olhar algo no chão.

Rastejando fora do cobertor encharcado, Krisa se esgueirou em torno dos restos encharcados da fogueira e foi até ele.

— O que está acontecendo? — Gritou, para se fazer ouvir acima do barulho da chuva.

Ele a olhou brevemente e depois de volta para o chão, que estava estudando.

— Chuva da manhã. — Ele disse suavemente, como se a chuva torrencial não passasse de uma leve garoa. — Começou um minuto atrás, depois que levantei para desmontar o acampamento.

— Então, isso é normal? — Perguntou Krisa, agitando os braços molhados para indicar o estado do mundo atualmente alagado.

Teague olhou para ela e deu de ombros.

— Estamos na selva, querida, então sim, é normal se ter um pouco de chuva agora novamente. Basta esperar, ela parará em breve.

Como se alguém nas nuvens acima deles, tivesse ouvido sua voz profunda rosnando, a chuva parou tão rapidamente como tinha começado. Krisa nunca tinha visto nada parecido, não houve diminuição gradual do fluxo de encharcamento em tudo. Num minuto, havia uma sólida parede de água que descia do céu e logo estava completamente claro, como se alguém tivesse desligado uma enorme torneira, tudo de uma vez.

— Está vendo? — Disse Teague com uma voz preocupada. Ele voltou a estudar o chão e Krisa notou uma careta sombria brincando nos cantos de sua boca cheia.

— O que é isso? — Perguntou apreensiva. Estava começando a aprender que, se Teague estava preocupado com alguma coisa, provavelmente era uma situação bastante grave.

Teague olhou para cima novamente, a segunda tampa preta que cobria seus olhos piscando rapidamente para mostrar prata.

— Ela arrastou-o para longe... — Disse ele, indicando um sulco profundo e um conjunto de enormes pegadas que tinham sido quase apagadas pela chuva, no chão lamacento.

Krisa olhou com incompreensão, até que registrou o que ele estava dizendo que era o "*ela*".

— O soondar fêmea? — Perguntou hesitante. — Veio e levou o outro?

— Em algum momento na noite passada! Teague confirmou. Levantou-se com um aceno de cabeça e começou a torcer água de sua blusa preta distraído. — Não sei como ela fez isso sem me acordar, mas não gostei!

- O que significa? Krisa perguntou ansiosamente.

— Significa que eles não eram apenas parte da mesma manada como eu estava esperando. Significa que eles realmente eram um casal. — Teague disse brevemente.

Ele vasculhou a mochila até que pegou um par de tubos de pasta de nutrientes.

— Parece que temos um deleite hoje, estes são realmente saborosos! — Observou ele, jogando um para Krisa. Ela o pegou, sem olhar para ele.

— Então, eles são um par acasalado e daí? — Perguntou, prendendo o cabelo pingando à sua nuca e fazendo seu melhor para torcer suas roupas. Agora, as calças listradas e a camisa branca Oxford, de Percy, estavam completamente irreconhecíveis, até mesmo para seu alfaiate pessoal.

— Portanto, — Teague arrumou os cobertores pingando no ombro e a mochila, acenando com a cabeça para ela o seguir. — A fêmea guardará rancor. Matei seu macho, seu companheiro. Ela vai querer vingança!

— Vingança... — Krisa repetiu para si mesma e estremeceu, lembrando os terríveis gritos de dor que tinham invadido sua mente na noite anterior.

— Então quer dizer que ela vai nos rastrear? — Perguntou, correndo para alcançar Teague. Ele tinha acabado o seu lanche e já estava cortando o matagal.

— Alguma coisa assim. — Ele disse com calma enlouquecedora, continuando a cortar.

— M-mas então o que podemos fazer?

— Encontrar os Yss. — Teague respondeu. — Há um de seus caminhos não muito longe daqui, se me lembro bem e ele vai levar-nos diretamente para a aldeia. Nós teremos que encontrá-los e provar o que somos. Não quero passar

outra noite no mato.

— Provar o que somos? O que exatamente significa isso? — Krisa exigiu. — E não me diga que você me dirá mais tarde, Teague. É mais tarde agora. Quero saber o que está acontecendo.

— O que está acontecendo, é que você está nos fazendo perder tempo, enquanto estou tentando nos levar pelo caminho.

Teague rosnou. Mas ele parou de cortar e se virou para ela, por fim.

— Conte-me sobre os Yss. — Krisa disse com as mãos nos quadris, o tubo de nutri-pasta esquecido na mão.

Teague suspirou profundamente e ela teve a nítida impressão de que não queria lhe dizer o que estava prestes a revelar.

— O que você precisa saber sobre os Yss, é que eles são um povo muito orgulhoso, muito fácil de ser insultado. E acredite em mim, querida, você não quer insultá-los.

— Por que não? — Krisa perguntou, determinada a conhecer o pior.

Teague correu uma mão grande por seu cabelo azul-negro eriçado. Tinha crescido consideravelmente, no tempo que ela o conhecia, embora a barba em seu rosto parecia ter o mesmo comprimento.

— Deixe-me colocar desta forma. — Disse ele finalmente. — Você sabe todos os rumores que ouviu sobre os costumes bizarros, cerimônias estranhas, canibalismo e tudo isso?

— Sim? — Krisa levantou uma sobrancelha para ele, tocando seu pequeno pé na lama.

— Tudo isso é verdade. — Teague lançou-lhe um olhar selvagem, um

sorriso branco, virou-se e recomeçou a cortar as folhagens.

— Teague! — Krisa quase gritou de frustração.

— Basta seguir o meu exemplo, fazer o que digo e você ficará bem! — Rosnou por cima do ombro.

Sacudindo a cabeça com irritação, Krisa percebeu que não iria receber qualquer outra informação dele.

Eles alcançaram o caminho Yss que Teague tinha falado, em torno do meio da manhã, mas não encontraram a qualquer um dos guardas do caminho até o final da tarde.

Até os guerreiros Yss os rodearem, foi uma caminhada tranquila. Tão tranquila como sempre na selva, que Krisa já considerava como normal. Diferente da cidade, sempre cheia, com as buzinas, gritos, conversas e sussurros.

Suas roupas encharcadas, secaram muito lentamente e estava mais do que consciente dos olhares ocasionais de Teague no material transparente de sua blusa. Ele se agarrava e moldava os seios, delineando a saliência de seus mamilos cor de rosa, que ficaram eretos de seu contato com o tecido úmido.

Ele não disse nada, mas havia um calor inegável nesses olhares que a fez lembrar-se de seu último desastre da noite anterior, da maneira como sua boca tinha um gosto tão quente e doce e de como tinha sentido suas grandes mãos, moldando seus seios. O vapor ao redor deles e a umidade do ar, que subia para o céu bronze nublado, fez Krisa sentir como se estivesse queimando, cada vez que Teague a olhava.

Estavam andando num caminho que era uma coisa estreita e tortuosa, pavimentada com plantas, rosa e azul pálida e pedras que tinham grama pastel crescendo nas frestas entre elas. De repente, Teague parou à frente dela e levantou a mão para ela parar também.

— O quê? — Começou a perguntar, mas ele a deteve com um aceno de cabeça. Lentamente, ele se virou em um círculo completo, a faca de pronto na mão. Krisa o assistiu com medo, imaginando qual a nova surpresa estava prestes a ser lançada a eles na selva pastel fumegante. Seria o soondar que Teague havia dito que os estaria perseguindo?

Mas, eles não caçam durante o meio do dia, não é? Então tinha que ser os Yss.

Sua camisa e calça tinham secado, mas estavam mais apertados do que nunca e estava ciente da maneira desconfortável que o tecido da camisa estava cortando sob as axilas. Um dos primeiros botões tinha desistido há uma hora e uma generosa porção de seu decote foi revelada. Tinha estado bastante contente que Teague estava andando na frente dela, para evitar o constrangimento contínuo de seus olhos em seu corpo. Mas, agora ocorreu-lhe que não eram apenas os grandes olhos selvagens que veriam sua condição atual.

Lembrando que ele havia dito sobre não ofender os Yss, esperava que seu atual estado de se vestir ou despir, não ofenderia de alguma forma as pessoas de sentidos voláteis. O que estava usando, certamente, teria sido considerado altamente ofensivo em Briar Rose.

Só teria que esperar que os Yss fossem menos meticulosos sobre as sutilezas de um guarda-roupa adequado, do que Madame Ledoux.

De repente, houve um ligeiro ruído na vegetação pastel em torno deles e cerca de oito grandes homens, pelo menos Krisa assumiu que eram homens, apareceram em um círculo à sua volta. Tinham surgido tão silenciosamente da selva, que foi um choque terrível se dar conta que de repente, eles estavam completamente cercados.

Krisa olhava muito de um cara estrangeiro para o outro, mas era difícil ver algo. Eles estavam todos vestindo algum tipo de máscaras, feitas do que parecia

ser grama e penas e apenas seus pálidos olhos estreitos e a linha fina de seus lábios eram visíveis.

Eram altos, alguns notou com surpresa, eram ainda mais altos do que Teague, embora nenhum deles tão grande ou tão musculoso.

Eles estavam vestidos com uma espécie de tanga de couro pastel e sua pele, onde podia ver sob os símbolos pintados e desenhados em todos os seus longos corpos, era de um verde hortelã tão pálido como o que se possa imaginar. Eles estavam, cada um carregando uma lança comprida feita a partir da madeira dos galhos das árvores e cada lança estava apontando na direção de Krisa e Teague.

Teague estava ao seu lado, a faca de prontidão e olhou ao seu redor com calma, esperando. Krisa se sentiu congelando de medo e fez seu melhor, apenas para parecer tranquila e pequena. Não havia maneira de que seus adornos de cabelos fossem ajudá-la nesta situação e sabiamente deixou-os no lugar.

Finalmente, o mais alto dos guerreiros Yss se adiantou e disse algo em um assobio, língua gutural, sacudindo sua lança enquanto falava. Teague respondeu na mesma língua, seu tom suave, mas firme e Krisa reconheceu como a mesma língua que ele tinha gritado com o soondar fêmea na noite anterior. O guerreiro alto disse outra coisa e em seguida, baixou a lança. Teague, aparentemente em resposta, baixou a faca e em seguida, todos os outros homens baixaram suas armas também.

— Está tudo bem. — Teague disse-lhe em voz baixa. — Eles decidiram conversar em vez de lutar.

Ele virou-se para o guerreiro mais alto novamente e começou a falar rapidamente na estranha linguagem, multi-silábica, enquanto os outros homens se aproximaram para inspecionar os recém-chegados em sua selva. Eles circularam em torno um pouco, como uma matilha de cães selvagens, pensou Krisa, tocando, acariciando e cheirando tudo em que podiam colocar as mãos de

seis dedos.

Quando notou pela primeira vez o dígito extra, Krisa ficou chocada e olhando mais de perto, o mais discretamente possível, parecia que era um polegar extra, em vez de um dedo extra, em suas mãos longas e estreitas.

Logo teve outras coisas em que pensar, além de dígitos extras, quando os guerreiros Yss se tornaram mais e mais invasivos em sua inspeção. Enquanto Teague estava calmo e falando com o qual, para ela, supostamente devia ser o líder do grupo, longos e finos dedos verdes a estavam cutucando e depois inspecionando suas roupas. Eles tocaram o material desbotado e enrugado e acariciaram o couro que rapidamente se desintegrava das botas de tornozelo baixo, de Percy, que não tinham sido feitas para resistir a uma caminhada através da selva.

Desde que não pareceu incomodar a Teague, picado e incitado, Krisa permaneceu em silêncio, embora se tornasse cada vez mais difícil suportar a invasão de seu espaço. Mas quando um dos Yss puxou o prendedor de seu cabelo, levando um pouco de seu cabelo com ele, não pode evitar um grito de dor.

Seus ricos cachos castanhos, caíram para baixo em torno de seus ombros em profusão de espessura. Todos os Yss que a inspecionavam, deram um passo rápido para trás, fazendo ruídos baixos, sibilando de surpresa e consternação em suas longas gargantas finas.

Teague se virou com óbvia irritação para ver o que causou a comoção, interrompendo sua conversa com o líder.

— O que aconteceu? — Perguntou em voz baixa, com raiva. — Estou tentando negociar um lugar para nós ficarmos a noite.

— E...ele puxou meu cabelo. — Disse Krisa, apontando para o Yss que tinha levado os prendedores.

Sentia-se como uma menina dedurando a uma companheira de brincadeiras, no pátio da escola. — Doeu, me desculpe, Teague. Não queria gritar, mas ele me surpreendeu.

As sobrancelhas negras se estreitaram nos olhos negros opacos e Teague adiantou-se para falar com o Yss que tinha puxado o prendedor de seu cabelo. Ele fez um gesto violentamente, em direção a Krisa e depois bateu sobre o seu peito ao falar rapidamente na estranha linguagem, assobio. Então ele estendeu a mão, obviamente, esperando que o Yss entregasse seu prendedor.

Mas, para consternação de Krisa, o homem sacudiu a cabeça e fez um gesto primeiro a ela e depois a si mesmo com o prendedor. Então fez um gesto acenando, como se esperasse que fosse até ele. Krisa ficou onde estava e balançou a cabeça, em que esperava ser o sinal universal de negação. De jeito nenhum ia até o estranho guerreiro, ele poderia ficar com o prendedor, na medida em que não estava preocupada.

Teague balançou a cabeça, franzindo a testa de uma maneira que teria assustado a qualquer um.

Mas o guerreiro que pegou o prendedor, se recusou a desistir. Continuou apontando para si mesmo e em seguida, fazendo sinal para Krisa se juntar a ele. Nesse meio tempo, o mais alto Yss, aquele que Teague estava falando, em primeiro lugar, se adiantou e começou a gesticular também.

— Droga, estava com medo disso. — Ela ouviu Teague murmurar sob sua respiração. Sem virar a cabeça, ele disse em voz alta. — Krisa, venha aqui agora. Não faça perguntas e não tenha dúvida, basta vir.

Passou pela sua mente se perguntar se ele ia entregá-la como um presente para o guerreiro que levara o prendedor, mas Krisa não considerou por muito tempo. Teague a tinha salvado uma vez de estupro, nas mãos do Capitão Ketchum e duas vezes de ser comida por soondar. Não achava que ele iria

entregá-la, como uma bugiganga descartável para o Yss.

Pelo menos não esperava. Andando rapidamente, cruzou o espaço entre eles e ficou ao seu lado.

— O que está acontecendo? — Perguntou em voz baixa, trêmula. Teague estava agora olhando para o Yss, que segurava os prendedores. Sem tirar os olhos do grande guerreiro, ele respondeu com um rosnado baixo.

— Os Yss acreditam que a alma de uma mulher é armazenada em seu cabelo. Esse cara está dizendo que ele tem um pedaço de sua alma.

Apontou com o queixo para o alfinete de prata.

— Que ele é seu novo proprietário. Ele está especialmente ansioso para tê-la, por causa da cor de seus cabelos. Cores escuras como o marrom são sagrados para eles, porque tudo em sua selva é tão suave.

— Oh minha deusa. — Krisa sussurrou fracamente.

— Você quer dizer que ele quer me possuir, por causa da cor do meu cabelo?

— Sim, isso é tudo.

Teague sorriu brevemente, ainda sem tirar os olhos do Yss com raiva.

— E aposto que você pensou, que loiras eram mais divertidas.

— Teague, isso não é engraçado! O que você vai fazer?

— Tenho de provar que a possuo.

Teague embainhou a faca de repente e se virou para ela tão rapidamente que tirou o fôlego de Krisa a distância.

— Ouça. — Ele rosnou. — Tudo o que eu tiver de fazer, não quero que

você faça qualquer protesto e não lute. Se fizer isso, eles a levarão como um sinal de que não sou realmente o seu proprietário e que você quer ir com ele.

Ele assentiu para o Yss alto que ainda segurava seu prendedor de prata.

Krisa sentiu como se seu estômago tivesse caído embaixo de seus sapatos. Provar que ele é meu dono?

Como? Uma pequena voz estava gritando dentro de sua cabeça.

— Mas Teague o que você fará? — Engasgou.

O suspiro se transformou em um grito quando Teague deixou cair à mochila e agarrou-a, de repente, uma grande mão segurando o material na parte de trás de sua camisa e a outra enterrada em seus cachos castanhos soltos.

— Qualquer coisa que tenha de fazer. — Ele rosnou e inclinou-a de volta até sua garganta pálida e cremosa ficarem completamente expostas. Krisa pensou que nunca tinha se sentido mais vulnerável e impotente em sua vida.

— O que? — Começou novamente, mas em seguida, Teague abaixou a cabeça e ela sentiu uma sensação quente, molhada na divisão macia entre seus peitos cheios. Olhou para baixo, para ver que o grande feral estava lambendo uma longa trilha quente e lenta, entre os seus seios, para cima sobre o peito.

Krisa fechou os olhos e suspirou, quando sentiu-o chegar a sua garganta e morder duro, chupando e lambendo, fazendo uma marca que não desapareceria por um bom tempo.

— É melhor agir como se você estivesse apreciando isso menina! — Teague rosnou contra sua garganta. — A menos que você queira o seu amigo lá, para fazer algo pior. — Krisa sabia que ele estava falando sobre o Yss.

Ofegante, enterrou os dedos no cabelo preto eriçado, puxando-o para mais perto. Teague relaxou seu controle sobre seu pescoço e cobriu a boca de repente

em um beijo quente, possessivo.

Krisa abriu a boca para ele, dando tudo o que ele exigiu sem reservas.

Então, sentiu as grandes pontas dos dedos, abrindo os poucos botões restantes que seguravam a camisa branca fechada, e espalmaram os seus seios cheios, completamente nus.

— Teague! — Tentou um suspiro, virando a cabeça longe de seu beijo faminto, para protestar contra este tratamento.

— Disse para não lutar. — Ele rosnou, recusando-se a deixá-la ir.

Os dedos cruéis torceram e beliscaram seus mamilos sensíveis implacavelmente, enviando faíscas de prazer indesejadas, de seus botões cor de rosa à crescente umidade entre suas coxas. Krisa sentiu seu corpo responder ao toque do grande feral, querendo ou não. Gemeu silenciosamente, com vergonha das reações de seu corpo ao seu toque, como tinha sido na noite anterior. Curioso, Teague tinha dito a ela. Rápido para a raiva, rápido à luxúria. Ele poderia estar certo?

— Teague... — Sussurrou novamente, mas desta vez foi menos de um protesto e mais de uma pergunta. O grande feral parecia entender.

— Disse que faria qualquer coisa que tivesse de fazer, a fim de provar que você é minha. — Ele rosnou baixo em sua orelha. — Se você tivesse me ajudado a tornar o desempenho mais convincente, não precisaria ter de te foder contra a árvore mais próxima.

Oh Deusa, isto é o que ele não quer que eu saiba. É por isso que ele evitou dizer-me sobre os Yss e seus costumes. Porque sabia que poderia ter de fazer, para provar que é meu proprietário e assim, manter os homens Yss longe de mim. Mas se fosse uma escolha entre perder a virgindade com Teague ou um dos homens estranhos Yss, ela sabia sem dúvida, que queria ele.

Fechando os olhos para excluir tudo, menos a doce sensação de sua boca quente e mãos grandes em sua pele, Krisa deixou-se derreter contra ele e cedeu ao rude e delicioso prazer, ao qual Teague estava submetendo seu corpo.

Teague deve ter sentido sua rendição completa na maneira como seu corpo se movia contra o dele, porque os dedos em seus mamilos se tornaram um pouco menos cruéis.

Sussurrou ao lado de seu pescoço. — Isso mesmo, garotinha, se dê para mim. Sua pele é tão doce e seus seios preenchem minhas mãos.

Suas mãos grandes moldavam seus seios suavemente, ilustrando o seu ponto. Krisa engasgou, arqueando as costas para empurrar-se para mais perto dele e dar-lhe maior acesso a seu corpo.

— Teague! — Gemeu seu nome por uma terceira vez, mas desta vez o som que saiu da sua garganta não tinha qualquer protesto ou pergunta, era pura submissão - necessidade pura.

O grande feral abaixou a cabeça novamente e desta vez Teague capturou um de seus doloridos mamilos cor de rosa entre os dentes, mordiscando levemente e em seguida, chupando com força, fazendo-a gemer e se contorcer contra ele como um animal desavergonhado, no cio. Enredando os dedos no cabelo azul-preto espetado, Krisa puxou-o para mais perto, imaginando se suas pernas iriam segurá-la enquanto a estava submetendo a tal intenso prazer. Sua vagina inchada estava tão molhada e pronta, que realmente se encontrou esperando que Teague pudesse ter que cumprir sua ameaça de fazer amor contra a árvore mais próxima, embora parte de sua mente estivesse absolutamente chocada com a ideia. E, no entanto, podia sentir o calor úmido crescendo entre suas coxas, podia sentir os lábios de sua boceta abrindo quase por vontade própria, doloridos, para receber seu pau grosso, ter seu eixo embainhado completamente em sua boceta dolorida.

Quase podia ouvir sua voz gutural em seu ouvido, enquanto ele lhe ordenava para abrir as pernas para permitir sua entrada. Apenas o pensamento a fez estremecer, mas não podia deixar de imaginar o que seria. Teague iria espalhar os lábios de sua boceta com a cabeça de seu pênis, deslizando sobre o broto dolorido de seu clitóris, até encontrar a entrada para a sua vagina.

Quase podia sentir seu eixo grosso violar sua entrada, deslizando polegada por polegada molhado dentro dela, até chegar as partes mais profundas em sua boceta, reivindicando, mostrando a posse completa de seu corpo, mente e alma, para todos verem.

Teague tinha terminado com um mamilo e estava começando no outro, chupando e lambendo, até Krisa pensar que ia ficar louca, quando ele parou de repente e se levantou. Krisa quase caiu, teria caído se não tivesse estendido a mão no último minuto.

— O que? Por que você...? — Começou, mas Teague unicamente sorriu e estendeu a mão, o prendedor de prata, deitado no meio de sua grande palma.

Krisa, que tinha esquecido tudo sobre o seu prendedor de cabelo ou os guerreiros Yss assistindo ou qualquer outra coisa, exceto as sensações intensas que o grande feral estava causando em seu corpo, olhou para Teague estupidamente por um momento. Então percebeu que deveria pega-la e coloca-la novamente em seu cabelo, o que fez. Suas mãos tremiam tanto, que fez um trabalho muito desleixado.

— Você está bem garotinha? — Perguntou em voz baixa, divertida, os olhos negros piscando momentaneamente, para mostrar a prata por baixo.

— Eu... sim. — Krisa sussurrou, tentando se recompor.

De repente, ocorreu-lhe que sua camisa ainda estava escancarada e apressou-se a mantê-la fechada e abotoa-la o mais rápido possível. Quando o fez, notou que as encostas brancas de seus seios, estavam cobertas com escuras

marcas vermelhos de amor.

— Ele deu-lhe de volta o meu prendedor? — Perguntou para cobrir sua confusão, acenando para o guerreiro Yss, que estava segurando ele.

O Yss, junto com seus companheiros guerreiros, tinha se virado e estavam liderando o caminho mais longe ao longo do caminho, presumivelmente na direção da aldeia.

Teague sorriu novamente.

— Claro que fez. Disse que nunca viu uma mulher tão completamente possuída por um homem antes. Esse foi um ótimo desempenho, querida. Não tinha certeza de que tinha isso em você por um minuto, mas o fez muito bem.

— Obrigada... — Krisa murmurou, sentindo suas bochechas vermelhas em chama de vergonha.

Aparentemente, pegando sua expressão, Teague olhou para ela de perto e em seguida, ergueu o queixo com uma mão suave, até que Krisa teve que encontrar seus olhos.

— Krisa, disse ele suavemente, com aquela voz baixa e retumbante.

— Você se lembra de quando começamos esta viagem? Eu disse que não há nada de ridículo ou vulgar sobre a sobrevivência?

Krisa assentiu hesitante. Ele tinha dito a ela, quando ele insistiu que usasse as calças de Percy, em vez de seu vestido longo para ir a selva.

- Bem, isso é parte disso, disse Teague, ainda olhando-a nos olhos.

- Não quero que você se sinta envergonhada ou embaraçada por qualquer coisa que tenha que fazer para sair daqui, entendeu? Os Yss, são a nossa melhor aposta para sairmos deste planeta juntos, por isso vai ter de jogar o jogo por um

tempo.

Krisa não entendia como os Yss obviamente primitivos, poderiam ajudá-los a garantir uma passagem para fora do Planeta X, mas não tinha maiores perguntas sobre, em sua mente.

— Isso significa que você vai ter que... — Não podia terminar a frase, mas não precisou.

O rosto de Teague escureceu e ele soltou seu queixo.

— Eu disse que não sou estuprador. — Krisa, disse ele asperamente. — A Deusa sabe que não tentarei, mas não posso prometer nada, exceto para tentar nos manter ambos vivos, até que possamos sair dessa rocha. Tudo certo?

Krisa baixou os olhos novamente.

— Tudo bem. — Ela sussurrou.

Como poderia explicar que a razão pela qual estava tão chateada e envergonhada, era que a reação dela às mãos e a boca de Teague em seu corpo não tinha sido fingimento? E que a ideia de deixar o grande feral invalidar seu todo importante Certificado de Virgindade estava se tornando quase tão atraente, quanto o era terrível?

Capítulo Doze

A aldeia Yss era menos primitiva do que Krisa esperava que fosse. Um arranjo simples de cabanas cônicas, construídas de argila e palha, estavam dispostas de forma ordenada por trás de uma alta cerca de madeira com pontas duplas e com pontos pontiagudos. — Para manter o soondar fora — Teague explicou quando a viu olhar para ele interrogativamente.

Havia uma série ordenada de pavimentos estabelecidos ao longo das ruas da vila, todos feitos do mesmo tom rosa claro e pedras azuis, que tinham pavimentado seu caminho na selva. Para onde quer que olhasse, Krisa via altas e esbeltas mulheres em tons de verde pálido, fazendo calmamente o que deveria ser suas tarefas domésticas regulares. As mulheres Yss tinham longas cascatas de cabelo pálido pastel, em mais tons de algodão-doce que se possa imaginar, azul céu e lilás pálido, para citar alguns.

Aqui e ali, crianças magras, também em tons verde pálido, jogando em grupos de dois ou três, conversando constantemente, sibilando na estranha e gutural linguagem Yss.

Enquanto caminhavam para a aldeia, a conversa sibilante parou abruptamente e Krisa tornou-se desconfortavelmente ciente de que ela e Teague eram o centro das atenções. Os olhos estrangeiros, estreitos e pálidos de cada Yss na aldeia foram dirigidos sobre eles sem pestanejar.

Teague caminhava impassivelmente com os olhos negros focados a frente, aparentemente alheio à atenção. Krisa tentou fazer o mesmo, embora não fosse fácil.

A última vez que tantos olhos tinham sido apontados em sua direção tinha sido na cerimônia de formatura na Briar Rose, e ela estava usando

consideravelmente mais roupa naquele momento. Além disso, Krisa tinha se graduado com honras, não indo ao encontro do rei canibal de uma vila alienígena, ou onde quer que os guerreiros Yss estivessem levando-os. Isto, ela refletiu, fazia uma diferença substancial.

Por fim chegaram a uma cabana no centro da aldeia, que foi construída em uma escala maior e mais grandiosa do que as outras. Krisa estava prestes a seguir Teague dentro quando ele a deteve com um braço grande. — Desculpe querida. As mulheres são tabus na sede do chefe. Basta esperar aqui por um minuto e eu já volto.

Ela estava falando com as costas largas. — Mas, Teague! — Mesmo enquanto ela observava, ele desapareceu pela porta na cor pastel, de palha, deixando-a sozinha na frente da cabana central grande sentindo-se terrivelmente exposta. Como Krisa temia, não demorou para os nativos esbeltos se aproximarem.

— Vis Lieblick. Lossthinik hissthanik? — Uma mulher Yss alta estava, obviamente, fazendo-lhe uma pergunta, mas é claro que Krisa não tinha ideia do que ela estava perguntando.

— Sinto muito. — Krisa disse à mulher que era pelo menos três polegadas mais alta do que ela e tinha um longo e bonito cabelo em tons de amarelo-claro. A mulher estava vestida com o mesmo tipo de couro macio que os guerreiros usavam, mas ela era em uma espécie de top superior, que cobria os seios pequenos, e uma longa saia com uma fenda no centro. A fêmea lhe fez a pergunta novamente, mas tudo o que Krisa podia fazer era dar de ombros e balançar a cabeça, esperando não ofender a mulher Yss.

— Ela disse que o nome dela é Vis Lieblick, senhora. Qual é seu nome?

Krisa olhou em volta para a fonte da voz e descobriu que pertencia a uma criança, um menino, ela assumiu pela forma como ele estava vestido, que

estava de pé ao seu lado esquerdo.

Ele era alto, como todos eles eram, mas sua pele estava tão pálida que era quase branca com apenas o matiz mais apagado de verde, e seu cabelo era de um castanho quase tão escuro quanto o dela, em vez de ser pastel, como era o cabelo de quase todos os outros aldeões. Em seu ombro, meio escondido pelo cabelo castanho escuro, tinha um pequeno animal rosa. Grandes olhos negros lhe olharam, piscando como uma coruja quando pequena uma pequena bola de pelos se agarrou a garganta do menino.

— Quem é você e como você fala a minha língua? — Perguntou ela, sentindo-se grata por ter alguém para falar, alguém que ela pudesse entender.

O menino levantou-se reto. — Eu ser Ziba.— Ele disse claramente. — Eu sei conversa alienígena porque eu cresci no palácio do inimigo e ele é meu pai. Agora eu estou visitando o irmão e a mãe da minha mãe e sua mulher. — Ele acenou para a mulher Yss alta com o cabelo loiro pálido. — Ela é mulher do irmão da minha mãe e seu nome é Vis. Qual seja o teu nome? — Perguntou, impaciente.

— Krisa. — Krisa disse de uma vez, ainda tentando trabalhar os relacionamentos familiares estranhos do menino, Ziba, havia dito ele. Aparentemente, ele estava visitando seus tios, e seu pai era um alienígena como ela mesma e Teague, o que explicaria sua atípica cor do cabelo e da pele. — Krisa Elyison. — Acrescentou virando-se para a alta mulher Yss, estendendo a mão de maneira hesitante. — Muito prazer em conhecê-la.

Ziba, traduziu rapidamente na estranha língua Yss, e a mulher assentiu graciosamente, mas em vez de tomar-lhe a mão, Krisa de repente viu-se envolvida em um abraço quente, enquanto finos lábios verdes lhe deram um caloroso beijo na bochecha antes que ela fosse liberada. Krisa se perguntou se deveria ter beijado a mulher de volta, embora ela realmente não quisesse. Ela lutou contra o desejo de limpar a mancha úmida na bochecha, onde o beijo havia

sido plantado. —“*Facilmente ofendido*”— A voz de Teague tocou em sua cabeça e ela balançou a cabeça e sorriu para a mulher em seu lugar.

A mulher, Vis, falou rapidamente com o menino que se virou para Krisa e traduzindo.

— Ela diz, seja bem-vinda, irmãzinha. E ela diz que venha à sua casa para um banho antes da festa, Krisalaison. — Ele saltou, juntando o seu primeiro e último nome juntos em uma longa mistura de sílabas. Tomando-lhe a mão, ele começou a arrastá-la para longe da cabana central, em direção ao lado esquerdo da vila. Vis estava em seu outro lado, também a puxando. Krisa se viu sendo carregada para longe da multidão de mulheres e crianças Yss curiosas. Apesar de seus educados protestos, estava em pânico cada vez maior.

— Não, eu não posso..., realmente não posso..., eu tenho que esperar por Teague..., para o meu homem terminar o encontro com o chefe, — disse a Ziba que parecia não estar lhe dando ouvidos. — Ele vai ficar terrivelmente zangado comigo se eu sair, ele me disse para ficar aqui!

— Está tudo bem, Krisa. — Ela virou a cabeça para olhar para o dono da voz familiar e grave. Teague estava em pé na porta da cabana, tendo aparentemente, ouvido o barulho do lado de fora e saiu para investigar.

— Teague, me ajude! — Ela gritou, em pânico. Mas ele só acenou com a mão encorajadoramente.

— Tenho muito o que fazer aqui ainda. Vá em frente, aproveite o banho e divirta-se querida. Vejo você na festa hoje à noite. — Ele se virou e, em seguida, ele desapareceu dentro da cabana, presumivelmente para terminar seus negócios.

Krisa sentiu um impulso irresistível de se livrar das mãos que a estavam puxando, e ir bater no grande rosto do Feral. Como se atrevia a deixá-la com todos esses estranhos alienígenas, quando deveria ter sido óbvio para ele que ela

estava morrendo de medo? Em seguida, a voz prática em seu cérebro falou. “*Se Teague achasse que havia perigo, não iria deixá-los arrastá-la para longe. Ele está dentro da cabana tentando fazer algum tipo de acordo com o chefe Yss, talvez por isso seja melhor você apenas ir junto com Vis e Ziba, e tentar não tornar as coisas mais difícil do que elas são*”.

Krisa supôs que aquela vozinha estava certa, ela geralmente estava, mas isso não fazia a verdade mais fácil de engolir. Fazendo um esforço concertado para relaxar, ela permitiu que Ziba e Vis a puxassem em direção a uma pequena cabana perto do canto esquerdo da aldeia. Prometeu a si mesma que daria a Teague um pedaço de sua mente mais tarde, quando fosse seguro fazê-lo.

A cabana que pertencia a Vis e seu marido consistia em um quarto com tapetes de grama roxo e rosa pálidas estabelecidas ordenadamente em todo o piso de terra bem varrido. Krisa notou uma espécie de cozinha contra uma parede, reconhecível pela superfície de argila bem utilizada com um grande pote na parte superior e um furo rodeado de fuligem por baixo, o qual estava preenchido com carvão incandescente. Havia também uma área de dormir contra outra parede com uma coleção confortável com aparência de tapetes e peles colocados ordenadamente, obviamente já preparados para a noite por vir.

Havia muito mais implementos familiares que Krisa não reconheceu, mas o óbvio, que Vis e Ziba foram arrastando-a, era uma panela de metal perfeitamente enorme já meio cheio de vapor rosado. Eles a empurraram com algum esforço para o centro da sala e fizeram um gesto para ele com grande orgulho.

Aparentemente, este era o lugar onde ela receberia seu banho. “*Meu Deus, isto* é *grande o suficiente para cozinhar uma pessoa inteira*”, pensou Krisa. Ela estava contente que a Yss era aparentemente amigável, e todos estivessem mais ansiosos em banhá-la do que comê-la.

Para seu imenso desconforto, Krisa percebeu que metade da população

da aldeia os tinham seguidos até a cabana de Vis. Os curiosos Yss estavam em volta, observando-a com interesse óbvio, como pessoas aguardando por um show muito esperado para começar. Eles queriam ver ela se despir e subir na panela? Facilmente ofendidos ou não, Krisa imaginou que teriam de esperar um longo tempo antes de ela tirar sua roupa na frente de vinte ou mais completos estranhos para tomar um banho.

Ela se virou para Ziba e tentou explicar. — Sinto muito, mas de onde eu venho pessoas tomam banhos em privado. É… — Ela procurou a palavra certa, —Tabu para uma mulher mostrar-se nua para os outros. — Ziba olhou para ela com alguma surpresa, mas quando traduziu para Vis, ela imediatamente começou enxotando as outras mulheres para fora de casa.

Alguns deles deram a Krisa olhares de reprovação e ela encolheu os ombros se desculpando quando saíram, tentando parecer a mais inofensiva possível.

Finalmente todos, menos Vis e Ziba foram embora, e a alta mulher Yss começou a fazer gestos para Krisa, que eram sinais inequívocos para se despir. Ela olhou para Ziba por alguma pista de como ela deve agir, mas o menino só acenou com a cabeça encorajadoramente para ela.

— Vis está dizendo para se apressar ou todo o calor terá ido — Disse ele apontando para a panela fumegante.

Enquanto ele falava, a mulher Yss puxou a grande panela que estava cozinhando para fora do fogão de barro, e derramou seu conteúdo fumegante, mais água rosada, dentro da panela enorme de banho. Ela assentiu encorajadoramente para Krisa.

— Mas… — Krisa começou a protestar, mas Ziba disse, — Está bem, Krisalaison. É só apenas eu e Vis agora, ninguém mais. Vis estar aquecendo a água para a festa durante todo o dia, mas ela diz que você pode usá-la para um

banho em vez disso. — Terminada a tradução, ele levantou a mão e fez cócegas no pequeno animal rosa difuso em seu ombro. Ele pulou para cima e para baixo e Ziba começou a brincar com a pequena criatura, deixando-o correr no comprimento dos seus braços estendidos. Ele gritava em sua voz aguda, enquanto corria.

Krisa olhou desesperadamente de um Yss para o outro, e decidiu que teria que fazê-lo. Se Vis ia sacrificar qualquer prato delicioso que estava planejando para a festa para seu benefício, apenas para que ela pudesse tomar um banho em seguida, Krisa achou melhor tomar o banho. Além disso, pensou, que se despir na frente de duas pessoas era muito melhor do que se despir na frente de vinte.

Rapidamente ela virou as costas para Vis e Ziba e tirou suas roupas, dobrando-as ordenadamente em uma pequena pilha e deixou o grampo de prata no topo. Então ela subiu com alguma dificuldade sobre o lado panela enorme e se estabeleceu até o queixo em água morna.

Se alguém a teria dito um mês antes que ela seria capaz de relaxar e desfrutar de um banho em uma enorme panela de cozinheiro, no meio de uma aldeia estrangeira ficando totalmente nua na frente de dois estranhos quase completos, Krisa teria pensado que as pessoas estavam completamente malucas. Mas ela e Teague tinham estado trabalhando arduamente através do calor, do frio e a da lama da selva pelo que pareceu uma eternidade, e Krisa tinha usando músculos que nem sabia que tinha. O banho quente foi maravilhosamente relaxante para o corpo cansado, tenso. Depois de um tempo, Krisa pensou que ela poderia quase cochilar, se não fosse a vibração constante entre Vis e Ziba e a alta bronca, contínua de seu animal de estimação.

— Vis dizer que você quer lavar o cabelo e se você está querendo que ela vá ajudá-la, — disse Ziba depois de um tempo. Krisa olhou para cima a partir da banheira de água quente e viu que a mulher Yss tinha um frasco de argila

cheio com um líquido viscoso de cor purpúrea clara em uma mão de seis dedos. Ela estava apontando para o cabelo de Krisa com a outra.

— Tudo bem, — Disse ela, sentindo-se desconfortável. Não parecia educado recusar, embora a ideia de deixar alguém lavar o cabelo dela era um pouco estranha. A alta mulher Yss acenou e sorriu, mostrando os dentes brancos e afiados. Ela pegou a jarra e se aproximou de Krisa com um punhado do líquido nebuloso roxo. Krisa ficou tensa em antecipação, mas, para sua surpresa, Vis foi surpreendentemente suave ao aplicar o que para ela supostamente deve ser a versão Yss de xampu. E Krisa encontrou-se relaxando novamente enquanto os doze dedos fortes massagearam seu couro cabeludo, causando uma fraca espuma, emanando um aroma de flor.

Enquanto trabalhava, Vis cantava e assoviava em voz baixa, agradável. Ziba traduzia quando solicitado, embora ele estivesse mais preocupado com o seu animal de estimação. O animalzinho foi buscar uma pequena bola feita de tiras finas de couro que o menino rolou pelo chão.

— Vis disse que nunca ela tinha visto um cabelo tão lindo, — Disse ele quando sua tia falou. — Esta é uma cor sagrada, como o meu. — Ele olhou por um momento e sacudiu a cabeça orgulhosamente antes de voltar para o jogo do esforço com seu animal de estimação.

—Diga a ela que eu disse obrigado pelo lindo elogio e por lavar meus cabelos, — Krisa respondeu imediatamente.

Depois de mais algumas trocas sibilantes, Ziba disse. — Ela diz que é uma honra servir a mulher do Teague, aquele que não come.

Krisa se admirou suas palavras. Ela estava prestes a explicar que Teague comeu, que ela tinha o visto fazer isso em várias ocasiões, quando o menino levantou a cabeça de novo e perguntou.

— Krisalaison, será verdade que o Teague matou um soondar?

Mais uma vez ela ficou surpresa, mas talvez Teague tivesse dito aos guerreiros, e que as palavras tivessem se espalhado quando eles entraram na aldeia. Krisa assentiu. —Sim, eu o vi fazer isso. — Disse ela.

—Você está dizendo que é verdadeiro? — Ziba ficou animado e queria que ela representasse, mas Krisa declinou enquanto ela ainda estava nua na banheira. No entanto, ela descreveu a ação em detalhes para ele. Ziba tornou-se tão absorto em sua descrição, que se esqueceu completamente do jogo de captura que tinha estado brincando com seu animalzinho, até que a pequena criatura dançava em suas pequenas patas traseiras e reclamou alto em uma voz alta e estridente.

Vis disse alguma coisa e, jogando a bola de couro pequena para seu animalzinho mais uma vez, Ziba traduziu. — Vis diz haver um ditado entre os Yss que apenas um homem com um coração puro e mãos sangrentas pode matar um soondar. Será que o Teague é?

Krisa pensou sobre isso por um momento. — Na verdade, eu acho que é uma boa descrição dele... do Teague, eu quero dizer. — Disse ela finalmente. Ziba assentiu gravemente.

Vis fez Krisa enterrar a cabeça para lavar o shampoo, em seguida, estendeu um pedaço longo e suave de tecido para ela se secar, com que Krisa supostamente pensou ser a versão Yss de uma toalha. Mas quando Krisa pegou suas roupas amassadas, a mulher Yss sacudiu a cabeça e fez ruídos assobiando de desaprovação.

— Vis dizer que suas roupas não servem para uma festa. — Ziba traduziu. —Ela diz que deve usar alguma dela para parecer adequado.

—Oh, eu não poderia, possivelmente… — Krisa começou a protestar, mas o pensamento da camisa branca e das calças gastas e sujas a fez mudar de ideia. —Por favor, diga a Vis que eu ficaria honrada em vestir a roupa para a

festa. — Disse a Ziba, esperando que ela não fosse se arrepender.

Pelo menos a camisa e as calças que usava agora tinha coberto a maioria de sua pele. Se o que ela tinha visto de roupas femininas Yss houvesse qualquer indicação, ela estava logo se vendo muito mais inadequada do que tinha estado antes, mesmo usando as calças de Percy.

* * * * *

A festa foi realizada no centro da vila, atrás da cabana do chefe com localização central. Havia um grande anel de esteiras de grama para as pessoas se sentarem, espalhando-se em torno de um espaço aberto no meio, que continha uma abundância de alimentos amontoados em vários ossos, pedras e travessas de madeira.

Quando ela chegou ao anel de festa, como o Ziba informou-a que era chamado, Krisa viu que Teague já estava lá. Ele estava sentado de costas para ela, ao lado de um alto, magro e idoso Yss, a quem Krisa imaginou que deveria ser o chefe. E Teague, também tinha aparentemente usado uma banheira e um barbeador. Embora tivesse mantido as calças pretas e botas, ele estava usando um colete de couro tingido em um cinza esverdeado suave que combinou bem com os tons de sua pele escura.

Sentiu-se inexplicavelmente tímida sobre vê-lo novamente depois do que tinha acontecido entre eles fora da aldeia Yss, mas Vis a empurrou para o grande Feral de uma forma profissional. Em seguida, sua nova amiga foi ocupar-se de servir a comida, como as outras mulheres da aldeia estavam fazendo.

Krisa andou para frente, muito consciente de suas roupas novas e se perguntou o que Teague pensaria ao vê-la. Ela sabia o que Madame Ledoux teria pensado, ela teria desmaiado em um pacote cheio de crinolinas e anáguas. Krisa tinha parado de empurrar os limites de decoro de Briar Rose já eles tinham sido quebrados completamente quando ela colocou a roupa com que Vis a presenteou.

Era um lindo vestido, de duas peças, feitas de couro macio e suave como manteiga e tingidos de um roxo profundo, que era como chamavam os olhos azulados do soondar, conforme Zima informou a ela. O top e a saia eram bordados com minúsculas costuras de um puro verde pálido, mais delicado que qualquer coisa que Krisa já tenha visto em sua classe de costura avançada em Briar Rose. Krisa só poderia supor que ao vestido teria sido dadas várias camadas de tinta a fim de alcançar a cor profunda neste mundo pastel. E alguém, provavelmente Vis, tinha trabalhado durante horas para fazer os padrões elaborados no couro com o fio verde pálido.

Era mais do que óbvio que a mulher Yss estava a deixando usar a melhor roupa que a ela tinha, e Krisa tinha agradecido novamente e novamente. A Vis, sorrindo, só tinha assentindo e inclinou a cabeça em reconhecimento do prazer de Krisa nas roupas bonitas.

Belo ele era, mas modesto certamente ele não era. A roupa tinha sido feita para caber em Vis, que era umas três polegadas mais alta e consideravelmente menor no busto do que Krisa. A parte superior do top, que teria apoiado suavemente os pequenos seios da mulher Yss, empurrou os de Krisa para cima e para fora, como algumas frutas cremosas e exóticas em um prato, mal cobrindo seus mamilos. Olhando para baixo enquanto ajustava as tiras, Krisa podia ver as marcas vermelhas escuras de amor que Teague tinha colocado nas laterais dos seios durante o seu "*desempenho*" para os guerreiros Yss no caminho. Eles levariam um tempo para desaparecer de sua pele naturalmente pálida.

Mas se no topo estava ruim, a parte inferior da linda roupa ficou ainda pior. Projetado para uma mulher três polegadas mais alta e um pouco mais fina através dos quadris, a saia de couro longo agarrou-se a ela e tinha uma fenda diretamente até o centro que teria caído em torno do meio da coxa em Vis. Mas, a fim de impedir a bainha de arrastar no chão, Krisa foi forçado a ajustar a saia para cima, deixando o cós bastante alto, o que colocou o início da fenda quase na

junção de suas coxas.

A graça salvadora da roupa foi a pequena tanga de couro que Vis lhe deu para usar sob a saia. Ela consistia em um pequeno triângulo de couro que amarrava em ambos os lados com cordões de couro e mal cobria os lábios de sua vagina. Se alguém lhe tivesse dado algo parecido para usar em Briar Rose, Krisa teria virado o nariz em horror. Mas ela tinha estado sem roupas de baixo desde a sua fuga do navio e a caminhada selvagem através da selva com Teague. E Krisa estava sem seu espartilho beliscando sua cintura e as ceroulas de seda que ela estava acostumada, e Krisa estava mais do que feliz por poder colocar a tira de couro.

Infelizmente, a tanga foi tingida com um verde pálido para combinar com o bordado sobre o vestido em vez do próprio vestido. Quando ela entrou, o triângulo verde pálido de couro brilhou no topo da fenda da saia. Krisa pensou que era provavelmente demais esperar que Teague não fosse notar e comentar sobre ele.

Nas roupas coloridas e reveladoras da mulher Yss, Krisa pensou que ela parecia um holo vídeo que tinha visto uma vez num clube que servia para “o lazer dos cavalheiros. ” Sua melhor amiga, Maida, tinha encontrado no quarto de seu irmão mais velho no solstício de inverno passado e tinha contrabandeado para que ela e as outras meninas a rissem ainda mais. Madame Tresser, sua mãe no dormitório, pegou Maida com o anúncio, e ela tinha passado bem mais de um mês em terapia de detenção por causa dele. Nunca em seus sonhos mais selvagens poderia Krisa ter se imaginado em tal roupa, mas, também, seus sonhos nunca incluirão uma viagem ao Planeta X.

Andando a pé, hesitante para a frente, ela bateu em Teague no ombro e esperou por qualquer observação sarcástica que Krisa tinha certeza de estar próxima. O grande Feral virou-se para olhar para ela e seus olhos se arregalaram, piscando prata. Ele deu um assobio baixo e realmente ficou a olhar de cima a

baixo.

— Isso é o que eu chamo de equipamento completo, garotinha, — Teague disse finalmente, olhando para ela com olhos que tinham ido do preto para o prata quando a viu. — Vire-se para que eu possa obter o efeito completo. — Sentindo-se como a prostituta da Babilônia, como Madame Ledoux teria dito, Krisa fez como ele pediu. Ela sentiu os olhos de prata grudados em sua pele nua como uma marca. Não deveria ter sido um negócio tão grande, afinal Teague a tinha visto nua após o banho no rio.

Mas havia algo sobre o vestido púrpura Yss, que parecia fazê-la, de alguma forma, se sentir mais do que nua. Talvez fosse a forma como o couro macio se agarrou firmemente a suas curvas, ou o flash do triângulo verde pálido no ápice de suas coxas, mas pelo tempo que ela tinha terminado sua rotação, Krisa sentiu que cada polegada de pele exposta estava corando sob o olhar aquecido de Teague.

— Bem. — Disse ela por fim, contemplando a sua volta e esperando o comentário de que estava certa viria a seguir. — Você não vai dizer algo sarcástico?

Teague sorriu e balançou a cabeça. — Sarcástico eu? Você me magoou amada. Você sabe que eu não tenho um osso sarcástico no meu corpo.

— Oh, claro. — Disse Krisa. As brincadeiras casuais fizeram muito para dissipar seu nervosismo sobre sua aparência e ela disse levemente. — Você se importaria de ajudar uma senhora a encontrar o seu lugar?

— Eu não me importaria se eu visse qualquer uma por aqui. — Teague respondeu, sorrindo amplamente. — Mas eu não vejo ninguém aqui que se encaixa nessa descrição, pelo menos não para os padrões Briar Rose.

Krisa corou profundamente e abaixou os olhos para os pés nus n, pois nenhum dos Yss usava sapatos, a menos que saísse dos limites da sua aldeia. —

Isso não é engraçado Teague. — Disse ela, mordendo o lábio.

— Ei, querida. — Ele ergueu seu queixo, a forçando a olhar em seus olhos que ainda estavam como prata sólida na penumbra crescente. — Foi um elogio. Você percorreu um longo caminho desde a garota que eu tirei do Princesa das Estrelas, que não queria sair na selva sem o espartilho.

— Era uma cinta para acentuar a cintura. — Krisa protestou. Ela tentou olhar para baixo, mas Teague não permitiu. — É o que cada dama usa sob a roupa.

— Krisa — Disse ele a sério, — Eu estive ao redor da galáxia e eu vi uma enorme quantidade de senhoras tanto próprias quanto impróprias, mas nem uma única delas era tão bonita quanto você. Você parece boa o suficiente para se comer. — O olhar faminto em seu rosto escuro provou sua sinceridade, e Teague olhou nos olhos castanhos de Krisa um longo tempo antes de liberar o queixo.

— Teague… — Ela não tinha ideia do que dizer, mas felizmente ela foi salva da situação embaraçosa por um alto anúncio do velho enrugado chefe Yss.

Aparentemente, era hora de comer.

Sentado ao lado de seu "*homem*" no tapete de grama fina, Krisa fez o seu melhor para dobrar as pernas modestamente como viu as mulheres Yss ao seu redor fazendo. Era difícil evitar a que aparecesse qualquer coisa através da fenda de seu vestido. O chefe idoso se levantou e disse algo que soou para Krisa como um poço de serpentes se preparando para lutar. Deve ter sido um discurso empolgante porque depois, todos os casais Yss sentado em pares ao redor do círculo apoiou com aprovação e bateu as mãos no chão, em um tipo estranho de aplausos. Krisa teve o cuidado de fazer o que estava sendo feito em torno dela, atenta como sempre da advertência de Teague sobre não ofender seus anfitriões.

Ela estava esperando que Teague fosse traduzir um pouco do que estava sendo dito, mas ele foi mantido ocupado a maior parte da festa falando com o

velho chefe. Krisa começou a desejar que Ziba estivesse por perto para lhe dizer o que estava acontecendo, mas ele e as outras crianças estavam comendo em um círculo separado não muito longe. Era óbvio que os grupos de adultos e crianças não se misturavam muito.

Após o discurso do chefe, várias das mulheres se levantaram e começaram a passar em torno da série de tigelas e pratos, servindo a comida em folhas largas, planas. Krisa tinha pensado que as folhas deviam ser algum tipo de jogos americanos, mas elas acabaram por virem a serem os pratos.

Krisa não tinha certeza sobre alguns dos pratos Yss. Absolutamente nada lhe parecia familiar, mas depois de três dias e noites de branda pasta nutritiva, ela estava pronta para tentar quase qualquer coisa. Quando as mulheres vieram ao redor segurando várias tigelas e pratos, Krisa concordou ansiosamente para indicar a sua disponibilidade para tentar o que elas ofereceram. A única exceção foi quando o maior prato foi trazido e fez seu caminho em torno do ponto médio da festa. Era uma grande placa de madeira, empilhada com carne desconhecida, mas com cheiro delicioso.

As meninas de Briar Rose não foram incentivadas a comer muita carne, porque a diretora acreditava que fazia as fêmeas muito agressivas, mas Krisa sempre teve um gosto muito pouco feminino para isto. Ela estava mais do que disposta a tentar o estranho corte de carne suculenta que a mulher Yss segurando o prato estava lhe oferecendo. Mas, assim quando Krisa estava prestes a acenar com a cabeça ansiosamente ouviu Teague avisar em um sussurro, — Não coma a carne.

Krisa olhou para ele com o canto do olho. Ele estava olhando para frente, aparentemente envolvido em algo que o velho chefe estava conversando, mas ele não tinha tomado nenhum pedaço da carne com cheiro delicioso. Sua folha estava repleta de pedaços de legumes, frutas e nozes por sua vez.

— Por que não? É veneno? — Krisa sussurrou, com o canto da boca.

Talvez a carne fosse de algum animal que o Yss poderia metabolizar, mas alienígenas como ela e Teague, não podiam.

— Não, mas você vai se arrepender se você a comer — Foi sua resposta oblíqua. Em seguida, ele voltou para sua conversa com o chefe, como se nunca tivesse falado.

Krisa olhou ansiosamente para o prato de carne suculenta, e lançou um olhar rebelde para Teague. Só porque ele sabia a língua e os costumes dos Yss, e pensou que poderia ficar lhe dando ordens. Mas estava com fome e queria ter algumas das deliciosas costeletas e costelas que foram empilhadas no prato. Afastando-se dele, abriu a boca para aceitar o corte de carne que a mulher Yss tinha selecionado para ela, apenas para descobrir que o ela tinha se mudado para mais baixo no círculo, e tinha perdido sua chance.

Sentindo-se decepcionada e chateada com o grande Feral, Krisa consolou-se com os outros alimentos estrangeiros em seu prato de folha. O melhor foi um fruto de ouro pequeno, redondo que parecia suco de quase todos os doces, com sabor de sol no interior. Ela comeu um monte destes frutos, pois a única bebida oferecida era, obviamente, alcoólica. Uma senhora nunca se embriaga, pensou secamente. Claro, uma senhora não deveria sentar-se no chão com selvagens, e comer com os dedos enquanto usava um vestido que faria uma prostituta corar como uma donzela, mas Krisa decidiu que ela teria que escolher suas batalhas e tentar ficar com as que ela poderia ganhar neste momento.

Depois que todos tinham comido o conteúdo de sua folha prato, uma série de tochas foram acesas ao redor do círculo para expulsar a escuridão profunda, e em seguida, o chefe se levantou e bateu palmas para chamar a atenção. Apontando para um jovem guerreiro Yss e sua mulher, ele fez um breve discurso e, em seguida, acenou para o casal se levantar.

Teague virou para ela. — Ele está dizendo que uma vez que este é o jovem que providenciou a carne para a festa da noite, ele e sua mulher vão ter a honra

de entreter-nos agora, — Ele traduziu em voz baixa.

Krisa assistiu com interesse como os dois se levantaram e caminharam até o centro do anel, onde o banquete e todas as várias tigelas de comida havia sido removido, para abrir espaço para a sua apresentação. Suavemente, na escuridão fora do círculo de luz bruxuleante, Krisa ouviu uma batida lenta começar. Um som flutuou alto e começou tecendo dentro e fora da batida constante, fazendo com que os cabelos na parte de trás de seu pescoço se levantassem com a sua beleza assombrosa.

O jovem Yss e sua mulher ficaram olho no olho e circularam em torno de si três vezes e depois pararam, encarando um ao outro. Por um momento, Krisa pensou que eles estavam indo para cantar uma espécie de estranho dueto, mas não fizeram nenhum som. Em vez disso, a esbelta mulher de Yss, que tinha cabelos longos, da cor lilás, afundou lentamente de joelhos e começou a esfregar as bochechas sensualmente contra as coxas do jovem guerreiro. O guerreiro se abaixou e acariciou seu rosto suavemente, e depois, para descrença absoluta de Krisa, ele afastou a tanga e revelou o que só poderia ser seu….

— Eu tenho que ir — Disse Krisa em voz baixa, estrangulada, tentando levantar-se do círculo e fugir. A mão de Teague em seu braço a parou bruscamente, segurando-a no lugar com um aperto que, embora não fosse cruel, era absolutamente inquebrável.

— Você não está indo para lugar algum, garotinha — Ele rugiu. Sua voz era baixa e, obviamente, para ser apenas para os seus ouvidos e foi quase perdida na batida rítmica do tambor. — Você vai ficar aqui e assistir ao show educadamente como todo mundo.

— Mas Teague, não posso! — Krisa se sentia quase em pânico. Dentro do círculo de tochas, a bonita menina Yss estava esfregando seu rosto amorosamente contra o pau endurecido do seu homem.

Krisa não podia acreditar que estava tendo que testemunhar tal ato. Nem em suas fantasias mais loucas, ela tinha pensado em tal coisa, e agora Teague estava exigindo que ela olhasse e fingisse apreciar, como qualquer outra pessoa neste círculo de selvagens.

— Eu não posso — Disse ela novamente.

— Sim — Ele rosnou, aplicando mais pressão no braço dela. — Você pode. Tem alguma ideia do insulto que é caminhar para fora durante um entretenimento de uma festa? Eu teria que lutar contra o guerreiro, o que não seria um problema, mas, em seguida, você teria que lutar contra sua mulher. Então nós dois acabaríamos no lado de fora da parede da aldeia, à espera de que a soondar feminina viesse para o ataque. Agora, é isso que você realmente quer?

— N-não. — Krisa tremeu. Ela estava tendo um tempo difícil para obter qualquer coisa fora de sua boca afinal, porque seus olhos continuavam voltando para o centro do círculo iluminado por tochas, onde o entretenimento ainda estava acontecendo. Agora a jovem mulher Yss estava lambendo ao longo do comprimento do eixo do seu homem em cursos longos, lentos, e ele estava obviamente gostando muito.

— Tudo bem, então — Teague rosnou em seu ouvido, ainda mantendo seus olhos de prata educadamente sobre a exposição acontecendo no centro do círculo também. — Eu sei que não é exatamente um curso eletivo em sua preciosa Briar Rose, mas não vai matá-la assistir a um boquete.

— Você pode até tomar notas para a sua noite de núpcias após a cerimônia de casamento com Lorde Radisson, pois a maioria dos homens gostam muito disto, como você deve ter notado. — Ele acenou para o jovem guerreiro que estava fazendo ruídos baixos e urgentes, na parte de trás de sua garganta, enquanto sua mulher continuou a lamber seu pau duro e dourado pelas tochas.

Krisa atirou ao grande Feral um olhar incrédulo, mas ele parecia estar

totalmente sério.

Ela ia ter que fazer isso depois da cerimônia de casamento com Senhor Radisson? Ela tocou a pequena protuberância na parte de trás do pescoço onde o chip castidade foi implantado.

Ela estava indo definitivamente indo ver o Dr. T'lix no minuto em que pisasse em Lynix Prime. Ainda assim... Seria realmente tão ruim assim? Se você amasse o homem?

Contra seu melhor julgamento, Krisa encontrou-se observando o desempenho na frente dela com grande atenção aos detalhes. Agora a jovem mulher Yss estava batendo suavemente num saco redondo em forma de ameixa pendurado sob o pênis de seu homem. Ela fez cócegas com a língua, correndo a ponta dela em lambidas pequenas, que arrancavam um gemido baixo dele. E então chupou seu pau grosso em sua boca, balançando a cabeça no ritmo dos tambores insistentes. O jovem guerreiro tinha as mãos enterradas no fundo de seu lindo cabelo lilás, pedindo a ela por mais. Krisa supôs que Teague diria que ele estava transando com a boca dela da mesma maneira que faria com a sua buceta, e corou carmesim com o pensamento.

Ela tentou imaginar-se realizando um serviço como esse para o senhor Radisson, mas por alguma razão sua mente se recusou a mostrar-lhe tal coisa. Em vez disso, ela se viu ajoelhado na frente de Teague, desafivelando seu cinto de couro preto e afastando as calças pretas que usava. Pensou no aroma quente, almiscarado dele e da forma como o seu pau grosso esfregaria em seu rosto antes de o levar em sua boca. Krisa começaria com a ponta e exploraria com a língua, assim como tinha visto a mulher Yss fazer. Então ela ia agradar o saco sensível pendurado abaixo do pau dele, até que Teague lhe pedisse para fazer mais, e lhe implorar levá-lo dentro de sua boca e sugá-lo. Krisa quase podia ouvir seus gemidos e sentir aquelas mãos grandes, às vezes suaves e às vezes ásperas, enterrados em seu cabelo enquanto ele pedia a ela para prová-lo, levá-lo

profundamente enquanto a fodia na boca. E qual seria o gosto de seu gozo quando ela finalmente o ordenhasse até que Teague jorrasse em sua boca quente? Seria salgado e quente? Será que ele ia segurá-la perto e apertado e gemer seu nome quando se entregasse ao prazer que ela lhe dava?

O pensamento estranho lhe deu uma sensação pulsante no poço de sua barriga e ela podia sentir seu sexo ficando molhado e quente, embora Krisa soubesse que era errado. Ela tornou-se ciente de que a mão que Teague tinha usado para contê-la ainda estava em seu braço. A palma da mão calejada, áspera e Krisa não podia deixar de lembrar a maneira como sentiu suas mãos tocando em seus seios, e a umidade quente de sua boca enquanto ele chupava seus mamilos. Suas memórias proibidas e o contato com a pele dele, mesmo que de forma tão pequena, enquanto ela estava a recordar tais pensamentos proibidos, causando em seu estômago um rolo preguiçoso, longo e lento.

Krisa desviou o olhar do jovem casal Yss no meio do círculo, que estavam obviamente se aproximando de algum tipo de conclusão e virou os olhos para Teague.

Ele estava olhando para ela, bem como, seus olhos de prata semicerrados com alguma emoção que Krisa tinha medo de nomear, até para si mesma. Tome notas, Teague tinha dito. A maioria dos homens se divertiam. Ela se perguntou se poderia aprender a agradá-lo dessa maneira… A maneira como a mulher Yss jovem estava agradando seu homem. Qual seria a sensação de estar de joelhos diante dele, impotente e quente, tendo o seu eixo profundamente em sua garganta, chupando seu pau na frente de todos?

Um súbito ruído no centro do círculo atraiu relutantemente os olhos do grande Feral e de Krisa, então eles perceberam que o casal Yss tinha terminado o seu desempenho e o resto do círculo estava assobiando baixinho e acariciando suas mãos no chão em aplausos.

Será que a festa acabou? Krisa mudou-se para se levantar, mas a mão de

Teague agarrou seu braço e ele balançou a cabeça ligeiramente.

Houve uma longa pausa durante a qual ninguém se moveu e, em seguida, o velho chefe levantou-se mais uma vez. Ele fez o que parecia ser uma série de anúncios que Teague não traduziu e, em seguida, a festa começou a quebrar-se.

Krisa se levantou com cuidado, tentando não mostrar muita pele e olhou em volta, hesitante, procurando Vis. A mulher Yss não apareceu, mas Ziba o fez de repente, saltando à vista à luz das tochas com seu pequeno animal agarrado ao seu cabelo e batendo.

— Você é o Teague, aquele que não come. — Ele anunciou um pouco sem fôlego, levantando os olhos sem medo para encontrar os prateados de Teague.

— Que eu seja, irmãozinho, — Teague respondeu, com um toque de sorriso brincando nos cantos de sua boca cheia. — E você deve ser o pirralho do Sarskin. Se parecer muito com ele. Um pouco mais e alguém vai querer reivindicá-lo.

— Eu ser Ziba e este ser Az. — O menino meio Yss indicou o seu animal de estimação rosa tagarelante que estava sentado em cima de sua cabeça. — Sarskin aquele não consumido, é meu pai. — Continuou ele, orgulhoso. — Ele me contou muito sobre o Teague. Eu fico muito feliz em conhecê-lo. — Ele estendeu a magra palma da mão de seis dedos, e Teague a cobriu gravemente com uma de suas próprias mãos grandes, com a palma para baixo.

—Eu tenho o prazer de conhecê-lo também, Ziba, filho de Sarskin, — Ele retumbou e Krisa jurou que ela podia ver um brilho de diversão nas profundezas de prata de seus olhos. — Bem cumprido.

— Bem conhecido! — Ziba ecoou com entusiasmo. — Vis enviou-me para mostrar ao Teague e sua mulher a cabana de convidados. Siga-me! — Ele

saltou correndo em alta velocidade, com o animalzinho a tagarelar agarrado ao seu cabelo. Krisa e Teague os seguiram, esquivando-se através da multidão de Yss que se dispersava da melhor maneira possível.

— Por que eles continuam chamando você de "*aquele que não come*?"— Krisa perguntou em voz baixa, enquanto tentavam acompanhar Ziba. — Eles viram você comer uma refeição inteira na frente de todos. **—** Ela pensou que Teague parecia um pouco desconfortável.

—É uma longa história. — Disse ele, tomando-lhe o braço para conduzi-la ao redor de um pequeno grupo de aldeões Yss que estavam conversando de pé enquanto ele acenava com a cabeça educadamente.

— Eu não tenho nada, senão o tempo. — Krisa assegurou-lhe incisivamente. Mas, em seguida, eles encontraram-se em frente a uma cabana de palha e barro, que era um pouco menor do que as outras na aldeia, embora ainda perfeitamente construída. Ziba já estava saltando impacientemente diante da porta.

— Este é o lugar — Explicou Ziba. — Vis dizer que deixou tudo o que precisa dentro, Krisalaison. Ela diz que se precisar de alguma coisa para deixá-la saber. Você se lembra de onde ela e o irmão de minha mãe fica?

—Sim, Ziba. Obrigado. — Krisa não poderia deixar de sorrir com a bola de energia nervosa que era Ziba. Ele estava muito mais animado à noite do que tinha estado antes, talvez porque estivesse em torno de Teague, que o deixava a um passo de ter febre, tamanha a agitação.

Aparentemente Teague também pensou o mesmo, porque abaixou-se para obter um melhor olhar para a criança nervosa. — Tudo bem irmão mais novo, certo? — Ele perguntou delicadamente.

Ziba parou de saltar abruptamente e olhou para Teague, o rosto fino subitamente sério. — Teague que não come, por que você não comeu o meu pai?

— Ele perguntou abruptamente, para grande confusão de Krisa. — Muitas vezes ele me contou da batalha terrível que você lutou com o Haulder Lenz, e como você superou ele. E ainda assim você não o comeu.

— Por quê? — Ele estendeu a mão para acariciar a pele macia do animalzinho, como se para o seu conforto. A pequena criatura lambeu a mão dele com a sua pequena língua rosa.

— Bem, Ziba. — Os olhos prateados de Teague se estreitaram, como se pensasse a melhor forma de responder à pergunta. — Seu pai lutou bem. Eu pensei que era melhor ter um homem assim no mundo, do que mandá-lo para a terra da comida. — Além disso — Ele cutucou o menino nas costelas suavemente. — Ele pareceu azedo para mim.

Ziba riu e Tz, sua bola de pelos, subiu para o topo da sua cabeça e saltou para cima e para baixo, repreendendo em voz alta em seu agudo bater. — Digamos que você é verdadeiro? — Ele perguntou, parecendo aliviado.

Teague subiu a mão e bagunçou o cabelo escuro do menino brevemente, arriscando a ira da bola de pelos irada. — Eu digo que é verdadeiro irmão mais novo, — ele respondeu, sorrindo.

Sua resposta, aparentemente satisfez Ziba porque com uma onda, ele saltou fora da vista de forma abrupta, e Krisa ouviu o seu grito. — Bons sonhos Krisalaison. É bom sonhar, Teague, que não come.

— O que foi aquilo? — Ela perguntou, quando tinha certeza de que o menino estava fora do alcance da voz. — Por que ele perguntou por que você não “*comeu*” o seu pai?

— Porque eu não comi. — Teague respondeu casualmente, abrindo a porta de palha e abaixando a cabeça para entrar na cabana. Krisa não teve escolha senão segui-lo.

O interior da cabana era muito parecido com a de Vis, só que menor. Na verdade, ele não era muito maior do que seu cubículo de dormir na nave Princesa das Estrelas. Não havia nenhuma área de cozinha e a cabana era em grande parte desprovida de utensílios domésticos. Um tapete de grama grossa tinha sido colocado contra a parede distante e havia vários cobertores de peles e couro que pareciam quentes e confortáveis. Um jarro de barro contendo gordura e um pavio queimava com fogo baixo num canto, lançando longas sombras no espaço acolhedor. Talvez mais aconchegante do que eu realmente desejaria que fosse, Krisa pensou desconfortavelmente. Ela olhou para o tapete de grama para dormir e não podia deixar de lembrar o desempenho que tinha testemunhado durante a festa.

— Então, o que exatamente aconteceu? — Perguntou ela. Parecia melhor pressionar Teague para os detalhes da sua situação estranha entre os Yss do que para pensar na hora de dormir.

— Você lutou com este homem, o pai de Ziba e não o matou? — Isso foi tudo, pelo menos, que ela tinha reunido a partir da estranha conversa entre Teague e o nervoso menino, meio Yss.

Teague suspirou e sentou-se em um lado do tapete de grama para tirar as botas.

— Cerca de oito anos atrás, eu estava viajando com um grupo de mercenários do setor de Black Star. Fomos entregar alguns bens para Lynix Prime. Agora, o que estávamos entregando não era ilegal por si só, mas em Prime tem uma taxa bastante elevada para importação e meus sócios e eu não sentimos a necessidade de pagá-la. — Ele sorriu ferozmente e Krisa percebeu que ele estava falando sobre contrabando.

— Então. — Teague se acomodou mais confortavelmente na cama de tapete de grama, com as costas encostando na parede de barro da cabana. — Nós estávamos tentando fazer uma abordagem baixa, voar sob seus detectores. Mas o

idiota que tínhamos pilotando levou-nos muito baixo e acabou arrancando fora o eixo principal. Era aterrissar ou romper o casco, portanto, acabamos aqui.

— No Planeta X — Disse Krisa. Ela cruzou as pernas meio sem jeito ao se sentar ao lado de Teague sobre o tapete de grama. Vis deixara uma pilha de roupas, junto com os enfeites pessoais que Krisa estava carregando nos bolsos das calças de Percy. Ela viu seu alfinete de cabelo, o cronômetro e o Certificado enrugado, mas ainda legível, da virgindade, mas suas roupas e sapatos originais estavam longe de serem vistos.

— No Planeta X — Teague ecoou. — Bem, nós três sobrevivemos ao pouso, eu e dois outros, ambos Drusiniano. Você sabe sobre Drusiniano?

Krisa sacudiu a cabeça.

— Eles estão geneticamente modificados para serem sinceros, fisicamente incapazes de dizer uma mentira ou quebrar sua palavra. — Disse Teague.

Krisa pigarreou delicadamente. — Isso deve trazer algumas dificuldades bastante interessantes... problemas nesta linha de trabalho. — Um contrabandista que não podia mentir estaria em clara desvantagem, pensou.

Teague mostrou seu sorriso branco novamente. — O que você acha que eu estava fazendo junto com eles? Não que Drusiniano precisem de muita ajuda para torcer a verdade. De qualquer forma, nós desembarcamos em X e não havia maneira de sair novamente sem uma peça de reposição para o eixo. Tínhamos um pequeno barco de um homem só, o que significou que nós dois íamos ficar presos aqui por uns dois, três meses que levou para conseguir a peça. Enviamos D'lan a Lynix Prime para obtê-lo e Sarskin e eu ficamos para trás. — Ele suspirou e passou a mão pelo cabelo.

— Enquanto estávamos esperando a peça da nave, me familiarizei com os Yss e Sarskin decidiu que gostava daqui tanto que ele acabou decidiu ficar. —

Teague mudou para o tapete.

— Eu acho que você poderia dizer que ele foi cativado. Ele se juntou com uma Yss, várias Yss, de fato. E a última vez que ouvi dele foi que criou uma espécie de pequeno império. A base de operações que é conveniente para Prime por sua "*linha de trabalho*", como você colocou, mas localizado onde ninguém iria pensar em olhar. Eu estou esperando que ele possa nos ajudar a sair dessa rocha, ele me deve uma dívida de sangue desde que eu não o matei.

— Você ainda não explicou por que você não o matou. — Krisa apontou. — Ou "*comeu*." Seja lá o que isto significa. — Ela tinha começado a percorrer a pilha de roupas que Vis deixara, e foi um prazer encontrar uma roupa verde pálido como a que ela tinha e que era, obviamente, para uso diário, em vez de ocasiões especiais. Havia também um vestido rosa e roxo, parecido com um estilo tubinho, mas Krisa não tinha muita certeza. Parecia ser feita de algum tipo de pele.

Ela olhou para Teague interrogativamente. — O que significa, afinal? — Ela perguntou.

Teague sorriu para ela. — Apenas o que expressa, querida. O costume Yss é que se você matar um homem de uma tribo que está em guerra, você deve comê-lo, a fim de levar a sua força para dentro de si. Se você está se sentindo especialmente generoso, você pode até mesmo compartilhar sua força com o resto da sua própria tribo.

—Você quer dizer… — O impacto total do que Teague estava dizendo de repente afundou, e Krisa começou a sentir vagamente náuseas. Apesar dos rumores de canibalismo, ela tinha acabado de assumir que toda a conversa de "*comer*" e "*não comer*" era metafórico. A panela enorme, grande o suficiente para cozinhar uma pessoa, onde ela teve seu banho, de repente fez sentido. E a festa... — Na festa esta noite… — Ela sussurrou fracamente, pensando no prato com cheiro delicioso e cheio de cortes suculentos de carne.

Teague assentiu. — Você não está feliz por não ter comido a carne? — Ele perguntou, com um sorriso brincando em torno de sua boca carnuda. — Eu disse que você ia se arrepender se você fizesse.

— Oh minha deusa — Krisa murmurou, segurando roupa rosa e roxa contra o peito. Ela tinha chegado tão perto de comer a carne, mesmo ele tendo avisado para não comer, e só não comeu *porque ele avisou para ela não comer*, Krisa admitiu para si mesma. É claro que estava aliviada por não ter comido, mas ainda era mais do que um pouco agravante que Teague parecia estar sempre certo. — Você poderia ter me dito — Ela retrucou — Em vez de apenas dizer que eu ficaria arrependida. Agradeço o aviso, mas eu gostaria de saber por que eu não deveria fazer alguma coisa de vez em quando.

— Eu acho que "*porque eu disse*" nunca vai ser uma resposta boa o suficiente para você, não é, menina? — Teague rosnou. — Nesse caso, é melhor você começar tomando cuidado de neutralizar esse chip, assim que possível, pois do contrário você logo fará o que o gentil e velho Lorde Radisson diz sem uma boa razão o resto de sua vida.

— Você não tem que me lembrar. — Krisa disse queimado de raiva, jogando fora a roupa rosada difusa e girando sobre ele. — Eu sei no que estou me metendo.

— Sabe? — A voz de Teague foi um ruído surdo, perigoso, e por um momento eles travaram uma batalha com os olhos, marrom colidindo com prata.

Finalmente Krisa baixou os olhos e respirou fundo. — Então você teve uma briga com esta pessoa Sarskin? — Ela disse, determinada a chegar ao fundo da situação e não deixar Teague distraí-la com um argumento.

— Nós tivemos um desacordo, — Disse Teague, seu tom indicando que ele iria recusar-se a elaborar, se perguntasse. — Nós tínhamos sido adotados pela mesma tribo Yss e acabamos lutando contra um Haulder-Lenz para liquidá-lo,

uma espécie de duelo de morte usando lanças. Só que eu não o matei.

— Por que não? — Perguntou Krisa. Para qualquer outra pessoa teria sido uma pergunta ridícula, mas para Teague, que havia matado tantos homens sem escrúpulos, ela pensou que era inteiramente razoável. — Ele era um amigo?

O grande Feral parecia claramente desconfortável. — Sarskin não era um amigo exatamente, mas ele era alguém que você pode contar sobretudo se estivesse no inferno. Um bom camarada, mesmo que ele fosse um filho da puta escorregadio. Drusinianos estão sempre procurando uma maneira de ganhar um crédito.

Algo sobre a maneira como ele disse não soava bem. Krisa olhou para ele com ceticismo, ela não podia imaginar Teague recuando só porque o homem tinha sido um bom "*camarada*. "

— Se você estava com raiva o suficiente para lutar com ele, você estava com raiva o suficiente para matá-lo. — Ela disse, sem rodeios. — Então por quê? ..., espere um minuto, se você tivesse matado ele, você teria que..., você não o matou porque você não queria comê-lo! — Pela expressão no rosto escuro de Teague, ela soube imediatamente que ela estava certa.

Krisa sentiu como se finalmente tivesse encontrado uma espécie de brecha na segurança do grande Feral.

Teague parecia tão difícil, tão absolutamente invencível e cruel, e ainda isto era algo que ele não faria. Claro, Krisa certamente não teria feito isso a si mesma também.

Canibalismo, ela tinha certeza, seria fortemente desaprovado em Briar Rose como sendo mais do que um pouco grosseiro. Mas ela não tinha pretensão de ser sociopata difícil e homicida.

— Você entenderia se o tivesse visto. — Teague murmurou, as

sobrancelhas negras erguidas sobre os olhos de prata. — Sarskin é grande, gordo… — Ele fez movimentos no ar com ambas as mãos, indicando uma grande barriga e fez uma careta. — Provavelmente me levaria todo o mês para acabar com ele, mesmo com a ajuda da tribo. — Disse ele, franzindo a testa. — Eu tenho tendência a ficar com indigestão...

— Eu acho realmente que seria algo que você simplesmente não poderia tolerar, — Disse Krisa, sentindo os cantos de sua boca se contraindo. — Você sabe, Teague, eu não tinha ideia que você era um comedor tão exigente.

— Você está rindo de mim, garotinha? — Teague fez uma careta horrível, se inclinado para a frente com os olhos apertados.

— Não — Krisa negou tão a sério quanto podia. Ela sentiu uma risadinha contorcendo para se libertar dentro de seu estômago e tentou, sem sucesso, segurá-la. Ela bateu com a mão sobre a boca, mas não conseguiu parar o riso de vir. A ideia de que o enorme Feral havia se recusado a matar alguém por causa de um estômago sensível parecia muito deliciosamente engraçado para resistir.

— Talvez eu deva dar-lhe algo para rir... — Teague se lançou sobre ela e começou a fazer cócegas nela sem piedade. Krisa, que sempre tinha sido terrivelmente sensível, foi logo gritando, com risos, e implorando-lhe sem fôlego para parar. Eles rolaram ao redor na cama do tapete de grama, em luta livre e rindo até que ela sentiu como se suas costelas ficariam doloridas por dias, de seu ataque implacável.

— Você desiste? — Teague perguntou com os olhos piscando prata quando ele se agachou sobre ela, montando seus quadris. Ele tinha seus dois braços presos acima de sua cabeça, segurando-lhe os pulsos facilmente em uma grande mão, e estava pronto para renovar seu ataque com a outra.

Com lágrimas de riso escorrendo pelo rosto, Krisa assentiu fracamente.

— Eu sinto muito… — Ela engasgou. — Chega, por favor.

— Eu ainda não sei se você aprendeu a sua lição querida — Ele rugiu, um pequeno sorriso se contorcendo em torno dos cantos da boca. Mantendo seus pulsos fixados acima de sua cabeça, Teague começou a arrastar as pontas dos dedos ao longo do sensível lado interno de seu braço, para baixo após a curva do seio e ao longo da pele cremosa de seu abdômen, fazendo Krisa ofegar e se contorcer debaixo dele.

Sua mão sobre a pele nua estava quente… sensual. E a maneira como ele estava escancarando-a, prendendo-a no chão, lembrou dos sonhos que ela às vezes tinha do homem sem rosto, o homem que a tocava… levando-a... de repente, a situação não parecia mais tão engraçada.

— Teague, deixe-me levantar. Eu prometo que não vou rir mais. — Sua voz ainda estava ofegante, mas por um motivo completamente diferente agora. Tê-lo em cima dela, segurando-a embaixo de seu grande corpo, era ao mesmo tempo assustador e emocionante. E Krisa sabia que estava em território perigoso.

Aparentemente Teague sentiu a mudança de humor também. — Por que eu deveria deixá-la levantar, menina? — Ele sussurrou, quase com ternura. Quentes, as pontas dos dedos continuaram a traçar seu caminho sobre sua pele, e Krisa de repente estava ciente de que o pequeno pedaço de couro que ela usava tinha sido empurrado para baixo, expondo a maior parte de seus seios em sua luta. Agora Teague puxou para baixo o restante, expondo mamilos rosa escuro, corados e intumescido pela excitação.

— Teague… — Ela sussurrou suplicante, quando ele tracejou o primeiro mamilo projetado, depois o outro, com a ponta do dedo arrastando linhas de fogo sobre sua carne. E Krisa se contorcia debaixo dele, sentindo-se impotente e quente de uma só vez. De sangue quente, pensou insanamente. Ela não devia apreciar tanto o seu toque em seu corpo. Era errado… tão errado. Krisa tentou torcer longe, mas Teague segurou-a sem esforço, presa no lugar.

— Não lute. — Ele rosnou, colocando a mão grande em seu seio e beliscando o mamilo, brincando, até que ela engasgou com a sensação dolorosa, agradável.

— Isso só me faz te querer mais.

— Você sabe que eu não quero… — ela suspirou, sentindo como se seu coração estava indo bater a direita através de suas costelas. — Por favor, não…

— Devo ouvir o que você está falando ou o que seu corpo está me dizendo, Krisa? — Ele rugiu. — Porque me parece que essas são duas coisas diferentes. — Inclinando-se Teague chupou duro o broto rosa em sua boca, enquanto beliscava o outro, lambendo e mordendo, até que ela gritou debaixo dele, arqueando as costas para chegar mais perto, para lhe dar mais.

Abruptamente, Teague parou. Ele olhou para ela, seus olhos brilhando. —Você gosta disto Krisa? Como o que eu estou fazendo com você? Isto está fazendo a sua buceta ficar mais molhada?

Krisa mordeu o lábio. O que ela deveria dizer a ele? Mal podia admitir a maneira como ele estava chupando e torcendo seus mamilos, e que a estava deixando quente, molhada e inchada entre suas pernas, podia? Isso significava que tinha gostado? Com medo, ela balançou a cabeça.

— Então, isto não está fazendo nada para você? — Ele torceu seus mamilos expostos novamente, fazendo-a ofegar. — Não está sentindo coisa alguma?

Krisa balançou a cabeça novamente. —Não…. não é uma coisa. — Ela engasgou.

— Deixe-me ver. — Para seu horror, Teague trocou de posição até ficar ajoelhado ao lado de seus quadris, em vez de abrangendo-a. — Abra suas pernas, Krisa — Disse ele com uma voz profunda com o comando.

— Eu não…quero. — Ela sussurrou em voz baixa.

—Eu não vou te machucar. — Disse Teague calmamente, sua voz um pouco áspera. — Só quero ver se você está dizendo a verdade..., aqui. — E então as palmas quentes das mãos calejadas estavam chegando sob a saia Yss e abrindo suas pernas.

Krisa fechou os olhos e o deixou fazer isso, sabendo que era inútil protestar mais.

Ela só esperava que o pequeno pedaço triangular de tecido cobrindo os lábios de sua vagina fosse esconder sua reação ao seu toque.

— Eu não sei, menina. — A voz profunda de Teague parecia pensativa. — Parece que você não estava exatamente me dizendo a verdade.

Krisa sentiu a grande ponta do dedo calejado de Teague traçando o pequeno remendo triangular que mal escondia seu sexo. Ela gemeu baixo em sua garganta quando sentiu os lábios de sua buceta começarem a se abrir sob sua estimulação suave. Ele estava abrindo-a, espalhando sua boceta larga sem sequer tirar a calcinha Yss. Seus lábios macios estavam inchados e quentes quando eles se abriam, e logo a única coisa que o pedaço de tecido escondia era seu dolorido clitóris.

— Por favor. — Ela sussurrou, mas ela não tinha certeza de que ela estava pedindo.

— Tão quente… tão molhada. — Teague retumbou, quase pensativo. Seu dedo escorregou para o ponto inferior do triângulo invertido e mergulhou no poço de umidade entre as coxas. Krisa ficou boquiaberta quando ele trouxe a umidade escorregadia que Teague tinha recolhido de volta para o tecido fino que cobria seu clitóris e começou a traçar a colisão sensível. Uma e outra vez ele mergulhou em sua buceta com apenas as pontas dos dedos e trouxe a umidade até o clitóris até a calcinha Yss estavam encharcadas e úmida com a própria

necessidade.

— Isso é bom? — Finalmente ele perguntou, esfregando para que o tecido da calcinha deslizasse para dentro dos lábios de sua buceta e acariciou o broto dolorido de seu clitóris.

— Sim. — Krisa jogou a cabeça para trás e gemeu. Ela não podia mentir mais, não poderia fingir que não queria muito isso, mesmo que estivesse errado.

— E você está molhada? — Teague persistiu, ainda acariciando seu clitóris.

— Sim — Krisa engasgou.

— Então você mentiu para mim. — Teague retirou a mão, deixando-a gemer com a perda da sensação. Ele olhou para ela, com raiva marcando suas feições. — Mas a questão garotinha, é se você também está mentindo para si mesma.

De repente Teague a soltou e se levantou, correndo ambas as mãos pelos cabelos em frustração. — Acho que atingi o meu ponto, — Ele rosnou, virando as costas para ela.

Krisa deitou ofegante na cama de tapete de grama, sentindo-se vergonhada e quente, ao mesmo tempo aliviada e desapontada porque ele tinha parado. — Teague? — Ela o chamou, sentando-se e cobrindo-se tão bem quanto podia. Parecia que seus seios não queriam voltar para o pequeno top de couro e sua saia não ajudou muito a cobri-la, não importa o quão duro ela os puxasse.

— É hora de você dormir um pouco. — Disse ele, ainda não a olhando. — Eu vou sair para uma caminhada. Esteja no seu lado da cama e cubra-se quando eu voltar. Compreendeu?

— Sim —Ela sussurrou, mas ele já tinha ido embora.

Naquela noite, ela teve o sonho de novo...

***

Ela estava de joelhos diante dele, seus seios nus pressionados contra suas coxas musculosas. Seus mamilos estavam duros de esfregar contra ele. O homem sem rosto estava tocando-a, segurando seu rosto com ternura em suas mãos.

— Isso está certo, garotinha, posso tocá-la? — A voz profunda pediu.

Krisa olhou para cima e percebeu que seu pênis estava perto de seu rosto. Ela podia sentir seu quente perfume masculino, podia sentir a escovada quente de sua pele contra a dela quando Krisa virou a cabeça ligeiramente e seu grosso pênis tocou seu rosto.

Sabendo o que tinha que fazer, ela estendeu a mão para pegar o eixo longo e duro em sua mão. Ela podia sentir seu calor pulsando dentro de sua palma, sua latejante espessura combinando no tempo com seu batimento cardíaco. O homem gemeu sua aprovação quando Krisa circulou seu pênis com os dedos e começou um movimento longo e lento.

—Isso é bom menina, muito bom. Mas por que não lhe dá um beijo?

Krisa olhou para o comprimento da espessura dele, tendo uma cabeça quente que liderou ao longo de seu eixo. *Beije-o*, sim, pois era o que ela estava com saudades de fazer. Assim como a jovem donzela Yss tinha beijado o eixo de seu guerreiro. Separando os lábios, Krisa colocou um beijo suave, de boca aberta sobre a cabeça larga, provando pela primeira vez o seu gosto salgado, amargo e delicioso.

— Bom —. O homem acariciou seu cabelo encorajador. — Agora chupe-o, menina. Por que você não aproveita e o prova?

Havia uma pequena fenda na ponta da cabeça escura e Krisa colocar a língua para fora e lambeu o líquido claro que fluía a partir dele. Seu gosto inundou sua boca, salgado e maravilhoso, quando ela explorou a fenda com a ponta da língua, em seguida, abriu a boca para tomar toda a cabeça entre os lábios.

— É isso mesmo, garotinha, com certeza. Chupe o meu pau grosso em sua boca macia, molhada, para que eu possa atirar a minha semente no fundo de sua garganta bonita, — Ele rosnou.

Krisa inclinou-se para sua tarefa, abrindo a boca para a sua espessura e tomando seu eixo profundamente em sua garganta, tanto quanto podia. Ele era tão grosso que suas mandíbulas doíam com o alongamento amplo o suficiente para acomodá-lo, mas, ao mesmo tempo, ela estava ciente de que este ato de submissão a afetava de alguma forma. Entre suas coxas ela podia sentir a umidade dolorida de necessidade e do desejo crescendo. Prazerosamente o homem que a estava dominando estava, de alguma forma, lhe dando prazer também.

Era como se o homem sem rosto pudesse ler sua mente. — Toque-se. — ele disse a ela.

Suas mãos grandes e quentes foram enterradas em seu cabelo, guiando-a gentilmente ao seu pau grosso, fodendo suavemente sua boca. — Toque-se, Krisa. Coloque sua mão entre as pernas e acaricie sua buceta macia e úmida, enquanto você chupa meu pau.

Não houve desobediência a seu tom de comando, nem Krisa queria. Como ela tinha feito nas longas e tranquilas noites no dormitório em Briar Rose, Krisa alcançou entre as coxas e separou os lábios molhados de sua vagina. Com dois dedos esfregava lentamente ao longo do lado de seu broto dolorido, sentindo o calor molhado crescendo com cada curso lento.

— Isso é bom. Bem na medida. Chupe ele, menina. Chupa o meu pau.

Seus movimentos na boca estavam crescendo mais forte, mais rápido. E Krisa acariciou-o entre os lábios, a cabeça larga de seu eixo pressionando contra sua garganta, ela sabia que logo provaria sua semente.

Então aconteceu. O homem acima dela gemeu baixo em sua garganta. Seus dedos apertaram em seus cabelos e uma explosão salgada atingiu a parte traseira de sua garganta, enchendo a sua boca com o gosto dele. Krisa bebeu avidamente, engolindo uma e outra vez. Seus dedos dentro de sua vagina movendo-se em um ritmo mais rápido.

Ela sentiu o calor crescente correr como formigamento de faíscas correndo através de seu corpo.

Ficar nua de joelhos, levando seu pênis em sua garganta, enquanto ela explorava seu sexo molhado era insuportavelmente erótico. Se Krisa pudesse chegar a esse pico, o lugar onde nunca conseguia encontrar não importa quanto tempo ela tocasse a si mesma…

— Tudo bem garotinha está tudo certo. — Ela ouviu o homem dizer acima dela. — Algum dia em breve eu vou levá-la lá. Eu vou abrir sua buceta doce e fodê-la, com todo o meu pau grosso, até você chegar lá.

Krisa puxou para trás, deixando seu eixo deslizar molhado de sua boca. Ela não sabia se temia a promessa do homem, ou ansiava para que ela fosse verdadeira.

Capítulo Treze

Os próximos dias na vila Yss passaram rapidamente. O plano, como Krisa entendeu, era para passar alguns dias na aldeia, a fim de deixar a soondar fêmea, cujo companheiro Teague tinha matado, fora de sua trilha. Em seguida, eles viajariam através da selva para o assentamento do antigo companheiro de nave de Teague, Sarskin, que tinha uma operação de contrabando próspera.

Teague estava esperando para conseguir uma nave pequena e rápida como pagamento da "*dívida de sangue*" que o Drusiniano lhe devia e ele tinha prometido que voaria com ela para Prime e iria deixá-la em uma área onde seria fácil de entrar em contato com Lorde Radisson. Como ela poderia explicar suas aventuras nas selvas do planeta X para o futuro marido dela, Krisa ainda não sabia. Depois que ele a deixasse, Teague planejava ir para algum lugar, onde ele disse que ninguém iria encontrá-lo. E se recusou a entrar em mais detalhes sobre o seu destino final e Krisa achou melhor não perguntar.

O que a preocupava era o fator tempo. Eles já tinham gasto quase uma semana na aldeia Yss, e quando ela descobriu que a viagem para a aldeia de Sarskin levaria uma semana e meia, Krisa se perguntou se eles não poderiam cortar a viagem para menos tempo. O Capitão Ketchum tinha dito que eles poderiam esperar por um grupo de resgate em um mês ou um pouco mais, quando a nave Princesa das Estrelas fosse declarada desaparecida. Mas isso era uma estimativa generosa, de acordo com Teague.

— Se o seu Senhor Radisson é realmente uma pessoa importante, ele é capaz de enviar navios que levam menos de uma semana para construir o impulso para o hiperpropulsor, — Teague havia lhe dito quando ela lhe perguntou. — Alguns dos menores que eles têm agora pode ir direto para o hiper, sem espera. Mas não se preocupe querida, vou levá-la de volta primeiro,

antes de eles saberem disso, e você pode inventar qualquer história que você quiser. — E com isso, Krisa teve de se contentar. Mas ela não podia deixar de se preocupar que uma nave enviada pelo Senhor Radisson poderia vir mais cedo do que o esperado.

Ela sabia que eles estavam acompanhando-a pelo chip no pescoço dela e Krisa não queria que o sinal, levasse a equipe de resgate não só a ela, mas a Teague também. Ainda assim, o grande Feral parecia indiferente sobre isso, então ela tentou colocá-lo fora de sua mente também.

Krisa passava os dias com as mulheres Yss, principalmente Vis, aprendendo a executar as tarefas simples e rotineiras que compunham a existência diária na aldeia. Para uma garota que tinha sido educada para nunca sujar as mãos, era uma novidade acender o fogo, moer ervas, trançar corda, fazer pão, cozinhar e as cem outras coisas que as mulheres Yss faziam para sobreviver. Era um trabalho duro, mas Krisa descobriu que gostava. Ela estava até começando a pegar um pouco da linguagem assobiante, e falando a linguagem que ouvia muito todo dia.

Teague passava os dias com um grupo de guerreiros, caçando o soondar feminino. Ele tinha explicado a Krisa que, se pudessem encontrar e matar o animal, a sua viagem para a aldeia de Sarskin seria consideravelmente menos perigosa. Os guerreiros Yss estavam um pouco assustados de Teague ter matado o macho do par acasalado com apenas uma faca. Foi Krisa que ouviu eles reunidos, dizerem que consideravam muito má sorte matar um soondar, mas qualquer homem que poderia realizá-lo era tido em alta estima.

O grupo de caça procurou por toda parte, mas nada do soondar feminino foi visto ou ouvido. Uma ninhada de filhotes soondar, considerados raros e frágeis, foi descoberta por uma amigável tribo vizinha, de acordo com alguns dos informantes. Mas nenhuma fêmea que poderia ser a mãe tinha sido vista em qualquer lugar.

Krisa poderia dizer, embora ele não falasse muito sobre isso, que

Teague estava ligeiramente perturbado pelo desaparecimento aparente do soondar fêmea. Ele obviamente não colocava muita fé na esperança de outros guerreiros que ela teria desistido de seu rancor e tenha se afastado para outra parte da selva.

No dia a dia da vida lenta e calma da aldeia Yss, Krisa estava começando a conhecer o grande Feral mais e mais. Teague era uma contradição fascinante de luz e escuridão, e ela pensou que nunca poderia entender. Mas havia mais alguém na aldeia que estava quase tão interessado nele quanto ela.

Ziba o garoto meio Yss parecia ter adotado o grande Feral como um irmão mais velho honorário. O que maravilhava Krisa foi que Teague estava disposto a deixar-se ser adotado. Ela vividamente lembrava do homem feroz, assustador que havia sido acorrentado no porão da nave Princesa das Estrelas na primeira vez que o viu. Nenhuma mãe teria deixado seu filho sozinho com tal bruto nem por um segundo. No entanto, Teague nunca foi nada menos que gentil com Ziba quando ele lutava e ria com ele a noite, durante a ceia, em companhia de Vis e seu homem. Ziba subia em cima dele como se o grande Feral fosse sua própria árvore privada, e fez Krisa rir ao ver o menino meio Yss agarrado as costas largas de Teague, da mesma forma que Tz, o a bola de pelos de estimação de Ziba agarrava-se ao rapaz.

Uma noite, perto do final da semana eles estavam sentados nas esteiras de grama familiares na cabana de Vis acabando um delicioso jantar que incluiu, Krisa sabia por que ela tinha verificado com certeza, carne unicamente de animais. Ela estava vestindo uma roupa azul pálida que Vis lhe dera, Teague e Ziba estavam usando correspondentes coletes cinza esverdeado. Ziba havia importunado sua tia para fazer o dele exatamente igual ao que seu ídolo usava. Vis estava tentando ensinar a Krisa um pouco mais da língua assobiante Yss, quando sua atenção foi desviada para o Feral e o menino meio Yss, que estavam brincando de lutar como de costume.

Ziba estava agarrada aos ombros largos e batendo os saltos afiados contra os grandes lados da Feral, enquanto Tz sentou-se gritando no topo de sua cabeça.

— … e eu vou ser tão grande como o Teague! Eu matarei soondar as dezenas e todos os homens vão me temer como temem o Teague! — Ele gritava a plenos pulmões.

Vis disse algo afiado que Krisa tinha certeza era uma ordem para se acalmar e ser mais silencioso. Teague arrancou o menino de suas costas com facilidade, o sentando ao lado dele na mesa.

— Calma, irmãozinho. — Disse ele, sorrindo um pouco. — Matar um soondar é mais sorte do que habilidade, você sabe.

— Eu não me importo com sorte! — Ziba gritou, ainda superexcitado. — Eu serei o maior guerreiro Yss que qualquer tribo já viu! Não vou deixar nenhum resto dos inimigos!

— Ziba. — Teague disse, de repente tranquilo. — E se eu tivesse pensado assim quando eu lutei com o seu pai na Haulder-Lenz?

— Mas… — Ziba ficou visivelmente mais silencioso também. — Mas você não fez. — Ele terminou em voz baixa.

— Não, eu não fiz. Eu lutei com ele porque eu tinha que fazer. Mas eu não queria matá-lo, porque eu não precisava. Você não deve matar para a glória ou o lazer, apenas por necessidade. — Teague falou calmamente. Krisa não conseguiu evitar de arregalar os olhos. Esta não era certamente a maneira como ele tinha falado com ela quando ela tinha perguntado sobre seu passado sangrento.

— Mas meu pai me disse que você matou muitos homens. — Ziba protestou, pegando o animalzinho Tz que estava empoleirado na parte de trás do

seu pescoço, mordiscando seu cabelo.

— Eu fiz. — Teague respondeu sério. — Mas apenas uma vez matei um homem por prazer, em vez de necessidade. Ele foi o primeiro homem que matei e eu estava muito irritado. Mas, irmãozinho — Teague fez uma pausa por um momento e Krisa pensou que seus olhos de prata pareciam quase tristes. — Fora desse primeiro assassinato, vieram todos os outros. Você entende?

Ziba assentiu, pensativo. Quieto finalmente, e ele não retornou à sua antiga exuberância para o resto da noite.

— Teague, me diga sobre o que você estava falando com Ziba no jantar esta noite. — Krisa mudou para sua roupa de dormir, enquanto ele virava as costas gentilmente para dar-lhe alguma privacidade.

O que ela estava usando era o vestido rosa fofo, e o vestido tubo roxo ela não tinha sido capaz de usar desde a sua primeira noite na aldeia. Vis, com alguma ajuda de Ziba, tinha explicado que era um tipo de camisola, embora fosse muito diferente do tipo de camisola que Krisa estava acostumada. O tubo peludo cobria apenas a partir do topo de seus seios para os topos de suas coxas.

Quando ela tinha descoberto que a roupa foi feita da pele macia dos targees, ficou chateada pensando que muitas das pequenas e curiosas bolas de pelos teriam sido sacrificadas para confecção da roupa, mas Ziba explicou que eles mudam a sua pele regularmente, e que os pelos eram então coletados e transformado em peças de vestuário e utensílios domésticos. A pele dos targees era impermeável e quente o suficiente para mantê-los aquecidos nas noites frias do Planeta X.

Claro, Krisa não teria que se preocupar com o frio da noite, se ela ainda estivesse dormindo enrolada contra o peito de Teague, como tinha feito durante sua viagem na selva.

Ele transmitia o calor como um forno e não parecia importar-se de

compartilhar o seu calor. Mas de alguma forma, já que houve o confronto a primeira noite na cabana de hóspedes, dormir tão perto do grande Feral não tinha parecido exatamente… seguro.

Teague não tinha tentado fazer nada impróprio durante a sua viagem através da selva, mas ele tinha se preocupado com a sobrevivência deles. Agora que eles estavam a salvo no interior das muralhas da vila Yss, houve bastante tempo para voltar sua atenção para outras coisas, como o aprendizado das tarefas do dia a dia da vila, como a voz prática dentro de sua cabeça apontou.

Então a noite Krisa se assegurava de estar totalmente aconchegada em seu próprio lado da cama de tapete de grama, com as peles travadas debaixo do queixo, enquanto fazia perguntas sobre seu passado.

Ele não respondeu, o que ela tinha solicitado, — Teague?

— O que você quer saber? — Ele disse finalmente, ainda de costas para ela. — Você está decente?

Krisa assentiu e, em seguida, percebeu que não podia ver o gesto. — Sim, você pode se virar agora.

Teague virou, derrubando suas próprias roupas descuidadamente no chão durante o processo. Agora que estavam fora da selva, ele as tirava antes de ir dormir, o que fez a pequena voz prática dentro da cabeça de Krisa ficar duplamente nervosa. Ela tinha protestado com esta prática no início, mas Teague respondeu logo que ele se recusava a ficar desconfortável apenas para satisfazer suas ideias ridículas sobre modéstia e impropriedade.

O colete cinza esverdeado estava jogado no chão, e já que as calças pretas desceram, Krisa virou-se e apagou a chama da lamparina feita com um pouco de gordura e argila, mergulhando a cabana na escuridão. Ela disse a si mesma que estava tentando não olhar, mas ainda pegou um breve vislumbre da sombra pesada, escura de seu pênis entre suas coxas, antes de tudo ficar escuro.

Seu hábito de apagar a luz antes que ele pudesse ficar totalmente nu tinha divertido Teague no início, mas agora ele não se preocupou em comentar.

— Eu só quero saber o que você disse sobre matar por necessidade, não por prazer. O que você me disse na primeira noite que nós conversamos na Princesa das Estrelas foi muito diferente.

Teague suspirou profundamente e deslizou para a sua parte do tapete de grama ao lado da dela. Krisa teve a certeza de se manter em seu próprio lado, contudo ela ainda podia sentir o calor que irradiava de seu corpo grande.

— Como é que eu o que eu lhe disse foi diferente? — Ele perguntou, virando-se do seu lado para olhar para ela, olhos de prata brilhando suavemente na escuridão.

— Bem, é muito diferente — Krisa disse indignada. — Quando falamos você agiu como se matar pessoas não fosse grande coisa para você, um modo de vida, essa foi sua palavra. Mas quando você falou com Ziba, quando o acalmou, você agiu como se… eu não sei, quase como se isso o incomodasse.

Teague suspirou novamente. — Não, eu lhe disse que fazer o que você tem que fazer, a fim de sobreviver, chega a ser um modo de vida. Para mim, infelizmente, isso aconteceu e envolveu muitas mortes. Você não pode romper com um ataque apenas dizendo por favor e obrigado, querida. É uma coisa feia e confusa às vezes, quando você tenta manter a sua liberdade. — Os olhos prateados ficaram pensativos. — Mas cada vez que eu matei foi porque eu tinha que fazer. O que eu estava dizendo a Ziba é que você não deve matar apenas para o seu divertimento.

—M… mas você disse a ele que matou por prazer. Uma vez, a primeira vez. Conte-me sobre isso. — Krisa sussurrou, imaginando se ela realmente queria saber. Ela se sentia como uma criança pedindo para ser contada uma história de fantasmas logo antes de dormir, mas não conseguia ajudar a si

mesma. As palavras calmas de Teague para o garoto meio-Yss tinha despertado uma curiosidade poderosa nela.

—Você realmente quer saber? — Teague perguntou sem rodeios, ecoando seus próprios pensamentos. Ele olhou para ela curiosamente, as luas de prata gêmeas se estreitaram na escuridão aveludada.

Ela sentiu medo de repente, medo até de se mover. Ela assentiu com a cabeça ligeiramente, sabendo que ele seria capaz de ver o gesto, mesmo na cabana escura como breu. — Bem. Acho que você quer…

Teague rolou de costas, olhando para a escuridão acima deles com os olhos arregalados.

Por um tempo Krisa pensou que ele iria recusar-se a dizer a ela. Mas, então, a voz profunda e grave começou falando suavemente, em um tom que era mais de uma vibração de um som.

— Você sabe que eu nasci um escravo Nightsider em Al'hora, mas eu nunca te disse exatamente por que eu saí. O que aconteceu que me fez matar meu mestre Daysider e fugir do planeta.

— Eu acho… — Krisa limpou a garganta. — Eu acho que eu apenas assumi que você não admitia ser um escravo. Você não parece o tipo de se conformar com isso, de forma alguma.

Teague riu secamente, uma pequena casca de um som que caiu de bruços na cabana escura. — Vamos a isso, você não parece o tipo de se conformar com isso também, querida. Mas não, não era isso. Ou não todo ele, de qualquer maneira. Nasci em lar onde meu primeiro mestre, me tratou quase como um filho, porque ele não tinha prole. Eu era confiável, educado. Eu poderia ser um escravo para sempre, eu nasci para isso, e era tudo o que eu conhecia.

— O que aconteceu? O que o fez mudar de ideia? — Krisa perguntou, envolvida em sua história, a despeito de si mesma.

Teague ficou em silêncio por um longo tempo antes de responder. — Eu tinha uma mulher, uma Feral como eu. — Disse por fim, depois de uma longa pausa. — Escravos Nightsider não eram autorizados a ter cerimônias de união, mas pertenciam um ao outro da mesma forma. — Ele se mexeu e os cobertores de pele cobrindo a grande cama de grama, sussurravam como fantasmas inquietos na escuridão. — Então, meu velho mestre morreu e sua propriedade foi dividida. Escravos foram vendidos.

— E eles separaram você da sua esposa?

Ele fez um ruído curto, de negação. — Não. Mas o homem para quem fomos vendidos tinha um gosto para as mulheres Ferais Nightsider. Ele tinha me treinado como piloto então eu ficaria longe da propriedade. Um dia ele me enviou para fora por um longo tempo, com um carregamento de mercadorias. Quando voltei… — Teague respirou fundo e a prata piscou brevemente quando ele fechou os olhos. — Quando voltei, ela me disse que ele tinha vindo para ela, tentou estuprá-la. Na verdade, minha mulher admitiu que estava tentando chegar até ela há muito tempo, mas ela estava se opondo a ele. E não me disse por que não queria que eu cometesse uma loucura. — Sua voz rouca cresceu mais fundo, irritado.

— Eu queria matá-lo é claro, não tinha matado ninguém até esse ponto, mas não demorou muito tempo para eu realmente quer lhe matar. Corália, Corie, que era como a chamava, me implorou para não fazê-lo. Eu não podia fazer nada sobre isso legalmente, escravos Feral no lado diurno de Al'hora não têm quaisquer direitos. Eu não podia matá-lo, mas também não podia simplesmente não fazer nada, então... eu fui até ele e lhe adverti para nunca a tocar novamente.

— M... mas ele fez, afinal? — Krisa perguntou hesitante.

Teague fez um ruído baixo, irritado em sua garganta. — Ele me jogou no buraco do brilho, uma sala cheia de alta intensidade de brilho, que nunca desliga. É um castigo para escravos Feral que se esquecem de seu lugar. Mesmo com a nossa segunda pálpebra para nos proteger, muita luz se torna doloroso e incapacitante. — Sua voz profunda era plana agora, sem emoção. — Quando ele finalmente me deixou sair, duas semanas depois, Corie estava morta.

— Ele a matou? — Krisa perguntou, horrorizada.

— Ela se matou. — Teague disse calmamente. — Não poderia viver com o que ele tinha feito com ela enquanto eu estava preso no buraco. Eu entendi. Mesmo em cativeiro, é a maneira feral.

— Oh! — Krisa sussurrou. A grande forma na escuridão ao lado dela se moveu e de repente ele estava olhando para ela novamente.

— São para mim? — A grande mão tocou seu rosto brevemente. Krisa estendeu a sua própria mão e tocou seu rosto, surpresa ao encontrar a umidade lá. Hesitante, ela balançou a cabeça.

— Não se preocupe. — Teague disse para ela, sua voz endurecendo. — Foi há muito tempo, e eu matei o estuprador bastardo de modo cruel e lento antes de eu sair. Esse foi o único que eu gostei. — Ele deitou-se na escuridão ao lado dela.

Krisa descobriu que não tinha nada a dizer sobre isso, então se manteve em silêncio. Mas se aproximou dele na escuridão, não se importando mais com ser improprio. Ela colocou os braços ao redor da cintura e encostou a cabeça sobre os grandes músculos de seu peito.

Depois de um tempo, ele a abraçou, um braço musculoso aconchegando-a firmemente a ele, como ele fez durante o período que estavam na selva.

Capítulo Quatorze

A semana na aldeia Yss passou mais rápido do que ela teria acreditado ser possível e antes que Krisa percebesse, estava sentada ao lado de Teague e ouvia o velho chefe fazer um longo e sibilante discurso para sua festa de despedida. Ela tinha evitado a carne com cuidado neste momento. E observou, com tanta compostura quanto conseguiu reunir, o jovem e sua mulher, que tinham se colocado como entretenimento pós-festa, no centro do anel iluminado por tochas.

Desde a noite que Teague lhe contara sua história, havia menos constrangimento entre eles, pelo menos, sobre os seus arranjos de dormir. Krisa agora entendia completamente por que Teague nunca iria levá-la contra sua vontade. Ele era mais do que apenas moralmente contrário ao estupro, Teague ativamente o detestava, por causa do que tinha acontecido com a mulher que ele tinha amado tantos anos antes.

O conhecimento ajudou Krisa a relaxar, apesar da tensão entre eles, e o fato de que ocasionalmente ela ainda tinha seu sonho perturbador. Ainda era difícil, no entanto, assistir a uma exposição tão flagrante da sexualidade como o que homem Yss e sua mulher estavam colocando sem corar ou pensar coisas que ela sabia que não devia pensar. Queria saber se fazer isso com Teague seria como...

A exibição que o guerreiro Yss e sua mulher estavam colocando era mais elaborada do que qualquer outra que ela já vira. Talvez porque era uma festa de despedida e eles estavam honrando os seus visitantes com sua performance, de qualquer forma, Krisa não sabia. O que ela sabia era que se sentiu compelida a assistir como o guerreiro Yss beijou sua mulher, e a despojou de seu top escasso, expondo seus mamilos empurrando à luz do fogo. Ele

chupou primeiro um e depois o outro, torturando os botões doloridos de sua doce mulher com dentes e língua, enquanto ela gemia do prazer óbvio e lhe passava os longos dedos pelo seu cabelo.

Sua saia estava próxima a sair, deslizando pelos quadris estreitos para uma poça de couro a seus pés, revelando o mato pastel de cabelo no ápice de seu sexo. Ajoelhado a seus pés, o jovem guerreiro pediu-lhe para espalhar suas coxas o que ela fez sem nenhuma queixa. Em seguida, delicadamente, ele abriu os lábios inchados de seu sexo, mostrando o interior quente e úmido de sua buceta.

Krisa sentiu-se corar toda. Ela desviou o olhar do desempenho por meio segundo, incapaz de ficar vendo esses detalhes íntimos de excitação da mulher Yss e passou a chamar a atenção de Teague.

— Ei, garotinha. Você está bem? — Ele lhe deu um olhar que estava meio preocupado, meio divertido.

Krisa mordeu o lábio e acenou para o círculo de luz da fogueira, onde o guerreiro Yss e sua mulher continuavam a demonstração. — O que…. quero dizer por que ele está fazendo isso? Mostrando-a assim? — Ela conseguiu perguntar. Krisa podia entender o ponto boquete, que foi o que tinha visto o mais frequentemente nas festas, era um desempenho de puro prazer. Mas por que os homens Yss se sentem compelidos a colocar a sua mulher em exposição como esta? Por que ele se sente compelido a mostrar a parte mais íntima de sua anatomia para toda a tribo?

— Ele está mostrando como ele a despertou e como a fez molhada. — A voz de Teague foi lançada baixo, para seus ouvidos somente. — Entre os Yss é uma marca de virilidade fazer uma mulher tão molhada de desejo que ela não pode resistir a você.

— Por quê? — Krisa perguntou de novo, a atenção dividida entre o show acontecendo no centro do círculo e o rosto escuro de Teague. O guerreiro

estava deslizando dois de seus dedos longos, profundamente na vagina de sua mulher agora, e parava de vez em quando para deslizar um de seus polegares sobre o broto inchado de seu clitóris. — Por que ela tem que estar… que ficar… molhada? — Perguntou Krisa, e corou novamente.

Teague encolheu os ombros maciços. — Faz com que seja mais fácil de penetrar em sua vagina, se ela já está molhada. Mais fácil de transar com ela, veem nela uma boa reprodutora. Tudo que você vê aqui é sobre a fertilidade e reprodução, a sobrevivência da espécie da tribo. Se uma mulher está disposta a abrir as pernas para você, e você vai fazê-la tão quente que ela vai lhe deixar você transar com ela, você terá uma melhor chance de passar seus genes e seu nome. Assista.

Ele dirigiu sua atenção de volta para o centro do círculo onde a mulher Yss estava agora em suas mãos e joelhos com sua parte inferior erguida no ar. Suas pernas estavam espalhadas e afastadas entre as coxas, Krisa ainda podia ver a umidade brilhando. Enquanto ela observava, o jovem guerreiro posicionou-se atrás de sua mulher e começou a esfregar a cabeça larga de seu pênis sobre o centro de sua umidade, enquanto ela gemia ofegante.

— Veja a maneira como os lábios de sua vagina ficam agradavelmente abertos para ele quando ele faz isso? — Disse Teague na mesma voz baixa, rosnando. — Ele mal tem que espalhar ela em tudo, de tão quente que ela está abrindo para ele por conta própria. Você vê. — Disse ele, tomando a mão de Krisa em um das suas. — Quando você faz uma mulher tão quente, sua buceta que é um pouco mole fica toda inchada com a necessidade, ela precisa ser fodida, precisa ter seu pau enterrado profundamente dentro de sua vagina, enchendo-a com sua semente.

— Oh. — Krisa tentou pegar a mão dela de volta, mas ele não a deixava. Suas bochechas estavam em chamas e seu coração parecia que estava prestes a bater fora de seu peito.

— Olhe. — Teague ordenou-lhe suavemente. — A maneira cuidadosa como ele está entrando nela. O guerreiro não apenas enfia o pênis em sua vagina de uma só vez. Não, ele está tomando seu tempo, deslizando lentamente, polegada por polegada. O que vai construindo a antecipação.

Krisa assistiu, impotente para desviar o olhar, como o guerreiro Yss fez exatamente o que Teague estava descrevendo. Uma polegada em um momento longo, o grosso eixo deslizou na molhada buceta aberta de sua mulher. Ela chorou e gemeu e tentou empurrar de volta contra ele para obter mais de seu pênis dentro dela, obviamente impaciente para tê-lo, para enchê-la ao limite. Mas o guerreiro tinha um aperto firme em seus quadris, a mão de dedos longos preparando sua pélvis, e a forçou ficar quieta e submeter-se a ele.

— Veja o jeito que ela está tentando obter tudo dele dentro dela? — Perguntou Teague. — Isso é porque ele fez um bom trabalho de aquecê-la, ela está quente para ele, precisando dele. E é isso que é bom para ter um pau grosso enterrado na mulher todo o caminho em sua pequena vagina apertada, enchendo a sua buceta. Essa sensação de ser penetrada, sendo propriedade é o que eles precisam. — Seus olhos estavam completamente em Krisa agora, não no show, e suas mãos estavam muito quentes quando Teague enrolou a mão em torno de dois de seus dedos grossos e acariciou na imitação do show que estava acontecendo na frente deles.

— C… como você sabe o que é bom para uma mulher? — Krisa perguntou em um sussurro ofegante.

Teague deu de ombros novamente e deu-lhe o seu sorriso branco. — Eu sei o que elas me disseram, o que imploravam quando eu estava transando com elas. Elas sempre querem mais forte, mais profundo, querem sentir meu pau enchendo-as. Diga-me, Krisa, você gostaria de sentir isso? Gostaria de sentir o meu pau grosso deslizando dentro de sua pequena e apertada buceta até que eu te enchesse com o meu esperma?

— Não. — Ela disse imediatamente, olhando para longe dele, com os olhos em nada, mas o fogo ardente em seu rosto escuro.

Teague olhou para ela por um longo momento, depois estendeu a mão para escovar um cacho perdido longe de seu rosto aquecido. — Mentirosa. — Ele disse suavemente, e voltou sua atenção para o centro do círculo.

O desempenho foi se aproximando de algum tipo de conclusão. O guerreiro Yss estava empurrando quase selvagemente no sexo de sua mulher e ela tinha a cabeça baixa, seu longo cabelo pendurado em seu rosto enquanto se submetida à sua maldita ferocidade. E a mulher Yss estava gemendo num nível elevado, lamentando o momento próximo que ele estaria enchendo-a. Krisa olhou para suas mãos por um momento, em vez de assistir a visão fascinante e embaraçosa.

Ela tentou pensar em outra coisa, qualquer coisa para manter sua mente fora da visão do casal Yss fazendo amor, e dos sentimentos estranhos que Teague acendeu nela enquanto explicava exatamente o que estava acontecendo e o que ele queria fazer com ela.

Desesperada por distração, Krisa estudou o tecido de suas roupas. Ela estava usando o conjunto roxo profundo no banquete novamente. Ao longo dos protestos de Krisa, Vis o tinha lhe dado, assim como as outras roupas Yss que ela estava usando naquela semana. O vestido da cor dos olhos do soondar era muito bonito e Vis tinha levado muito tempo e esforço para apenas dar-lhe logo. Krisa tinha protestado através de Ziba, mas Vis não admitiu lhe não ficar com as roupas.

Krisa tinha se sentido mal por não ter nada para dar em troca, até que se lembrou do cronômetro de joias que Lorde Radisson tinha enviado para ela em seu aniversário de quinze anos. Desde o seu banho no rio o cronômetro já não funcionava, mas era uma coisa rica, bonita e Vis não poderia ler o tempo de qualquer maneira. Para a alegria de Krisa, a mulher Yss adorou.

Quando Teague tinha visto Vis usando o cronômetro caro com um toque de erva de rosa em torno do pescoço delgado, ele riu.

— O velho Lorde Radisson nunca esperou seu cronômetro de dez mil créditos fosse acabar em alguma mulher Yss no Planeta X. — Ele observou, sarcasticamente. Isso era uma coisa sobre Teague que nunca mudou, Krisa pensou secamente, lembrando sua observação e seu sentido de humor.

— Não, abaixa! — Teague vaiou, agarrando-lhe o braço, mas já era tarde demais. Seu movimento tinha chamado a atenção do chefe Yss velho e enrugado e ele se virou para ela e Teague e começou a falar na linguagem assobiante, conversando, apontando para eles e assoviando ao mesmo tempo.

— O que ele está dizendo? — Krisa perguntou em voz baixa, tremendo, horrivelmente com medo de que ela já sabia a resposta.

— Uma grande coisa, querida. — Teague respondeu, mais do que um toque de irritação em sua voz profunda. — Você só nos ofereceu para sermos os próximos.

— O que? Não, eu não fiz! Teague, você sabe que eu não fiz.

— Eu sei e você sabe disso, mas nenhum deles sabe disso. — Ele rosnou, levantando-se e agarrando-a pelo braço. — Vamos, garotinha. Em seus pés, a menos que você queira ficar lá fora, é isso que vamos fazer.

Krisa estava considerando, em algum canto de sua mente em pânico, apenas cavar em seus calcanhares e fincar no chão. Sua observação, acompanhado pelo branco, zombador sorriso, a levou a se colocar sobre os pés em um instante. Mas quando ela se levantou, Krisa não tinha ideia do que fazer. Era uma coisa sonhar fazendo com Teague o que ela tinha acabado de ver a mulher Yss fazer para seu homem. Mas realmente fazê-lo, na frente de todo um grupo de estranhos, era algo totalmente diferente. E claro, algumas coisas ela não podia fazer, não importa o quão intrigante fossem, pois precisava manter sua

virgindade intacta.

— Teague, por favor — Ela implorou em voz baixa. — Você sabe que eu nunca... até esta semana eu nem sabia que as pessoas faziam coisas assim um com o outro. Madame Glossop nunca disse nada sobre isso em nossas palestras de educação sexual. — Ela olhou para ele, colocando seu coração em seus olhos. Ela estava morrendo de medo e não havia maneira de esconder isso.

Teague suspirou e passou uma mão grande pelo cabelo espetado. — Bem, pare de me olhar assim, Krisa. Você sabe que eu não vou forçá-la a fazer algo que não queira fazer. — Ele acenou com a cabeça para o casal Yss que estavam saindo lentamente do círculo.

— Mas nós temos que fazer alguma coisa ou arriscar ofender os nossos anfitriões. Se preferir, podemos fazer de outra maneira...

— Eu não entendo — Krisa disse inexpressivamente, sentindo-se terrivelmente confusa. — Que outra maneira? — Seria possível, perguntou-se, que houvesse mais estranhos e inimagináveis atos sexuais, mesmo que ela nunca tinha ouvido falar? A partir do olhar exasperado no rosto de Teague, havia.

— Eu não posso acreditar nisso, — Ele murmurou, balançando a cabeça. — Você realmente é inocente, não é, querida? O que quero dizer — Ele poupou um olhar rápido para o casal Yss que estava quase no claro do círculo de tochas — É que em vez de você ir para baixo em mim, eu poderia ir para baixo em você.

— Quer dizer que você vai colocar a boca… a língua… — Krisa fechou as coxas com força e olhou para ele, incrédula. — Teague, você não faria isso.

Ele sorriu ferozmente para ela. — Oh sim, eu faria, garotinha, seria um grande prazer comer a sua pequena buceta. Eu queria fazer isso desde o minuto que eu cheirei seu perfume doce no porão, naquela primeira noite que você veio furtivamente ao redor.

O olhar em seu rosto escuro, o calor em seus olhos de prata e a voz rosnando profunda era quase demais para Krisa. Ela não queria ofender os Yss e ser jogada fora para ser comida pelo soondar que os estava perseguindo, mas Krisa estava no fio da navalha de entrar em pânico e fugir do círculo de tochas de qualquer maneira. Mesmo em seus sonhos mais perturbadores, aqueles onde o homem sem rosto a tocava e a fazia ficar pronta para si, ela nunca tinha sonhado com ele fazendo isso. Só porque você não sabia que era possível, uma voz sussurrou na parte de trás de sua cabeça. Apenas alguns minutos antes, Krisa havia estado fantasiando sobre a ideia de estar de joelhos diante de Teague, dar prazer a ele. Nunca tinha ocorrido a ela para perguntar se gostaria de tê-lo de joelhos diante dela, retornando o favor.

— Teague. — Ela sussurrou com os lábios dormentes. — Eu simplesmente não posso fazer isso. Quer dizer, eu simplesmente não consigo. Por favor…

Ele suspirou de novo, sensibilidade e irritação guerreando em seu rosto escuro. — Tudo bem, venha comigo e nós vamos descobrir alguma coisa. — Ele pegou a mão dela e puxou-a para dentro do círculo de luz das tochas para se apresentar para os Yss que esperavam.

— Mas o que é que vamos fazer? — Krisa sussurrou ansiosamente, extremamente ciente de todos os olhos estreitos e pálidos, voltados em sua direção.

—Eu não sei — Ele respondeu com exasperação. — Tudo que eu realmente sei é o que nós não vamos fazer. Você praticamente descartou tudo o que eles vão aceitar, você sabe.

— Deve haver algo mais que possamos fazer — Krisa insistiu, olhando ao redor do círculo de assistência. Ela podia sentir a impaciência dos Yss sentados enquanto esperavam para se divertir.

Teague lançou lhe um sorriso. — Há exatamente o que acabamos de ver, mas eu tenho medo que invalidaria o seu precioso Certificado de uma vez por todas.

Krisa empalideceu, desejando que ela pudesse tirar a mão da sua, mas ciente de que não ficaria bem para o seu público a espera. — Algo além disso — Ela sussurrou no ouvido de Teague.

Ele se virou para ela com irritação. — Eu não sei, querida. — Ele rosnou em voz baixa, frustrado. — Eu acho que eu poderia mostrar truques de mágica com cartão, mas acontece de não haver uma plataforma acessível. Que tal você entretê-los com algumas das habilidades valiosas que você aprendeu na boa e velha escola Briar Rose?

—Como o quê? — Krisa exigiu, olhando em volta, nervosamente.

Teague bufou. — Eu não sei. Talvez você poderia colocar um bordado em demonstração, ou um show de tricô. Tudo o que sei é se você não quer fazer nada sexual, é melhor pensar em outra coisa rápida, eles estão cerca de três segundos de ficarem muito ofendidos. Você não aprendeu nada de valor nessa horrível escola de noiva muito cara?

—Por uma questão de fato, eu fiz. — Krisa respondeu, picada por suas críticas ao ter um súbito lampejo de inspiração. — Diga aos músicos, sejam eles quem forem, para começar a tocar novamente, — Ela ordenou a Teague. — E diga aos Yss que estamos prestes a executar uma nova forma de entretenimento no mundo de fora.

Teague a olhou com ceticismo, mas virou-se para fazer o que ela disse. Logo, o som lento e constante do tambor estava de volta, com a flauta assombrando e tecendo sensualmente através de suas batidas rítmicas. — O que você está planejando, Krisa? — Teague perguntou em voz baixa.

— Basta olhar e tentar seguir minha liderança. — Ela sussurrou de

volta, tentando soar confiante. Fechando os olhos, ela respirou fundo e tentou abrir-se à música.

No Briar Rose, Krisa tinha feito seis anos de dança, três dos clássicos Baile de Salão, e três de Expressão do Movimento Moderno. Foi nesta última classe que ela realmente se destacou tanto que sua instrutora, Madame Petrosa, tinha recomendado a para a instrução extra durante seu último ano na academia. Houve uma dança em particular, que Krisa apreciava, uma que imitou a graça sinuosa de uma cobra que estava prestes a atacar um Sandara, que tinha sido chamado. Foi essa dança que ela tentou deixar-se sentir agora, enquanto ouvia a lenta batida do tambor e o alto lamento da flauta, como a chamada de um encantador de serpentes.

Mantendo os olhos fechados no início, ela começou a mover-se com uma graça lenta, sensual que parecia fluir através de seus membros, transformando-os em líquido. Retratando-se como uma cobra, deslizando ao longo, com a intenção de fascinar sua presa, Krisa começou a deslizar em um círculo lento em torno de Teague, tocando-o levemente e correndo para longe. Tentadora... brincando...

Teague seguiu com seus olhos, com um baixo e frustrado rosnado em sua garganta então, em seguida, para surpresa de Krisa, ele começou a seguir seu exemplo. Ela passou por ele, deixando seus seios cheios tocá-lo, seus mamilos eretos apenas pastando seu peito e, em seguida, virou-se levemente, com a intenção de fazer outra revolução em torno do grande Feral, só para encontrar-se presa nas grandes mãos de Teague que estavam em sua cintura e então Krisa sentiu que ele se juntou ao ritmo dos tambores, o ritmo pulsante em seu sangue. Lentamente, sensualmente, Teague a virou e logo estavam frente a frente, puxando seu corpo perto dele, e começou a moer contra ela. Suas mãos mantiveram sua pélvis ancorados à sua, para que Krisa pudesse sentir a protuberância dura de seu pênis pressionando contra sua coxa interna, através de suas calças pretas e a saia de couro apertada.

— Teague. — Ela sussurrou, a voz baixa e chocada. Sua única resposta foi um olhar aquecido e um baixo rosnando em seu ouvido.

— Pensa que você é a única que sabe dançar sujo, garotinha? — Ele rugiu.

— Talvez você não seja tão inocente depois de tudo.

Ele pegou sua coxa direita em uma mão e levantou-a, envolvendo a perna em torno de seus quadris musculosos. Então Teague a abaixou de repente para que seu longo cabelo caísse pelas costas, quase tocando o chão. Ele apoiou sua parte superior do corpo com um braço enquanto suas pélvis continuaram a moer com a batida do tambor.

Krisa engasgou em estado de choque e prazer, quando ela sentiu o cume grosso de seu pau contra seu sexo molhado, separando suas dobras escorregadias como se o triângulo verde e fino de couro entre as pernas nem estivesse lá. Teague empurrou contra ela, simulando o ato que Krisa tanto temia e ansiava, pressionando-o contra ela impiedosamente e observando seus olhos para pegar a reação dela.

Krisa gemeu baixo em sua garganta, ela não podia ajudá-lo. O comprimento e a espessura do pênis que o grande feral estava esfregando implacavelmente contra seu sensível e inchado clitóris, forçou-a a reagir ao prazer contra sua vontade.

— Teague... por favor! — Ela conseguiu sussurrar.

Ele a trouxe de repente e lançou sua coxa de modo que ela estava de pé com as pernas bambas diante dele.

— Acha que é o suficiente? — Ele rosnou baixo em sua orelha.

Krisa tentou acenar com a cabeça, mas ele virou-a a força, trazendo-a de volta à sua frente e rosnou em voz baixa, frustrado, — Bem, não é, garotinha.

Não é o suficiente. — Ele estava de pé atrás dela, obrigando-a enfrentar o círculo estreita de rostos dos Yss, fora no brilho das tochas.

Descendo, ele puxou os braços para cima e colocou-os em volta do seu pescoço, de modo que ela estava de pé quase na ponta dos pés. Seus seios foram empurrados para fora de seu corpo, suas pernas esticadas ao limite. A respiração de Teague estava quente contra a parte de trás do seu pescoço.

— Faça o que fizer, não baixe os braços — ele ordenou em um tom baixo, autoritário.

Então Krisa sentiu suas mãos grandes e quentes iniciar uma lenta jornada que começou com seus braços e continuou a descer pelo peito e pelos lados. Ela gemeu ao sentir a quentura dessas mãos sobre a pele nua da cintura. Em seguida, elas foram deslizando e subindo para seus seios através do couro do top, e em seguida, puxando-o para baixo, expondo os seios diante do círculo da assistência cujos olhos a observavam, envergonhando-a, fazendo-a inexplicavelmente quente.

Krisa mudou-se para se cobrir, querendo esconder seus seios nus com as mãos, mas Teague estava lá mais uma vez, ancorando seus braços em volta do pescoço e rosnando, — O que eu disse, menina? Mantenha os braços para cima.

Ofegante, Krisa fez o que ele disse, embora a posição empurrou os seios expostos para fora, os mamilos cor-de-rosa eretos com o ar frio da noite. Teague correu suas mãos grandes ao longo dos picos maduros, levemente no início e, em seguida, possessivo, beliscando e torcendo até Krisa gritar de prazer doloroso. Ele tocou-a como se fosse o dono de seu corpo, como se pudesse fazer o que quisesse com seu corpo. Krisa sabia que era o que Teague vinha desejando durante toda a semana, enquanto dormiam lado a lado na cama tapete de grama, tão perto e tão longe.

— É isso que você queria, Krisa? — Perguntou ele em seu ouvido, a

voz baixa e quente.

— Você gosta quando eu te toco assim? Quando eu mostro a todas essas pessoas a quem você pertence?

— Deusa! — Krisa chorou, virando a cabeça para um lado e fechando os olhos, incapaz de mantê-los abertos e ver os Yss em silêncio observando-a vergonhosamente.

As quentes e ásperas mãos deslizaram mais baixo, sobre sua tensa e tremente barriga, ao alto da fenda na saia de couro roxo que mostrou o pequeno triângulo úmido de couro verde que ela usava por baixo. As palmas das mãos de Teague acariciaram suas coxas, quentes e grandes e absolutamente inevitáveis, quando a obrigou a separá-las para ele, embora Krisa lutou para mantê-las fechadas. Teague era muito forte, pensou ela, e sua necessidade era muito grande. De sangue quente, ele tinha dito e Krisa sentiu o sangue subindo para encontrar o seu agora. Sentiu o prazer em seu áspero toque, insistente, mesmo enquanto seu rosto brilhava vermelho de vergonha à luz das tochas.

— Isso é correto menina, abra as pernas para mim, — Ele sussurrou apaixonadamente, a voz grave com a espessura do desejo. — Eu quero espalhar os lábios de sua buceta doce e sentir como você está molhada. Estou mostrando a todos exatamente quão quente eu te fiz ficar, o quanto você precisa do meu pau grosso dentro de sua buceta apertada.

—Teague... por favor! — Mas ela já não sabia se estava implorando-lhe para deixá-la ir ou para tocá-la, com as grandes palmas quentes em sua parte interna das coxas trêmulas com o que estava ameaçando fazer. Seus braços ficaram presos em seu pescoço agora por vontade própria, empurrando os seios nus, expostos para o ar fresco da noite, deixando todo mundo ver sua vergonha. No entanto Krisa não tinha certeza de que ela poderia fazer-se importar mais.

As pontas dos dedos dele afastaram o pequeno triângulo verde, expondo

seu sexo, e então ele estava tocando-a levemente, e provocando no início, e depois mais forte. Teague estava espalhando os lábios inchados de seu sexo, de modo que os dedos grossos poderiam explorar suas dobras lisas em um ritmo calmo. As pontas dos dedos traçaram círculos mágicos em torno de seu clitóris dolorido, desenhando sensações de entre suas coxas que Krisa pensou que iria levá-la louca de desejo. Ela estava chorando agora, ofegante abertamente com necessidade, e ele ainda a atormentava.

—Você gosta disto, garotinha? — Ela o ouviu rosnar em seu ouvido. — Como eu acariciei seu pequeno e doce clitóris na frente de todo povo Yss e mostrei-lhes como você está molhada? Como é a sensação de ser minha propriedade, e todo mundo sabendo a quem você pertence?

— Teague! Oh, Deusa, por favor! — Krisa gemeu quando os dedos grossos deslizaram sobre e ao redor do broto exposto de seu clitóris, iniciando um incêndio em sua barriga que Krisa sabia que só poderia ser colocado para fora com seu pênis enterrado profundamente em sua buceta. Suavemente, mas insistentemente, dois dedos longos começam a entrar em sua vagina, empurrando onde ninguém tinha ido antes.

— Você gosta disso, não é, Krisa? — Ele exigiu, empurrando mais profundo, mas ainda tomando cuidado para não ir muito fundo, para não passar o ponto de não retorno e tomar sua virgindade.

— Você acha que seria melhor meu pau dentro de sua buceta pequena e doce em vez de meus dedos? Responda-me, garotinha!

Sua voz era áspera em seu ouvido, mas foi a massagem lenta, insistente de seus dedos, que a fez gemer um assentimento sem fôlego. Mais do que qualquer coisa, ela queria ele... enterrado dentro dela, e Krisa sabia que não se importaria se Teague a levasse em frente a toda a aldeia Yss, contanto que ele o fizesse.

O movimento quente de seus dedos dentro de seu sexo molhado estava a deixando louca. Ela podia sentir que a construção da sensação de subir em direção a algum pico brilhante de onde Krisa poderia lançar-se no ar e aprender a voar. Em todos os seus sonhos e durante as suas furtivas explorações silenciosas no dormitório escurecido em Briar Rose, ela nunca tinha atingido esse pico. O pico, Krisa sentiu, estava prestes a chegar agora.

— Teague... Teague! — Ela chorou, arqueando contra ele e espalhando suas coxas descaradamente, para lhe dar um melhor acesso à sua buceta.

— A quem você pertence, Krisa? Quem? — Perguntou ele. Teague estava esfregando com mais força, os dedos quase ásperos contra seu clitóris escorregadio, talvez sentindo a adrenalina da sensação que Krisa estava construindo em direção a ele.

— Você! — Krisa soluçou, contorcendo-se contra ele desenfreadamente. — Eu pertenço a você, Teague só você!

— Isso é o que eu queria ouvir, garotinha. — Teague rosnou. Ele mordeu o lado de seu pescoço possessivo, deixando uma marca que Krisa sabia que não desapareceria por vários dias. — Você vai ser outra pessoa quando você chegar a Prime, mas aqui no Planeta X você pertence a mim.

As pontas dos dedos esfregavam com força contra suas dobras lisas e abruptamente Krisa estava ali, sentindo as ondas de choque e um prazer insuportável sobre ela, afogando-se profundamente quando Teague a levou para o pico e empurrou para fora, ensinando-lhe como voar.

Capítulo Quinze

Após a exibição flagrante em sua última festa na aldeia Yss Krisa estava certa de que seu Certificado de Virgindade ia ser um pedaço de papel sem valor pelo tempo que ela chegasse a Prime. Apesar de sua aversão pessoal por estupro, Teague iria ouvir as necessidades de seu corpo e ignorar os protestos que saem de sua boca. Ele iria levá-la para a cabana e tê-la de qualquer maneira que quisesse. O conhecimento era quase um alívio.

Krisa nunca tinha sabido que o seu corpo poderia queimar tão furiosamente, nunca entendeu que o desejo não saciado dentro dela poderia crescer tanto que ela sentia como se estivesse em chamas, queimando sem parar, mas nunca realmente a consumindo. Mesmo se as consequências fossem extremas se o Senhor Radisson insistisse em uma nova verificação de sua virgindade, uma vez que Krisa teve sua primeira, ela não poderia se importar.

Teague a levou pela mão para a casa de hóspedes após a sua performance, puxando-a para dentro e fechou a porta rapidamente por trás deles. Krisa ficou tremendo no centro do pequeno espaço, sabendo o que tinha que vir em seguida. Ela iria protestar, é claro, Krisa tinha que muito apropriadamente esclarecer isto pelo menos. Mas o enorme feral a teria de qualquer maneira, iria levá-la do jeito que ela necessitava ser tomada, disso tinha certeza.

—Dispa-se.— A voz de Teague era pouco mais que um rosnado baixo e Krisa nem sequer tentou protestar. Com os dedos trêmulos ela tirou a roupa azul da cor do olho do soondar e desamarrou as correias que prendiam no lugar o pequeno triângulo de couro verde que cobria seu sexo. Krisa ficou nua diante dele à luz do lampião, tremendo de frio, esperando o inevitável.

Teague cruzou a distância entre eles com um passo e puxou-a em seus

braços. Enfiando os dedos por seu longo cabelo solto, ele puxou a cabeça para trás e a beijou ferozmente, saqueando sua boca, enquanto a outra mão vagava livremente sobre seu corpo nu. E acariciou seus seios, beliscou seus mamilos e cobriu o monte molhado de seu sexo, seus dedos invadindo sua buceta até que Krisa gemeu calorosamente em sua boca.

Por fim, ele se afastou. Olhando-a intensamente com olhos que tinham ido para um sólido afogamento prata ele exigiu, —Diga-me que você quer isso, Krisa. Diga que você quer dar-se para mim, aqui, agora, hoje à noite.

Ela abriu a boca, querendo mais do que qualquer coisa dizer sim. Para dar-lhe a permissão que ele precisava para fazer o que queria tanto, mas de alguma forma, Krisa simplesmente não podia dizer isso. A voz de cada instrutor que já tivera em Briar Rose parecia surgir como fantasmas inquietos em sua mente, sussurrando em horror com o que ela estava prestes a fazer. *Uma senhora nunca fica despida diante de um cavalheiro, nem mesmo seu marido... Cuidado para não perder o seu tesouro mais precioso meninas... Os homens só querem uma coisa... Uma vez perdida a virgindade nunca pode ser restaurada... É um dom destinado somente para o seu marido e se ele descobre que foi enganado você pode ter um fim muito, muito triste...*

— Teague. — Ela sussurrou fracamente, sacudindo a cabeça. —Eu só... eu não posso. Eu sinto muito. Você pode ter o que quiser, mas eu não posso dar a você. — Passando a mão sob os cabelos, Krisa sentiu a pequena protuberância na parte de trás do pescoço onde o chip castidade residia. Embora ainda não tivesse sido ativado, ele representava tudo em seu passado, tudo o que era para ser em seu futuro. —Não é meu para dar, — disse ela em voz baixa. Então ela fechou os olhos, esperando o que certamente estava por vir.

Quantas vezes tinha Madame Glossop advertindo-as durante as aulas sexuais que os homens, todos os homens, chegam a um ponto de não retorno? Um ponto onde nada que se fizer ou dizer poderia impedi-los de tomar a mulher

que estava com eles. Certamente Teague tinha chegado e superado esse ponto muito antes. Era inevitável ele iria levá-la agora, apesar de sua recusa a dar permissão.

Ele a puxou para mais perto por um momento e enterrou o rosto em seu pescoço, inalando profundamente.

Krisa estremeceu ao sentir sua respiração quente em sua garganta vulnerável e se preparou. Agora, Teague faria o que tinha jurado não fazer. Iria espalhar suas coxas e empurrar seu pênis em sua vagina, espalhando os lábios de sua buceta com sua espessura e transando com ela até que a enchesse com seu esperma quente. Mas então, em vez de ir para a cama no tapete de grama e tê-la, ele soltou um rosnado baixo de frustração e a soltou.

— Você quer isso, garotinha. Você quer isso tanto quanto eu quero. — Ele rosnou. — Você Quer me sentir enchendo você e te comendo até que ambos fiquemos satisfeitos.

— Teague ... — Mas Krisa abriu os olhos a tempo de vê-lo se dirigir para fora da cabana, deixando-a nua e tremendo no meio da sala.

Ele não voltou naquela noite, deixando-a sozinha para ter o sonho do homem uma e outra vez ...

***

— Espalhe-se para mim. Eu quero que você fique abaixada em seus joelhos com sua buceta aberta para mim, garotinha. Agora! — O homem sem rosto parecia zangado e o tom de comando em sua voz profunda era inegável.

Tremendo, Krisa abaixou-se para o chão, as nádegas levantadas no ar e suas coxas estendidas. Sentiu-o atrás dela, sentiu sua respiração quente na parte de trás de seu pescoço quando ele aproximou a palma da mão nos seus seios, e puxou seus mamilos, enviando faíscas de desejo disparando através de seu corpo

diretamente para o seu sexo. Ela já estava ficando molhada e podia sentir os lábios de sua buceta abrindo com o calor e a necessidade de que obedecer a seus comandos sempre pareceram se acumular nela.

— É isso mesmo. — O homem pareceu satisfeito com sua submissão. Ele se inclinou sobre ela, o calor do seu peito irradiando através de suas costas nuas e suas grandes mãos ásperas acariciavam seus lados. — Espalhe para mim, garotinha — o homem murmurou de novo em seu ouvido. —Espalhe buceta aberta para que eu possa entrar em sua vagina molhada e macia.

Mas, em vez de seu pênis, ela sentiu os dedos dele, longos e fortes e capazes, empurrando em seu sexo aberto. Krisa reprimiu um grito quando eles a penetraram, pressionando até o final do seu canal, exatamente onde ela precisava que eles estivessem.

— É uma sensação boa, não é? — Ele murmurou. — É uma sensação boa quando eu coloco o dedo desta forma, quando te fodo com os dedos. Basta pensar como muito melhor irá se sentir quando eu colocar meu pênis dentro de você, em vez deles. — Seus dedos acariciaram dentro dela, deslizando em seu calor molhado apertado como se fosse dono dela, como se tivesse todo o direito de explorar seu corpo dessa maneira.

Em seguida, ele os retirou e deslizou rápido sobre seu clitóris, acendendo o feixe de nervos sensíveis até Krisa gritar, ofegante, implorando...

— Em breve, menina. — Ele prometeu. —Logo eu vou te dar o que você precisa. O que nós tanto precisamos.

Krisa ficou agachada no chão abaixo dele, aberta e tremendo de medo e antecipação. Quando ele faria isso? Em que dia se enfiaria dentro dela e a encheria com o seu membro como tinha prometido?

—Vire. — Sua voz era suave desta vez, mas ainda havia uma nota de aço de comando nele. Krisa fez como ele pediu, sem questionar, virando de costas e

fechando as pernas instintivamente.

— Não... aberta para mim. Preciso ver sua buceta doce e molhada antes de eu te foder. — Suas mãos quentes espalharam suas coxas, abrindo-a ao seu olhar novamente. Ela desejou poder ver seu rosto, poderia então saber quem era o homem que a tocava assim, que a atormentava tão docemente. Sua voz era tão familiar, se Krisa pudesse ter um vislumbre de seus olhos, ela sentiu que o reconheceria.

— Boa menina. — Seus dedos a penetraram novamente, desta vez a partir da frente e a almofada áspera de seu polegar bateu sobre seu clitóris aquecido. Krisa gritou com o prazer afiado, contorcendo-se sob seu toque enquanto o homem continuava a foder dentro dela, seu polegar a atormentando mais e mais.

— Vou fazer você vir. — O homem sem rosto rosnou e sua outra mão encontrou os seios, torcendo os mamilos e fazendo-a ofegar de prazer. — Vou fazer você vir tão duro que você vai implorar por isto — Disse a ela. — E então eu vou espalhar sua doce buceta molhada e aberta, e você vai me pedir que a foda fundo, lento e devagar. Vou montar sua vagina durante toda a noite, Krisa...

***

— Esse maldito sonho novamente. — A voz de Teague a acordou e ela sentou-se na escuridão. Ele estava sentado no seu lado da esteira, os olhos brilhando uma prata suave nos confins negros da cabana.

— Sim. — Krisa admitiu, sem saber o que dizer. Se ele voltou para terminar o que tinha começado mais cedo. Se ele tivesse voltado para levá-la, para enchê-la, para transar com ela? Mas não havia raiva ou paixão em seus olhos de prata. Apenas resignação.

— Teague. — Ela começou, mas ele obviamente não estava com disposição para conversar.

— Vou dormir. — Sua voz profunda soou cansada e os olhos de prata piscou fechando quando ele se deitou de costas para ela. —Amanhã será um longo dia, então vá dormir, garotinha.

No dia seguinte, após a despedida do pequeno-almoço na casa de Vis, eles se despediram da aldeia Yss e se prepararam para começar a longa viagem para o Palácio do único não consumido, como Ziba orgulhosamente chamava o assentamento de seu pai.

Krisa encheu os olhos de lágrimas quando ela abraçou Vis dando adeus, agradecendo-lhe hesitante por tudo que fizera, na língua sibilante que ela mal tinha começado a aprender. A mulher Yss havia tocado suas bochechas molhadas sem compreender, mas delicadamente a Yss não chorou. Krisa chorou pelas as duas, sabendo que ela provavelmente nunca veria sua amiga novamente.

— Vamos, garotinha. Hora de ir. — A voz de Teague estava surpreendentemente suave, apesar da cena entre eles na noite anterior. Em seguida, eles deixaram a aldeia e se viram de volta no caminho Yss que levava através da selva pastel.

Naquele primeiro dia no caminho, Krisa não tinha certeza se ela estava feliz ou triste que o momento entre eles na noite anterior tinha passado. Todo o dia Teague a tratou como se nada tivesse acontecido entre eles e era fácil de esquecer o que tinha quase acontecido enquanto ele se divertia com ela com suas habituais brincadeiras sarcásticas. Mas de vez em quando Krisa sentia uma comichão entre as omoplatas e se voltava para ver seus olhos piscando prata quente enquanto Teague olhava para ela. Seja o que fosse queimando entre eles poderia ser guardado no momento, mas não foi esquecido, Krisa percebeu inquieta.

As coisas poderiam ter sido diferentes se não tivessem tido Ziba com eles, mas o chefe pediu a Teague para devolver o menino meia Yss a seu pai como um favor e Teague havia concordado. Era o mínimo que podia fazer para a aldeia

Yss que os tinha abrigado, alimentado e os vestiram na semana passada. Pelo menos, pensou Krisa, tendo Ziba com eles ajudava a diminuir a tensão entre Teague e ela.

Durante todo aquele primeiro dia o garoto meio-Yss saltou à frente e correu de volta, mantendo-se um monólogo vibrante e constante que era alternadamente dirigida para ela, Teague e Tz, seu animal de estimação targee. Krisa, que estava novamente vestindo calças velhas de Percy e um frente única de couro amarelo pálido que Vis tinha dado lhe para a viagem, desejou que ela tivesse metade da energia do menino.

Ela tinha estado apreensiva sobre a viagem no início, sabendo que os grupos de caça que saíram todos os dias nunca tinham encontrado qualquer vestígio do soondar feminino. Mas como o dia passou e eles não tiveram problemas de qualquer tipo, ela começou a relaxar. Naquela noite Teague construiu uma grande fogueira não muito longe do caminho e fez com que Ziba ficasse próximo a ele, de costas para um pequeno riacho para garantir que o menino estaria seguro. Ele abriu seu próprio cobertor no outro lado do fogo e, em seguida, olhou para Krisa em expectativa.

Sentindo-se desconfortável com os olhos nela, Krisa espalhou seu próprio cobertor perto Ziba e longe de Teague. O menino meia Yss já estava profundamente adormecido, de costas para o fogo, desgastado com a emoção de correr para trás e para a frente durante todo o dia enquanto viajavam. Tz estava enrolado na nuca de Ziba, a pele rosa e fofinha contra o ar frio da noite. O targee piscou para ela com grandes olhos líquidos, sonolento que brilhavam à luz do fogo.

Teague olhou os arranjos de dormir com a mandíbula apertada e, em seguida, bateu no chão entre ele e o fogo. — Krisa, venha aqui — Ele rosnou com uma voz que não seria negada. E Krisa percebeu que Teague não tinha desistido da alegação que havia feito sobre ela na noite anterior no círculo

iluminado por tochas na vila Yss.

Sem dizer nada, ela levantou-se, trazendo seu cobertor para se acomodar na frente de Teague. Deitou-se entre ele e o fogo como Krisa fez em sua primeira viagem através da selva e tentou relaxar enquanto Teague a puxava para perto. Ele enterrou o rosto em seu cabelo e ela podia sentir sua respiração quente na parte de trás de seu pescoço quando ele a beijou lá, mordendo suavemente com uma possessividade feroz que a fez tremer.

Em seguida, uma mão grande, quente estava puxando para baixo a frente única amarela e tocando os seios nus, beliscando e provocando os mamilos até Krisa gemer baixo em sua garganta e tentar se afastar.

— Diga-me que você não quer isso, garotinha. Diga-me que você não quer que eu te toque assim e eu vou parar. — Teague resmungou baixinho em seu ouvido. Krisa abriu a boca, mas não saiu nada. — Não penso assim. — Ele murmurou, continuando a tocá-la. — Deite de costas para que eu possa sugar seus doces mamilos.

Sentindo-se impotente para negar-lhe, Krisa fez como ele pediu. Teague inclinou a cabeça e ela sentiu sua respiração quente soprando sobre seus picos apertado por um momento antes dele traçar um padrão através de sua carne trêmula com a língua. Ele beijou e mordiscou em círculos cada vez mais amplos, lambendo o lado de fora de seus seios, evitando os mamilos até que ela pensou que ia enlouquecer.

— Teague. — Ela sussurrou, por fim, sentindo sua respiração parar na garganta. — Eu pensei que você disse que queria.... Quero dizer, você prometeu... — Krisa parou, incapaz de terminar o pedido.

— Eu não prometo nada, garotinha. — Ele resmungou baixinho. —Mas diga-me o que você quer e eu poderia fazê-lo.

Krisa murmurou. — Você disse... que você queria chupar os meus mamilos.

— Ela sussurrou, por fim, sentindo as palavras grudarem na garganta.

Teague sorriu para ela. — Eu disse, não foi? A questão é, garotinha, você quer que eu os chupe?

Em uma falta de palavras, Krisa assentiu com a cabeça. Mas ainda Teague não se moveu para fazer o que ela pediu.

— Não, Krisa. — Ele disse suavemente, — Eu quero ouvir você dizer isso? Diga-me o que você quer e eu vou dar a você.

— Eu quero... quero... — Krisa engoliu em seco, sabendo que era errado para pedir, mas incapaz de controlar seu desejo. — Por favor, Teague, eu quero você ... sugando meus mamilos, — Ela sussurrou, finalmente, seu rosto corando a seu pedido vergonhoso.

— Será um prazer para mim. E para você também, espero. — Teague inclinou a cabeça e chupou seu mamilo direito, sugando o máximo que pôde de seu peito em sua boca e lambendo o pico duro com a língua até que Krisa enterrou as mãos em seus cabelos e gemeu.

— Deusa, Teague — Ela engasgou, enquanto ele repetia o tratamento no outro mamilo. Parecia que, quando Teague chupava assim, Krisa podia sentir um formigamento elétrico de sensações que parecia fluir das pontas sensíveis dos seios direto para seu sexo. Ela já podia sentir os lábios de sua buceta ficando inchados e molhados e seu clitóris pulsava para a liberação, o mesmo tipo de liberação que Teague lhe dera na última festa Yss.

Como se lendo sua mente, ele parou de chupar os mamilos e olhou para seu rosto. — Krisa — Disse ele com aquela voz profunda, rosnando, — Lembra-se do que eu disse, enquanto nós estávamos assistindo o último par Yss na festa? Que quando um homem recebe uma mulher bastante quente, sua vagina fica tão molhada que ela começa a abrir por conta própria?

Temendo dizer algo, Krisa apenas assentiu.

— Bem, me diga uma coisa, menina. — Teague rosnou: — Se eu te fizesse você espalhar as pernas para mim agora, e o que eu verei? É a sua vagina toda molhada e quente para mim?

— Eu não sei — Krisa vacilou, embora ela sabia que era exatamente o que ele veria.

Sentia-se tão molhada e quente e inchada que o material apertado de sua calça estava causando atrito impiedosamente entre suas pernas. Foi quase um alívio quando Teague puxou para baixo em torno de seus tornozelos e a fez espalhar suas coxas.

— Belíssima — Ele sussurrou, sua voz inesperadamente suave enquanto a observava à luz do fogo. Krisa corou e olhou para si mesma, vendo a umidade brilhando entre as coxas e a forma como os lábios de seu sexo estavam separados por sua própria vontade, mostrando a interior rosa quente de sua vagina na penumbra do fogo.

— Olhe para isso. — Teague traçou os lábios inchados de sua vagina com um dedo suave, fazendo-a ofegar e mexer seus quadris para mais. — Olhe para a forma como a sua pequena buceta fica tão molhada e aberta para mim, Krisa. Você é tão quente que eu posso ver o seu clitóris, sem sequer te espalhar. — Ele demonstrou deslizando a ponta do dedo ao longo do lado do feixe de nervos sensíveis, fazendo Krisa pular e gritar sem fôlego novamente.

Teague olhou para ela, seu rosto ilegível no brilho do fogo. — A sensação é boa menina, quando eu a toco você gosta disto? Você gosta de sentir meus dedos espalhando sua buceta e acariciando seu clitóris quente?

— S-sim. — Krisa gaguejou, incapaz de dizer mais.

Teague traçou seu clitóris novamente. — E você gostaria que eu faça você

gozar?

Incapaz de ajudar a si mesma, Krisa assentiu. Deusa, mas ela precisava daquela sensação de novo, a sensação de seus dedos traçando seu clitóris e a fazendo voar.

Teague inclinou-se e capturou sua boca em um beijo longo e quente antes de se afastar para olhar para ela mais uma vez. — Diga. — Ele comandou. — Eu quero ouvir você dizer isso.

— D-Dizer o quê? — Perguntou Krisa, embora ela tivesse medo que ela já soubesse.

— Diga. Teague, eu quero que você abra e espalhe os lábios da minha buceta e acaricie meu clitóris até que eu venha. — Ele ordenou.

Krisa sacudiu a cabeça. Não havia nenhuma maneira que ela pudesse dizer uma coisa dessas. Tão suja, imprópria..., Mas Teague estava retirando sua mão. Ela gemeu alto. — Teague, por favor — Krisa implorou, descaradamente.

— Diga. — Teague disse a ela, seu hálito quente ondulando as mechas em sua bochecha vermelha.

— Diga, Krisa, se você quer que eu faça isso.

Não havia outra maneira. Olhando para baixo, para que ela não tivesse que encontrar o seu olhar, Krisa murmurou, — Teague, quero que... que.

— Não. — Ele interrompeu abruptamente. — Olhe para mim, Krisa. Eu quero que você me olhe nos olhos e me peça.

Levantando o queixo ela se forçou a encontrar seu profundo olhar de prata. —Teague. — Ela começou com uma voz vacilante. —Eu q-quero que você espalhe os lábios de minha boceta abertos e acaricie meu clitóris até que eu goze. — Krisa disse o mais rápido que podia, correndo, porque era tão terrivelmente

embaraçoso, mas Teague parecia satisfeito.

— Boa menina. — Ele sussurrou, beijando a bochecha dela. — Isso é exatamente o que eu vou fazer.

Agora olhe para baixo porque eu quero que você me veja tocar, me assista esfregar o dedo no seu pequeno e doce clitóris até que você venha.

Tremendo, Krisa fez o que ele mandou. Ela viu como seus dedos longos e grossos espalharam e abriram os lábios escorregadios de sua buceta e viu o jeito que Teague traçou desenhos mágicos sobre e em torno de seu clitóris. A visão de seus dedos sem corte acariciando o botão rosa quente no centro da sua buceta era quase demais para suportar. E Krisa podia sentir a construção de sua excitação, sentir-se aproximando do pico. Mas, assim como ele estava prestes a empurrá-la mais, Teague parou por um momento. Krisa gemeu em protesto, mas ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido.

— Agora me observe enquanto eu deslizo os dedos em sua buceta um pouco apertada, Krisa. Assista me foder sua pequena vagina e imagine como se sentiria se fosse meu pau em vez de meus dedos espalhando e abrindo agora.

Krisa mordeu o lábio enquanto seu dedo mergulhava em sua estreita entrada, virginal. Vê-los desaparecer dentro de sua vagina e sentindo a pressão de seus dedos contra sua barreira de solteira era quase demais. Em seguida, Teague esfregou a ampla ponta do polegar quase sobre o seu maduro, dolorido clitóris e foi muito para aguentar.

Ofegando e gemendo, Krisa sentiu-se vindo exatamente como ele havia prometido. Seus sucos fluíram livremente e Teague beijou urgentemente enquanto seus dedos continuaram no seu delicioso ritmo dentro de seu sexo. Ele a trouxe para o pico novamente como Teague a teve na noite anterior e Krisa teve que morder o lábio com força para não chorar em voz alta e acordar Ziba e Tz.

— Amei isto, Krisa. — Ele sussurrou em seu ouvido, quando a maior parte do prazer tinha diminuído, deixando um brilho quente na boca do estômago. — Adoro o jeito que você ficou tão molhada para mim quando eu te toquei, a maneira sua buceta sabe exatamente o quanto precisa de mim, mesmo se você não saiba.

— Eu sei o que eu preciso de você — Ela tentou dizer, mas as palavras não saíam. Em vez disso, ela bocejou, sonolenta.

— Isso é tudo menina certinha. — Ternamente, Teague puxou para cima suas calças e a encaixou na curva de seu corpo grande e quente. — Foi um longo dia hoje e amanhã será outro muito longo também. — Ele sussurrou em seu cabelo.

Krisa queria dizer a ele que estava bem acordada lhe dizer mais uma vez que sabia exatamente o que ela precisava dele. Mas, como ela adormeceu, Krisa percebeu que ela não o fez. De modo nenhum.

* * * * *

Depois disso, toda noite eles viajaram no mesmo caminho de Yss. Durante o dia Teague brincou com ela e Ziba e manteve-se atento para o soondar feminino enquanto eles viajaram ao longo do caminho sinuoso e pavimentado com pedras planas rosa e azuis. À noite, depois que o menino metade Yss e targee seu animal de estimação tinham ido dormir, ele se ocupou de Krisa, beijou e tocou até que ela atingiu o pico ofegante como Teague sempre conseguia leva-la.

Depois da primeira noite Krisa não tentou protestar novamente. Ela queria o que Teague estava dando tanto quanto ele parecia querer dar-lhe. Krisa tirou a ideia de impropriedade de sua cabeça e tentou não pensar em como seu corpo parecia implorar seu toque mais e mais. Tentou não pensar sobre como, mesmo após o clímax mais satisfatório da terra, e Krisa sentia um vazio que a única

coisa que poderia tê-lo preenchido era o pau de Teague, com a bainha dentro dela até o punho, ao menos ela teve coragem de perguntar a ele por isso.

Havia poucas palavras ditas entre eles em tais ocasiões e o grande Feral nunca tentou ir mais longe do que tocando e beijando-a, embora Krisa podia sentir seu pesado eixo pressionando contra ela através de suas calças pretas, pulsando com a necessidade, enquanto a acariciava.

A mensagem que ele parecia estar a transmitir era que, embora ele não fosse levá-la contra sua vontade, Teague se recusava a perder o terreno que tinha ganho ou desistir dos direitos que tinha reclamado sobre seu corpo em primeiro lugar. Teague quis dizer o que ele disse, enquanto ela estivesse no planeta X, Krisa pertencia lhe, e ele aproveitaria todas as oportunidades para provar isso.

E quando ele a tocava dessa maneira, levando-a ao pico quente e tremendo todas as noites, ela deixou de ter o sonho do homem sem rosto tão frequentemente.

Outras coisas nas maneiras de Teague também a tocaram, na viagem da aldeia Yss para o acampamento de seu velho camarada, Sarskin, estava perfeitamente normal até sua última noite no caminho Yss. Essa foi a noite do ataque.

Quando isso aconteceu, a noite estava quase no fim e a escuridão aveludada estava recuando lentamente do céu nublado. Krisa estava deitada segura entre o fogo e Teague, cercada por seu braço musculoso. Ela tinha acordado um pouco mais cedo do que o habitual e estava deitado acordado na escuridão da madrugada, pensando.

Ela olhou sonolenta para os restos do fogo, queimadas até brasas vermelho-cereja e as cinzas macias e esperou por Teague e Ziba para acordar. Esta era sua última noite na estrada e muito possivelmente sua última noite com Teague. Se tudo corresse conforme o planejado, ele iria receber uma nave pequena e rápida

de Sarskin e a levaria de volta para Prime muito rapidamente.

Krisa se sentia confiante de que ela poderia vencer qualquer equipe de busca que o Senhor Radisson poderia ter enviado depois de sua volta para Lynix Prime por pelo menos uma semana. E uma vez no Prime, ela pretendia procurar o conhecimento do Dr. Alphonius T'lix, antes que Krisa contatasse seu futuro marido.

Para explicar seu súbito desaparecimento do Planeta X e sua aparição em Prime, ela tinha inventado uma história sobre missionários bondosos viajando pelo espaço e que haviam desembarcado no planeta X para tentar evangelizar os nativos selvagens e tiveram pena dela, trazendo-a para Lynix Prime sem serem molestados, com seu Certificado de virgindade intacto.

O Senhor Radisson pode insistir em reverificar a sua virgindade, mas isso não deve representar qualquer problema, como Teague foi sempre muito cuidadoso quando a tocava ... dessa forma. Então Krisa iria assinar o contrato se juntar com seu futuro marido e o Senhor Radisson não seria o mais sábio se falasse sobre o chip manequim em seu pescoço. Então eles poderiam viver felizes para sempre. Sem Teague.

Krisa não sabia por que o último pensamento a fez querer chorar. Teague tinha sido tão gentil naquela noite, pressionando beijos quente por todo o rosto e pescoço e ela sabia que nunca iria esquecer, até que ela se arqueou para ele, dizendo com seu corpo que precisava dele, embora ainda não conseguisse expressar com sua voz. E Teague tinha acariciado seu sexo molhado, longa e lentamente, construindo seu prazer gradualmente e segurando-a por um longo tempo, de modo que quando seu clímax veio foi quase insuportavelmente intenso. Teague capturou seus gritos selvagens e ásperos com sua boca, beijando-a profundamente mais e mais enquanto Krisa entregou-se completamente ao seu toque uma última vez.

Krisa olhou para as brasas e repreendeu-se. Sim, as últimas duas semanas e

meia com Teague tinham sido maravilhosas e estranhas, de maneiras que ela nunca poderia ter previsto quando viu pela primeira vez o enorme Feral acorrentados no porão da Princesa das Estrelas. Mas era hora de seguir com sua vida real, com a vida que Krisa tinha sido nascida e criada para que fosse a esposa do Senhor Radisson.

Ela sentiu o lento fluxo de lágrimas quentes e úmidas contra suas bochechas e soltou um pequeno soluço na escuridão antes que ela pudesse se conter. Teague fez um barulho em seu sono e puxou-a para mais perto. Krisa ficou abraçada contra ele, respirando seu aroma picante. Ela tentou não pensar em quão vazia se sentiria quando estivesse em Prime e ele estivesse a metade da galáxia de distância, onde ninguém jamais o encontraria.

Pare de ser tão estúpida. Dizia a si mesma, quando um ruído de baixo nível explodiu na escuridão da madrugada. Mas o barulho não estava vindo de qualquer lugar na selva, ele estava vindo de dentro da cabeça de Krisa.

— Um pequeno, a coisa homem tem um pequeno — a voz zangada e escura que era inequivocamente feminina rosnou em sua cabeça. —Eu também tinha pequenos, mas quando ele matou o meu companheiro não havia ninguém para olha-los enquanto eu caçava. Em seguida, os imundos Homens verdes, as coisas da aldeia os mataram.

Krisa se sentiu congelada no lugar, de onde a voz estava vindo? Onde estava o soondar escondido na escuridão da selva que os rodeava? Ela começou a acotovelar Teague o acordando, mas depois tudo aconteceu ao mesmo tempo.

O ensurdecedor rugido raivoso do soondar soou rasgando sua mente eliminando o silêncio e Tz, que estava dormindo levemente, enrolado contra a garganta de seu mestre, acordou com um salto, gritando e tagarelando e correndo para a selva. Ziba, sempre em sintonia com os movimentos de seu animal de estimação, acordou com um grito no minuto que a targee o deixou. Ele tropeçou em seus pés antes que Krisa pudesse impedi-lo, e correu para a floresta atrás de

Tz, gritando na língua gutural e sibilante de Yss.

No momento em que tudo isso tinha acontecido e cotovelo de Krisa tinha conectado com abdômen sólida de Teague, o grande Feral já estava de pé, a faca na mão, correndo atrás do menino.

— Ziba, volte. Não vai para a selva! — Krisa ouviu o grito dele. Então ouviu um rugido alto, triunfante e voz do soondar estava novamente em sua cabeça.

— Experimente e tente levá-lo de volta, homem-coisa. — Ela rosnou. — Vou levá-lo para longe, onde você pode ouvir seus gritos, mas nunca irá alcançá-lo. Eu vou matar o seu jovem como você matou os meus pequenos. Como você matou o meu companheiro! — Em seguida, houve um grito estridente que era indiscutivelmente Ziba, e um grito irritado que soou como Teague. Krisa entrou na selva depois deles, sem se incomodar em colocar as sandálias de couro nos pés que Vis lhe dera. Ela sabia que era provavelmente estúpido para ir atrás de Teague e Ziba desarmada, sabia que só poderia ficar no caminho do grande Feral, mas Krisa simplesmente não podia ficar ouvindo e esperando.

Ela tropeçou através da vegetação rasteira e das samambaias pastel que foram gradualmente se tornando visível quando o sol invisível subiu lentamente acima do horizonte turvo do Planeta X, rezando para que Teague e Ziba estivessem bem. — Deusa por favor, não deixe que ela os matem.

À frente havia o som de gritos e rosnados quando um grito curto cortou abruptamente o que fez o sangue congelar em suas veias. No entanto, embora ela corresse como se estivesse há um longo tempo em um pesadelo, Krisa não conseguiu encontrar a fonte dos ruídos.

Então, tudo de repente ficou, horrivelmente silencioso e Krisa só podia ouvir o choro de sua própria respiração em sua garganta quando ela caiu sem rumo pela vegetação rasteira da selva pastel. — Teague. — Krisa chamou o mais

alto que podia. Ela estava ciente de que, se o soondar o havia matado, e poderia muito bem ser a próxima, mas não se importava nem um pouco. —Teague, Ziba, onde vocês estão? Oh, por favor, Deusa, não deixe que eles estejam mortos.

Mas não foi Teague ou Ziba quem responderam para ela. Houve uma conversa alta, chiados e de repente uma pequena, bola macia rosa aterrissou em seu ombro de uma árvore próxima.

Krisa se assustou, ela deu um gritinho sem fôlego e tentou removê-la, mas, em seguida, ela reconheceu os grandes olhos líquidos de Tz.

— Tz. — Ela sussurrou, arrancando o pequeno animal fora de seu ombro e colocando-o cuidadosamente em suas palmas. — Tz, o que aconteceu com você? — O targee balbuciava em uma pequena voz, assustado e tremia em suas mãos. Seus olhos líquidos estavam arregalados e aterrorizados. Krisa sabia exatamente como ele se sentia.

— Tz, — ela sussurrou, sentindo lágrimas enquanto ela estava sozinha no meio da selva. — Tz, eu não posso encontrá-los em qualquer lugar e eles não respondem quando eu chamo. Teague se foi e assim como Ziba.

Ao som do nome de seu mestre, o pequeno targee pareceu se animar e seu tremor cessou. Krisa pensou que ela poderia ter estado errada, mas parecia que os olhos brilhantes estavam um pouco menos aterrorizados. —Ziba, — Krisa disse novamente como um experimento, piscando as lágrimas. Desta vez, o corpo inteiro do targee chamou a atenção e ela podia jurar que ele estava olhando para ela com expectativa. Krisa começou a ter uma ideia.

— Isto provavelmente é estúpido. — Disse a si mesma. Provavelmente tenho visto muitos animais serem resgatados com vida em Briar Rose. Era reconfortante salvarem as vidas dos animais, e foram alguns dos poucos programas na – Aprovada lista de visualização. – Mas estúpido ou não, era a única ideia que tinha. Colocando cuidadosamente o targee no chão Krisa disse

tão claramente quanto podia. — Tz, encontrar Ziba. Ziba.

Antes que o nome do menino metade-Yss tivesse passado nos seus lábios pela segunda vez, Tz estava fora em um tiro, apenas um borrão de pele cor de rosa na vegetação rasteira. Krisa saiu loucamente atrás do targee, não se importando com os cipós e trepadeiras que chicoteavam seu rosto, ou as sarças afiadas rasgando seus pés descalços enquanto corria. Ela pensou que tinha perdido Tz várias vezes, mas cada vez o targee correu de volta para Krisa, levando-a cada vez mais fundo na selva.

Por fim, quando ela tinha um ponto de dor em seu lado e sabia que não podia ir muito mais distante, Krisa seguiu Tz para uma clareira. Tropeçando, ela inclinou-se por um momento para recuperar o fôlego com a mão no tronco de uma, árvore roxa alta, apenas para ouvir a tagarelice insistente do targee.

— Só um minuto, Tz, eu não posso... — Ela engasgou, nem mesmo pensando em quão estúpido era estar falando com um animal. Mas um outro barulho parou no meio da frase. Um alto, lamento suave vinha do outro lado da clareira.

O céu estava iluminado com o seu habitual bronze maçante e quando Krisa olhou para a clareira ela podia ver que Ziba estava sentado, meio escondido nas sombras da vegetação rasteira pastel. Sua cabeça estava levantada para o céu, enquanto ele fazia o som sobrenatural da dor que causou arrepios de pavor acima e abaixo na sua coluna vertebral.

— Ziba! — Ela gritou, correndo atrás da extasiada bola fofa rosa, que era Tz, que estava lutando com força, arrastando seus pés para voltar ao seu mestre. E Krisa caiu pelo mato que escondeu metade do menino, palavras de entusiasmo tremendo em seus lábios, mas o que ela viu roubou dela todo o discurso.

Deitado no mato rasteiro de um lado da clareira estava a enorme forma do soondar feminino e deitado ao lado dela, torcido em uma posição não natural,

estava Teague. Nenhum dos dois estava se movendo.

Capítulo Dezesseis

— Teague. — Ela sussurrou através dos lábios entorpecidos. Não houve resposta. Krisa se aproximou, embora fosse a última coisa que quisesse fazer em sua vida. O grande corpo que lhe dera abrigo e proteção nas noites mais escuras da selva, que lhe dera um prazer tão doce enquanto Teague não lhe pedia nada em troca, permaneceu em silencio e imóvel, seus olhos estavam fechados e, embora Krisa tentasse ver se seu peito estava se movendo para cima e para baixo, ela não podia dizer por causa das sombras da vegetação pastel que o rodeava e da enorme carcaça da soondar.

— O Teague..., Ele não vai falar, Krisalaison, ele está...

— Não diga isso. — Krisa disse bruscamente, dispensando a Ziba o mais breve dos olhares. Seu lamento sobrenatural tinha terminado e Tz estava em seu ombro novamente, ansiosamente lambendo o rosto do seu dono com sua pequena língua rosa. Ela sabia que deveria parar e examinar o garoto meio Yss para ver se ele estava ferido de alguma forma, mas Krisa não conseguia pensar em nada além da forma imóvel do grande feral deitado no mato.

Ela se aproximou e viu que a grande faca prateada ainda estava segura em sua mão, embora a lâmina estivesse opaca e pegajosa com um líquido viscoso e preto que devia ser o sangue do soondar. Mas havia sangue vermelho também que ela viu quando se aproximou, um líquido carmesim brilhante que pintava sua pele escura de uma cor horrivelmente alegre. Tem tanto sangue, era muito sangue. De repente ela percebeu que ele ainda estava sangrando.

De um rasgo nas calças preta, agora encharcado, do sangue que escorria de um corte. Krisa teve um lampejo repentino. Se ele ainda está sangrando é porque o coração dele ainda está bombeando sangue, então isto não deve significar que

ele ainda está vivo?

— Teague... Teague! — Krisa se ajoelhou ao lado dele e toda a hesitação se foi e ela bateu levemente em ambas as bochechas. No começo ele ficou quieto e silencioso, mas logo Krisa foi recompensada com um gemido baixo. E notou com angústia que o bronzeado escuro de sua pele havia adquirido uma palidez esbranquiçada. Bem, claro que Teague está ficando pálido Krisa, a voz pratica em sua cabeça falou. Ele ainda está perdendo sangue. Krisa olhou alarmada dos largos planos do seu rosto para o ferimento irregular em sua coxa que ainda sangrava constantemente. Teague ainda não estava morto, mas logo estaria se ela não conseguisse interromper o fluxo constante.

Mais uma vez amaldiçoando sua educação em Briar Rose, que não incluía nada em termos de primeiros socorros. Krisa agarrou os dois lados do tecido rasgado e puxou fazendo o buraco maior para que ela pudesse observar o ferimento. O corte parecia profundo e irregular, provavelmente fora feito por uma das garras do soondar. Desesperadamente Krisa pressionou as mãos sobre ele, tentando parar o fluxo quente carmesim e pegajoso que vazava por seus dedos. Isto pareceu fazer diminuir depois de um momento, mas ela sabia que não seria possível ela continuar aplicando esta pressão constante por muito tempo, seus braços já doíam de tanto pressionar o tanto que podia.

Pense Krisa! A parte pratica dela comandou. Tinha que haver uma maneira melhor de parar o fluxo. Ela tentou se lembrar de algo de todas as copias contrabandeadas do Life Link que Krisa havia visto em Briar Rose quando ela e Maida tinham certeza de que a mãe do dormitório estava dormindo. Não houve um episódio em que Ben Fulsome o médico bonitão tinha encontrado alguém preso embaixo de um aero deslizador e ele teve que salvar um braço ou uma perna de alguma forma?

O que ele fez? Ele tirou o cinto o apertou com força. E agora o que foi chamado? Não importa se você lembra do nome ou não, apenas faça! — Ziba,

— Ela gritou quebrando a quietude da manhã na selva. — Venha aqui e me ajude.

O comando agudo em sua voz deve ter motivado o meio Yss, pois ele chegou rápido o suficiente e olhou para ela com olhos largos e esperançosos. Havia um rasgo irregular na parte de trás de seu colete cinza esverdeado e Krisa percebeu que o soondar deve tê-lo pegado lá para arrasta-lo para a floresta. Agradecia a Deusa por ela não o ter arrastado por um braço ou uma perna e sim pelo colete, Krisa pensou distraidamente.

— Sim Krisalaison? — Ele perguntou suavemente.

— Ajude-me a tirar o cinto dele. — Krisa ordenou. Ziba olhou para ela interrogativamente, mas fez o que lhe foi dito. Teague era um peso morto, embora ele gemesse ocasionalmente dando-lhe esperança de que ainda não fosse tarde demais. Por fim o cinturão de couro preto conseguiu se soltar e Krisa conseguiu segura-lo bem acima do corte rasgado em sua coxa. A essa altura seus braços e mãos estavam vermelhos até os cotovelos e o top amarelo que Vis lhe dera estava quase laranja pelo sangue. Quanto as caras calças costuradas de Percy se elas estavam em má forma antes agora eram uma perda completa. Até as pontas dos cabelos estavam ensanguentados, mas Krisa não se importava.

Uma vez que o cinto foi apertado e o sangramento parou, Krisa voltou sua atenção para trazer o grande feral de volta à consciência. Se ela e Ziba fossem leva-lo de volta pelo caminho que iram percorrer teria que ser com a ajuda dele pois ele era grande demais para ser de outro jeito.

— Teague — Ela disse bruscamente batendo em suas bochechas. — Teague acorde. Você tem que acordar.

As pálpebras tremularam mostrando lampejos de prata e preto, enquanto ele voltava devagar. — O que...? — Sua voz estava grogue e incerta. — Onde...?

— No meio da selva e nós temos que o tirar daqui. — Krisa falou com mais

certeza do que sentia. — Vamos Teague. Você pode se sentar?

Mais tarde ela pensou que foi uma das coisas mais difíceis que ela havia feito, o caminho de volta através da selva espessa, depois de colocar o grande feral em pé e em movimento.

Teague havia perdido muito sangue, mais do que suficiente para mantê-lo inconsciente ou pelo menos imóvel, mas apoiando-se pesadamente em Krisa, conseguiu levantar-se e voltar para o acampamento. Nenhum deles era forte o suficiente para abrir o caminho, então eles tiveram que empurrar através das samambaias e vegetação rasteira da melhor forma que podiam com um Ziba muito abatido a reboque.

Krisa não tinha certeza se poderia encontrar o acampamento deles que ficava perto do caminho entre a aldeia Yss e o assentamento de Sarskin, e mais uma vez Tz veio a calhar. O pequeno targee ergueu o pequeno focinho no ar e cheirou, depois afastou-se num ritmo lento mais constante que puderam acompanhar e levou-os de volta para onde o pesadelo inteiro havia começado, não menos de duas horas antes.

Quando chegaram Krisa estava quase exausta e podia ver pelo tom acinzentado da pele escura de Teague e pelo olhar desenhado no seu rosto que ele também estava. Eles tropeçaram para fora da selva e Teague caiu cansado na pilha de cobertores desarrumados, a perna ferida grudando rigidamente na frente dele. Krisa forçou-se a cavar nos depósitos de alimentos e retirou a carne seca, frutas e vários recipientes com água e eles tiveram um café da manhã atrasado e muito necessário em quase total silencio.

Teague finalmente quebrou o silencio quando eles acabaram de comer. O dia começava a ficar quente e Krisa estava feliz por eles estarem situados na sombra.

— Você e Ziba terão de continuar sozinhos. — Disse ele depois de tomar

um longo gole da garrafa de plástico cheia de água que haviam trazido do Princesa das Estrelas.

— Eu não vou deixar você. — Krisa disse imediatamente. Ela estava usando um pouco da água para lavar o sangue dos seus braços e mãos, mas agora parou, concentrando-se estreitamente no grande feral.

—Você precisa. — Respondeu Teague. —Não há como continuar nestas condições.

— Já está no meio da manhã se você e Ziba saírem agora estarão no complexo de Sarskin ao escurecer, então você poderá enviar ajuda de volta.

— E deixa-lo sozinho e coberto de sangue a maior parte da noite, enquanto eles voltam para pegar você? Absolutamente não, Teague. Você não deixaria a mim ou Ziba se a situação fosse inversa. — Krisa cruzou os braços sobre o maldito top e franziu a testa.

Teague suspirou exasperado e se mexeu rigidamente sobre o cobertor. — Escute querida, se a situação fosse invertida eu poderia carregar você ou o Ziba e nós poderíamos continuar. Eu aprecio o sentimento, mas eu não acho que você está disposta a devolver o favor.

— Eu não fiz muito até agora — disse Krisa desafiadoramente apontando sua perna ainda com o cinto.

Teague sorriu com relutância e acenou em aprovação. — Sim eu admito que foi rápida em pensar no torniquete. Acho que aprendeu algumas coisas que valem a pena na sua escola.

Torniquete então é assim que é chamado. Krisa não ia admitir que tinha pegado a ideia de contrabando de vídeos da Life Links, então ela apenas assentiu rigidamente, reconhecendo seus agradecimentos.

— O ponto é que eu não vou deixar você sozinho para servir de lanche para

um soondar. — Disse ela.

— Então você vai ficar aqui e me proteger? — Teague parecia sombriamente divertido.

— Ouça garotinha, tudo que você poderia fazer, se você ficasse, seria me dar mais duas pessoas para me preocupar.

Krisa ficou em silencio. Ela não tinha considerado exatamente como ela ajudaria Teague ao ficar, só sabia que estava determinada a não o deixar sozinho na floresta.

— Venha aqui. — Teague disse acenando com uma mão grande. Sem querer, Krisa se aproximou dele no cobertor de modo que ficou cara a cara com o grande Feral. Ele parecia cansado e abatido e a segunda pálpebra preta e opaca faziam de seus olhos duas poças de meia noite em seu rosto escuro. Teague estendeu a mão e segurou sua bochecha com uma palma grande e quente.

—Krisa. — Disse ele com uma voz profunda e gentil. — Tudo que você poderia fazer se ficasse comigo seria morremos juntos. Eu não quero isto, eu não poderia te proteger da maneira que fosse preciso da forma como me encontro agora. Então quero que você vá e leve Ziba com você. Tudo bem?

— Você está sempre me perguntando isso. — Krisa murmurou através de lábios entorpecidos, observando o jogo de sombras das folhas dançantes em suas feições escuras e nítidas.

— Mas desde que eu te conheci, parece que eu não entendo mais nada.

Agarrando-lhe o rosto com as duas mãos, ela o beijou ferozmente nos lábios, tentando colocar o máximo que podia de suas emoções emaranhadas no gesto.

Teague foi pego de surpresa por um momento, e em seguida ele a alcançou, puxando-a para si mesmo para montar sua perna ilesa. Ele a beijou de volta com

uma intensidade que lhe tirou o fôlego. — Eu esperarei por você garotinha. — Ele rosnou baixinho, deixando-a ir finalmente. — Não me desaponte.

Olhos negros brilharam para revelar a prata enquanto ele falava.

— Eu não vou. — Disse Krisa falando com toda sinceridade de seu coração. Virando a cabeça ela disse. — Vamos Ziba temos muito o que fazer.

Capítulo Dezessete

O dia inteiro foi um longo e quente pesadelo de ter que andar quando ela queria estar correndo, empurrando a si mesma e Ziba ao limite e imaginando quanto tempo eles tinham antes do céu opaco e bronzeado se tornar um sinistro, queimado e úmido, então ficando completamente escuro. Seria apertado, Krisa pensou, mas eles conseguiriam - precisavam.

Eles também teriam conseguido, se Ziba não tivesse caído num buraco.

— Krisalaison... aí está, o dedo dos deuses! — Ziba apontava animadamente para um monólito enorme e pálido que se erguia ao lado do caminho, quando eles dobraram numa curva.

— É o sinal de que estamos perto da aldeia de meu pai. — Ele correu à frente animadamente, Tz tagarelando em seus cabelos, para colocar suas mãos esbeltas, de seis dedos contra os lados lisos da pedra arredondada.

— O.... o que? — Krisa perguntou. Ela estava quase esgotada pelo ritmo cansativo que eles tinham viajado o dia todo, seu cérebro zumbindo de preocupação e emoção conflituosa.

As palavras do garoto meio-Yss não foram registradas no começo.

— O dedo dos deuses — Ziba repetiu impaciente. —Há muito tempo, meu senhor, viu esta pedra dos céus e sabia que era o lugar para onde deveria ir. Aqui foi onde ele segurou o Haulder-Lenz com o Teague e aqui ele se tornou o “*Único não Consumido”*.

— Então isso é ... algum tipo de marco? — Finalmente estava penetrando no cérebro cansado de Krisa que eles estavam se aproximando do complexo de Sarskin. Foi uma coisa boa também, porque na última meia hora o céu se tornou

visivelmente mais escuro. Lentamente, ela se aproximou do monólito de pedra onde Ziba estava impacientemente esperando que Krisa o alcançasse, dançando de pé para pé. Tz captara o entusiasmo de seu mestre e o pequeno targee tagarelava e gritava de excitação em cima da cabeça escura de Ziba.

— Sim, é sagrado para o meu povo. — Ziba continuou circulando em torno da base larga do pilar de pedra impossivelmente alto agora. — Isso significa que estamos muito perto! Logo nós ...

Mas as palavras de repente se tornaram um grito quando ele desapareceu atrás do dedo de pedra.

— Ziba! — Krisa correu ao redor da pedra enorme, esperando descobrir que ele tinha torcido um tornozelo e quase caiu em um buraco profundo que estava completamente escondido da vista da base do pilar. — Oh, minha Deusa ... Ziba? — Krisa ajoelhou-se cuidadosamente perto do rebordo da cova, incerta se era feita por Yss ou algum tipo de buraco natural. Cerca de doze ou quinze pés abaixo no poço da escuridão, ela podia ver o borrão branco de um rosto assustado olhando para ela.

— Krisalaison? — A voz de Ziba era fraca, mas pelo menos ele não tinha ficado inconsciente.

— Ziba, você está bem?

— Eu... eu acho que meu tornozelo está machucado de alguma forma. — A voz fina respondeu. — Mas Tz está bem.

A tagarelice alta e furiosa de seu targee de estimação corroborou essa afirmação.

— Você pode subir de volta? — Krisa perguntou duvidosamente. Mesmo que o menino não tenha se machucado na queda, as paredes do poço pareciam terrivelmente íngremes. Ziba tentou corajosamente, mas logo teve que admitir a

derrota. Tz não teve problemas com os lados íngremes, no entanto, e o bola de pelo cor-de-rosa se agarrava aos lados e conversava encorajando seu jovem mestre.

— Eu não posso fazer isso, Krisalaison. — O menino admitiu finalmente, chamando seu animal de estimação targee de volta com relutância. — Mas a aldeia do meu pai não está longe no caminho. Você precisa de ajuda. Aqui, pegue Tz. Meu senhor, o reconhecerá. — Ele segurou o targee entre as palmas das mãos e sussurrou suavemente por alguns instantes, depois pediu à pequena criatura que subisse as encostas íngremes do poço em direção a Krisa.

— Eu já volto — Krisa prometeu, coletando Tz e colocando-o em seu ombro, onde ele se sentou muito subjugado e quieto.

— Depressa, Krisalaison! Logo está escuro e o soondar caçará. — A voz de Ziba era fraca, mas clara no ar imóvel da noite. Como se para confirmar suas palavras, Krisa subitamente ouviu a tagarelice alta e uivante de um bando de selvagens na floresta próxima. O som fez com que Tz se sentasse em linha reta e acrescentasse sua voz estridente e tagarelante ao refrão misterioso, enviando um arrepio de medo pela espinha.

Ela se levantou e olhou em volta, o céu a sua esquerda era um profundo e queimado úmido. O estranho crepúsculo laranja do Planeta X caíra nos poucos minutos que ela passara conversando com Ziba no poço. Agora ela tinha duas pessoas dependendo dela para chegar a tempo.

Teague e Ziba seriam presas fáceis para uma caça soondar quando o sol oculto do Planeta X caísse abaixo do horizonte.

Seria uma corrida entre ela e o sol que se afundava devagar. Krisa refez o seu trajeto para o caminho e partiu em uma corrida de vida ou morte.

É claro que isso a fez lembrar da primeira noite no Planeta X, quando ela e Teague tinham fugido para salvar a vida da matilha de caça do soondar, mas era

muito pior dessa vez.

Desta vez ela estava sozinha e não havia ninguém para buscá-la quando Krisa se cansou, ou ajudá-la se ela tropeçasse. E não era apenas a vida dela que estava tentando salvar, embora Krisa estivesse ciente de que ainda havia bastante sangue de Teague secado em suas roupas para atrair o soondar caçador. Desta vez, a vida de um garotinho e o homem que ela amava dependiam de seu sucesso. Espere um minuto - o homem que eu amo? Teague?

Mas não houve tempo para examinar o estranho pensamento. Houve apenas tempo para correr e correr e Krisa fez.

Pareceu demorar uma eternidade, correndo o sol invisível no céu. A cada curva da estrada, esperava ver as tochas de boas-vindas da aldeia Yss e ficou desapontada com apenas outra curva que levava à escuridão sombria do crepúsculo da floresta.

A respiração estava queimando em seus pulmões e ela estava tropeçando de exaustão, o caminho pouco visível sob seus pés, quando Krisa finalmente avistou um grupo de tochas na frente dela. Então, um borrão de rostos verdes pálidos apareceu no crepúsculo, do lado de fora de uma cerca de madeira alta e pontiaguda.

—Lasthnk![3] — Krisa engasgou sem fôlego, esperando que ela estivesse pegando a pronúncia escorregadia corretamente.

—Lieblick thaslink?[4]— Um dos guardas guerreiros estava questionando-a, mas Krisa apenas balançou a cabeça, ofegante.

—Histhanik Krisalaison, shebas das Teague. — Meu nome é Krisa Elyison. Eu sou a mulher de Teague. Era uma das poucas frases que o próprio Teague havia lhe ensinado, ensinando-lhe a pronúncia antes de admitir o que significava, o que deixou Krisa com raiva na época, especialmente quando descobriu o que ele dizia. Ela fez um sinal para o entusiasmado pulo rosa e conversando em seu

ombro. —Tz das Ziba. Por favor, preciso ver Sarskin, o "*Não Consumido*". Sarskin!

A urgência de suas palavras chegou até os guerreiros, assim como o nome do filho de seu chefe fora do mundo e Krisa se viu sendo conduzida através da luz das tochas. O Yss levou-a para uma grande estrutura no centro da aldeia, construída não de argila ou palha, mas das mesmas pedras pastéis que pavimentaram o caminho na floresta. Este deve ser o palácio do "*Único não consumido*". Era certamente mais palaciano do que qualquer outra residência que ela já vira no Planeta X.

Ela foi arrastada para dentro, vendo vislumbres borrados de ricos móveis gelafoam[5], justapostos de forma apertada com instrumentos tradicionais Yss, como os onipresentes tapetes de grama. Além disso, agora que Krisa estava em uma área iluminada, ela podia ver que alguns dos Yss nativos pareciam estar vestindo roupas de outro mundo, mas de maneiras muito peculiares.

Um de seus guardas estava usando o que antes devia ser uma calça bem costurada, mas ele tinha cortado as costuras nas pernas, de modo que elas se penduraram e se soltaram ao redor de sua cintura como um tipo estranho de saia. Outro tinha um espartilho, mas como um tipo de chapéu, ele se enfiava do topo de sua cabeça comicamente em uma dobra de tecido rígido. Outro usava uma longa saia de crinolina como um tipo de capa de babados. Krisa não conseguiu absorver tudo, apenas a tentativa tinha machucado sua cabeça.

Por fim, foi conduzida a uma grande sala central com piso de mármore e paredes ricamente revestidas. Sentado em uma escrivaninha entalhada, colocado em um monitor extraorbital, estava um homem que só poderia ser o antigo companheiro de equipe de Teague, Sarskin. Ele era, como Teague o descrevera, imensamente gordo, com longos cabelos castanhos escuros amarrados em uma torção de grama.

Ele tinha uma pequena boca cor-de-rosa, quase feminina, que agora estava

franzida em concentração, enquanto ele examinava as figuras que o monitor rolava por trás dos olhos. Todos os guardas de Krisa começaram a falar e fazer sinal ao mesmo tempo e o homem olhou para cima com irritação.

— O que? Como eu devo ouvir se todos vocês falarem ao mesmo tempo? Um de cada vez. — Ele se desvencilhou cuidadosamente do monitor extraorbital e voltou sua atenção para Krisa. — Bem, bem ... e quem você poderia ser, minha querida?

Sarskin era gordo o suficiente para que Krisa estivesse feliz por ele não ter sido completamente nativo.

Em vez da tradicional tanga e colete de Yss, ele estava vestido em jardas e jardas de brocado rico que brilhava suavemente na luz suave da sala. Ele tinha olhos muito escuros que brilhavam na penumbra da imensa sala de mármore. Krisa achava que parecia com o gordo e alegre Pai Alegria que elas sempre tinham na Briar Rose, distribuindo presentes durante o Solstício de Inverno.

— Eu sou Krisa Elyison, e você é Sarskin. Você é Sarskin, não é?

— Não muitos aqui me chamam por esse nome, mas sim, eu sou ele. Como posso ajudá-la, minha querida?

Parecia demorar uma eternidade para explicar, mas para o alívio de Krisa, Sarskin captou os detalhes do que ela estava dizendo quase imediatamente e ele não questionou nada do que Krisa disse a lhe também. Foi maravilhoso ver a rapidez com que ele agiu após sua informação.

Antes que ela soubesse, um grupo de guerreiros foi enviado para coletar Ziba, levando Tz com eles e ela estava andando na parte de trás do que Sarskin assegurou que era seu hovercraft[6] mais veloz. Havia um segundo grupo de guerreiros Yss, armados até os dentes, bem como o próprio Sarskin, vindo com ela para pegar Teague.

Mas o atraso com Ziba havia custado a ela. Agora estava escuro e tinha se passado boa parte de uma hora. Krisa sabia que não importava o quão rápido o carro fosse, ainda levaria pelo menos mais duas horas para chegar ao grande feral. Ela se sentia exausta emocional e fisicamente, mas quando a embarcação carregada deslizou suavemente pelo mesmo caminho que havia percorrido naquele dia, descobriu que não podia se permitir relaxar até saber que Teague estava a salvo. Por favor, Deusa, deixe-o em segurança.

— Conte-me sobre você, minha querida. Apesar de suas roupas, você parece ser uma jovem gentil. Não é do tipo que meu antigo companheiro de navio costumava entrar em contato, se você me perdoaria por dizer isso.

— Oh... — Krisa olhou para cima de suas mãos que estavam sujas de sua longa viagem e áspera de uma semana de trabalho com as mulheres Yss. Havia sangue seco sob as unhas - o sangue de Teague. Você pode sempre conhecer uma verdadeira dama pelas mãos dela, a voz de Madame Ledoux sussurrou em seu ouvido. Ninguém vendo sua aparência esfarrapada nas roupas sujas e salpicadas de sangue pensaria que ela era uma noiva de elite Briar Rose, mas esse homem tinha percebido seu status social de uma só vez.

— Se você preferir não falar, eu entendo muito bem. Eu estava simplesmente tentando tirar sua mente de suas preocupações, minha querida - disse Sarskin gentilmente. — Deixem-me, no entanto, exortá-la a não se preocupar muito com Teague. Se algum homem pudesse cuidar de si mesmo em qualquer situação, é meu antigo companheiro de nave.

Krisa olhou para ele com gratidão e tentou sorrir. Mais do que nunca, ele parecia o bondoso Papai Alegria das festas do Solstício de Rose Briar. Teague falara do homem como se fosse confiável, mas não muito agradável. Mas ela achou a presença grande e sólida de Sarskin imensamente reconfortante de alguma forma.

— Eu só tive que deixá-lo sozinho e ferido e está escuro por quase duas

horas agora, — Ela sussurrou, olhando para as mãos novamente.

— Ah, mas Ferais tem poderes regenerativos notáveis, como ouso acreditar que você notou.

— Não importa qual seja a condição que você o deixou, tenho certeza de que, quando a noite caiu, ele já teria se curado o suficiente para ser mais do que capaz de se defender.

—Você, você não está apenas dizendo isso para me fazer sentir melhor? — Krisa perguntou, querendo com todo seu coração acreditar nele. Sentindo-se mais esperançosa, lembrou-se da maneira como os cortes e contusões de Teague pareciam se curar muito mais rápido do que os dela, em sua primeira corrida pela selva.

Sarskin colocou uma mão gorducha no peito, olhos escuros arregalados ao leve brilho dos instrumentos do hovercraft. — O meu antigo colega de nave lhe contou sobre mim, minha querida? Sou druso, somos geneticamente incapazes de dizer uma inverdade ou de quebrar nossa palavra. Eu sinceramente acho que Teague vai ficar bem.

— Obrigado — Krisa sussurrou, piscando para conter as lágrimas de exaustão e preocupação.

Sarskin vivia no Planeta X há oito anos, lembrou a si mesma. Então, se ele dissesse que Teague provavelmente estava bem, ele provavelmente estava. Ela esperava.

— Diga-me, no entanto, como vocês se conheceram? — A mão gorducha de Sarskin encontrou o dela e segurou-a com uma pressão quente e firme que era maravilhosamente reconfortante.

Krisa abriu a boca para responder educadamente e de alguma forma se viu contando tudo ao druso. Como ela conheceu Teague acorrentada no porão da

Princesa Estelar, sua luta com o Capitão Ketchum, o chip de castidade, o pouso forçado no Planeta X e tudo o que se seguiu. Sarskin ficou em silêncio ao longo de sua história, apenas fazendo pequenos e encorajadores ruídos para indicar seu interesse e insistir com ela. Krisa ficou surpresa com o alívio que foi despejar a história para um ouvinte imparcial e compreensivo enquanto o hovercraft corria pela escuridão da noite do Planeta X.

— Então ele levou você com ele para a selva? — Perguntou Sarskin afinal, quando ela descreveu a fuga do cubo do sono e a maneira como Teague havia lidado com a segunda tentativa do capitão Ketchum de tirar sua virgindade.

— Ele salvou minha vida — Krisa disse seriamente. — Se ele não tivesse me levado o soondar, teria me cheirado com certeza.

—Sim, um soondar quando sente o cheiro de sangue é uma criatura implacável, — Admitiu Sarskin. — Mas eles geralmente não se aproximam de um objeto estranho, especialmente um tão grande e ameaçador quanto uma nave de classe comercial. Ainda assim, talvez Teague não quisesse dar uma chance.

Krisa olhou para ele surpresa. Ele estava tentando dizer que ela poderia ter permanecido com segurança na Princesa Estelar até que um grupo de resgate chegasse? — Ainda assim, ele me manteve segura na selva, me protegeu... — Um nó se formou em sua garganta quando ela se lembrou do abrigo quente do grande corpo de Teague enrolado em torno dela. Krisa estava tão emocionalmente e fisicamente exausta que sentia que poderia chorar a qualquer momento.

— E ele planeja apenas deixar você voltar para seu futuro marido assim que você adquirisse uma nave? — Era a imaginação de Krisa ou havia um toque de incredulidade na voz do Drusiniano?

— Bem, sim ... esse é o plano — Ela respondeu hesitante. — Ele estava esperando emprestar um navio de você, na verdade. — Ela acrescentou, incerta

se deveria abordar o assunto ou não.

— Oh, certamente, isso não será um problema, mas espero que você entenda que não consiga manter meus navios perto deste local. Pode haver um atraso na obtenção de um, já que estou com um pouco de falta agora.

Maravilha, mais atrasos. Mas Krisa descobriu que não se importava com isso agora.

— Quanto tempo você pensa que vai demorar até encontrá-lo? — Ela perguntou ansiosa.

— Ah, a qualquer momento, devo pensar — Respondeu Sarskin, soltando sua mão e acomodando-se mais confortavelmente na cadeira de espuma de conforto. — Com toda a probabilidade ele vai nos cheirar antes de o vermos. Maravilhoso sentido de olfato que eles têm, esses Ferais. São melhores que qualquer cão de caça numa corrida para o seu crédito.

— Mm — Krisa murmurou educadamente. Ela teve uma imagem rápida de Teague inalando seu perfume e dizendo: —Você quer, garotinha — E estremeceu.

— Espécies fascinantes. — Refletiu Sarskin, como se para si mesmo. — Você sabia que eles escolhem uma companheira baseado inteiramente no cheiro? E uma vez que eles encontram são bastante agressivos e quase insanamente territoriais. Mais animal que homem, realmente.

— N-Não, eu não sabia. — Krisa respondeu, sentindo-se um pouco desconfortável. As palavras de Sarskin despertaram uma lembrança em sua mente. Alguém havia dito algo parecido para ela. Mas quem? Seu cérebro cansado não a deixava lembrar.

Krisa tirou isso da cabeça. Sarskin provavelmente estava apenas fazendo conversa fiada para distraí-la. Realmente, era muito gentil da parte dele, ela

precisava de muita distração agora. Krisa estava olhando para fora das janelas do hovercraft na noite escura e um pensamento continuou batendo mais e mais em seu cérebro. *E se não o encontrarmos? Ou se ele não estiver lá?*

Eles estavam dirigindo há um bom tempo e parecia que ela deveria reconhecer alguma coisa, mas tudo fora da janela era apenas um grande borrão escuro.

— Eles podem ser bastante implacáveis, os Ferais, ferozmente leais e ferozmente competitivos. Eu vi isso por mim mesmo quando Teague e eu tivemos nosso pequeno desentendimento. Suponho que ele tenha contado sobre isso pelo menos.

Isso chamou toda a atenção dela. Teague nunca havia explicado o que provocara o Haulder-Lenz - o duelo até a morte - com seu antigo colega de navio.

— Um pouco, — Disse Krisa com cuidado. — Mas ele não me disse por que você argumentou em primeiro lugar.

Sarskin encolheu os ombros, um movimento estranhamente gracioso para um homem tão montanhoso. — Um mero impedimento da cultura, minha querida. Um desentendimento filosófico mais do que qualquer outra coisa. Muita água sob a ponte agora, é claro.

Krisa ficou desapontada - ela estava esperando algo em termos de detalhes.

Se alguma coisa, a explicação de Sarskin sobre o desacordo era mais oblíqua do que a de Teague. Ela abriu a boca para dizer isso, mas só então viu algo fora da janela que afastou todo o resto de sua mente.

— Pare! Pare a nave! — Ela gritou e o Yss que estava dirigindo, o que usava o espartilho em cima da cabeça como um tipo estranho de chapéu, bateu nos freios de ar com tanta força que quase passou pelo para-brisa. Na direção de

Sarskin, recuou alguns metros e virou os faróis altos do hovercraft para a pilha de cobertores ensanguentados e descartados e o pacote de suprimentos ao lado do caminho, exatamente onde Krisa os deixara naquela manhã.

De Teague não havia sinal.

Capítulo Dezoito

— Teague! Teague! — Krisa saiu do hovercraft e correu antes que alguém pudesse impedi-la. Ela mal olhou para os cobertores ensanguentados e Teague não estava lá, portanto ele deveria estar em algum lugar na selva — Por favor Deusa, deixe que ainda esteja vivo em algum lugar na selva!

— Miss Elyison, por favor volte! Realmente não é seguro.

Mas os avisos bem-intencionados de Sarskin caíram em ouvidos surdos. Tudo o que Krisa sabia era que tinha que encontrá-lo, que ele tinha que estar aqui em algum lugar. Ela atravessou o mato cegamente, chamando seu nome repetidas vezes em uma voz rouca de cansaço. Videiras e trepadeiras chicoteavam seu rosto, mas Krisa mal notou. Repetidas vezes, ela continuava vendo o corpo de Teague naquela posição rígida e antinatural, do jeito que o encontrara naquela manhã ao lado da fêmea soondar morta. E se ela o encontrasse assim de novo, mas dessa vez ele não acordasse?

— Teague! Oh, por favor, Deusa..., Teague, onde você está?

Um par de mãos grandes e quentes agarrou-a pelos ombros, impedindo-a de prosseguir.

Por um momento Krisa lutou descontroladamente e então uma voz profunda ressoou em seu ouvido, dizendo:

— Bem aqui, eu estou bem aqui, querida. Está tudo bem, acalme-se.

— Teague!

Ela quase soluçou. Ela queria envolver seus braços ao redor dele, mas ele a segurou no comprimento de seu braço, olhos prateados brilhando no escuro e o

resto dele ficou todo invisível no meio de toda a escuridão.

— Não, Krisa. Estou todo coberto de...

Mas ela não se importava com o que ele estava coberto. Ficou livre e com um pequeno soluço, Krisa envolveu os braços ao redor das costas largas de Teague.

O almíscar natural de Teague era silenciado por um sabor amargo e metálico e, quando ela tocou sua pele, estava úmido e pegajoso. Nada disso importava. De pé na ponta dos pés, Krisa enterrou o rosto no ombro dele e lutou para segurar as lágrimas. Seus olhos ardiam de exaustão e seu corpo tremia com a tensão liberada. Ele estava aqui, e estava bem.

— Eu corri… o mais rápido que pude, mas Ziba caiu em um buraco, ele está bem, mas isso me atrasou. Eu estava com tanto medo de chegar tarde demais...

— Calma, garotinha. — Teague a embalou gentilmente, segurando-a perto e com força.

— Está tudo bem, agora.

Então Krisa sentiu o corpo grande enrijecer contra o dela e a voz de Teague mudou de um tom baixo para um tom mais forte.

— Bem, bem, Sarskin. Faz algum tempo.

— Mais do que eu esperava, certamente. Por que você se fez tão difícil de encontrar, velho amigo?

Krisa olhou por cima do ombro para ver a figura grande e escura do Drusiniano lutando contra o mato, ajudado por dois Yss. Um estava quebrando a trilha com uma faca longa e afiada e o outro segurando uma lanterna de halogênio para iluminar o caminho.

— Tive minhas razões — Teague rosnou, ainda de pé. Obviamente ele estava se preparando para qualquer coisa — Você vem com intenções pacíficas, Sarskin?

— Eu vim em uma missão de misericórdia para resgatar um velho amigo. — A voz de Sarskin era suave e apaziguadora. — O que poderia ser mais pacífico do que isso?

— Você não respondeu a minha pergunta — Teague rosnou ameaçadoramente, movendo-se para colocar-se entre Sarskin e Krisa. Ela olhou para ele interrogativamente, por que ele estava agindo assim?

Sarskin suspirou pesaroso, como se essa falta de confiança de seu antigo companheiro de nave o tivesse cortado profundamente. — Espinhoso como sempre, eu vejo. Você não precisa se preocupar comigo, Teague. Eu venho com intenções pacíficas em relação a você e sua mulher.

Krisa olhou para ele sem entender. Ela não acabou de explicar no hovercraft que Teague estava apenas cuidando dela até que pudesse chegar ao Prime onde pertencia?

— Feche sua boca, Sarskin, e não fale sobre coisas que você não entende. — Teague rosnou.

O montanhoso Drusiniano fez uma reverência apologética. Mais uma vez, era um gesto estranhamente gracioso para um homem tão grande, embora fosse executado pela vegetação rasteira densa e ruidosa da selva.

Atrás dela, ao longe, Krisa de repente ouviu a nota alta e de advertência dos selvagens targee, sinalizando a aproximação de um bando de soondar que estavam caçando.

— Sugiro que continuemos essa conversa em uma área mais segura — Observou Sarskin, completamente indiferente ao som arrepiante. — Vocês vão

me seguir? — Acenou graciosamente para eles e se virou para sair da selva, sem se preocupar em ver se eles o seguiam ou não.

Teague deixou que ele se adiantasse e depois se movesse sem pressa para o seguir, mantendo um aperto firme na mão de Krisa.

— Teague — Ela sussurrou, tropeçando em uma raiz na escuridão.

— O que? — Ele a manteve em pé com pouco ou nenhum esforço e, em seguida, aproximou-a e colocou um braço em volta dela, para que ele pudesse guiar seus passos na escuridão. As samambaias trepidaram sob seus pés quando eles voltaram para o caminho.

— Por que você agiu assim? Ele tem sido nada além de bom. — Krisa deu de ombros e tropeçou novamente.

Teague agarrou seu braço e puxou-a para cima, não muito gentil. Ele estava mancando muito, Krisa notou. Estava muito escuro para ver se o cinto ainda estava preso em torno de sua coxa. — Eu tenho minhas razões, querida. — Ele rosnou brevemente. — Sarskin e eu voltamos, não se preocupe com isso.

— Eu ainda não entendo por que...

— Mais tarde. — Teague retrucou. Eles alcançaram a borda da vegetação densa e saíram na relativa segurança do caminho enquanto eles falavam.

Krisa, que ficara tão feliz em vê-lo momentos antes, sentiu-se endurecer por dentro. Por que ele estava tratando-a assim? Como uma estranha, alguém que não tinha merecido saber o que estava acontecendo? Lágrimas de frustração e cansaço surgiram por trás de suas pálpebras, mas ela se recusou a dar a Teague a satisfação de vê-la chorar.

— Tudo bem. — Ela disse brevemente, afastando-se dele novamente. Sarskin e os Yss já estavam no hovercraft, esperando por eles.

Teague parou no caminho, virando-se para encará-la. Nas escuras luzes do hovercraft, agora voltadas para o complexo de Sarskin, ela podia ver que seu rosto estava manchado com alguma substância negra e viscosa, assim como o resto de sua pele. Não é de admirar que ele tivesse sido quase invisível na escuridão da selva. — Eu tenho uma boa razão para tudo que faço, garotinha. Confia em mim. — Disse ele em voz baixa.

Confiar nele. Bem, que escolha ela tinha? O que ela estava fazendo, senão confiando nele, desde o minuto em que ela saiu do abrigo irregular no casco da Princesa Estelar e começou essa jornada maluca? Krisa respirou fundo e decidiu que estava cansada demais para brigar com ele.

— O que é tudo isso na sua pele? — Krisa perguntou em vez disso, percebendo com desgosto que estava tudo sobre ela também, onde quer que tivesse entrado em contato com o grande Feral.

— Sangue de soondar. — Ele respondeu e riu ao olhar de desgosto em seu rosto. — Disse a você para não me abraçar. É camuflagem, um bando faminto de soondar é menos propenso a atacar outro soondar do que um homem. Eu cheirei como eles, então eles me deixaram em paz.

— Mas isso significaria que você andou todo o caminho de volta na selva. — Krisa estremeceu com a ideia de ele se arrastar de volta para a carcaça do animal morto e se banhar no sangue da enorme criatura, depois que ela e Ziba foram embora.

— Não foi bonito, mas eu fiz o que tinha que fazer. — Disse Teague com um encolher de ombros.

— Vamos, Sarskin está esperando.

Krisa deve ter adormecido no caminho de volta ao complexo, porque só ouviu trechos da conversa entre Teague e Sarskin, enquanto o hovercraft zumbia acima do caminho amplo do Yss.

— Ainda bem que você se recupera rápido. O último médico fugiu com meu único piloto confiável há um mês.

— …uma nave. Uma que não leva muito tempo para ir ao hyperdrive.

— ... pelo menos uma semana, a menos que você queira obter você mesmo... quarenta quilômetros de distância ... razões de segurança ... com certeza você deve entender.

— Bem. Um dia ou dois para esta perna..., carcaças de soondar, se o seu Yss as quiser.

— ... volte amanhã e veja se sobrou alguma coisa ... um banquete ... animado como crianças.

— ... não vendeu nenhum de seus filhos?

— ...sei que sou incapaz..., quebrando minha palavra..., gosto muito deles.

—... acredito quando eu vejo..., certamente..., roupas coloridas.

— ... deixe-os se vestirem como eles gostam..., pelo menos como eles..., você e aquela garotinha..., realmente levando ela para o Prime?

— ... ela fora disso.

Krisa queria acordar e perguntar do que eles estavam falando, mas a exaustão fazia suas pálpebras parecerem ter pesos de chumbo amarrados a elas. Indiferente ao fato de que ela e Teague estavam ficando com o sangue preto e oleoso do outro lado do estofamento de pelúcia do hovercraft, Krisa deixou a cabeça recuar contra o lado do Feral. Um braço quente a puxou para mais perto e ela foi embalada pelo estrondo baixo de sua voz, em um sono mais profundo, onde nenhum sonho ou som poderia seguir.

* * * * *

Krisa abriu os olhos lentamente no meio de uma sala de tons pastel, mal iluminada, que ela não reconheceu. Pela primeira vez em semanas estava deitada em um colchão de verdade, a gelafoam cedeu um pouco enquanto tentava se sentar e estudar o ambiente ao redor. Rosa, lavanda, azul bebê, verde menta. Ela estava de volta na selva? Então por que havia pérolas, cortinas de brocado penduradas nas janelas e móveis ricos espalhados por aí?

Os movimentos ligeiros pareceram lembrar seu corpo do abuso que tinha tomado no dia anterior e Krisa gemeu e se deitou novamente. Ela se sentia quase tão rígida quanto depois de sua primeira noite na selva com Teague. *Teague... Onde ele estava afinal?*

Ficou ciente do som de água corrente e um zumbido baixo vindo de trás de uma porta fechada em frente à vasta cama em que ela estava deitada. Cantando no chuveiro? Perguntou vagamente. De alguma forma, Teague não parecia do tipo, mas ele não parecia o tipo de muitas coisas que tinha visto. Ele certamente estava no personagem na noite anterior, rosnando para Sarskin sem uma boa razão quando o homem estava apenas tentando ajudá-los.

O objeto de seus pensamentos emergiu com um sopro de vapor da porta que ela estava olhando. Havia gotas de água em seus ombros largos e peito nu e ele tinha uma toalha lavanda fofa enrolada em seus quadris estreitos. Krisa sacudiu a cabeça e tentou se concentrar. Ela estava sonhando de novo? Ou se acostumou a ver Teague no colete cinza-esverdeado enquanto eles ficavam na aldeia Yss, mas vê-lo em lavanda, mesmo neste mundo pastel ... bem, parecia errado.

— Bom dia, querida, ou devo dizer boa noite? Você dormiu quase vinte e cinco horas, não que eu te culpe. — Teague sentou-se na cama ao lado dela um pouco rígido, ainda favorecendo a perna que ele machucou e começou a secar o cabelo curto e espetado com uma toalha de mão rosa... — Você está pronta para um banho? — Ele perguntou, em conversação. — Sarskin tem todos os luxos - água quente, brilho no céu, o nome dele. O pacote de energia de fusão a frio do

lado de fora deste lugar deve ter lhe custado algum crédito, sério...

— Um banho? — Krisa se sentou mais devagar dessa vez e percebeu que era uma bagunça pegajosa, imunda e suja. O sangue de Teague ainda estava seco em suas roupas, que também estavam grudadas com o sangue negro e viscoso de cor marrom. Seu cabelo estava duro com as coisas que grudaram nele.

— Ugh! Se eu pareço tão terrível quanto me sinto ...

— Você está — Disse Teague com um sorriso irritante. — Quer que eu te dê um banho agora que terminei meu banho. Espere um minuto e eu vou te ajudar. — Ele se levantou e tirou a toalha descuidadamente, tratando-a com a visão de seu musculoso corpo nu, antes de deslizar em um par de calças pretas de couro que estavam em seu lado da cama. Krisa notou na fração de segundo antes de ela virar a cabeça que a ferida na parte superior da coxa parecia quase curada. Apenas um leve traço de tecido cicatricial rosado em sua pele bronzeada escura permaneceu para mostrar que Teague já havia sido ferido.

— Você... está quase como se você nunca tivesse sido ferido. — Disse ela, incapaz de não comentar sobre sua recuperação incrivelmente rápida.

— Espreitando uma olhada, hein? — Teague sorriu novamente e então estremeceu quando ele colocou peso na perna em questão. — Parece melhor do que está. Vou precisar ficar por um tempo.

— Mas como…?

— Eu te disse, os Ferais são durões. Difíceis de matar. Vamos lá, hora do banho.

Krisa fez uma careta quando tentou se levantar e então uma onda de tontura tomou conta dela. Teague a pegou logo antes de cair no chão, que era acarpetado com uma fibra de pêssego pálida e exuberante que parecia seda para os pés cansados.

— Você está mais pálida do que o normal. Quando foi a última vez que você comeu? — Teague perguntou. Ele a sentou de volta na cama gentilmente e se ajoelhou na frente dela, de modo que eles estavam no nível dos olhos. A segunda tampa preta cintilou levemente, mostrando sua preocupação.

Krisa pensou sobre isso. O café da manhã apressado deles, anteontem, foi a última refeição que se lembrava de ter comido. Ela tinha, é claro, se assegurado de que Ziba tivesse algumas das frutas secas e carne enquanto viajavam, mas seu próprio estômago estava amarrado em muitos nós para sequer pensar em comer ou beber qualquer coisa além de água.

— Já faz um tempo. — Ela admitiu finalmente. — Ziba está bem? Ele caiu em algum tipo de buraco ...

— A boca dos deuses. — Disse Teague. — É o que os Yss chamam de sumidouro ao lado do pilar de pedra que eles chamam de dedo dos deuses. Aparentemente, ficou muito maior recentemente, Ziba provavelmente não percebeu. E tem um tornozelo torcido. Ele e Tz estão bem.

Teague levantou-se e pegou um copo cheio de líquido gelado e laranja pálido. — Beba.

— Batida de nutrientes — Disse ele, segurando a xícara nos lábios.

— Eu posso administrar. — Irritada por ser tratada como uma inválida, Krisa pegou o copo dele e tomou um pequeno gole experimental. Para sua surpresa, o gosto era bom, como a pequena fruta redonda com sabor de sol que ela havia comido nos banquetes do Yss. Krisa bebeu com sede, terminando tudo enquanto Teague observava com aprovação.

— Melhor? — Ele perguntou finalmente, pegando o copo vazio dela e colocando-o no chão.

— Um pouco. — Respondeu Krisa de má vontade.

— Hora do banho, então. — Teague tirou-a do colchão gelafoam e guiou-a pela porta em frente à cama, para o mais fresco, onde uma grande banheira de mármore já estava cheia de água fumegante e rosada. O ar quente e fumegante cheirava levemente a uma flor exótica.

Krisa queria protestar, mas quando se levantou, todo o sangue correu para sua cabeça, fazendo-a se sentir fraca de novo. Ela se opôs, no entanto, quando ele começou a desabotoar suas calças muito abusadas, duras com uma mistura de sangue e poeira, de uma maneira profissional.

— Espere um minuto - Teague - pare!

— O quê? — Ele olhou para Krisa. — Você quer tomar um banho em suas roupas?

— Não. Mas eu posso me controlar, você pode sair agora. — Krisa tentou fazer sua voz tão firme quanto possível e não percebeu o modo como suas mãos grandes nunca deixaram sua cintura.

Teague franziu a testa. — Você esqueceu a quem você pertence enquanto você está aqui, garotinha? — Ele rosnou, pairando sobre ela.

Krisa sentiu uma onda de calor passar por ela. — N-Não — Ela gaguejou, recuando um passo e quase tropeçando em um tapete de grama pastel no chão de mármore.

— Bom, porque você precisa de um banho e você vai tomar um. — Teague terminou com as calças, deixando-as em um monte amassado com seu muito abusado Certificado de Virgindade saliente no bolso de trás. Então ele tirou o primeiro top amarelo, deixando-a tremendo e nua no meio do chão de mármore, até que a ajudou a entrar na banheira de mármore.

Krisa ficou mortificada, apesar do fato de que ele a tinha visto nua antes. Mas uma vez que ela estava submersa na água quente até o queixo, Krisa

descobriu que não conseguia segurar a emoção. Suspirando alegremente, ela inclinou a cabeça para trás, deixando a água suave molhar o cabelo emaranhado e esfregou punhados do líquido rosado fumegante sobre o rosto sujo.

Houve banhos enquanto eles ficavam com o Yss, mas depois do primeiro, especial no grande pote de cozinha de Vis, eles eram na maior parte tomados no córrego frio e rápido que corria ao lado da aldeia. Ela não sentia nada tão relaxante desde o último banho sônico a bordo da Princesa Estelar.

Sem comentários, Teague derramou uma colherada de líquido com cheiro adocicado na palma de uma mão grande e começou a enfiá-la em seus cabelos. —Mmmm. — Krisa não pôde deixar de murmurar, aproveitando a sensação de seus dedos poderosos massageando seu couro cabeludo. Ele era habilidoso e lento, evitando o galo dolorido na parte de trás do pescoço, onde o chip de castidade foi implantado.

— Assim, humm? — Teague parecia ligeiramente divertido.

Krisa não respondeu, satisfeita em relaxar no banho fumegante e deixá-lo lavar o cabelo em silêncio. Ele a enxaguou, derramando a água cor-de-rosa sobre a cabeça dela, tomando cuidado para não encher os olhos dela e depois pegou um pano de banho fino e começou a ensaboá-lo.

— Realmente, Teague, você não tem que fazer isso. — Krisa olhou nervosamente para o pano em sua grande mão, de repente se sentindo muito mais nua e vulnerável.

— Talvez eu queira. — Ele disse suavemente. — O que há de errado, garotinha? Você está se sentindo tímida? — Ele pegou uma das mãos dela e começou a lavar o braço dela em longos e suaves movimentos. Sob o pano macio, Krisa podia sentir o calor da palma da mão, enquanto se movia em direção aos seios expostos, flutuando suavemente na água quente.

— Eu não sei — Disse ela, corando ferozmente, enquanto ele tocava

primeiro um seio e depois o outro, prestando atenção especial aos mamilos, agora dolorosamente eretos no ar fumegante.

— Não é como algo que eu não vi antes. — Teague apontou, fazendo-a sentar-se para que ele pudesse lavá-la mais completamente. — Não é como se eu não tivesse tocado você aqui.

Ele beliscou um mamilo levemente. — Ou aqui. — Uma grande mão mergulhou sob a superfície da água, roçando sua coxa nua, fazendo um flash de calor percorrer sua espinha.

— Eu sei. — Krisa quase sussurrou. Ela queria pressionar as coxas firmemente juntas para manter a mão dele longe, mas Krisa não se atreveu. Quando Teague estava com esse humor, ele provavelmente faria quase tudo. — É só que - eu não sei - antes quando você me tocou você não ... bem, você não estava me observando. Exceto pela primeira vez na festa, quero dizer. Estava escuro ... quieto. — Ela se lembrou das noites na selva ao lado das brasas incandescentes do fogo, quando o grande Feral explorou seu corpo tão completamente, com mãos quentes e capazes.

— Você não foi sempre tão quieta, se bem me lembro. — Ele meio que ronronou, acariciando sua coxa levemente com o pano de banho.

Krisa reprimiu um gemido, sentindo-se tremer sob o toque dele.

— Eu senti falta de tocar em você na noite passada. — Teague continuou, sua mão subindo mais e mais até a perna. — Pensei em como a sua bucetinha fica molhada para mim, quando te acaricio perfeitamente. Pensei nos ruídos suaves e quentes que você faz quando vem, com meus dedos dentro de você. Gostaria de saber como é sentir o gosto daquela pequena e macia boceta, como seria a sentir enrolada no meu pau. — Seus dedos roçaram suavemente o ápice do seu sexo e ela pulou.

— Teague ... por favor! — Krisa se levantou de repente, derramando água

sobre o lado alto da banheira. — Eu não posso ... talvez seja hora de parar tudo isso. — Ela disse desesperadamente, tentando ignorar os olhos sedentos de prata em seu corpo molhado e nu. Depois do calor da água, o ar fumegante e perfumado do mais fresco parecia abruptamente gelado. Krisa envolveu seus braços ao redor de si mesma, sentindo sua pele irromper em uma erupção de arrepios. — Quero dizer, eu tenho que ir para Prime em breve e nunca mais te verei. Isso só torna mais difícil. — Ela implorou suavemente.

A boca cheia de Teague diminuiu para um corte desaprovador em seu rosto escuro. — Você não pode esperar para chegar ao Lorde Radisson e assinar esse contrato de submissão, não é? — Ele perguntou, sua voz baixa e selvagem. Ele se levantou, pegou uma toalha rosa fofa e envolveu os ombros dela em um só movimento.

— Sim ... não ... eu não sei. — Krisa sussurrou. Ela sentiu vontade de chorar e não sabia exatamente por quê. Lembrou-se de seus pensamentos caóticos no caminho para o complexo de Sarskin e de como se sentia desesperada e perdida quando achava que o grande Feral poderia estar morto.

— Você vai conseguir o seu desejo em breve. — A voz de Teague ainda estava dura e ele virou as costas para ela. Krisa pôde ver os músculos de seus ombros e costas largos saltando com tensão sob a pele morena escura. — Logo que minha perna ficar boa o suficiente para viajar, eu vou para o esconderijo onde Sarskin armazena seus navios. Vou pegar o mais rápido e ele vai se tornar um hyperdrive imediatamente - e você estará de volta no Prime antes que possa piscar, querida. Isso vai fazer você feliz?

— Eu não sei. — Disse Krisa, mal conseguindo fazer as palavras saírem do nó em sua garganta.

— Eu só sei que é onde eu pertenço.

— Você acha? — Teague virou para ela, seus olhos brilhando em prata e

cortados de raiva.

— Você realmente, pensa assim garotinha? — Sem esperar por uma resposta, ele se virou e saiu do mais fresco, deixando-a sozinha na sala de mármore ecoando sua saída.

Krisa sentou-se tremendo na borda da enorme banheira e esfregou a bochecha contra a toalha macia em que ele a envolveu, tentando não chorar.

Capítulo Dezenove

Não havia nada a fazer senão voltar para a cama.

Apesar de seu longo sono, Krisa ainda se encontrava cansada, mais emocional que fisicamente. Ela encontrou um conjunto de lençóis para colocar no colchão de gelafoam, já que os que estava dormindo estavam imundos de poeira e sangue seco. Então subiu sob as cobertas e sussurrou: — Luzes apagadas. — Para a sobrecarga brilhante. Fazia tanto tempo desde que Krisa tinha o luxo de uma cama, ou luzes ativadas por voz, que era um pouco difícil se acostumar novamente.

Krisa enterrou o rosto em um travesseiro na escuridão e deixou que a miséria a alcançasse.

Ela queria muito Teague, queria ele do jeito que ele a queria, Krisa admitiu para si mesma.

Mas depois desse período de tempo, lorde Radisson certamente insistiria em que sua virgindade fosse verificada novamente, com certificado ou sem certificado. E onde ela estaria se entregasse ao grande feral? *Na rua, se você tiver sorte. Morto, se você não tiver, sussurrou a voz prática em seu cérebro*.

Havia rumores de garotas que falharam em rever a virgindade por qualquer motivo.

Rumores do que invejosos futuros maridos fizeram em tais circunstâncias. Não era como se Krisa tivesse quaisquer direitos legais - ela estava literalmente sendo vendida para a Lorde Radisson e, sob as leis de Lynix Prime, e Krisa seria sua propriedade para ele fazer o que desejasse.

Se ele descobrisse que a noiva Briar Rose, por quem pagou tanto, não era

virgem, quem sabia o que ele poderia fazer?

Krisa estremeceu na escuridão. Era melhor não descobrir. Melhor ir para Prime com sua virgindade intacta e não dar a seu marido nenhuma razão para duvidar dela.

Ela tocou o pequeno galo na nuca. Como seria a vida dela quando se unisse ao lorde Radisson - uma vez que ele a possuísse? Teague saberia que ele era um escravo. Mas Krisa não seria uma escrava, não era exatamente ... ou era o que ela seria?

Quando o grande Feral falou sobre possuí-la, falou sobre Krisa pertencendo a ele enquanto eles estavam no Planeta X, e Teague estava falando sobre seu corpo e seu direito de fazer o que ele queria para ela para fazê-la quente, para fazê-la precisar dele, mas o que Lorde Radisson pagou não foi apenas o corpo dela, mas a mente e a alma dela. Ele pagou por seu livre arbítrio.

Esse era o verdadeiro significado do chip de castidade implantado em seu pescoço.

Tudo ficará bem, tem que ser. Contanto que ela conseguisse colocar o chip em seu pescoço substituído por um manequim, tudo ficaria bem. Contanto que pudesse ao menos pensar por si mesma, Krisa estava razoavelmente certa de que poderia fingir ser uma esposa obediente.

Da mesma forma, podia fingir para Lorde Radisson, se não para si mesma, que todas as suas aventuras com Teague nunca haviam acontecido. Poderia enganar-se que ela nunca se importou com ele.

Tentando não pensar nisso, ela enxugou as lágrimas dos olhos, rolou na grande cama vazia e tentou dormir.

***

Mãos quentes em seu corpo, uma boca quente em seus seios, chupando seus

mamilos, fazendo-a arquear as costas para mais.

— Vamos, garotinha, você sabe que quer. Espalhe suas pernas para mim. — A voz grossa e grave em seu ouvido era familiar, tão familiar que Krisa quase sabia quem ele era.

Quase. Ela ainda não conseguia ver o rosto dele.

— Eu estou com medo. — Ela sussurrou, espalhando as pernas obedientemente, apesar de seu medo. Dedos quentes acariciaram suas coxas, enviando um arrepio através dela, fazendo sua boceta tão molhada.

— Não há nada para ter medo, querida. Eu não vou te machucar ... só vou te provar. Vou lamber sua doce boceta até você gozar em meu rosto.

— Eu não posso. — Krisa protestou, mas ela não fez nenhum movimento para fechar suas coxas.

Nenhum movimento para negar-lhe acesso ao seu corpo.

— Sim você pode, garotinha. Apenas se espalhe para mim e deixe-me provar esta boceta quente e doce.

A respiração quente estava soprando em suas coxas, através de seu sexo molhado e Krisa engasgou ao sentir um beijo quente e úmido no interior de seu joelho. Ele se moveu para baixo, lambendo longas trilhas queimando por suas coxas, arrastando a língua sobre sua carne sensível.

Então ele estava lá, pressionando a boca no centro dela. Ela ofegou quando sua barba arranhou sua carne tenra e uma língua quente e molhada entrou nela. O homem separou os lábios de sua vagina, mostrando-a completamente para que ele pudesse chupar seu clitóris em sua boca, lavando-a com a língua até que Krisa gritou e se lançou contra ele.

— Por favor! — Ela implorou, pressionando-se para encontrá-lo. — Por

favor, eu quero… eu preciso…

— O que você precisa, querida? — Ele levantou o rosto e olhos prateados brilhavam na escuridão, quando o homem sem rosto apareceu acima dela. De repente ela podia vê-lo, realmente vê-lo pela primeira vez.

— Teague! — Ela engasgou. — Teague, é você ...

***

— Krisa… Krisa, acorde. Acorde, você está sonhando de novo.

— Teague? — Krisa abriu os olhos para encontrá-lo acima dela, assim como ele tinha estado no sonho. Havia uma carranca em suas feições escuras que mal era visível na sala escura e seus olhos brilhavam prateados.

— O que você está fazendo aqui? — Ela perguntou sentando-se rapidamente e lutando para manter o lençol macio envolto em seus seios. E Krisa desejou ter se incomodado em tentar encontrar uma camisola em vez de ir para a cama nua.

— Este é meu quarto também, você sabe. — Ele franziu a testa mais fortemente e então suspirou. — Na verdade, eu ia dormir em outro lugar, mas quando eu parei para pegar minhas coisas, você estava se debatendo, tendo outro dos seus sonhos. E estava gritando, gemendo. — Ele lhe deu um olhar penetrante daqueles olhos prateados brilhantes. — Me pergunto por que você estava fazendo isso?

— Eu ... eu estava? — Krisa sussurrou, chocada. Mas quando ela falou, o sonho voltou para ela. *O homem sem rosto ... ele era Teague*!

— Você estava — Teague confirmou. Ele havia tirado o colete e as botas e

estava deitado na cama ao lado dela, vestindo apenas as calças de couro pretas apertadas. Krisa se perguntou qual animal havia sido morto neste mundo pastel para fazer aquelas calças. Até onde ela sabia, o único animal negro que caçava nas selvas pálidas do Planeta X era o soondar.

— Você quer me contar sobre esse sonho? — Teague continuou ainda olhando para ela intensamente.

Não havia como ela dizer a Teague que ele era literalmente o homem dos seus sonhos, Teague nunca a deixaria ouvir o final. Krisa abriu a boca para dizer que não se lembrava e depois pensou em outra coisa. Algo que ela estava pensando antes de adormecer.

— Eu posso lhe contar um pouco, se você me disser algo. Teague. — Ela disse suavemente, virando de lado para encará-lo. — Você me contou como sua vida estava em Al'hora.

— Mas antes - quero dizer, antes de tudo o que aconteceu foi realmente tão... — Ela respirou fundo. — Como é ser propriedade de alguém?

Ele se virou para o lado, de modo que eles estavam cara a cara na escuridão, os olhos prateados olhando profundamente nos dela. — Esteve pensando em Prime, hein? — Ele roncou.

— Você quer saber como é ser escravo? Conhecer que você pode ser punido a qualquer momento sem motivo, exceto o capricho do seu mestre? Compreender que você pode morrer de fome, espancado, estuprado...

Krisa se encolheu, fechando os olhos com força. — Teague, por favor, não.

Braços fortes a puxaram para perto e dedos suaves vasculharam seus cachos, acariciando o caroço na parte de trás do seu pescoço. Krisa endureceu a princípio e então relaxou contra seu calor.

— Desculpe se estou te assustando, Krisa, mas é isso o que é - ou foi para

mim. Quando eu fui para a casa do meu segundo mestre, de qualquer maneira. Pode ser diferente para você, no entanto. Tenho certeza de que os figurões no Prime não vão bater e matar tanto quanto os Daylighters de Al'hora. — Ele disse secamente.

— Mas mesmo se eles não... — Sua voz estava quase seca demais para continuar, mas Krisa se forçou a dizer isso de qualquer maneira. — Mesmo que Lorde Radisson não me bata ou me mate de fome, ele ainda vai fazer isso comigo. Quero dizer, — ela limpou a garganta. — Eu ainda vou ter que dormir com ele.

— Da última vez que eu apontei para você, não pareceu te incomodar muito. — A voz de Teague endureceu um pouco. — Eu acho que você me disse que sabia onde você estava se metendo.

Krisa pensou em seu sonho e estremeceu contra ele. — Isso foi bem antes que eu soubesse o que era possível. Eu pensei que ele iria apenas ficar em cima e... Teague, o que vimos nas festas do Yss, você disse que a maioria dos homens gostava. Você realmente acha que Lorde Radisson vai querer que eu faça isso?

— O que? Um boquete? — A voz de Teague estava mais divertida agora, mais gentil. Ele se moveu para puxá-la para mais perto, sem se importar com o jeito que Krisa puxou o lençol que não mais cobria seus seios.

— Sim. — A voz de Krisa era baixa e ela se sentiu muito pequena na escuridão, embalada no círculo de seus braços.

— Será que isto realmente te incomoda tanto? — Teague perguntou suavemente. O braço que estava em volta dos ombros dela desceu, circundando sua cintura para que ele pudesse alcançar e segurar um seio nu em sua palma grande e quente.

— Bem… quero dizer não. Não se... não se eu o amasse, eu acho. — A última palavra foi um suspiro ofegante quando Teague beliscou seu mamilo,

acendendo seus nervos como sempre fazia quando tocava seu corpo. Krisa percebeu abruptamente que eles não estavam mais falando sobre Lorde Radisson. — Mas, como eu sei se eu o amo? — Ela perguntou baixinho, ficando mais perto de seu grande corpo e respirando seu almíscar picante. — E se ele quiser fazer isso... o contrário?

— Você quer dizer se ele quer provar você? — Uma mão grande, a que não estava em concha no peito, mergulhou sob o lençol e descansou no monte macio e ondulado de sua boceta. — Era com isso que você estava sonhando quando acordei você, Krisa? É por isso que você estava chamando?

— Eu-eu não sei. — Ela mal podia falar e seu coração batia com tanta força que Krisa tinha certeza que ele podia ouvir na sala escura. Ela continuava querendo pressionar as coxas firmemente juntas ou estendê-las para ele, e Krisa não tinha certeza de qual. Estava errado, sempre esteve errado. Isso não a fez querer menos.

— Não minta para mim, garotinha. — Ele respirou profundamente e ela podia sentir a tensão ondulando em seus músculos, logo abaixo da pele lisa e quente. “Eu posso dizer o quanto você quer, seu perfume te entrega todas as vezes. Isso e a maneira como você fica tão molhada. Abra suas pernas agora.

Krisa não tinha certeza do que seu cheiro tinha a ver com qualquer coisa. Ela só sabia que quando ele a tocava assim, quando Teague sussurrava baixo e quente em seu ouvido, isso a deixava tão molhada, tão pronta. Como no sonho, ela abriu as coxas obedientemente e sentiu as pontas dos dedos contundirem os lábios de sua vagina, mergulhando em seu calor escorregadio, esfregando levemente o clitóris e fazendo-a gemer.

— É isso, garotinha ... desista. Eu amo o jeito que você fica tão molhada para mim. Não posso esperar para te provar.

— Mas... — Era errado - perigoso - ir tão longe. Krisa tentou pensar em

algo, qualquer coisa que pudesse detê-lo. — Mas e se você não gostar?

— Não gostar? — Teague levantou as sobrancelhas, incrédulo. Ele retirou os dedos por um momento e depois, olhando-a com firmeza, colocou-os na boca, lambendo a essência deles com prazer óbvio. — Eu amo isso. Amo seu gosto quente e salgado quando você precisa vir. — Ele rugiu. — Pura delícia.

Ele se inclinou e capturou sua boca, separando seus lábios e empurrando sua língua entre eles, compartilhando seu próprio gosto com ela. Krisa gemeu e se inclinou para o beijo, todos os pensamentos de impropriedade ou vergonha sumiram, enquanto experimentava seu próprio sabor misturado com a canela quente de sua boca.

Por fim, Teague quebrou o beijo, os olhos de prata queimando nos seus e Krisa sabia que ele faria o que quisesse, não importasse o que ela dissesse.

— Teague — Ela sussurrou como ela tinha feito no sonho. — Eu estou com medo.

— Não esteja. — Teague deslizou para baixo de modo que ele estava deitado na cama em vez de se sentar, deixando-a encostada na cabeceira da cama. — Você sabe que eu nunca machucaria você, Krisa.

— Eu sei. — Ela olhou para ele, os olhos prateados brilhantes e sérios em seu rosto escuro.

— O... o que você quer que eu faça?

— Eu quero que você monte na minha cara, querida. Dessa forma eu posso pegar minha língua profundamente dentro de sua doce e pequena boceta. Venha aqui. — Ele a chamou, mas Krisa se segurou, incerta.

— Eu não entendo...

— Eu vou te mostrar. — Com tão pouco esforço como se estivesse

movendo uma boneca, Teague a alcançou e posicionou seu corpo de modo que ela tivesse um joelho plantado em ambos os lados de sua cabeça. Krisa podia sentir seu hálito quente lambendo o interior de suas coxas abertas e os lábios macios de sua boceta, inchados de desejo e necessidade.

— Teague, eu vou te machucar. — Ela protestou, agarrando a cabeceira da cama para se firmar acima dele.

Ele riu, o som estrondoso vindo do fundo de seu peito enorme e vibrando seu corpo inteiro. — Querida, ouça você mesmo. Se um louco não pudesse me matar, como você espera me machucar com seu corpo macio e curvilíneo? — Ele colocou as mãos grandes e quentes ao redor de sua cintura, embalando sua pélvis com as palmas das mãos.

— Desça e me deixe provar você, Krisa — Disse ele, sua voz baixa e dominante — Deixe-me provar você e faze-la gozar do jeito que você precisa.

— Teague... — Seu nome era um soluço em sua garganta quando Krisa finalmente permitiu que ele a puxasse para baixo, abrindo suas coxas e se abrindo e ficando vulnerável para ele.

Ela sentiu os lábios dele primeiro, beijando-a de leve, devagar, da mesma maneira que ele beijou sua boca. Então sua língua, molhada e quente invadiu os lábios inchados de sua vagina, rodando sem parar sobre o broto inchado de seu clitóris e fazendo-a ofegar e gritar sem palavras enquanto Teague lambia e chupava e provava.

As mãos de Krisa apertaram a cabeceira de madeira à sua frente na escuridão e ela jogou a cabeça para trás, mordendo o lábio e tentando se apoiar contra o ataque de prazer.

Ela podia sentir o longo cabelo dela descendo pelas costas e a ponta afiada da cabeceira da madeira mordendo as palmas das mãos, mas nada parecia importar a não ser o prazer da boca de Teague nela - em seu sexo quente e

úmido. Então ele parou.

— O que ...? — A perda de sensibilidade foi chocante, especialmente quando ela se sentiu começando a construir em direção ao pico.

— É bom, não é, querida? — Ele rosnou, calor e diversão em sua voz.

— Eu ... sim, sim, sim. — Krisa admitiu sem fôlego.

— Então confie em mim, Krisa. Venha até o fim. — Suas mãos apertaram sua cintura, instigando-a a baixar. — Não se preocupe em me machucar, você não pode. Apenas relaxe e deixe-me levá-la aonde você precisa ir. Deixe-me fazer você vir.

— Tudo bem. — Ela sussurrou. Forçando-se a soltar o aperto na cabeceira da cama, Krisa fez o que ele disse, relaxando até que ela sentiu sua boca quente contra sua boceta sensível novamente.

— Tão doce. — Ela o ouviu murmurar e então mãos fortes a instigaram para baixo e sua língua quente e úmida a invadiu, penetrando as dobras escorregadias e inchadas de sua boceta para penetrar profundamente dentro dela.

— Oh Deusa! Teague! — Ela gemeu. Incapaz de ajudar a si mesma, pressionou- se contra ele, sentindo suas bochechas ásperas arranharem suas coxas tenras quando Teague lambeu e chupou e fodeu profundamente dentro dela com sua língua. A penetração foi tão boa, tão certa, e ainda assim... não bastava. Krisa sabia o que queria, o que ela realmente precisava.

Seu pênis... Oh, Deusa... se ao menos ele fosse... se ao menos pudéssemos...

Apenas o pensamento de estar presa debaixo de seu grande corpo e sentir aquele pênis grosso e duro penetrando-a, abrindo-a como ela nunca tinha sido aberta antes, enquanto Teague a lambia e lambia era o suficiente para empurrá-la sobre a borda.

Chorando e tremendo, Krisa endureceu, esfregando-se contra ele, alcançando o pico que Teague sempre lhe trazia e caindo sobre ele, enquanto lambia e chupava suas dobras doces e úmidas.

O orgasmo foi tão intenso que viu estrelas brancas explodindo diante de seus olhos na sala escura. De repente, ela se sentiu fraca e tonta.

Teague pegou-a e baixou-a delicadamente para a cama ao lado dele antes que Krisa desmoronasse. Então a beijou de novo, compartilhando seu próprio sabor com ela, enquanto mãos grandes vagavam inquietas por seu corpo nu.

Deusa ... tão bom ... tão doce, Krisa pensou desconjuntada enquanto se pressionava contra ele, sentindo a dura saliência de seu membro pulsando de alívio e se soltando atrás das calças de couro que Teague ainda usava. E mesmo sabendo que era impossível, ela não pôde deixar de desejar mais.

Muito mais.

E então ele estava se afastando, estava deixando-a. Krisa gritou sem palavras, procurando por ele, nunca querendo deixá-lo ir.

— Desculpe, querida. — Sua voz era baixa e irritante na sala escura. — Eu tenho que fugir. Se eu ficar aqui, não poderei me ajudar, quero muito você.

Sentou-se na beira da cama e passou as duas mãos pelos cabelos - um gesto de pura frustração.

— Teague, por favor. — Krisa correu para a beira da cama e colocou uma mão levemente sobre a pele quente de suas costas largas. — Isso foi tão intenso. Eu me senti tão perto de você. Por favor, não me deixe em paz.

— Você não entende, não é? — Ele tirou a mão das costas e se virou para ela, os olhos brilhando de prata na escuridão. — Tocando você assim, saboreando sua buceta doce ... é demais. Eu tenho te desejado por semanas. Todas as noites em que estávamos viajando para chegar até aqui - toda vez que

eu a tocava, e quando eu a sentia estremecer contra mim e a ouvia você fazer aqueles sons suaves que você faz quando vem. Krisa, você sabe como eu me sinto sobre estupro, mas se eu ficar aqui, vou te foder. É isso que você quer? — Seu rosto escuro era duro e suas palavras pouco mais que um grunhido.

As palavras contundentes a fizeram recuar ao mesmo tempo em que começaram um novo incêndio em sua barriga. Para ser levada... para ser fodida. Para se espalhar debaixo dele, aberta, vulnerável e sentir aquele pau grosso enchendo sua vagina.

— Você não me respondeu, garotinha. — Teague a puxou para o colo dele.

De repente, ela estava montada em sua virilha, as coxas abertas, os joelhos apoiados na cama, com nada além da fina calça de couro preta que ele usava entre o pênis e o sexo molhado e aberto.

— O quê? — Krisa engasgou, mas o suspiro se transformou abruptamente em um gemido, quando Teague puxou-a para baixo para esfregar contra ele, esfregando a espessa cota de seu pênis contra o clitóris inchado, já excessivamente sensível de seu orgasmo anterior. A sensação da boca dele enquanto a provava era gentil, suave - mas esse era um tipo totalmente diferente de sensação - um delicioso e áspero atrito que construiu seu prazer rapidamente, quase dolorosamente.

— Eu perguntei se você queria ser fodida, Krisa. — Mãos espalmadas em seus quadris a forçaram para mais longe, forçaram-na a se abrir para ele e tomar todo o prazer irresistível que só Teague poderia dar a ela. E ele se balançou devagar e com força contra Krisa, esfregando o couro liso uma e outra vez sobre o dolorido impacto de seu clitóris até que ela pensou que poderia enlouquecer.

Krisa gemeu, mordendo o lábio, não confiando em si mesma para dizer sim ou não. Não confiando em si mesma para dizer qualquer coisa. Em vez disso, ela colocou os braços em volta do pescoço dele e baixou a cabeça para o ombro

dele. E Krisa respirou fundo, ofegante, puxando o almíscar dele, uma combinação de suor, couro e macho no cio, e concentrou-se em suportar as sensações intensas que Teague estava construindo em seu corpo.

— Basta pensar. — A respiração de Teague estava quente em seu pescoço enquanto ele a forçava a montá-lo.

— Com dois movimentos rápidos eu poderia estar dentro de você. Todo o caminho dentro do sua... apertada... molhada... boceta. — Com cada palavra, ele deu um forte e forte impulso, empurrando-a para outro clima mais áspero.

— Você gostaria disso, garotinha? Gostaria de me sentir abrindo sua buceta doce e virgem com meu pau grosso? Quer me sentir cavalgando com você esta noite, vindo dentro de você?

— Teague, por favor! — Krisa soluçou, na borda novamente e tão perto. Com tanto medo do que poderia acontecer se ela cedesse e a Teague o que ele estava exigindo.

— Pense nas consequências. Concentre-se no que acontecerá se você aparecer no Lynix Prime e em Lorde Radisson insistindo em uma nova verificação de sua virgindade e se você não passar.

Mas Teague estava tornando impossível se concentrar em qualquer coisa, a não ser no quanto ela o queria, precisava dele dentro dela.

— Responda-me, porra! — Seus quadris rolaram debaixo dela, empurrando, moendo, espalhando os lábios molhados de sua vagina e esfregando implacavelmente contra o clitóris. Pressionando fundo, mas não profundo o suficiente. Empurrando-a mais e mais alto.

— Você sabe que eu quero, mas eu não posso. Eu simplesmente não posso. — Krisa soluçou mesmo quando seu clímax começou subjugando-a.

— Maldita seja você, Krisa. Maldita por segurar qualquer parte sua de mim.

A voz de Teague era um grunhido profundo e zangado. Ele empurrou mais ou menos contra ela, esfregando brutalmente a grossa crista de seu pênis sobre suas dobras escorregadias e inchadas e a mordeu com força no ponto sensível onde seu pescoço encontrava seu ombro quando ela gozou. Krisa gritou quando os dentes brancos e afiados dele tiraram sangue, não muito, mas o suficiente para misturar uma dor amarga no delicado prazer do orgasmo áspero que ele forçara nela.

Teague abraçou-a com firmeza por mais um momento, o rosto enterrado na lateral do pescoço respirando com dificuldade, depois empurrou-a do colo e levantou-se para sair.

— Tchau Krisa. — Havia finalidade em seu tom. E profunda frustração.

— Desculpa. Eu sinto muito. — Krisa sussurrou, afundando de joelhos no tapete de seda.

— Eu também sinto, querida. Mais do que posso dizer. — E ele se foi.

Krisa se arrastou para a cama com as pernas que pareciam de borracha e se enterrou debaixo das cobertas. Hesitante, ela tocou o lugar onde ele a havia mordido, marcando-a, quando ela gozou. Doeu e latejou, mas não tanto quanto o coração dela. Em seguida, seus dedos se arrastaram para a parte de trás do pescoço e acariciaram o pequeno aumento do chip de castidade.

Teague a deixaria em Prime e ela nunca mais o veria. Chip ou não chip sua vida seria miserável.

Eu o amo. Lágrimas quentes encheram seus olhos e correram por suas bochechas, molhando o travesseiro.

Eu o amo e não há nada que eu possa fazer sobre isso.

Capítulo Vinte

— Krisalaison! — O grito alegre ecoou pelo longo corredor de pedra e Krisa olhou para cima a tempo de ver um foguete de cabelos escuros indo em sua direção.

— Ziba. — Ela engasgou quando ele passou os braços em volta de sua cintura e bateu o vento fora dela com sua saudação exuberante. Aparentemente, o tornozelo dele estava melhor. Em seu ombro, Tz pulou e conversou, também claramente feliz por vê-la.

— Você ficou tanto tempo que Tz e eu ficamos com medo de você estar doente Krisalaison — O Yss explicou finalmente, recuando do abraço apertado. Krisa ficou aliviada, o almoço leve que ela havia comido uma hora antes não estava bem em seu estômago e a apertar entusiasticamente não era o que ela precisava.

— Bem, eu não estou. — Ela disse levemente e não inteiramente a verdade. — Eu estou bem, viu?

Ela estendeu a mão para Tz, que pulou de leve sobre ela e correu até o ombro para se perder em seu emaranhado de cachos castanhos.

— Oh, Tz, não - isso faz cócegas! — Krisa balançou os ombros para desalojar o ágil targee.

— Venha, Tz.

Krisa se abaixou e Ziba ergueu a mão magra de seis dedos para capturar seu bichinho de estimação. Ele estava tentando desembaraçar a bola de pelos rosa de seu cabelo, quando Krisa o sentiu ficar muito quieto.

— Krisalaison, você se machucou afinal de contas. — Disse ele, passando um dedo levemente sobre a contusão contida entre o pescoço e o ombro, onde Teague a havia mordido na noite anterior. — Um soondar fez isso?

Krisa endireitou-se abruptamente, fazendo Tz, que ainda estava meio enrolada no cabelo, repreender com raiva.

— Não… não é nada, Ziba. Nada com o que você deva se preocupar. — Krisa separou a bola de pelo rosa do cabelo e o colocou de volta no ombro do jovem mestre. — Venha, mostre-me sua casa.

Krisa estendeu a mão para ele. O garoto a olhou duvidosamente por um momento antes de pegá-la e conduzi-la pelo corredor.

— Este é o grande salão para o banquete. — Disse ele, acenando para uma grande sala com teto abobadado e portas duplas de madeira ao passarem. — Há uma festa hoje à noite em homenagem ao Teague.

— Oh? — Krisa colocou a mão livre em sua garganta, lembrando-se da causa do banquete entre os Yss. Certamente Sarskin, que parecia um homem tão civilizado, não ... De novo, Teague dissera que o druso se tornara nativo. — Que tipo de carne ele forneceu? — Perguntou ela finalmente.

— Carne de cordeiro, claro. — Ziba olhou para ela como se ela fosse louca. — Você sabe que o Teague é quem não come, Krisalaison. Ele traz apenas carne da selva.

— Oh. — Krisa se sentiu aliviada. — Claro. Então o Yss voltou para o soondar morto na selva. — Disse ela.

— Aquela que estava nos perseguindo. — Ela estremeceu, lembrando-se daquela voz escura e quente em sua cabeça e da raiva da fêmea que tinha sido roubado seu companheiro e seus filhotes.

— Ah não. Não sobrou muito desse Krisalaison — Ziba respondeu

confortavelmente. — Mas do segundo havia muita carne boa. Nada é tão tenro como a carne do soondar - nem mesmo a carne de seus inimigos. E comer o soondar é ganhar sua força. Isso foi uma boa caçada.

— Espere um minuto. — Krisa o parou. Eles estavam passando por uma série de salas menores, todas decoradas no estilo eclético que parecia misturar móveis ricos do mundo com elementos Yss mais simples e agora ela se afundava em um sofá de espuma confortável que parecia ser estofado com algum tipo de pele laranja.

— Qual é o problema? — Ziba perguntou com preocupação, empoleirando-se na beira do sofá ao lado dela. Claramente ele ainda estava preocupado com a saúde dela.

— Eu pensei que ele só tinha matado um. — Explicou Krisa. — Só o que estava tentando te levar, Ziba.

Ela se lembrou de como Teague tinha sido manchado com o sangue negro oleoso de longe.

Camuflagem, dissera ele, para afastar os outros. Mas então por que tinha estado tão fresco?

— Ele matou outro? — Ela perguntou finalmente.

— Claro. Ele disse que era matar ou ser morto, um assassinato necessário. — Ziba obviamente tinha tomado a lição de Teague sobre matar apenas por necessidade de coração. A cabeça escura assentiu gravemente.

Krisa sacudiu a cabeça. Ela pensara que chegara a tempo, apesar dos atrasos, que tinha chegado a Teague antes que qualquer um dos caçadores soondar pudesse alcança-lo. Ela estava errada.

— Ele poderia ter sido morto. — Ela sussurrou, sentindo o horror da noite a tomar novamente. Morto por minha causa. Porque eu fui devagar ... estava

atrasada. Mas ele nunca disse nada.

— Mas ele não estava. Eu disse a você que Teague poderia cuidar de si mesmo. — A voz agradavelmente culta despertou-a de seus pensamentos. Ela olhou para cima e viu Sarskin sorrindo gentilmente enquanto se dirigia para eles.

— Olá. — Krisa se levantou e fez uma reverência desajeitada para o homem grande. Ziba adotou uma abordagem mais direta.

— E bem conhecido senhor. — Disse ele, sorrindo de orelha a orelha para o grande druso, que era seu pai.

— Bem reconhecido, primeiro filho. — Gravemente, Sarskin estendeu a mão atarracada, com a palma para cima e, da mesma maneira que gravemente, Ziba cobriu-a com a sua própria. — Eu preciso falar com sua amiga, Ziba. — Ele disse e continuou. — Por que você e Tz não correm e brincam? Eu vi Lynza mais cedo e ele estava procurando por você.

— Tudo bem. — Ziba acenou para ambos e correu para fora do quarto. — Vejo você no banquete esta noite, Krisalaison. — Krisa o ouviu uivar pelo corredor de pedra que ecoava enquanto ele corria.

— Você se importaria de dar uma volta pelo terreno? — Sarskin ofereceu seu braço rechonchudo, coberto de brocado, cortesmente. Krisa pegou nele hesitante. Em suas semanas com os Yss, quase esquecera os costumes da galáxia civilizada.

— Eu ficaria contente — Disse ela, um pouco tardiamente pois já estavam saindo de um grande conjunto de portas duplas e entrando em uma espécie de jardim atrás da enorme casa de pedra.

Sarskin respirou fundo. — Lindo dia! — Ele comentou, levando-a ao longo de um caminho de cascalho esmagado, enquanto Krisa olhava com interesse para ambos os lados. Havia plantas floridas com folhas largas em todos os tons de

pastel imagináveis, brilhando sob o céu opaco de bronze.

Elas eram lindamente cuidadas e exalavam o cheiro pesado e rico da selva além do complexo no ar, mas eles não tinham a beleza selvagem que ela havia amado no Planeta X.

— Você tem um lindo jardim. — Krisa disse educadamente, principalmente para ter algo a dizer.

— Obrigado, minha querida. Todas as espécies são nativas da selva próxima, é claro. Não temo que muita coisa não cresça aqui no X. Vejo que você está admirando a minha planta Durba Trap. — Comentou Sarskin, observando o interesse de Krisa por uma planta particularmente grande que tinha flores rosa-escuras mais largas do que a mão. Houve um movimento repentino nas folhas da planta e então uma das flores se fechou abruptamente.

— Oh! O que foi isso? — Krisa saltou longe da planta trêmula.

— Isso, minha querida, foi o almoço - para a planta de qualquer maneira. Apenas outra Durba desafortunada é vítima de seu perfume sedutor.

— Mas eu não vi nada. O que é um Durba, afinal? — Krisa perguntou. Ela observou com um leve desânimo a flor rosa escura e apertada começar a se mover ritmicamente, emitindo sons altos.

— Não, você não teria. A maioria da fauna aqui no X tem uma camuflagem maravilhosa. Exceto o soondar, é claro. São escuros como breu porque eles só caçam à noite. A Durba é um tipo de aranha grande e venenosa. Estou surpreso que Teague não tenha contado sobre elas.

— Estou muito feliz que ele não contou. — Ela comentou. De fato, tinha que haver muitas criaturas vivendo nas selvas do Planeta X e, no entanto, Teague nunca havia contado nada sobre nenhuma delas, a não ser sobre o soondar e o targees. Apenas lhe disse o que você precisava saber para sobreviver, a voz

prática em sua cabeça sussurrava. Claro, Krisa realmente gostaria de saber que havia plantas carnívoras e aranhas venenosas por toda parte? Ela estremeceu.

— Você está pegando um resfriado, minha querida?

— N-não, apenas pensando... — Krisa procurou por palavras. Nesse momento, um dos guerreiros de Sarskin passou, com um lenço de seda de aparência cara em volta da cintura. Nas pontas, amarrara dois chinelos de cetim rosa de salto alto que seriam apropriados para um baile em Briar Rose. Eles balançaram e bateram contra as coxas verdes nuas enquanto ele andava.

— Eu estava pensando que as pessoas se vestem de forma muito colorida aqui. — Krisa disse por fim.

Sarskin riu, um som quente e agradável que sacudiu seu físico montanhoso da cabeça aos pés. — Sim, bastante divertido, não é? Primeiro importei as roupas para minhas esposas - tenho seis, você sabe.

Krisa lutou para controlar sua reação a este anúncio. Bem, Teague dissera que seu antigo companheiro de bordo ficara nativo e se juntara a mais de uma mulher do Yss. Mas seis? Parecia um pouco excessivo.

— Eu queria que elas se vestissem adequadamente, mas era impossível — Continuou o homem grande.

— Os guerreiros Yss se apropriaram de quase todas as roupas de fantasia que eu trouxe, e eles as usam do jeito que quiserem, acham que isso lhes dá status de ter “peles de fora do mundo.” Um pouco como as crianças brincando de se vestir, você sabe. — Ele riu novamente e insistiu com ela para continuar seu passeio ao longo do caminho do jardim.

— Desde então, eu desisti de fazer com que minhas mulheres do Yss usassem as últimas modas.

— Suponho que os trajes nativos delas sejam mais confortáveis nesse calor.

Você parece ter se tornado nativa, senhorita Elyison, se não se importa de eu dizer isso.

— Não, claro que não. Eu não tive muita escolha. — Krisa admitiu, corando um pouco.

Alguém havia limpado e consertado toda a sua roupa e ela usava agora a roupa verde-menta que Vis lhe dera. Ela não pensava há muito tempo em como ela parecia na combinação de saia e alça que as mulheres do Yss usavam, mas agora os comentários de Sarskin a faziam se sentir exposta.

— Está tudo bem, eu mesmo agora sou mais do que um pouco nativo. — Disse Sarskin gentilmente.

— Embora eu acredite que tenho um pouco mais de trajes que meus guerreiros não conseguiram, e que podem caber em você. Se você quiser, vou mandá-lo para os seus aposentos para o banquete esta noite. Você não tem obrigação de usá-lo, é claro.

— É claro — Krisa murmurou, concentrando-se no som de suas sandálias de couro esmagando o caminho de cascalho e o calor do sol escondido batendo em seus ombros nus. — Isso seria ... muito gentil da sua parte, senhor Sarskin.

— Só Sarskin, por favor, minha querida. E é o mínimo que posso fazer. Eu estou muito agradecido a você e a Teague por trazerem Ziba de volta para casa em segurança. Ele é meu mais velho, você sabe, e muito brilhante.

— Sim, ele é. — Concordou Krisa, sorrindo. — Um menino muito doce também.

— Ele parece ter uma afeição genuína por você também, minha querida. E ele não é o único. — Ele parou de andar e se virou para olhar para ela, dando-lhe um olhar penetrante daqueles olhos castanhos escuros.

— Eu-eu não sei o que você quer dizer. — Krisa vacilou, fingindo estudar

uma videira de lavanda escalando o lado de uma planta azul-pálida maior. Ao longe, ela podia ouvir dois dos os Yss que estavam cuidando do jardim falando em sua língua baixa e sibilante. Isso a fez sentir falta de Vis.

— Eu quero dizer Teague, claro. Devo dizer, Srta. Elyison, que nunca vi meu velho companheiro de bordo com uma mulher antes e eu voei com ele por vários anos antes de termos nosso pequeno ... desentendimento.

— O Haulder-Lenz. — Krisa olhou para ele com expectativa. A luz opaca de bronze deu a seus longos e escuros cabelos avermelhados que Ziba não tinha. — Teague não fala sobre isso. Por que vocês discordaram?

Parecia uma palavra pálida para descrever um duelo até a morte, uma educada palavra de Briar Rose. Mas de alguma forma, quando ela estava perto do barroco Drusiniano, os maneirismos e a linguagem de Briar Rose que ela quase esquecera no mês anterior voltaram para ela.

— Como eu disse, foi um desacordo baseado em uma diferença de opinião. Eu pensei ter visto grandes oportunidades de progresso quando desembarcamos aqui. Eu queria pegar alguns dos nativos do Yss, dar-lhes um gostinho da galáxia civilizada. Teague ... discordou.

— Muito fortemente, fiquei com medo. Depois que ele ganhou o duelo, ele me deixou vivo com a condição de que eu abandonasse esses planos. Naturalmente eu concordei e não posso quebrar minha palavra a ele, como você sabe.

Krisa assentiu. Parecia uma coisa estranha discordar, da educação um pouco fora do planeta. Ela não conseguia entender por que Teague se importava com isso. Ela abriu a boca para perguntar mais, mas Sarskin cortou suavemente.

— Como eu estava dizendo, minha querida, nunca vi meu antigo companheiro de nave com um membro do sexo oposto. E agora vejo que ele tem marcado você. — Ele acenou casualmente para a contusão em seu pescoço e

Krisa corou e cobriu apressadamente com o cabelo dela.

— Isso foi um acidente. — Disse ela, inclinando-se para pegar uma flor verde pálida de aparência inocente.

— Eu não faria isso se eu fosse você, minha querida. A picada da flor de slindir é muito dolorosa — Disse Sarskin, observando seu movimento. — E, Miss Elyison, Ferais não fazem nada por acidente. A marcação da pele é um ritual de acasalamento entre eles. Ah, sim. — Ele assentiu gravemente. — Eu conheço seus costumes e seus modos, eles não são muito mais civilizados do que o Yss se você quer saber a verdade. Se Teague marcou você, deveria haver um motivo. Tem certeza de que ele pretende levá-lo de volta a Lynix Prime assim que ele conseguir o navio que eu prometi a ele?

— Ele nunca mentiu para mim antes. — Disse Krisa lentamente, levantando-se e afastando-se da planta verde pálida. Mas ele é bom em reter informações, não é Krisa? As perigosas plantas venenosas e animais na selva que ele nunca lhe contou ... que matou um segundo soondar. — Eu não acredito que ele me faça algum mal.— Disse ela com tanta convicção quanto podia, olhando Sarskin nos olhos. — Ele nunca. — Ela corou, — Se aproveitou de mim da maneira que ele poderia ter feito todo esse tempo que estivemos longe da civilização.

— Isso é uma coisa boa, considerando que seu Lorde Radisson estará procurando por você em breve, se uma equipe de resgate já não estiver em algum lugar no X, o que não me surpreenderia de forma alguma. — Observou Sarskin casualmente.

— Oh. — Krisa colocou a mão em sua garganta. — Você realmente acha isso? — Se Lorde Radisson a encontrasse antes que ela pudesse chegar ao Prime e ter o chip removido.

— Nada é mais provável, mas isso não está nem aqui nem ali. Eu entendo

por que você quer evitá-los até que você possa encontrar Lorde Radisson em seus próprios termos. — Ele tocou a parte de trás de seu próprio pescoço, indicando o chip. — Mas eu estou tentando avisá-la, minha querida. Teague é um bom sujeito, mas ele é procurado em quase todos os lugares da galáxia e não por indiscrições menores. Ferais são selvagens quando provocados, bastante animalescos. Se algo que eles sentem que lhes pertence é ameaçado, eles podem exibir uma raiva quase furiosa.

Krisa lembrou-se dos olhos azuis e do triturado doentio da cabeça do capitão Ketchum quando Teague o matou. Mas ele fez isso para me salvar, não porque ele acha que é meu dono, sua mente protestou. – *A quem você pertence, garotinha*? – A voz de Teague rosnou em sua cabeça em retorno. E Sarskin parecia pensar que Teague a havia "*marcado*" de propósito. Krisa ainda não tinha certeza de como ela explicaria a marca arroxeada onde ele a mordera se não desvanecesse quando voltasse para Prime e Lorde Radisson.

— Eu vejo na sua face que o que eu estou tentando dizer a você causou uma boa impressão.

Sarskin comentou observando-a atentamente. — Eu só estou dizendo que você deve ter cuidado com o que faz e em quem você confia, Srta. Elyison. Eu sou, como eu disse, eternamente grato ao meu velho amigo. Mas eu não gostaria que nada de ruim acontecesse com uma adorável jovem. Acho que o melhor lugar para você é estar de volta no Lynix Prime com o seu Lorde Radisson, vivendo a vida de conforto e privilégio para o qual você foi criada. Você não concorda?

— Suponho que sim. — Disse Krisa com cuidado. — Você está ... dizendo que Teague pode tentar me levar com ele, onde quer que ele vá?

— Eu sinto que é totalmente possível. — Disse Sarskin, um olhar grave passando por seu rosto rechonchudo.

— Se ele começou a ter sentimentos possessivos por você, e eu acho que está claro que ele tem. — Ele indicou a marca roxa em seu pescoço. — Possessão é o que passa por amor entre os Ferais, estou com medo.

— Mas ... eu só não acho ... Eu não sinto que Teague iria quebrar a palavra dele para mim. Ele prometeu me levar para Prime. — Krisa protestou. Seu coração estava batendo. Teague iria levá-la com ele?

A ideia nunca lhe ocorrera. As palavras de cautela de Sarskin pareciam abrir um novo campo de possibilidades.

Como seria? Uma vida em fuga com o grande Feral, viajando por toda a galáxia. Uma vida de incerteza e medo, sussurrou a voz prática em seu cérebro. Não, uma vida de liberdade. Uma vida com o homem que amo, ela insistiu para si mesma.

— Miss Elyison, você está bem? — Ela olhou para cima para ver o montanhoso Drusiniano olhando para ela com preocupação.

— Tudo bem, estou bem. Ainda um pouco cansada, é tudo. — Disse Krisa, tentando encobrir sua confusão. — Na verdade, se você não se importa, acho que vou voltar para o meu quarto e me preparar para a festa hoje à noite.

— Muito bem. Mas vai pensar no que eu disse, minha querida?

— Sim, eu certamente vou. Obrigada. — Krisa apertou o braço com urgência. — Muito obrigada.

Capítulo Vinte e Um

Teague poderia me levar com ele. Nós não teríamos que voltar para o Prime. A cabeça de Krisa rodou com a possibilidade, enquanto ela caminhava lentamente de volta para seu quarto. Parecia bobo que ela nunca tivesse considerado isso antes. Mas então, ela nunca realmente se permitiu perceber exatamente como se sentia sobre Teague antes da noite passada.

Mas como ele se sente em relação a você?

O pensamento parou seu frio. Como Teague se sentia sobre ela? Oh, Krisa sabia que ele a queria, queria-a com a mesma necessidade que ela sentia por ele. Mas esse profundo desejo sexual significa amor? Estava Sarskin certo sobre ele "*marcando-a*" de propósito na noite anterior? Krisa não podia simplesmente andar até o grande Feral e dizer: "*Ah, a propósito, eu decidi fugir com você porque percebi que te amo,* " poderia? E se ele não sentisse o mesmo?

Seus pensamentos foram interrompidos quando ela se viu na porta do quarto e percebeu que Teague já estava lá dentro.

O grande Feral estava do outro lado da sala, parecendo fora do lugar entre os tons pastéis macios em seu colete e calça de couro preto. Ele estava de costas para ela, ombros largos curvados, olhando para alguma coisa na cama.

— Olá, Krisa. — Ele disse, sem se virar.

— Boa tarde, Teague. — As palavras pareciam empoladas, forçadas de alguma forma. Mas Krisa não o via desde a noite anterior, quando ela estava espalhada nua no colo dele.

A lembrança a fez corar forte. Ele virou-se finalmente, um sorriso irritante em seu rosto escuro quando viu suas bochechas vermelhas.

— Qual é o problema, querida? Sentindo-se tímida?

— Não. — Krisa mentiu, erguendo o queixo desafiadoramente. Ela pode estar apaixonada por ele, mas Teague ainda pode ser uma das pessoas mais irritantes que ela já conheceu. Por que ele sempre teve que atraí-la assim?

— Não tem nenhum arrependimento? — Ele perguntou mais suavemente, movendo-se em direção a ela. Seus pés não faziam barulho no carpete grosso da cor de pêssego.

Krisa balançou a cabeça, forçando-se a encontrar seus olhos, que eram um preto e branco ilegível na luz inclinada do final da tarde.

— Bem, talvez eu tenha alguns. — Disse ele, o sorriso caindo abruptamente de seu rosto. Teague acariciou a cortina de cachos castanho chocolate do lado de seu pescoço, e estudou a profunda púrpura que seus dentes tinham deixado lá na noite anterior.

O coração de Krisa começou a bater três vezes abaixo de suas costelas. Oh Deusa! Ele se arrepende de ter me marcado? Isso significa que ele não me quer afinal?

— Está tudo bem. — Disse ela, tentando se afastar.

— Não está tudo bem. — Teague a puxou contra o seu corpo, um braço ao redor de sua cintura e o outro enterrado em seu cabelo, para que ele pudesse estudar seu pescoço mais de perto.

— Deixe-me ir. — Krisa empurrou contra seu peito largo com absolutamente nenhum resultado.

— Não até que eu veja o que eu fiz para você. — Teague roncou advertindo. —— Fique quieta, garotinha.

Krisa parou de se debater, já que não estava fazendo nada bem e deixou que

ele inclinasse a cabeça para olhar a marca púrpura que estragava sua pele cremosa.

— Eu não pretendia fazer isso, não queria deixar uma marca. — Sua respiração quente na pele sensível de seu pescoço enviou um tremor de desejo ao longo de seus nervos, mas suas palavras fizeram seu coração afundar. Então ele não a queria do jeito que ela o queria.

— Está tudo bem. — Ela disse novamente. — Você estava ... chateado.

Teague soltou uma risada curta. — Chateado, huhum? Sim, eu acho que você poderia dizer isso. — Ele se inclinou e colocou um beijo suave e quente sobre a pele machucada e Krisa estremeceu impotente contra o seu corpo, sentindo seu corpo reagir ao seu toque como sempre fazia.

Teague beijou seu pescoço novamente, lambendo suavemente o local ferido com uma língua quente e úmida, como se ele pudesse beijar o hematoma.

— Teague ... por favor. — Sua boca quente em seu pescoço lembrou-a dos lugares que ele tinha beijado e lambeu-a na noite anterior. Krisa podia sentir-se rapidamente perdendo todo o controle da situação e de suas próprias emoções.

Ele finalmente se afastou e olhou para ela seriamente.

— Eu prometi que nunca iria te machucar e então eu fiz isso de qualquer maneira. Me desculpe, Krisa, eu não quis te machucar.

— Sarskin disse por que você fez. Ele falou que você fez isso de propósito. — No momento em que as palavras saíram de sua boca, ela quis chamá-los de volta. Mas era tarde demais. As feições escuras de Teague endureceram e ele se afastou dela.

— Ele fez, ele disse isso? Você estava tendo uma pequena conversa confortável com meu antigo companheiro de viagem?

— O que mais ele disse?

— Ele disse que você me marcou, que era um ritual Feral que significava que você queria me possuir. — Krisa se esforçou para manter o desespero fora de sua voz, para falar em um tom firme e forte. Ela olhou para Teague, tentando avaliar uma reação às suas palavras. Seu rosto estava vazio, os olhos negros opacos e ilegíveis. Abruptamente ele a empurrou para longe.

— Eu sei que você é ingênua, Krisa. — Ele sentou-se pesadamente em uma cadeira próxima que estava estofada em azul bebê pálido. — Mas você não pode confiar em todos que conhece.

— Eu não confio. — Disse ela, picada por sua rejeição.

— Não, acho que não. Está bem claro que você não confia em mim mesmo depois de tudo pelo que passamos. — Ele retrucou.

— Por que você não me contou sobre o segundo soondar que você matou? Antes de chegarmos a você naquela noite? — Krisa gritou. — Você me disse que estava coberto de sangue por camuflagem. Você poderia ter sido morto porque eu cheguei tarde demais!

— Você não precisava saber, querida. — Teague rosnou. — Eu posso cuidar de mim mesmo, o que aconteceu comigo nunca foi sua responsabilidade. E não fui morto, então qual é o ponto de te falar sobre algo que só faria você ficar chateada?

— O ponto é dizer-me a verdade pela primeira vez. — Krisa pensou em outra coisa que o grande Drusiniano lhe dissera.

— Sarskin me disse naquela noite que íamos buscá-lo e que, geralmente, o soondar não chega perto de um objeto estranho, especialmente um tão grande e ameaçador quanto uma nave interestelar. Ele parecia pensar que eu estaria segura se você me deixasse na Princesa Estelar em primeiro lugar.

— Normalmente? — Teague rosnou, levantando-se da cadeira e pairando sobre ela. — Não, eu acho que eles geralmente não se aproximam. Só que depois de uma semana ou duas, até algo tão grande quanto a Princesa poderia deixar de ser tão ameaçador. Especialmente quando o cheiro de sangue fresco está vindo dele. — Ele passou a mão pelo cabelo.

— Mas eu acho que deveria ter tido a chance de a ter abandonado lá. Estúpido de minha parte pensar que você preferiria vir comigo e viver do que ficar dentro de casa e esperar pela festa de resgate, enquanto você foi espancada e estuprada e provavelmente devorada numa noite escura!

— Isso não é ... eu não quis dizer ... — Krisa apertou as mãos em punhos, sentindo suas unhas cavando em suas palmas. Por que as coisas sempre davam errado quando ela tentava falar com ele?

Teague tinha andado de um lado para o outro, aparentemente com raiva demais para falar com ela, mas agora ele se virou novamente, os olhos brilhando em prata com emoção. — Não posso acreditar que depois de tudo o que passamos você ainda não confia em mim. O que a faz ter tanta certeza de que você deveria aceitar a palavra daquele Drusiniano sobre a minha?

— Porque ele é um Drusiniano. — Krisa brilhou. — Você me disse que eles não poderiam dizer uma mentira ou quebrar sua palavra.

Teague suspirou e desabou na cadeira azul novamente, passando as duas mãos pelo cabelo preto azulado espetado. — Então é isso. — Ele murmurou. — Olha, Krisa, talvez eu não tenha explicado muito bem. Drusiniano são alguns dos filhos de uma cadela mais escorregadios que você vai conhecer nesta galáxia. Eles não podem mentir, mas eles são muito bons em distorcer a verdade.

— O que faz deles alguns dos melhores empresários em volta. O que mais Sarskin lhe contou? Vamos diga logo.

— Só que eu deveria ter cuidado porque os Ferais são possessivos e ele não

achava que você iria me deixar ir, não achava que você realmente me levaria de volta para o Prime. Sarskin disse ... — Sua voz caiu tão baixo que ela mal podia ouvir. — Ele disse que ferais igualam posse com amor, que você quer me manter, me levar com você. — Krisa olhou para as mãos dela, incapaz de encontrar aqueles olhos negros em branco, quando os dela estavam tão cheios de esperança.

Teague bufou de desgosto. — Amor? O que esse gordo Drusiniano sabe sobre o amor? Ele tem seis esposas - seis! O que Sarskin sabe sobre se entregar a uma pessoa para a vida toda?

— Eu sei tudo isso. — Disse Krisa com raiva. — Mas eu não sabia ... ele parece tão legal ...

— Claro que ele parece. Sarskin sempre foi um bastardo gentil, um verdadeiro encantador.

— Ele parece um ótimo cara até você conhecê-lo. Infelizmente, pode ser tarde demais quando você fizer isso. Ele já contou por que brigamos? Por que tive que desafiá-lo quando desembarcamos aqui?

— O Haulder-Lenz? Não, e você também não Ele acabou de dizer algo sobre mandar alguns dos Yss para fora do planeta para educação. — Krisa cruzou os braços, esperando para ouvir a verdade.

— Oh, eles teriam aprendido tudo bem. Sarskin teve a brilhante ideia de começar a escravizá-los - especialmente as mulheres do Yss - para bordéis interestelares e outros compradores interessados.

— Mas ... ele não ... ele não podia. Eles o adotaram, adotaram vocês dois. Ele se juntou as suas mulheres, teve filhos.

— Isso não importa para Sarskin. — Teague andava de um lado para o outro no carpete de pêssego como se estivesse prestes a fazer um buraco. — Ele

pode não ter escravizado a tribo que o adotou, mas as outras tribos vizinhas teriam sido escravizadas.

— Os Drusinianos são grandes no tráfico de escravos. Eles são tão civilizados e superiores que eles não pensam em outras culturas como sendo muito mais do que selvagens e se há um lucro a ser feito, eles vão fazê-lo, não importa como esses "selvagens" se sentem sobre isso. — Teague parou de andar por um momento e respirou profundamente, com raiva.

— Eu tive que pará-lo. Eu não me importava de acompanhar seus esquemas de contrabando - isso é uma merda quando você quer mais da metade da galáxia que vários homicídios. Mas eu não ultrapasso a linha da escravidão. Eu acho que você sabe o porquê. — Ele olhou para ela.

— Sim. — Disse Krisa calmamente, através dos lábios entorpecidos. — Sim, eu posso ver o porquê.

— Tudo bem. — Teague passou as duas mãos pelos cabelos. — O que estou tentando dizer é que Sarskin é um cara legal o suficiente, contanto que você fique de olho nele. Ele é amigável e útil - estamos recebendo uma nave dele - mas não confie em uma maldita coisa que ele diz a você. Drusinianos são obrigados a cumprir sua palavra, e é por isso que é tão difícil obter uma resposta direta deles, eles distorcem as coisas toda vez.

— Então ... você está dizendo que tudo o que ele me disse...

— Esqueça tudo isso. — Teague deu-lhe um olhar de nível. O coração de Krisa afundou. — E tente confiar em mim, pelo menos um pouco. Eu te trouxe até aqui, não é? — Ele exigiu. — Se eu disser que vou levá-la para Prime, então eu vou muito bem levá-la até lá.

— Teague, me desculpe. Eu nunca deveria ter escutado ...

— Não, não se desculpe. — Teague franziu a testa. — Sarskin pode ser

muito convincente. Ele provavelmente disse que eu sou apenas um tipo de animal. Alguma fera cruel e imprevisível. Você não pode confiar em um soondar para não rasgar você em pedaços e você não pode confiar em um Feral para manter sua palavra, foi isso?

Krisa acenou com a cabeça, sentindo a queimadura de vergonha em suas bochechas aquecidas. O que ele estava dizendo era muito próximo do que Sarskin havia dito a ela, sobre ferais em geral e Teague em particular, em busca de conforto.

— Pensei que sim. — Teague assentiu com a cabeça, um gesto brusco. — E você acreditou porque meu velho companheiro de navio é tão malditamente civilizado. — Ele caminhou até a cama, onde uma variedade de roupas foi colocada para fora. — Olha o que ele te mandou, Krisa. — Ele ergueu um delicado vestido de renda de marfim no ar entre eles. Tinha um colarinho alto e minúsculos botões de pérola que subiam até a garganta se ela o vestisse. O vestido teria sido apropriado para o uso noturno em Briar Rose ou em qualquer outro lugar da sociedade educada. Teria sido perfeito para o Lynix Prime.

— Vá em frente. — Teague jogou o vestido para ela e Krisa pegou puramente por reflexo.

— Coloque, até tem uma boa gola alta para esconder o lugar que eu “marquei’ você.” — Ele zombou.

— Reingressar ao mundo em que você deveria viver o tempo todo. Isso é o que você quer, não é?

— Você não pode esperar para chegar ao Prime e usar roupas assim todos os dias. É uma maravilha que eles se incomodem com essa droga de chip em seu pescoço, eles não precisam dele para fazer você agir do jeito que eles querem. — Sua voz era um grunhido de raiva, quase um rosnado. Krisa foi lembrada obscuramente da voz rosnada e negra do soondar dentro de sua cabeça.

— Teague, isso não é justo e você sabe disso. — Ela estava chorando agora, as lágrimas escorrendo por suas bochechas desatentas. Krisa agarrou o belo vestido de renda ao peito, apertando as mãos no material delicado.

Mas o grande Feral ficou furioso novamente, depois de ouvir qualquer coisa que ela tivesse a dizer. — Apenas lembre-se de algo, querida. — Ele se inclinou para baixo, olhando para ela com os olhos que tinham ido a prata com raiva mal controlada. — Eu sei quem você realmente é. Não importa o que você veste ou como tenta esconder isso - eu vi sua verdadeira natureza - o calor que você tenta manter trancada por dentro.

Ele se inclinou mais perto, as mãos em seus ombros e puxou-a para um beijo selvagem, roubando a respiração. Sua boca na dela era contundente e dolorosa e ainda assim Krisa sentiu seu corpo reagir ao seu toque. O vestido em suas mãos esquecido, e ela se inclinou para o beijo, dando tão bem quanto estava recebendo, querendo mostrar a Teague de alguma forma que ele estava errado sobre a atitude dela, errado sobre o que Krisa queria.

Teague se afastou tão abruptamente que quase caiu. — Essa é a verdadeira você, Krisa, e você nunca vai ser feliz tentando negar isso. — Ele se virou e se dirigiu para a porta.

— Teague, espere…

— O quê? — Ele meio virou-se, a mão na maçaneta de bronze ornamentada, olhos um sólido, meia noite negro novamente.

Estava na ponta da sua língua para lhe dizer como ela se sentia, o que queria, mas era óbvio que Teague não sentia o mesmo. Ele lhe dissera para desconsiderar tudo o que Sarskin dissera, ridicularizara a ideia de "*marcá-la*" como sua. Teague não a queria do jeito que Krisa o queria, então não havia nada a dizer.

Krisa balançou a cabeça em mudo sofrimento.

— A festa é daqui a uma hora. — Teague disse friamente, acenando para o vestido de renda que ela ainda segurava em seus punhos. — Eu sugiro que você coloque isso e saia na hora certa. Nós não queremos ofender em nossa última noite aqui.

Krisa finalmente encontrou a língua. — Noite passada? Mas...

— Meu antigo colega de viagem lhe disse que uma equipe de resgate foi flagrada pelos destroços da princesa? Recebi as notícias de um de seus navios de reconhecimento hoje.

— Ele disse que não iria surpreendê-lo se eles já estivessem aqui. — Krisa sussurrou através dos lábios entorpecidos. Inconscientemente, uma mão se arrastou para a parte de trás do pescoço para esfregar a pequena protuberância na base.

Teague zombou. — Disse a você que ele nunca poderia dar uma resposta direta sobre qualquer coisa.

— Quanto tempo você acha que isso vai levá-los a perceber que você não está a bordo do Princesa e começarem a entrar no seu chip? Dois, três dias no máximo. Amanhã de manhã eu estou indo para o navio mais rápido de Sarskin e voltarei amanhã à noite para busca-la, então é melhor você estar pronta para ir.

— Por que eu não posso ir com você para pegar o navio? — Krisa perguntou desesperadamente. A ideia de ficar em qualquer lugar que os homens de Lorde Radisson pudessem aparecer a qualquer momento a fazia se sentir sufocada. Mas isso pode ser em qualquer lugar, desde que você tenha esse chip, Krisa.

— Você só me atrasaria. É um caminho difícil e, além disso, Sarskin se recusa a deixar você ver a localização de seus navios. Esse chip faz de você um risco de segurança, querida. Se você dissesse à pessoa errada o que você viu, poderia derrubar toda a operação dele. Ele pode gostar de você o suficiente para

avisá-la sobre mim, mas isso não significa que vai deixar você ficar no caminho de seus lucros preciosos. — Teague se virou para ir de novo.

— Mas...

— Qual é o problema? — Ele perguntou, voltando-se. Krisa podia ver os músculos de sua mandíbula se apertando enquanto ele falava. — Com medo de eu te deixar? Pegar a nave e deixar o planeta. Deixar você se arriscar com o Lorde Radisson e o chip?

— Não, isso nunca entrou em minha mente. — Krisa sentiu o seu humor borbulhar, superando as lágrimas.

— Que bom que você pode confiar em mim, pelo menos, um tanto. — Teague rosnou. — Agora se vista, a festa é em menos de uma hora. Você é minha, por pelo menos mais uma noite, então é melhor aparecer e fazer o papel.

Ele saiu, batendo a porta atrás dele.

Capítulo Vinte e Dois

— Seu filho da puta! — Krisa deu vazão ao seu temperamento da maneira mais grosseira. Ela jogou a única coisa que tinha na mão, o lindo vestido de renda marfim, na porta enquanto batia. Ele bateu na porta com um farfalhar suave e insatisfatório e se deitou em um pequeno monte de tecido sedoso na base da grossa porta de madeira, enquanto Krisa se irritava. Andando de um lado para o outro no carpete grosso cor de pêssego, ela chamou o grande Feral de tudo que conseguia pensar em voz baixa, usando palavras que ela não sabia que existiam um mês antes. A ironia do fato de que Krisa estava usando o vocabulário que aprendeu com Teague para amaldiçoá-lo não foi perdida a ela, isso a deixou mais furiosa do que nunca.

— Faça o papel, não ofenda. — Krisa rosnou baixinho, pegando o vestido de renda marfim do chão, finalmente, e caminhando para a cama para ver o que mais Sarskin tinha lhe enviado. Havia um par de meias de seda e alguns sapatos delicados de salto alto cobertos de minúsculas pérolas que davam a impressão de que se ajustariam a ela. E, claro, havia o importantíssimo espartilho para puxar sua figura em uma perfeita forma de ampulheta sob o vestido de marfim.

Murmurando com raiva, Krisa colocou tudo, puxando o espartilho com força para ter certeza de que sua cintura seria extra minúscula sob o lindo vestido. Ela abotoou cada minúsculo botão de pérola até o queixo e torceu o cabelo, que usara, por vários dias, solto em volta dos ombros, em um coque apertado e apropriado na nuca. Krisa segurou-o com o grampo de cabelo de prata ornamentado que tinha vindo todo o caminho da Princesa Estrelar acompanhando-a. Então ela marchou para o mais fresco e deu um tapa no holo-visualizador de corpo inteiro no canto da sala de mármore.

Uma garota de outra vida olhou para ela. Uma garota com um lindo vestido,

apropriada para a roupa da noite que estava abotoada até o queixo. Uma menina com uma cintura fina e todos os cabelos bem arrumados. Uma noiva primitiva e adequada de Briar Rose que qualquer homem ficaria feliz em reivindicar.

Qualquer homem além de Teague.

Krisa ficou olhando para o holo visualizador, observando o rosto da garota perfeita se enrugar e as lágrimas escorrerem pelas bochechas dela. Teague não a queria, não do jeito que ela o queria. Krisa supôs que tinha sido idiota em pensar que Teague iria querer uma garota inexperiente como ela andando atrás dele onde quer que ele fosse. Provavelmente apenas iria atrasá-lo, derrubá-lo. Afinal, o feral estaria tentando ficar um passo à frente da lei onde quer que fosse. Haveria um preço em sua cabeça, assim como a dela se ela fugisse de suas obrigações e não cumprisse o contrato de Briar Rose.

Ideia idiota e estúpida de qualquer maneira, querendo fugir com um ex-condenado e conhecido assassino em vez de ir viver uma vida de luxo e segurança em Lynix Prime – *onde você pertence*, repreendeu a voz de Madame Ledoux dentro de sua cabeça. Exceto que Teague era muito mais do que aquilo. Ele era... não havia como explicar o que o homem era. O feral lembrou Krisa de uma caixa de quebra-cabeça que ela costumava ter quando era uma menina.

Do lado de fora, a caixa parecia bastante comum, era feita de madeira marrom escura, lisa, gasta com a passagem do tempo e com muitas mãos. Mas quando você abria, havia um compartimento secreto dentro e dentro desse compartimento, se você pudesse encontrá-lo, estava um pequeno interruptor que fazia a caixa inteira se abrir em uma caixa diferente e aquela caixa tinha outro interruptor secreto e assim por diante. Teague era assim - ele continuava a surpreendê-la, continuava fazendo e dizendo coisas que Krisa não poderia ter previsto e que não teria esperado.

Krisa supôs que fosse uma das razões pelas quais ela se apaixonara por ele. O que Krisa teria a sua espera em Lynix Prime, mas uma vida de monótona

segurança e mesmice, dia após dia, pelo resto de sua vida? Supondo que ela pudesse tirar o chip de castidade de seu pescoço, é claro. Talvez supôs que poderia esperar uma dor bastante severa, a menos que pudesse cuidar disso.

Pensar no chip fez com que ela se lembrasse das palavras iradas de Teague. *–É uma maravilha que eles se incomodaram com o maldito chip no seu pescoço, eles não precisam dele para fazer você agir do jeito que eles querem*. Mas o chip não foi ativado. Não havia ninguém a forçando a agir ou pensar ou se vestir assim - o jeito de Briar Rose. Ainda não.

Krisa olhou para si mesma no holo visualizador novamente. O vestido de renda era pudico e apropriado... Bom demais - e seu cabelo estava tão puxado que dava dor de cabeça. Os adoráveis sapatos incrustados de pérolas beliscavam os dedos dos pés e enviavam fortes dores através dos arcos dos pés, que se acostumaram às confortáveis sandálias de couro que os Yss usavam.

Mas o pior de tudo foi o maldito espartilho. Isso dificultou sua respiração, de modo que ela sentiu que estava constantemente ofegando por ar e apertou seus seios, naturalmente voluptuosos, escondendo suas curvas por trás de seu material inflexível. Isso a fez parecer que Krisa estava presa com dois, exatamente como ela se sentia enquanto a usava.

A garota no espelho - aquela perfeita noiva de Briar Rose - não era mais ela. No mês, desde que decidiu se arriscar nas selvas do Planeta X com Teague, Krisa havia mudado. Ela viu e fez coisas que a fizeram suspirar e estremecer e sentir-se desmaiada só de pensar durante sua vida em Briar Rose. Essas experiências a mudaram... Teague a mudara, acreditasse ou não.

Krisa nunca mais seria a mesma pessoa, não importava o quanto puxasse o espartilho, ou quantas festas perfeitas ela arrumasse para os convidados do Lorde Radisson em sua propriedade rural em Lynix Prime.

Não importava o que mais acontecesse com ela, alguma parte dela seria

sempre a garota que se sentara para um banquete de canibais e atravessaria a selva com um soondar em sua trilha. A menina que tinha corrido um pôr do sol para salvar o homem que ela amava e realizou atos desavergonhados em público para entreter uma multidão de selvagens. Quem realizou esses mesmos atos e pior que aproveitou cada minuto com o grande Feral na privacidade do seu quarto.

Isso é quem eu realmente sou - é o que Teague quis dizer quando ele disse que conhecia o meu verdadeiro eu - o calor que eu guardo dentro de mim.

Krisa olhou para o espelho pela terceira vez. Uma vez que chegasse a Prime, aquela pessoa, a pessoa que ela realmente era, teria que ser guardada como um vestido que estava fora de moda. Um vestido tão bonito que você não suportaria se separar dele, mas que nunca poderia ser usado novamente. Mas não havia ninguém aqui no Planeta X para fazê-la fazer isso. Agora não.

Ainda não.

O que eu estou fazendo?

Irritada, Krisa arrancou o alfinete de seu cabelo, deixando-o cair solto em volta de seus ombros em ondas castanhos encaracoladas abundantes. Então ela agarrou os dois lados da gola alta do vestido de renda marfim e puxou. Tecidos delicados, rasgados e minúsculos botões de madrepérola voavam por toda parte, zunindo pelo espelho holográfico, distorcendo sua imagem e ricocheteando nas paredes de mármore para bater no chão. Krisa chutou os sapatos afiados e apertados e puxou as meias de seda, fazendo enormes e satisfatórias rasgos com seus violentos empurrões. Por último, ela arrancou o espartilho ofensivo, jogou-o no chão e chutou em um canto.

Ela poderia ter que agir assim em parte quando chegasse a Prime, mas Krisa seria amaldiçoada se fizesse isso um minuto antes que precisasse.

E eu vou ser amaldiçoada se eu sair sem deixar que Teague saiba

exatamente como me sinto. Mesmo que ele não devolva esses sentimentos.

Uma última noite como sua mulher. Uma última noite para mostrar ao homem que ela amava o que Krisa queria, do que ela era capaz. Se Krisa não aproveitasse essa última chance, ela sabia que iria se arrepender pelo resto de sua vida.

E ela não pretendia ir para sua vida normal e adequada em Lynix Prime como a esposa monótona e entediante de Lorde Radisson com qualquer arrependimento.

* * * * *

Todas as cabeças no salão de festas se viraram quando ela entrou na sala e Krisa soube por quê. Ela estava vestida com estilo - estilo Yss - e se sentia totalmente exposta e absolutamente linda. Krisa estava usando um vestido especial – um que Vis lhe deu muitos protestos.

Era um traje ritual de acasalamento que ela tinha certeza de que nunca o usaria porque, mesmo pelos padrões do Yss, era muito revelador. Agora Krisa estava feliz por sua amiga ter insistido que ela o recebesse como um presente.

O vestido era uma cor índigo profundo que era sagrada, como todas as cores escuras, para o Yss. Com Ziba traduzindo, Vis a fez entender que o material era tingido usando o sangue refinado do soondar, que o deixara tão azul que parecia preto.

O material em si tinha uma textura macia e aveludada que parecia uma pele curta e exuberante roçando sua pele nua.

A metade de cima do vestido segurou seus seios e os empurrou para o alto, mergulhando em um decote aprofundado na frente e contornando gentilmente as taças que mal cobriam seus mamilos. Se Krisa respirasse fundo o suficiente, os aros rosas escuros de suas auréolas seriam revelados em ambos os lados. A

metade inferior era uma saia abreviada que mostrava suas longas e esbeltas pernas, até a coxa. A costumeira abertura Yss cortada no centro da saia mostrava um minúsculo pedaço do mesmo material macio e aveludado mal escondendo os lábios de sua boceta.

O que tornou a roupa realmente especial foi o fio de ouro pálido bordado sobre quase todas as polegadas quadradas de seu tecido. Vis tentara explicar as marcas para ela quando deu as roupas a Krisa em primeiro lugar. Até onde ela podia entender, elas eram símbolos de fertilidade, marcas para atrair os olhos do homem com quem você gostaria de acasalar, o homem que você gostaria de possuir e ser possuído. O bordado tinha um significado especial para ela esta noite e Krisa se sentia bonita e devassa no vestido de formatura do Yss. Para completar a roupa, ela usava sandálias tradicionais de Yss amarradas até ao joelho.

Krisa levantou a cabeça enquanto andava majestosamente pela sala que ecoava, com o teto abobadado alto e amplas janelas que deixavam entrar a luz profunda e queimada do pôr-do-sol do Planeta X. Como era o costume do Yss, todos estavam sentados em um grande círculo em esteiras de tecido no chão. O centro do círculo estava cheio de muitos pratos de comida, o maior dos quais estava amontoado com carne perfumada e fumegante de cor azul-escura - o segundo soondar que Teague havia matado.

O convidado de honra estava sentado do outro lado do círculo, de frente para ela. No momento em que entrou no quarto, a segunda tampa preta piscou para revelar uma prata resplandecente.

Krisa podia sentir seus olhos nela a cada passo do caminho enquanto ela caminhava graciosamente ao redor do círculo e se dirigia para ele. Krisa era a mulher de Teague esta noite - esta última noite que eles tiveram juntos - e seu lugar estava ao seu lado.

Houve um completo silêncio por um momento enquanto ela contornava o

amplo círculo e então um assobio baixo começou nas ondas dos Yss sentados. Mãos magras de seis dedos afagaram o chão em agradecido aplauso. Krisa acenou com a cabeça em reconhecimento do elogio. Ela pode não se encaixar no padrão de propriedade Briar Rose, mas esta noite Krisa sintetizou perfeitamente a ideia de beleza de Yss e ela sabia disso.

— Que diabos você pensa que está fazendo, querida? — Teague rosnou quando ela se acomodou graciosamente e a festa estava em andamento.

Krisa olhou para ele com olhos grandes e inocentes. — Eu estou fazendo o papel como você disse, Teague. Eu não deveria pertencer a você, ser sua mulher? —Ela se aproximou dele e estendeu a mão por todo o corpo dele, de modo que os seios dela tocaram o braço dele sugestivamente, sentindo seus músculos amontoados e tensos ao fazê-lo. Tomando uma das pequenas frutas com sabor de sol, Krisa mordeu, seus olhos nunca deixando os de prata de Teague.

Doce, suco pegajoso vazou pelo braço dela. Krisa lambeu-a, arrastando a língua rosa em um movimento lento e sensual ao longo de seu antebraço, nunca quebrando o contato visual enquanto fazia isso.

Os olhos de Teague se arregalaram, depois se estreitaram e suas narinas se alargaram enquanto a observava realizar seu pequeno espetáculo. Farejando-me, Krisa pensou, respirando fundo ela sabia que iria exibir as cremosas ondas de seus seios. Cheirando meu calor. E ela podia sentir o cheiro dele também. Estar perto de seu grande corpo o calor que irradiava dele carregava um almíscar profundo e picante que era exclusivamente Teague. O cheiro parecia intoxicá-la, como uma droga que pulsava em suas veias, fazendo-a se sentir imprudente e quente. Pelo olhar em seu rosto, Krisa sabia que o significado dos símbolos de fertilidade do Yss bordados em toda a sua roupa não estava perdido para ele também.

Quando ele finalmente falou, a voz de Teague era um grunhido profundo e de advertência. — Este é um jogo perigoso que você está jogando, garotinha. —

O estrondo ameaçador parecia vibrar através de cada parte de seu corpo e Krisa sentiu seu coração pular uma batida. Ela estava indo longe demais? Talvez - mas não havia nenhuma maneira no inferno que ela estivesse recuando agora.

Dando-lhe um olhar nivelado que ela esperava não trair seu pulso acelerado, ela disse: — Eu não estou com medo, Teague. Eu sei no que estou me metendo.

— Você tem certeza? — Teague franziu a testa e havia um calor ardente nos olhos prateados que faziam algo profundo dentro dela apertar com medo e desejo. — Eu não estou brincando, Krisa.

— Não me empurre hoje à noite ou você vai se arrepender.

Krisa apenas olhou para ele, mantendo seu rosto cuidadosamente vazio apesar dos picos de adrenalina correndo em suas veias. Ela pretendia empurrar Teague esta noite - empurrá-lo com força - mas ainda não era hora para isso. Por enquanto, Krisa podia apreciar a festa e a sensação de calor que seus olhos levantavam em sua pele exposta.

Fingindo estar muito interessada na comida, Krisa pegou um pouco da carne azul escura quando a bandeja foi passada. Tinha um sabor forte e selvagem, diferente de tudo que ela já provara antes. O Yss acreditava que você tomou a força e as características do animal cuja carne você comeu. Esta noite, Krisa esperava que eles estivessem certos. Ela precisaria de toda a força e coragem que pudesse conseguir para fazer o que planejava fazer.

O banquete parecia durar para sempre, mas não poderia ter sido assim por muito tempo. A luz úmida queimada desapareceu para ser substituída por brilhos suaves que iluminavam o círculo interno, brilhando dos pálidos e estreitos olhos de Yss ao redor dela. O estômago de Krisa estava apertado pela tensão, mas ela se forçou a comer pelo menos um pouco, sabendo que precisaria da energia.

Enquanto comia a carne soondar fortemente temperada, Krisa recordou o

que Vis lhe dissera quando lhe dera o vestido especial tingido no enorme sangue da criatura. O companheiro soondar é para toda a vida, Vis dissera. Quando a fêmea soondar encontra um macho que ela quer, ele segue seu cheiro até que ela o encontre sozinho. Então ela o atrai, faz com que ele a queira. Ele não pode resistir a ela. Eles acasalam por muitos dias, ligando. Que o seu acasalamento seja tão longo e profundo quanto o do soondar. Era uma coisa educada para dizer entre os Yss, um desejo de uma união feliz e gratificante. Uma esperança para um relacionamento que durasse a vida inteira, mas Krisa só teria uma noite.

Um súbito silêncio no grande salão de festas a fez olhar para cima. A festa acabou - se ninguém se movesse nos próximos segundos, todos se dispersariam em silêncio, e sua chance estaria perdida.

Krisa levantou-se.

— Que diabos você pensa que está fazendo? — Teague grunhiu, pela segunda vez naquela noite.

Tentando manter a voz calma e leve, Krisa respondeu. — Você forneceu a carne para esta festa, Teague. Você é o convidado de honra e é seu dever fornecer o entretenimento também. Não está certo?

— Não é como a aldeia Yss em que nos hospedamos antes, Krisa. Não é necessário que façamos qualquer coisa para entretenimento — O grande Feral rosnou, seus olhos brilhando na luz fraca.

— Bem, talvez eu queira entretê-los. — Krisa disse levemente. Então ela deixou sua voz cair, assumindo um tom baixo e ronronante. — Vamos, Teague. É nossa última noite aqui, vamos fazer disso um show para lembrar. — Ela estendeu a mão para ele. O grande Feral olhou-a, seus olhos ficaram pretos e ilegíveis por um longo momento. Então, finalmente, ele se levantou.

Houve um suspiro baixo de antecipação do Yss reunido. De algum lugar, a batida rítmica e a assombrosa flauta que sempre acompanhavam essas

performances começaram.

Krisa conduziu o homem até o centro do círculo, de onde todos os pratos e tigelas haviam sido retirados, deixando um grande espaço aberto. Teague olhou para ela. E Krisa podia ver os músculos de seus braços grandes e costas largas e pulando de tensão sob o colete de couro preto que ele usava.

— O que vai ser agora? O que você tem em mente, querida? Outra dança? — Ele perguntou sarcasticamente. Mas Krisa apenas balançou a cabeça.

— Apenas espere, você vai ver. — Ela sussurrou. Krisa ficou parada por um momento diante dele, deixando a música fluir por toda parte e através dela. Deixando o ritmo primitivo pulsar em seu sangue e levá-la onde ela precisava ir para fazer este trabalho. Então, muito lentamente, Krisa começou a se mexer.

Mantendo os olhos no alvo, deslizou silenciosamente ao longo do chão de pedra lisa, arrastando as pontas dos dedos levemente ao longo de seus ombros, peito e costas enquanto se movia. Krisa se sentia como uma mulher soondar à espreita de um companheiro. Havia uma selvageria no ar enquanto ela circulava ele, um calor imprudente cantando em suas veias. Só por esta noite, Teague era mais do que seu protetor, mais do que seu homem. Ele era sua presa e Krisa o perseguiu, mantendo os olhos fixos nele com ousadia, enquanto Teague virava a cabeça para seguir seus movimentos, deixando-o saber o que ela queria, e o que precisava dele.

Um grunhido baixo estava se formando profundamente em seu peito e, de repente, Teague atacou, rápido como uma cobra, puxando-a para ele, mãos grandes mordendo com força seus ombros nus. — Eu estou avisando agora para parar com isso, Krisa. Se você continuar me empurrando, não serei responsável pelo que faço. — Seu rosto estava escuro de raiva e mal controlava o calor.

Krisa se soltou, tão escorregadia quanto uma serpente e começou a circular o grande Feral novamente. — Talvez eu não queira que você seja responsável.

— Ela ronronou suavemente, roçando sua bochecha contra as costas largas, sentindo o calor de sua pele através do couro preto. — Pode ser que eu esteja cansada de nós dois agirmos com tanta responsabilidade. — Krisa continuou, em pé na frente dele para desabotoar o colete com provocante lentidão.

— Você não sabe o que está dizendo, o que está pedindo. — Teague respirava ruidosamente. — Mas se você não tomar cuidado, garotinha, você vai conseguir de qualquer maneira. — Sua respiração era forte e rápida ecoando na sala. Krisa sentiu o aroma do almíscar, do couro, do suor e de especiaria, quando abriu o último botão e passou as mãos acariciando os amplos e bem definidos planos dos seus peitorais.

— Isso é o que eu estou esperando. — Ela sussurrou suavemente, deixando suas mãos descerem até os músculos tensos de seu baixo-ventre, para brincar provocativamente com o cós da calça de couro.

Os olhos de Teague se arregalaram e ele a agarrou pelos ombros novamente quando de repente entendeu sua intenção, mas ele estava muito atrasado. Krisa já havia aberto o material rígido e estava abrindo o couro preto para entrar.

— Krisa, eu estou te avisando ... não!

— Não o quê? — Krisa perguntou, usando as duas mãos para reivindicar seu prêmio enquanto o olhava diretamente nos olhos. A sensação dele, do longo e grosso pênis em suas mãos, era como nada que ela já havia tocado antes. Duro como uma pedra e ainda quente e vivo e palpitante na palma da mão. E a pele que o cobria era lisa e mais macia do que aveludada, mais macia que as pétalas de rosas enquanto Krisa o acariciava, medindo seu comprimento e grossura com suas mãos pequenas e cuidadosas. Ela tentou colocar os dedos por toda a volta e, quando não conseguiu fazer isso, acariciou o comprimento do eixo, da cabeça larga em forma de ameixa até a base, grossa com o cabelo grosso e ondulado, que a arranhava. Nas pontas dos dedos quando o tocou lá.

— Não. — Teague implorou novamente. Havia uma urgência rouca em sua voz que uma parte dela sabia que deveria ouvir. Krisa estava fazendo o que ele tinha avisado para não fazer, empurrando-o ao seu limite e além. Todo homem tem um ponto sem retorno, garotas, a voz de madame Glossop ecoou em sua cabeça. Um ponto depois do qual protestos e súplicas são fúteis.

Krisa queria ver o grande Feral atingir seu limite, queria empurrá-lo para cruzar a linha apenas uma vez. Lentamente, seus olhos nunca deixaram os dele, ela caiu de joelhos diante dele no pálido círculo de luz.

— Krisa. — Ele respirou, um som baixo e atormentado que era quase inaudível acima da batida baixa dos tambores e do alto lamento da flauta. — Eu estou implorando a você ... não faça isso.

— Mas eu quero. — Ela sussurrou de volta. O chão de pedra estava duro em seus joelhos, mas Krisa mal notou. As mãos de Teague apertaram seus ombros, tentando mantê-la longe dele, mas ela abaixou a cabeça para frente. Lembrando-se do que tinha visto nos outros festivais de Yss que haviam assistido, Krisa acariciou levemente sua bochecha ao longo do comprimento aquecido de seu pênis.

Seu almíscar era forte aqui - inebriantemente picante. Delicioso. Krisa esfregou o rosto contra ele, sentindo a seda quente do seu eixo como um ferro em brasa ao longo de sua bochecha, testa, garganta. Ela se banhou no perfume dele, saboreou seu fogo, a masculinidade selvagem que a puxou tão fortemente. Hoje à noite, Teague era dela e pretendia aproveitá-lo ao máximo.

Tomando o pau grosso em uma mão, ela esfregou a cabeça macia de uma pétala de rosa ao longo da curva úmida de seus lábios, olhando para cima para ver o calor naqueles olhos prateados semipesados enquanto o fazia. *Meu*, ela pensou, enquanto as mãos de Teague soltavam seus ombros e se enterravam em seu cabelo, instigando-a. *Tudo meu. Mesmo se nunca mais nos vermos depois de amanhã, você nunca vai esquecer esta noite quando você pertenceu a mim,*

como eu pertenci a você. Como eu sempre vou pertencer a você, no meu coração.

Deliberadamente, ela abriu os lábios e depositou um beijo suave na boca aberta - uma abertura - um convite. Teague fez um ruído profundo, quase doloroso, baixo em seu peito, o som vibrando por seu corpo quando Krisa fez isso de novo. Havia um fluido claro e pegajoso vazando da minúscula fenda na cabeça em forma de ameixa e a língua de ela se lançou para capturar uma gota, girando lentamente ao redor da pele quente e escura, provando-o.

Delicioso, ela pensou, encontrando seu sabor salgado e doce tão inebriante quanto seu cheiro forte e almiscarado. Abrindo a boca com cuidado, Krisa levou toda a cabeça para dentro, lambendo e chupando suavemente, experimentando para ver o que o agradava. Teague gemeu alto, os dedos entrelaçando o cabelo dela enquanto ela o chupava. Erguendo os olhos por um momento, Krisa pôde ver que a cabeça dele estava jogada para trás, os tendões se destacando em seu pescoço forte enquanto ele lutava para suportar a sensação deliciosa de sua boca quente e úmida em seu pênis.

Como é? Krisa pensou triunfante. Lembrou-se do prazer profundo e doloroso que Teague havia passado na noite anterior e sentiu sua boceta pulsando entre as pernas. Agora ela estava lhe devolvendo um pouco de seu próprio remédio e a vingança era muito, muito doce. Lutando para abrir a boca o suficiente para acomodá-lo, Krisa se inclinou para frente, levando-o mais fundo, embora não houvesse nenhuma maneira que ela pudesse colocar todo o seu pênis longo e grosso em sua boca.

Teague gemeu novamente e sentiu a espessura dele latejando contra a língua e o céu da boca. Há qualquer minuto agora. Krisa assistiu o suficiente das apresentações do Yss para saber o que viria a seguir. Movendo a cabeça em um ritmo lento para deslizá-lo para dentro e para fora de sua boca, ela esperou o spray salgado contra sua língua. Esperou os dedos em seu cabelo apertarem

quando ele alcançou a liberação e deu a ela o que ela estava procurando.

Mas o momento nunca chegou.

Os dedos de seu cabelo se apertaram, mas ao invés de puxá-la para frente, eles a puxaram para trás, puxando-a para longe dele em um movimento desesperado. Krisa olhou para cima, meio drogada com o prazer de lhe dá prazer e perplexa perguntou: — O que?

— Não. — Os olhos de Teague eram pouco mais do que fendas metálicas na sala escura. — Não assim. — Ele murmurou. Teague enfiou seu pênis volumoso de volta em suas calças e prendeu o couro com alguns movimentos rápidos. Então ele se abaixou e pegou Krisa debaixo do braço dela, empurrando-a para seus pés.

— O que ... — Krisa perguntou de novo, com o coração na boca. Olhando para aqueles olhos irritados e ardentes, sentiu medo pela primeira vez naquela noite. Teria ela realmente pensado que queria empurrar Teague além da linha? Será que realmente tinha?

— Não assim. — Teague rosnou novamente, sacudindo-a ligeiramente para dar ênfase. — Se eu entrar em você, Krisa, vou estar dentro de sua doce bocetinha depois de uma longa e difícil viagem. Eu vou foder você, garotinha, e eu não quero dizer sua boca.

— Teague…

— Cale a boca. — Ele ralou. — Apenas cale a boca, Krisa, antes que você faça pior para você.

Ele estava arrastando-a para fora do círculo iluminado agora - os Yss estavam se movendo silenciosamente para o lado para lhe dar espaço para passar.

Krisa olhou descontroladamente em volta para qualquer um, qualquer coisa

que pudesse ajudá-la, mas apenas olhos alienígenas vazios em rostos pálidos e estreitos olhavam para trás. Sarskin, a quem ela havia visto brevemente no começo da festa, foi embora agora, onde ela não sabia. Não havia ninguém para ajudar, ninguém para se importar se gritasse ou lutasse. Um velho ditado da avó dela passou pela mente dela: *Tendo semeado o vento, você colherá tempestade*.

Krisa estava por sua conta, sozinha.

Capítulo Vinte e Três

— Teague, não! Teague, eu não pretendia. — As palavras saíram da sua boca e caíram em ouvidos surdos, enquanto ele arrastava-a pelos corredores de pedra curva de volta ao seu quarto. Krisa se sentiu quase pronta para entrar em pânico. Se ela não pudesse fazê-lo ouvi-la ... não poderia fazê-lo ver.

Eu só queria dar prazer a ele - queria fazê-lo entender o que eu sentia, apenas uma vez antes que fosse tarde demais. Quando ela planejou sua pequena sedução, Krisa se imaginou diante dele, de joelhos, com suas grandes mãos enterradas em seus cabelos e seu pênis bombeando avidamente em sua boca, enquanto ela o dirigia para a borda do jeito que Teague sempre a guiava. Krisa tinha imaginado os gemidos profundos dele e o spray salgado sobre sua língua quando Teague cedesse ao prazer que ela estava dando a ele. Mas nunca, jamais, imaginou-o arrastando-a do chão para o quarto, como estava fazendo agora. Tudo tinha corrido horrivelmente, terrivelmente errado.

— Teague, por favor! — Ela engasgou quando ele empurrou a porta e empurrou-a para dentro antes de fechá-la atrás deles.

— É tarde demais. — Teague disse. Com os dedos apertando em seus braços, ele a girou para encará-lo e reivindicou sua boca com um beijo punitivo. Apesar de seu medo ou talvez por causa disso, Krisa sentiu seu corpo reagir ao dele. Enrolando os dedos nos cabelos negros e grossos, ela se apertou contra Teague, sentindo os seios esmagados contra o peito dele e abrindo os lábios para o exigente ataque de sua língua. Grandes mãos percorreram seu corpo com uma urgência que não seria mais negada. O topo de sua roupa de Yss estava rasgado e dedos cruéis torciam seus mamilos até que ela gemeu em sua boca, sinalizando sua submissão.

Krisa podia senti-lo balançando contra ela, pressionando seu pênis grosso mal contido contra sua vagina, apertando com força com uma promessa de mais para vir em breve. Muito mais.

Muito em breve. Lembre-se do seu certificado. Lembre-se das consequências! A voz em pânico em sua cabeça era como um alarme de incêndio. Abruptamente, Krisa tentou se afastar, mas foi como empurrar contra uma parede de tijolos.

— Teague. — Ela virou a cabeça para o lado para escapar de seus beijos brutais. — Teague, me desculpe. Eu só queria te mostrar como ... Eu me sentia. Não queria que fosse tão longe.

— Isso é muito ruim, querida. Chegou até aqui e está prestes a ir muito mais longe. — Seus olhos estavam estreitados, fendas brilhantes na sala escura e o peito enorme estava arfando com uma emoção mal controlada, os dedos ainda apertando seus braços.

Krisa tentou pensar em algo, qualquer coisa que ela pudesse dizer para detê-lo, para interromper essa desastrosa cadeia de eventos que ela desencadeou. — Teague. — Ela engasgou finalmente, segurando seu olhar com o seu próprio, deixando o medo e a incerteza que ela sentia encher seu rosto. — Você disse… Você prometeu que não iria me violentar.

Ele jogou a cabeça para trás e riu, um som profundo e áspero que a fez tremer com sua fúria selvagem. — Deusa, maldição! Você fica de joelhos e me chupa na frente de todo mundo na festa e agora você quer falar sobre estupro? — Teague exigiu, os olhos brilhando numa prata metálica. Ele a sacudiu uma vez para dar ênfase e Krisa sentiu os dentes se juntarem e provou sal quente e acobreado, ela mordeu a língua. — Oh não, garotinha, o tempo para esse tipo de conversa já passou. — Assegurou-lhe Teague.

Teague virou-a bruscamente, de modo que ela estava de costas para ele e a

empurrou para a enorme cama no centro da sala. Empurrando-a para cima, de modo que Krisa estava de joelhos no colchão, e Teague se aproximou por trás dela e envolveu os braços como cabos de aço quentes em torno de sua cintura.

— Nós temos um ditado sobre estupro em Al'hora, querida. Quer ouvir isso? — Sussurrou baixo em seu ouvido, cobrindo seus seios nus com suas grandes palmas. — Perguntou ele, revirando os mamilos entre os polegares e os dedos, atirando faíscas de prazer na espinha até a suave abertura entre as pernas.

— O...o que? — Sua voz era pouco mais do que um sussurro ofegante e ela estava meio consciente de que estava arqueando as costas para empurrar mais de seus seios em suas mãos, cedendo às sensações avassaladoras que ele estava colocando através dela.

— É algo assim - *'Você não pode estuprar quem está disposto'* — Ele disse suavemente e ela sentiu a protuberância grossa em sua calça de couro pressionar ameaçadoramente contra a parte de trás de sua coxa.

Nervosa apertou as pernas juntas, mas Teague sentiu-a fazê-lo e rosnou em seu ouvido.

— Eu não estou disposta.

— Estou tentando dizer que não. — Krisa protestou fracamente, sabendo que era uma mentira, mesmo quando as palavras saíram de seus lábios.

— Eu estou ouvindo o que você diz, garotinha. No momento, só posso ouvir o que seu corpo está me dizendo. — Teague rangeu. — Agora espalhe suas pernas para mim, Krisa. Espalhe-as agora mesmo.

— Por favor... — Ela estava quase chorando agora, preenchida em igual medida com necessidade e dúvida, sentindo como se ela não pudesse respirar fundo o suficiente. A boca quente de Teague roçou a parte de trás do pescoço dela, mordendo e sugando a pele macia em sua nuca e o calor do corpo grande e

duro atrás dela a subjugou com suas duras exigências.

— Abra suas pernas para mim, Krisa. — Ele insistiu e então, em um tom mais suave, — Eu não vou te foder ... ainda.

— Então por quê?

— Estou provando um ponto. — Ele rosnou baixo em seu ouvido. — Abra suas pernas para mim, garotinha, quero sentir sua doce e pequena boceta. Se você não estiver quente e molhada e pronta para mim, eu juro que vou te deixar em paz. — Mãos grandes chegaram na frente dela, separando suas coxas, apesar de tudo que Krisa tentou fazer para detê-lo.

— Mas..., Mas e se... — Krisa não conseguiu terminar a pergunta. Ela sabia, e sabia que o grande Feral sabia, o que ele encontraria quando puxasse o pequeno triângulo de tecido cobrindo sua boceta.

— E se você estiver molhada? Molhada e pronta para mim? — Ele retumbou profundamente em seu peito. — Porque então eu vou te foder, garotinha. Assim como prometi. Vou te encher longa, dura e devagar. Vou fazer você minha, então abra suas pernas e me deixe entrar.

Chorando baixinho, desamparada diante de suas exigências, Krisa sentiu as pernas dela se separarem por suas grandes mãos e então o minúsculo pedaço de pano macio que acompanhava a roupa do Yss estava sendo arrancado com uma violência que a fez estremecer. Mãos enormes se espalharam para envolver suas coxas trêmulas internas, emoldurando sua boceta nua por um instante, puxando-a para trás de modo que a protuberância dura de seu pênis cavasse nela por trás, deixando-a saber o que esperar.

— Teague... oh, Deusa... — Krisa sussurrou em voz baixa.

Não houve resposta a não ser sua respiração áspera contra a parte de trás de seu pescoço e então as pontas grossas e nítidas dos dedos a invadiram, separando

os lábios molhados de sua vagina e se dirigindo para a entrada quente e luxuriante de seu corpo. Teague esfregou duas vezes contra seu clitóris latejante e os quadris de Krisa se contraíram de repente em um orgasmo que a deixou sem fôlego e ofegante.

Ela nunca esteve tão molhada ou tão pronta antes.

Por fim, Teague falou, ainda esfregando firmemente suas dobras escorregadias, fazendo-a chorar e ranger contra os dedos invasores. — Você sabe o que isso significa, Krisa. — Ele rosnou, baixo em sua garganta, sua respiração quente na parte de trás do pescoço dela. — Isso significa que eu vou ter que te foder agora.

— Tudo bem. Tudo bem, Teague. — Ela disse finalmente, sua voz baixa e aceitando. Cansada, Krisa caiu contra ele, deixando-se descansar contra o peito largo e o torso musculoso, deixando-o apoiá-la. — Tudo bem, faça isso. Eu não posso te parar, eu não quero. — *Mas Lorde Radisson. Lynix Prime. Virgindade Perdida ... Recertificação*. Cale a boca, ela disse a pequena voz dentro de sua cabeça. Apenas cale a boca. Krisa estava cansada de lutar, exausta de resistir quando o queria, o que ela precisava era sentir o pau grosso de Teague embainhado até o cabo dentro de seu corpo, enchendo-a, fodendo-a, marcando-a como sua própria, mesmo que fosse apenas por uma noite.

Ela poderia se arrepender no futuro, mas Krisa sabia que se arrependeria mais se não cedesse às exigências de seu corpo agora. A decisão tinha ido além dela, assim como sempre acontecia nos sonhos que ela teve do homem sem rosto - o homem que acabou por ser Teague. Era a sua sina – o seu destino. E Krisa poderia se entregar a ele ou tentar se conter, mas de qualquer maneira Teague a levaria. Krisa preferiu uma rendição voluntária.

— Teague. — Ela sussurrou, pressionando-se contra ele, esfregando contra a protuberância insistente e dura de seu pênis deliberadamente. — O que você quiser, o que você precisar… aceite. Eu quero que você faça isso.

Ele resmungou, um som baixo e inarticulado que ressoou do fundo de seu peito profundo e vibrou seu corpo inteiro, então acariciou contra a parte de trás de seu pescoço, respirando profundamente seu perfume, como se inalasse algum tipo de droga. O cheiro do meu desejo, Krisa pensou. O cheiro da minha submissão.

Então ele estava tirando os restos do traje de festa do Yss, deixando-a completamente nua. O material macio pousou com um farfalhar sem importância no chão e mãos grandes e quentes corriam para cima e para baixo em seu corpo nu, acariciando seus braços, coxas, barriga, a parte de baixo de suas costas, acariciando seus seios e deslizando sobre suas coxas, tocando cada centímetro dela enquanto Teague lambia com força ao lado do pescoço dela.

— Minha, Krisa. Tenho que fazer você minha. — Sussurrou ele. — Tentei deixar você ir, mas eu não posso, eu não posso.

— Eu não quero que você me deixe. — Disse ela, sentindo as palavras tirar qualquer pretensão, deixando sua alma tão nua e vulnerável quanto seu corpo. — Eu-eu quero que você me leve.

Teague não respondeu com palavras. Em vez disso, ouviu o som dele tirando as calças de couro e o colete e, em seguida, pressionou-a para frente, com as mãos e os joelhos no firme colchão gelafoam. Krisa mordeu o lábio e abriu as coxas ainda mais para ele.

A posição a fez se sentir primitiva - quente. Como uma fêmea no cio prestes a ser montada. Krisa podia sentir o grande Feral pairando sobre seu corpo, mas ela não podia vê-lo, não podia detê-lo. Krisa só podia esperar, aberta e vulnerável na cama para ele levá-la.

— Ouça-me, garotinha. — A respiração de Teague estava quente em seu ouvido quando ele se inclinou sobre ela, cobrindo seu corpo nu e trêmulo com o seu. Krisa sentiu a cabeça de seu pênis grosso, duro e pronto para ela, roçando o

interior de sua coxa enquanto falava, marcando-a com seu calor.

— Eu-eu estou ouvindo. — Ela sussurrou de volta, mal conseguindo pronunciar as palavras.

— Preciso foder você agora. — Teague sussurrou. — Tenho que estar dentro de você ... não posso mais esperar. Mas eu sei que é sua primeira vez, vou tentar não te machucar.

Mãos quentes a estavam colocando em posição, pressionando-a para baixo, de modo que os lençóis de algodão sintético, que antes pareciam tão macios, roçavam seus mamilos hipersensíveis e seu traseiro estava alto no ar. Então a cabeça larga em forma de ameixa de seu pênis estava esfregando insistentemente sobre seu sexo escorregadio. Não para penetrar - ainda não, Krisa percebeu - mas para molhá-la o suficiente para penetrar em sua entrada trêmula e virginal. *Oh minha Deusa misericordiosa, ele realmente vai fazer isso!*

— Teague! — Ela sussurrou. — Teague, eu estou com medo.

— Não fique. — Mãos grandes acalmavam suas costas, esfregando círculos firmes e reconfortantes sobre sua pele, que tinha irrompido em uma súbita erupção de arrepios. — Vou te penetrar em movimentos muito suaves e fáceis, querida. Pode doer um pouco só no começo. — Ele agarrou seus quadris com firmeza, segurando-a no lugar. Então a cabeça larga de seu pênis começou a penetrar dentro dela, pressionando os lábios inchados de sua boceta para o lado para entrar em sua passagem molhada, coroando na entrada de seu corpo. Krisa engasgou, sentindo-se esticada para acomodar sua circunferência.

— Mas uma vez que você está com essa pequena dor. — Continuou Teague, ainda pressionando mais fundo, entrando nela uma polegada molhada de cada vez. — Uma vez que eu estiver dentro de você. — Ele continuou. — Uma vez que meu pau estiver em sua boceta doce e apertada, então... bem, então eu vou te montar duro, garotinha. Compreende?

— Eu... — Krisa teve que respirar fundo antes que ela pudesse terminar. — Eu entendo. — Ela respirou, finalmente, tentando se abrir mais para sua invasão.

— Isso é bom porque eu tenho que fazer agora. — Os dedos de Teague apertaram seus quadris, fazendo com que ela tivesse dez contusões em forma de dedo no dia seguinte e ele começou a empurrar mais fundo em sua entrada apertada. Outra polegada grossa de seu pênis deslizou nela e mais outra. De repente, Krisa sentiu-o cutucar contra alguma coisa, alguma barreira dentro de seu corpo e, em seguida, com uma súbita e aguda dor que se foi quase antes de chegar, e Teague passou por ela.

Krisa deu um suspiro estrangulado e Teague parou seu assalto constante por um momento para acariciá-la e beijá-la de volta, passando as mãos calmantes pelos lados trêmulos como se ela fosse uma criatura selvagem que ele queria domar.

— Fácil, menina, fácil. — Krisa ouviu-o murmurar, sua voz profunda e gentil. — Você está pronta para eu continuar?

— S... sim. — Krisa estava gemendo agora, fazendo um ruído baixo e constante no fundo de sua garganta que ela não conseguia ajudar. Era uma sensação avassaladora - ser fodida assim pela primeira vez, ter seu pau grosso invadindo sua vagina, enchendo-a, possuindo-a.

As mãos apertaram sua pélvis mais uma vez e então ele estava pressionando mais profundamente, enchendo-a completamente até que a cabeça larga de seu pênis beijou o final de seu canal.

— Em você agora, Krisa... — Ela o ouviu respirar, sua voz baixa e rouca com luxúria mal contida. — Todo o caminho em você agora. Pode sentir isso? Você pode sentir meu pau enchendo você?

Um som inarticulado de assentimento saiu de seus lábios. Nunca poderia ter imaginado tal sensação - a sensação de estar unida tão completamente, de ser

dominada e realizada de uma só vez. Palmas mornas deslizaram para frente ao longo de seus lados levemente suados para envolver seus seios fartos, pendurados como fruta madura sob seu corpo.

— Pronta para eu te foder agora, garotinha? — A respiração de Teague estava quente em seu ouvido.

— Pronta para eu te encher com o meu esperma e te fazer minha? Minha para sempre?

Algo sobre as palavras, a maneira como ele as disse, a fez tremer por dentro, a fez se perguntar se havia um significado mais profundo em algum lugar. Mas a sensação do grande corpo de Teague a cobrindo, cercando-a, invadindo-a, afastou todos os outros pensamentos de sua cabeça. Não havia espaço em sua mente para pensar, não havia espaço para questionar - só havia espaço para sentir.

— Teague. — Krisa respirou suavemente. — Teague, por favor... — Os lençóis estavam ásperos sob as palmas das mãos enquanto ela os segurava com força entre os dedos brancos, apoiando-se contra o que Krisa sabia que estava por vir. Teague prometeu montá-la com força e ela sabia que ele não estava mentindo. O grande Feral estava esperando por esse momento por um tempo longo e frustrante. Com tanta tensão e paixão acumulada entre eles, estava fadado a ser uma viagem difícil. E Krisa esperava estar dolorida com o ataque quando tudo aquilo acabasse.

Ela não ficou desapontada. Com um rugido abafado, Teague saiu quase todo o caminho de seu canal liso e empurrou de volta, dirigindo seu pau grosso em sua boceta apertada e molhada como um aríete, forçando um grito de seus lábios enquanto repetia a ação de novo e de novo.

Krisa gritou, perdendo o equilíbrio sob o violento ataque. Suas mãos não mais a sustentavam e ela foi forçada a cair sobre os cotovelos, um movimento

que abriu sua vagina ainda mais para os golpes de Teague. Dor explodiu através dela e prazer também - uma sensação mais profunda e mais consumidora do que Krisa já havia sentido e o início de um orgasmo tão feroz que ela tinha medo que isso a queimasse com sua intensidade. Krisa virou a cabeça e mordeu o lábio até o sangue escorrer, as lágrimas contidas sob as pálpebras apertadas, enquanto tentava suportar as sensações avassaladoras.

Teague a estava trabalhando em silêncio, concentrando-se em construir um pulso lento e deliberado dentro de seu corpo com seus golpes, mas agora ele começou a falar com uma voz baixa e rouca que parecia penetrar sua mente como seu pênis penetrava em seu corpo.

— Adoro transar com você, Krisa. — Ele rosnou, e ela sentiu as mãos em concha nos seios e dedos ásperos estavam puxando e beliscando seus mamilos, aumentando as sensações entre as pernas. — Estava querendo enfiar meu pau dentro de você desde o primeiro minuto que eu senti seu cheiro doce na nave Princesa.

Krisa gemeu, incapaz de dar uma resposta mais inteligente à sua confissão.

— Você não sabe o quão difícil foi, todas aquelas noites na selva para não a prender ao chão e abrir suas pernas e foder você, garotinha. — Ele rugiu, ainda acariciando dentro dela. — Encha-la com o meu esperma e reivindique-la ali mesmo. — Teague lambeu um longo sulco molhado até as costas, ao longo do sulco de sua espinha, nunca parando o movimento áspero de seu pênis enquanto ele fazia isso.

Krisa engasgou com o empurrão e impulso de seu pênis dentro de sua vagina e a sensação de sua língua em sua pele. — Por que você... não fez? — Ela gemeu, surpresa por poder dizer qualquer coisa.

— Queria que você confiasse em mim. Desejava que você se submetesse a mim como você está fazendo agora com sua bunda doce no ar e sua boceta

molhada e espalhada para mim, pronta para ser preenchida pelo meu pau. Queria ouvi-la chorar e gemer embaixo de mim enquanto se abria para mim completamente. Você se sente bem menina? É isso que você queria, o jeito que você precisa ser fodida? — Ele exigiu, acelerando a intensidade de suas estocadas, pressionando-a contra o colchão para que Krisa tivesse certeza de que uma impressão de seu rosto e braços estaria lá para sempre.

— Sim... sim, Teague. — Krisa soluçou, abandonando qualquer orgulho ou dignidade que ela tinha deixado. Seu amor áspero a estava empurrando cada vez mais rápido em direção ao pico, construindo o prazer dentro dela até que Krisa não conseguia pensar em mais nada. — É assim que eu quero você. É assim que eu preciso de você. — Ela suspirou. — Dentro de mim ... tão dentro de mim!

— Isso é bom, garotinha, porque é disso que eu preciso também. — Teague soltou seus mamilos e Krisa sentiu uma mão grande deslizar de volta para sua pélvis e depois mergulhar entre as pernas.

— Vou gozar em apenas um minuto, Krisa. — Ele sussurrou rudemente. — Vou encher a sua doce boceta do jeito que eu preciso, mas eu quero sentir você gozando em primeiro lugar. Pode fazer isso por mim, querida? Krisa pode vir até mim enquanto eu estou enterrado dentro de você? — As pontas dos dedos cegos esfregaram sobre o local molhado onde eles estavam juntos, acariciando o broto escorregadio e inchado de seu clitóris e enviando choques elétricos de prazer através de seu corpo.

Krisa gritou, arqueando as costas enquanto seu corpo obedecia a sua ordem e o orgasmo feroz pulsava através dela. Grandes flores brancas de luz explodiam diante de seus olhos e ela tremia incontrolavelmente. Seu sexo molhado impotente se espalhou ao redor do invasor espesso, seu pênis perfurando-a até ao núcleo. O ritmo de Teague dentro dela acelerou quando ele sentiu sua reação.

— É isso, menina, venha para mim. — Ele rosnou, ainda esfregando suas dobras lisas com dedos experientes. — Venha para mim ... deixe-me sentir você

gozar.

— Oh… Oh, Teague! É tão ... Oh! — O cabelo de Krisa estava pendurado em seu rosto em uma cortina longa e sedosa que obscurecia sua visão, mas ela não precisava ver nada naquele momento. A única coisa que queria era continuar sentindo esse incrível prazer - a doce submissão de seu corpo ao homem que Krisa amava - o único homem que ela amaria.

Com um grunhido inarticulado, Teague a puxou para cima, apoiando-a com braços fortes ao redor de sua cintura enquanto ele mergulhava o mais profundamente possível nela, sentando-se ao máximo em sua boceta apertada. Teague acariciou seu rosto contra o pescoço dela, empurrando o cabelo para o lado para mostrar sua garganta. Krisa se recostou contra ele, sabendo o que Teague precisava, dando-lhe o lado de seu pescoço que não estava marcado. Ela gritou quando sentiu seus dentes afiados e brancos afundarem nela novamente, tirando sangue enquanto ele a enchia até o limite.

A sensação dele pulsando dentro dela, reivindicando seu corpo completamente, junto com a dor ardente de sua mordida, enviou uma segunda onda de prazer orgástico correndo pelas veias de Krisa. Ela gemeu impotente, um pedaço de papel preso em uma inundação, levado pela maré de sensação e necessidade.

Teague segurou-a com força por um momento, o peito largo escorregadio de suor e bombeando como um fole contra suas costas. Então, lentamente, não se afastando de seu corpo, ele baixou os dois para a cama, onde envolveu os braços quentes em volta dela como se nunca tivesse a intenção de deixá-la ir.

— Você é minha, garotinha. — Krisa ouviu-o rosnar baixinho em seu ouvido. — Minha agora, não esqueça.

Sua agora, ela pensou, começando a recuperar um pouco de sua capacidade de pensar - para raciocinar - enquanto a maré esmagadora de prazer diminuía

deixando uma dor surda e latejante para trás.

A enormidade do que fizera, o que ela lhe permitirá fazer, começou a penetrar em seu cérebro. Sua agora, aqui no Planeta X, Teague, mas de quem eu serei amanhã? E como explicarei minha virgindade perdida para o Lorde Radisson no Prime.

Capítulo Vinte e Quatro

— Eu te machuquei. — A voz profunda de Teague era plana no quarto escuro.

— N... não. Nem tanto. — Krisa negou, tentando abafar um soluço. Ela ainda estava sendo abraçada por seus braços, de costas para a frente dele. O som profundo e regular de sua respiração a convencera de que Teague estava dormindo, de que era seguro ceder às emoções avassaladoras dela.

— Então por que as lágrimas, garotinha? Aqui, vire-se. — Ele rolou-a para cima, até que ela estava deitada de lado, de frente para ele. Havia grave preocupação escrita em seu rosto escuro e cintilando nas profundezas prateadas de seus olhos. — Bem? — Ele segurou sua bochecha em uma mão, enxugando uma lágrima com o polegar.

— É só que..., é só que eu não posso ir ao Prime agora.

— Eu sei. — Sua voz era calma e despreocupada.

— Estou tão feliz em ver que você está preocupado com o que acontece comigo. — Disse Krisa, atormentada por sua aparente falta de preocupação com o futuro dela. Ela se afastou dele e se sentou na cama, arrastando o lençol para cobrir seus seios.

Teague a puxou de volta para baixo novamente. — Não se incomode. — Ele rosnou. — Eu já vi de tudo, não adianta tentar esconder nada disso de mim agora, Krisa.

— Eu sei que você já viu de tudo. Você já teve tudo. — As palavras acusadoras surgiram de uma profunda fonte de medo dentro dela e tiveram que sair. — Você acabou de tomar a única coisa que poderia garantir o meu futuro.

— Você ainda tem o seu precioso Certificado de Virgindade. — Ele apontou, sentando ao lado dela. Seu rosto escuro era como uma nuvem tempestuosa.

— Depois de todo esse tempo, perdido no deserto com a Deusa e sabe quem mais, o senhor Radisson certamente insistirá em uma reverificação de minha virgindade. Isso... — Krisa se inclinou e tirou o pedaço de pergaminho da gaveta da mesinha de cabeceira, onde ela o manteve cuidadosamente dobrado. — É inútil. Inútil. — Ela segurou o documento na frente de seus olhos e deliberadamente o rasgou em dois, bem no meio.

Teague agarrou-a pelos punhos, fazendo-a soltar o papel amassado. — O que você está dizendo, garotinha? Você sente muito pelo que acabamos de fazer? Se arrepende de se entregar a mim?

— Não. — Krisa quase gritou. Ela se livrou dele, esfregando os pulsos com raiva.

— Não, eu queria fazer o que fizemos tanto quanto você. Precisava tanto. —Ela corou, envergonhada de admitir sua necessidade por ele, mas continuou obstinada. — Mas o que eu devo fazer agora que não posso ir para o Prime? Para onde devo ir?

— Deusa! Maldita seja você?

— Onde você está indo é comigo. — Teague falou em um tom de finalidade que não admitia discussão.

— Eu... o que? — Krisa não tinha certeza de que ela tinha ouvido direito.

— Eu disse que você está vindo comigo para o Alpha Lyrae e é o fim dessa discussão. — Teague rosnou, os olhos brilhando.

— Como você se atreve? Você me prometeu que me levaria ao Prime. Você disse que não tentaria me levar com você. — Não ocorreu a Krisa que ela

estivesse argumentando contra o que queria, Krisa só sabia que o seu tom de proprietário tinha recuperado seu temperamento novamente. — Você disse que eu poderia confiar em você. — Ela acusou.

— Sim... bem, isso foi antes. — Ele rosnou. — Antes de eu ter você e te marcar. Você é minha agora. Me desculpe se vai sentir falta de estar no colo de luxo com o querido Lorde Radisson, pois isso é muito ruim, porque você está vindo comigo.

— Você sabe que eu nunca dei a mínima para ter muito crédito ou viver em grande estilo. — Krisa gritou.

— Bem, por que mais você estaria tão ansiosa para assinar o contrato para se juntar com o velho bastardo? — Teague a pegou pelos ombros e a sacudiu uma vez, com força. — Eu sei que você não o ama.

— Não, eu te amo! — No minuto em que as palavras saíram de sua boca, Krisa queria chamá-las de volta. Por que revelou algo que a fez parecer tão estúpida e carente? Ela esperou por Teague rir ou amaldiçoar, mas em vez disso ele a puxou para mais perto. E olhou nos olhos dela, estudando o rosto dela com uma intensidade feroz que fez a boca do estômago dela pular e se contorcer.

— Diga isso de novo. — Ele ordenou em voz baixa.

— Eu disse, eu te amo. — Disse Krisa desafiadoramente, levantando o queixo para encontrar seus olhos prateados diretamente. Deixe-o pensar o que ele quisesse.

— Você? Você realmente? — Teague ainda estava olhando para ela, uma estranha expressão crescendo em seu rosto escuro.

— Eu não diria de outra forma. Eu mantenho minha palavra, ao contrário de algumas pessoas. — Krisa retrucou.

Teague suspirou pesadamente e a soltou para passar a mão pelo cabelo dele.

— Olha, quando eu te fiz essa promessa de te levaria de volta para o Prime, eu queria mantê-la. Mas agora… eu não posso. Eu simplesmente não posso.

— Por que você me teve? Porque nós…

— Feito amor, fodido, chame como quiser. — Teague franziu a testa irritadamente. – Olha, Krisa, eu soube no minuto em que te vi, no segundo em que você puxou minha venda e confiou em mim para não te machucar, que eu faria qualquer coisa - qualquer coisa para ter você. Mas eu também compreendia que o tipo de vida que levo não é muito fácil para uma garota como você se acostumar. Então eu jurei pra mim mesmo que eu não tocaria em você, não me deixaria ir longe demais. Porque eu sabia que se alguma vez te tomasse todo o caminho, nunca te deixaria ir.

— Então por que você agiu como se não me quisesse? Por que você fingiu que não me marcou de propósito? — Krisa esfregou o pescoço onde a marca roxa que ele havia colocado ali na noite anterior ainda era muito visível, embora houvesse surpreendentemente pouca dor. Logo ela teria um correspondente no outro lado.

— Porque eu não... — Teague rosnou. — O que Sarskin te disse é verdade, está bem?

— Marcação é um ritual Feral - nós não fazemos isso a menos que tenhamos encontrado a mulher com quem queremos nos acasalar para a vida toda. Ontem à noite, quando você não me deixou ter você, eu ... bem, eu meio que fiquei um pouco louco. Eu acho que parte de mim estava determinada a fazer você minha de alguma forma, mesmo que eu não pudesse realmente... — Ele deixou a frase sumir.

Krisa não sabia se ria ou chorava. Teague estava oferecendo a ela tudo o que ela queria em uma bandeja de prata. Mas ele estava oferecendo pelas razões certas?

— Então. — Ela limpou a garganta. — Então, se nós não tivéssemos feito amor agora, você teria me deixado ir? Acabaria por me deixar no Prime e esqueceria de mim?

Teague riu, um som curto e severo. — Na verdade? Eu não sei querida. Não sei se eu poderia deixar você ir mesmo se não tivéssemos feito amor. Eu ia fazer o meu melhor, porque eu prometi a você. Mas esquecer de você? Nunca. Você está queimado em mim. — Ele pressionou uma mão grande sobre o peito. — Aqui. Não poderia te esquecer mesmo se eu quisesse. O que eu não faço.

— Teague, você está ... tentando dizer que você também me ama? — Krisa olhou para ele com sinceridade, tentando ler a emoção nas profundidades metálicas de seus olhos.

— Te amo? — Ele suspirou e recostou-se contra a cabeceira da cama. — Sim, acho que você poderia chamar assim.

— O que isso quer dizer? — Krisa perguntou exasperada. — Ou você me ama ou não. — Ela cruzou os braços sobre o peito, esperando.

Teague suspirou novamente e puxou-a para perto dele, apesar do fato de que ela permaneceu rígida em seus braços. — Acho que sim, então. É só que não há uma palavra em qualquer idioma para descrever o que sinto por você, garotinha. Amor, luxúria, desejo, necessidade - preciso mais do que tudo, eu acho. — Ele olhou para baixo por um momento e sua voz ficou mais suave.

— Depois que… Corie morreu, nunca pensei que sentiria amor por alguém novamente. Pensei que parte de mim morreu com ela. Nunca esperei encontrar o que eu precisava em uma menina de Bride Planet, que não queria ir para a floresta sem seu espartilho.

— Eu te disse que é uma cinta. — Krisa repreendeu suavemente. Ela deixou-se derreter contra seu grande corpo, deixando-o confortá-la com seu calor. — Mas por que você não me disse mais cedo se você sabia todo esse

tempo?

— Porque você não sabia. Não parecia sentir o mesmo. — Teague puxou-a ainda mais para perto, colocando a cabeça sob o queixo, para que Krisa pudesse ouvir o som abafado de seu coração. — Além disso. — Ele continuou. — É uma vida perigosa - vivendo em fuga. Eu sempre terei um preço na minha cabeça e, assim que você deixar de cumprir seu contrato, você também o fará. Quando chegarmos a Alpha Lyrae, ficaremos bem. Eles têm uma política de não extradição. Até estarmos lá vai ser arriscado.

Sua menção ao contrato de Briar Rose fez Krisa pensar no chip de castidade. Sua mão foi até a nuca, tocando o pequeno obstáculo ansiosamente. — Teague, e o chip? Eles estão no Planeta X agora, me rastreando. Como vamos ficar livres enquanto eu tiver esse transmissor estúpido no meu pescoço? — Ela olhou para ele. Teague sacudiu a cabeça. — Não se preocupe com isso, querida. Eu tenho alguns truques na manga. Eles não vão nos pegar.

Krisa franziu a testa e afastou-se dele. — Não, eu não vou ser a única a nos colocar em risco. — Teague franziu o cenho. — Bem, nós não temos muita escolha agora.

— Sim, nós podemos. — Krisa apontou o inchaço na parte de trás do pescoço e tentou não pensar no ponto de dor como se um ferro houvesse penetrado em seu crânio quando ela apenas o pressionou com muita força. Krisa olhou para Teague. — Eu quero que você pare com isso. Agora. Esta noite.

Teague lançou lhe um olhar incrédulo e tentou aproximá-la novamente. Krisa resistiu.

— Você não sabe o que está pedindo, Krisa. É uma dor como você não pode imaginar. É melhor esperar até que possamos encontrar alguém qualificado que o coloque abaixo e faça o certo.

— Eu não quero esperar. — Ela insistiu. — Eu não me importo se dói. Não

quero arriscar que os homens do Lorde Radisson nos encontrem. Você ... — Ela engoliu em seco. — Você tirou o seu, e está sempre falando sobre seu *"excelente trabalho de faca"*, Teague. Você pode fazer isso, eu sei que você pode.

Teague suspirou e esfregou o rosto cansado com uma mão grande. — Sim, eu posso fazer isso, mas eu gostaria que você não me pedisse. Esse tipo de dor... Um pouco de uma mordida de amor no pescoço é uma coisa. — Ele tocou o lugar onde a tinha marcado mais cedo naquela noite e Krisa corou. — Mas isso ... eu não quero te machucar, querida. Não quero passar por isso.

Krisa pegou a mão grande na dela e juntou os dedos. — Teague! — Ela disse suavemente. — Eu entendo como se sente, mas você tem que admitir que nossas chances de sair daqui não detectadas são muito melhores sem o chip. Você disse que me amava. Eu preciso que você faça isso por mim. Por favor.

Ele olhou para ela de perto. — Você está determinada, não está?

Não confiando em sua voz, Krisa assentiu.

Ele assentiu com decisão. — Tudo bem, deite na cama de barriga para baixo e puxe o cabelo para fora do caminho.

Krisa se deitou, puxou o cabelo para um lado e enterrou a cabeça em um travesseiro, determinada a não ver o que quer que fosse que o grande Feral estava fazendo. Não pense sobre isso, ela ordenou a si mesma, mas era terrivelmente difícil não fazer isso. Krisa gostaria de ter tido o luxo de encontrar um médico ou um "médico chip" como Alphonius T'lix, o homem a quem Teague a encaminhou para Lynix Prime, mas eles não podiam se dar ao luxo de arriscar com os homens do Radisson já no planeta. Tudo dentro dela dizia que era a coisa certa a fazer e a hora certa para fazer isso.

Se os homens de Lorde Radisson rastreassem o chip e os pegassem, pareceria um criminoso que escapou e sequestrou uma garota indefesa, não importa o que qualquer um deles dissesse. Krisa seria levada de volta a Prime

para seu futuro marido, assumindo que ele ainda a queria depois dele perceber que ela estava danificada, mas Teague seria levado de volta para a prisão ou sumariamente executado. E Krisa sabia que ele estava disposto a se arriscar por ela, mas Krisa não estava disposta a que Teague fizesse isso. É muito melhor pegar o maldito chip agora, antes de serem rastreados.

Não importa o quanto doesse.

Apesar de sua determinação de não ver os preparativos de Teague para sua "cirurgia," Krisa ainda conseguiu dar uma olhada na longa e curva lâmina de sua faca, antes de fechar os olhos com força. Houve um leve empurrão quando o grande Feral voltou para a cama com ela e montou seus quadris, inclinando-se sobre suas costas.

Ambos ainda estavam nus e Krisa podia sentir o calor irradiando de seu grande corpo para aquecê-la. Era estranho, ela pensou, que essa mesma posição que tinha sido tão prazerosa há pouco tempo, agora deveria estar cheia de pavor.

Ela estava tão tensa que quase gritou quando Teague se inclinou sobre ela, mas em vez do beijo frio de aço afiado em seu pescoço, ela sentiu sua língua quente e úmida em seu lugar.

— O que você está fazendo? — Ela gritou, enquanto ele continuava a banhar a parte de trás do seu pescoço e a minúscula colisão cobrindo o chip metodicamente, com movimentos longos e carinhosos.

— Os Ferais têm um antisséptico natural em nosso sangue e fluidos corporais. Uma razão pela qual nos curamos tão rápido — Explicou ele, parando por um momento. — Dessa forma você vai se curar limpa, sem infecção.

— OK? Tudo bem. — Foi tudo o que Krisa pôde fazer para pronunciar as palavras.

— Você mudou de ideia, querida? — Teague beijou a nuca de leve,

tranquilizadoramente. — Eu não vou ficar chateado.

— Não. — Krisa começou a sacudir a cabeça e depois pensou melhor. — Não, faça Teague. Eu quero que você faça.

— Tudo bem. Eu vou ser o mais rápido que puder. Quero que você mantenha as mãos ao lado do corpo e segura a folha com força. Se você sentir que precisa gritar, faça isso, apenas tente não se mexer. Esta é uma faca afiada. Consegue?

— Sim. — Ela aumentou o aperto sobre o lençol em ambos os lados dela e se preparou, sentindo o algodão sintético puxar entre seus dedos brancos. — Por favor, Deusa, deixe-o sair rápido, por favor, deixe-o...

Quando chegou, o surto de agonia quente era quase demais para suportar. Krisa esperava dor, mas isso estava em uma categoria totalmente diferente. A sensação era que estava rasgando seu sistema nervoso e fazia qualquer outra dor que ela já tivesse sentido mais significativa do que um dedo do pé arrancado.

Uma linha de fogo estava sendo traçada na parte de trás do pescoço dela e se espalhando como lava derretida por todo o corpo para baixo de cada membro, para pulsar na ponta de cada dedo e dedos separados. Cada nervo estava crepitando como um fio cheio de corrente elétrica, gritando que ela estava morrendo, se afogando, queimando, sufocando. No fogo ... Krisa estava em chamas e nada poderia colocá-la para fora ...

Parecia que continuava e continuava, o tempo se alongando como caramelo e havia um grito crescendo em sua garganta, um tão alto e frenético que nem sequer seria audível assim que saísse dela. Krisa sentiu o forte tecido sintético de algodão rasgar entre os dedos com um ronronar baixo e cada músculo do corpo estava tenso ao ponto de ruptura. Ela mordeu a língua com força pela segunda vez naquela noite, mas não sentiu. Krisa estava apenas vagamente consciente quando sua boca se encheu do amargor salgada e quente que ela já tinha feito em

tudo.

Mal ouviu Teague falando em voz baixa e frustrada, dizendo alguma coisa sobre o chip resistir à remoção, mas nada disso penetrou em seu cérebro, que estava completamente tomado pelo tormento horrível e abrangente.

Então houve um pico de dor elétrica que viajou da base de seu crânio até os calcanhares e o mundo foi comido em uma escuridão silenciosa e misericordiosa.

* * * * *

— ... agora. Está tudo acabado agora. — Alguém estava segurando-a perto e algo molhado e quente e reconfortante estava banhando a parte de trás do seu pescoço. Krisa se lembrou de como a mãe havia colocado um pano úmido na testa quando ela era pequena e estava com febre.

Em seguida, ela pensou em cataplasmas de erva calmante de Madame Glossop, que foram aplicadas para cada queixa de dor de cabeça e as "dores femininas." Mas os braços ao redor de sua cintura eram como bandas de aço quentes e a voz sussurrando em seu ouvido era baixa e suave e masculina. A pessoa que cuidava dela não era nem sua mãe nem Madame Glossop, de repente percebeu. Era Teague.

— Onde ... o que ...? — Ela mal conseguia formar as palavras, elas saíram como sussurros muito vagos. Krisa tentou se mover e se deu conta de uma dor persistente e incômoda que começava na base do crânio e impregnava seu corpo inteiro. Foi como ter uma dor de cabeça por toda parte. Ela tentou se mover novamente e gemeu.

Os braços ao redor dela se apertaram uma fração. — Fique quieta por um tempo. Você teve um tempo pior do que eu pensei que você teria. — A voz profunda de Teague em seu ouvido parecia preocupada.

Krisa tentou novamente e descobriu que podia formar palavras se se concentrasse, embora seus lábios parecessem entorpecidos e frios. — O que aconteceu?

— O chip resistiu a remoção. Não foi ativado ainda, mas estava bem enredado em seu músculo. Demorou mais para sair do que eu pensava. Desculpe querida.

— Está bem. — Krisa murmurou. — Pelo menos foi embora. Não foi? Onde está? — Ela perguntou.

Teague entendeu.

— Bem aqui. Abra seus olhos um minuto.

Krisa fez e depois de um momento o quarto escuro entrou em foco. Ela viu a palma grande de Teague na frente do seu rosto. Deitada no centro dela, havia um pedaço de metal cobre e mutilado do tamanho de uma unha. Ela notou com desgosto que havia sangue nas ranhuras do chip trançado. *Meu sangue,* ela pensou, sentindo-se enjoada. Mas ela também ficou aliviada que o odioso chip estava fora de seu pescoço e destruído, quebrando seu último elo com Lorde Radisson e Briar Rose.

— Que bom que se foi. — Ela sussurrou, fechando os olhos novamente. — Teague, eu estou machucada.

— Eu sei, garotinha. Se eu tivesse alguma ideia, que seria tão ruim para você eu não teria feito isso. Mas uma vez que comecei, tive que terminar. O chip transmitia sinais de dor muito fortes até o final, então você pode ficar dolorida por um tempo.

— Parece que ... dor de cabeça ... acabou. — Disse Krisa.

— Sim, você ficará dolorida por algumas horas porque o chip ativou todos os centros de dor em seu cérebro. — Explicou Teague. — A melhor coisa é

tentar dormir com isso. — A sensação quente e úmida que a tinha acordado em primeiro lugar começou na parte de trás do seu pescoço novamente. Krisa percebeu que Teague estava lambendo-a ali, cuidando do pequeno ferimento que ele fez para remover o chip. Pareceria um conceito estranho para ela há apenas um mês, mas agora parecia ser reconfortante e correto. Ainda assim, não queria dormir, não queria perder as últimas horas com Teague antes dele sair para recuperar o navio que Sarskin lhes prometera.

— Não quero dormir. Quero falar. — Ela protestou, embora estivesse cheia de um cansaço profundo como nada que já tivesse conhecido. Krisa reprimiu um bocejo.

— Não há nada para falar. — Teague a puxou para perto como ele tinha feito todas as noites na selva e enfiou a sua cabeça sob o seu queixo. — Não se preocupe, eu vou te acordar antes de sair de manhã.

— Promete? — Krisa reprimiu outro bocejo, sentindo a profunda dor em seu corpo arrastando-a para o sono.

— Prometo. — A voz profunda de Teague era firme e sua presença atrás dela era quente e reconfortante. Com as pálpebras fechando, Krisa relaxou no sono.

* * * * *

Uma boca quente no lado do pescoço dela a despertou. Quando ela se conscientizou, Krisa se deu conta de grandes mãos quentes acariciando seu corpo nu suavemente. Eles seguraram seus seios, esfregando levemente sobre os mamilos, subitamente eretos de desejo, depois seguiram por baixo de sua barriga trêmula para roçar o monte trêmulo de sua vagina. Krisa descobriu que já estava molhada para ele.

— Mmmm. — O som escapou de seus lábios quando as pontas dos dedos contundentes espalharam os lábios macios de seu sexo e mergulhou em seu

calor, esfregando levemente sobre seu clitóris sensível.

Houve risos estrondosos de algum lugar acima dela. — Você está se sentindo melhor, garotinha? — Teague perguntou. Ele esfregou uma bochecha áspera com a barba por fazer contra a dela, fazendo-a se contorcer debaixo dele.

Krisa levou um minuto para fazer um balanço de si mesma e percebeu que estava se sentindo muito melhor. Na verdade, ela estava se sentindo notavelmente bem, considerando a remoção dolorosa do chip de castidade. Então os dedos grossos de Teague encontraram o caminho dentro de sua umidade e ela se sentiu ainda melhor.

— Bem? — Ele rugiu novamente, os dedos ainda trabalhando em um longo movimento lento que parecia projetado para deixá-la louca.

— Muito melhor. — Krisa sussurrou. E arqueou as costas, alcançando mais dele dentro dela. Ela adorava a sensação dos dedos fortes de Teague acariciando seu corpo recém-aberto. Krisa se sentia possuída, amada, muito amada.

— Gostaria que você não tivesse que ir hoje. — Ela sussurrou, arqueando as costas mais e abrindo as coxas para ele. A posição a abriu completamente para Teague. Isso a fez se sentir completamente vulnerável e absolutamente certa em se entregar ao homem que amava daquele jeito.

— Eu não fui embora ainda. — Teague acariciou o lado de seu pescoço novamente, beliscando suavemente ao longo de sua mandíbula e lambendo suavemente as marcas que ele tinha feito nela na noite anterior. — Você se sente bem o suficiente para me dar um doce adeus? — Teague se moveu de modo que estava sobre ela completamente, seu grande corpo entre as coxas abertas enquanto ele continuava a acariciá-la.

— Mmmm, contanto que você prometa não ter que ir embora por muito tempo.

— Eu voltarei assim que puder. Nós estaremos fora desta rocha e no caminho para Alpha Lyrae ao anoitecer. — Prometeu Teague. — Você está pronta para mim?

— Você sabe que eu estou. — Krisa se mexeu embaixo dele, saboreando seu perfume selvagem e almiscarado e o calor de seu grande corpo que afastou o frio da manhã.

— Isso é bom, garotinha, porque eu estou pronto para você.

Krisa sentiu a cabeça bruta de seu pênis substituindo os dedos e então ele estava deslizando para dentro dela, enchendo-a com sua espessura como Teague tinha feito na noite anterior. Fazendo ela quente e completamente sua.

— Oh! — Krisa ofegou suavemente. Ele foi mais gentil desta vez, menos urgente. Seus golpes eram longos e seguros dentro dela, construindo seu prazer com uma intensidade sem fôlego que a deixava fraca. Ela pensou que se vivesse mais mil anos, nunca esqueceria este momento, estava gravado em sua memória para sempre.

Teague apareceu sobre ela, uma sombra grande e quente no quarto escuro que começava a ser iluminado com o brilho opaco e bronze do sol oculto do Planeta X. Seus olhos eram de uma prata suave e brilhante, cheia de amor e necessidade, enquanto seu grande corpo se movia sobre Krisa, dentro dela. Quando ele a acariciou suas pernas, lados, braços, pescoço - cada parte dela que ele podia alcançar e enterrou as mãos no cabelo dela para puxá-la para perto de seus beijos com sabor de canela quente.

Ela chegou ao pico apenas momentos antes dele, sentiu seu espasmo na buceta em torno de seu pênis e ouviu o baixo gemido de Teague quando ele a embalou perto e deixou seu clímax disparar o seu próprio. E pulsou nela, pressionando profundamente, enchendo-a com sua semente. E Krisa estava sussurrando uma e outra vez em voz baixa e ofegante. Ela não entendeu o que

estava dizendo até que Teague se afastou e sussurrou: — Também te amo, garotinha. Sempre. Não se esqueça disso.

Na luz crescente, ele se levantou e vestiu suas calças de couro e colete, depois embainhou a longa faca de prata manchando um marrom enferrujado com seu sangue. Krisa não queria que ele fosse. Parecia que eles tinham passado tanto tempo juntos. Agora que eles finalmente chegaram a um entendimento de quem eram e o que queriam, seu homem teve que ir. Ela recusava qualquer tempo longe de Teague, nem mesmo um dia para ele pega ar a nave.

— Eu vou sentir sua falta. — Ela sussurrou quando ele se inclinou para um beijo antes de sair.

— Você ainda está cansada de ontem. Durma. Eu voltarei antes que perceba. E não se preocupe, eu fiz Sarskin dar a sua palavra que cuidara de você e ele terá a certeza de que você está segura enquanto eu estiver fora. — Teague colocou a mão na lateral do rosto em uma palma grande e quente e deu a ela um último, Beijo persistente. — Te amo.

Krisa achou que nunca se cansaria de ouvir essas palavras. — Amo você também.

Ela murmurou, acariciando sua bochecha em sua mão e deixando um beijo suave na palma calejada. Ele saiu, fechando a porta suavemente atrás dele. E Teague estaria de volta em breve, ele prometeu.

Ela não conseguia entender por que o leve som da tranca da porta trouxe lagrimas em seus olhos e fez com que fosse tão difícil de engolir.

Capítulo Vinte e Cinco

— Meu senhor, meu senhor - aqui!

Krisa sentou-se na cama grande, registrando o fato de que a manhã havia se apagado durante a tarde enquanto dormia.

— Meu senhor ... — O gemido alto e nasal era familiar e estava se aproximando.

Algo estava muito errado. Krisa decidiu fazer uma corrida para se refrescar, pulou da cama e estava atravessando a sala quando a pesada porta de madeira se abriu. Ela congelou, sem saber de que maneira se virar. De repente, se tornou terrivelmente consciente de que estava completamente nua.

Emoldurada na entrada havia um rosto de outra vida, uma que Krisa nunca pensou que veria novamente. Percy DeCampeaux, seu antigo acompanhante, virou três tons de vermelho e desviou os olhos, como se a visão de seu corpo nu pudesse causar cegueira súbita e incurável. Ao lado dele, em contraste com o corpo magro de Percy, estava a figura corpulenta de Sarskin. O Drusiniano sorriu um pouco tristemente para ela e depois olhou educadamente para longe.

— Fique de lado. — Uma voz afiada e comandante que vinha de trás dos dois homens era nova, mas enviou uma onda de arrepios sobre sua pele exposta.

— Meu senhor, eu não acho...

— Não importa o que você pensa, Percy. Eu disse, fique de lado.

Sarskin e Percy saíram do caminho, como duas cortinas desniveladas desenhadas pelo palco, revelando com uma lentidão agonizante, uma figura alta e magra com cabelos grisalhos e um cavanhaque bem aparado e bigode para

combinar.

Lorde Radisson.

* * * * *

— Meu Senhor. — Krisa gaguejou, sentindo-se corar com vergonha e confusão. Ela tentou fazer uma reverência e então percebeu que não tinha saias para se espalhar porque ainda estava completamente nua. Ela se agarrou rapidamente à borda do lençol de algodão sintético, o que significava envolvê-lo em seu corpo, mas Lorde Radisson se adiantou, movendo-se ao que parecia ser uma velocidade incrível para um homem mais velho e arrancou-o dela.

— Não. — Ele disse em uma voz que teria congelado o centro de uma estrela. —Eu vou inspecionar o dano que foi feito a minha mercadoria. — Ele andou em círculo ao redor dela, seu porte duro com raiva mal reprimida, quando tomou consciência do "*dano*."

Krisa permaneceu enraizada no local, pensando em como deveria olhar para ele. Ela estava nua e, sem dúvida, com a aparência selvagem, com o cabelo ao redor dos ombros e marcas de amor em ambos os lados do pescoço, para não mencionar a ferida de cura na base de sua linha fina no pescoço, onde o chip de castidade tinha sido removido.

Ela cruzou os braços protetoramente sobre o peito, os olhos para baixo, sua mente correndo em círculos inúteis. *Onde está o Teague? Ele está seguro? Ele virá para mim? Como em nome da Deusa eles nos encontraram?*

Dedos cruéis seguraram sua mandíbula, forçando o queixo para que seu futuro marido pudesse examinar seu pescoço mais profundamente. Krisa engasgou quando ele virou sua cabeça para um lado e depois para o outro, examinando as marcas roxas deixadas pelos dentes de Teague. Então forçou seu queixo para baixo e separou o cabelo para olhar por um longo momento na parte de trás do pescoço.

— Meu senhor... — Devido à desconfortável inclinação de sua cabeça, Krisa não podia ver seu rosto, mas a voz de Percy soou chocada - quase ferida. Em suas mãos magras e nervosas, ela podia ver os restos rasgados de seu Certificado de Virgindade e o chip retorcido e acobreado agora acastanhado com seu próprio sangue seco.

— Muito bem. — Lorde Radisson a soltou de repente e se afastou. Krisa se atreveu a olhar para ele e viu que a carranca em seu rosto havia sido substituída por um olhar de calma gelada.

— Eu acho bem óbvio o que aconteceu aqui. Sequestrada, estuprada e mordida, pelo amor da Deusa.

— Não foi nada disso. — Krisa protestou, mas Lorde Radisson agiu como se ela não tivesse sequer falado.

Ele se virou para Percy. — O batalhão que eu despachei capturou o Feral?

Krisa sentiu seu intestino revirar com suas palavras. *Teague - eles estavam atrás de Teague!*

— Eles o terão em breve, meu Senhor. — Percy respondeu ansiosamente.

Só de estar na presença desse homem, seu pretenso futuro marido, trouxe de volta tão fortemente todas as associações de Krisa com Briar Rose, elas pareciam uma mão apertando sua garganta. Mas agora ela se adiantou, esquecendo completamente sua nudez e suas inibições.

— Por favor, você não entende. Teague não me machucou. — Ela colocou uma mão suplicante na imaculada manga preta de Lorde Radisson. Ele afastou o braço, franzindo as sobrancelhas como se Krisa o tivesse manchado com alguma sujeira indescritível ao invés de apenas tocá-lo.

— Você não sabe o que está dizendo. Depois do que esse homem, esse Feral te fez. Despojou você, arruinou a noiva que seria a minha glória. — Suas

feições duras se enrugaram e por um momento ele apenas pareceu um homem triste e velho.

— Lorde Radisson, por favor ... não o machuque. Eu o amo! — No momento em que as palavras saíram de sua boca, Krisa soube que eram um erro colossal. O olhar triste nos olhos cinzentos de aço de Radisson foi substituído instantaneamente por uma raiva tão fria que a deixou arrepiada.

— Percy, ela não sabe o que está dizendo. Você sabe o que fazer. — Ele estalou os dedos e, de repente, Percy estava ao lado dela, ainda corando, mas segurando seu braço com determinação.

— Deixe-me ir! — O choque de ver seu futuro marido estava desaparecendo e Krisa começou a sentir o pânico sobrepor ao sentimento de humilhação. Se eles me levarem embora, de volta para Prime... Se eles machucarem Teague... Ela puxou o braço que Percy estava segurando, mas ele a segurou com firmeza, não se afastando uma polegada apesar de seu constrangimento óbvio.

— Eu sinto muito, Krisa. — Disse ele, enquanto ela sentia uma súbita dor em seu braço. Olhou para baixo e viu um injetor de aparência perversa na outra mão, as pequenas e múltiplas agulhas gotejando com algum líquido claro que também escorria pelo braço dela. — Eu me culpo. — Percy disse em voz baixa.

— Eu sinto o mesmo. — Lorde Radisson zombou brevemente e depois se virou para Sarskin. — Sua virgindade obviamente desapareceu, senhor. O preço que nós concordamos acaba de ser reduzido pela metade.

Krisa olhou com os olhos arregalados e incompreensivos para o gorducho Drusiniano. Teague dissera-lhe que havia extraído a promessa de Sarskin de cuidar dela para que não sofresse danos. Um druso não conseguia quebrar sua palavra, então como ...?

— Você. — Ela falou arrastado. A sala em tom pastel estava ficando

confusa e ela estava começando a se sentir decididamente tonta, mas fez um esforço especial para se concentrar na grande forma vestida de seda brilhante e brocado na frente dela. — Como você pôde fazer isto? M… Teague salvou Ziba… seu filho… Ele não matou você. Você e eu ... em dívida com ele.

— Mas é claro, minha querida. — Sarskin ronronou suavemente. — Percy, talvez seja melhor deixá-la sentar. — Percy colocou um lençol em volta de seus ombros e sentou-a na beira da cama, antes de voltar para Lorde Radisson, que tinha começado a latir ordens em um ritmo alarmante. A sala continuou a entrar e sair de foco. Krisa se concentrou ferozmente em ficar alerta.

— Como? — Ela olhou para a bolha colorida. — Por quê?

— Estou supondo que você quer saber como eu fui capaz de quebrar a minha palavra e trazer o bom Lorde Radisson aqui, Miss Elyison. — Sarskin curvou-se graciosamente e usou o gesto como uma desculpa para ter certeza de que Lorde Radisson estava ocupado ditando comandos para Percy, que estava rabiscando o mais rápido que podia com uma caneta de luz em um tablete.

— O fato é que eu não quebrei a minha palavra. — Disse o druso, voltando-se para ela. — Prometi ao meu querido amigo Teague que cuidaria da sua segurança e conforto. Mas onde na galáxia você poderia estar mais confortável e segura do que com seu legítimo marido em Prime? Lembre-se da nossa conversa no meu jardim ontem e verá que é onde nos dois concordamos que você pertence. Eu nunca teria iniciado o telefonema que trouxe o seu Lorde Radisson aqui se nós não tivéssemos falado sobre isso.

Krisa começou a negar e depois se lembrou com uma horrível clareza de que Sarskin dissera algo sobre o melhor lugar para ela estar era em Prime. E concordara com ele, distraída com seus próprios pensamentos e educada demais para discordar. Tinha, sem querer, lhe dado permissão para arruinar a vida dela e a de Teague? Ela queria gritar, mas sua língua parecia não estar mais funcionando.

— Quanto a parte de Teague em todo o processo, devo confessar que é bastante lamentável. — O corpulento Drusiniano balançou a cabeça tristemente, seu pescoço como um tubo gordo de salsicha enquanto girava. — Eu estou, como já disse, muito endividado com ele. Mas enquanto prometi a ele um navio, não prometi que não haveria um batalhão do Royal Space Corps para interceptá-lo na metade do caminho. Assegurei a promessa do Lorde Radisson de que a morte do meu antigo companheiro de navio será ao mesmo tempo veloz e, tanto quanto possível, indolor.

Sua morte? Doce Deusa, não! Confusa, Krisa balançou a cabeça, sentindo como se estivesse se movendo debaixo d'água.

— Ah, sim. — Continuou Sarskin, como se tivesse falado em voz alta. — Devo muito a Teague por preservar a vida de meu filho, mas temo que não haja nada que eu possa fazer para salvá-lo. O Lorde Radisson praticamente insistiu em ter o homem com quem você tinha estado. E ele oferecia uma recompensa tão substancial por informações que levassem à sua captura, bem, se você entendesse a natureza Drusiniana, minha querida, veria que não havia mais nada que eu pudesse fazer. — Seu rosto gordo se contorceu em uma expressão que era para parecer triste, mas parecia muito mais predatória para a visão confusa de Krisa.

— Além disso, com meu velho amigo falecido, todas as minhas promessas a ele serão anuladas. Certamente você pode ver a liberdade que me proporciona.

— S-ss... — Krisa parecia uma cobra movendo a língua, sua boca parecia ser feita de chumbo. Finalmente conseguiu pronunciar uma palavra. — Escravos. — Ela sussurrou. Com Teague morto, não havia nada que impedisse o Drusiniano de escravizar mulheres de todas as tribos Yss circundantes. O pensamento daquelas belas e esbeltas mulheres verdes condenadas a uma vida de subjugação sexual e escravidão pela cobiça de um homem a deixou doente. Krisa queria cuspir em Sarskin, mas estava certa de que sua boca não iria

cooperar. Em vez disso, se forçou a dizer mais uma palavra.

— Sss-doente. — Ela olhou para Sarskin tão bem quanto podia, com os músculos faciais que pareciam borracha. Tudo na sala parecia estar ficando mais escuro, menos substancial.

— Claro que você está, minha querida, como eu mesmo estou. É uma ocorrência muito lamentável. Teague, claro, será deixado de lado por nós dois. — Disse Sarskin, interpretando-a deliberadamente. Ele olhou para trás. Aparentemente Lorde Radisson estava dando ordens a Percy, pois Sarskin se aproximou por um momento.

— Eu disse a Lorde Radisson como você foi sequestrada e forçada a se comportar de maneiras que normalmente nunca faria para preservar sua vida. Ele acha que você era uma vítima involuntária nos jogos do Teague. Se é tão inteligente quanto eu sei que é, vai manter minha pequena ficção. Foi o melhor que pude fazer por você. — Ele lhe deu um olhar de advertência e depois sua expressão se suavizou. — Eu realmente gosto de você, sabe. Acredito que você é a primeira pessoa civilizada que conheci desde o meu exílio auto imposto neste pequeno mundo desagradável. Pode não ver agora, mas estará muito melhor no Prime.

Krisa balançou a cabeça em movimentos lentos e exagerados de negação. O ar ao redor dela parecia espesso, como mel ou algum tipo de xarope e não achava que pudesse manter os olhos abertos por muito mais tempo. — E-er-errado — Ela finalmente conseguiu.

— Você pode pensar assim agora, minha querida — Começou Sarskin e depois tudo ficou preto.

Capítulo Vinte e Seis

— ... disse, acorde-a. Eu quero que ela ouça isso. Temos visualização? — As palavras eram confusas, indistintas. Um zumbido baixo no fundo de sua mente. Essa voz deveria ser importante.

Por quê?

Havia uma dor pungente em seu braço e Krisa instantaneamente e dolorosamente ficou alerta. Sua cabeça latejava e em seus olhos, pareciam que a lubrificação natural em suas órbitas havia sido substituída por areia.

— Vamos lá, minha querida. — Era Percy ao seu lado novamente. Ele estava batendo na mão dela, que estava amarrada a uma superfície macia. Krisa virou a cabeça, não querendo ver seu rosto sorridente. Ela estava vestida e dentro de uma nave de algum tipo. Não era apenas a mão dela que estava contida - todo o seu corpo estava amarrado em um luxuoso sofá, estofado em um material fino de veludo cinza. O navio inteiro, até onde podia ver, parecia decorado em tons de cinza e marrom escuro, uma imagem de elegância discreta.

Perto da frente do pequeno navio ela podia ver a figura alta e rígida de Lorde Radisson.

Ele estava se inclinando e latindo para o que deve ser o piloto, que estava sentado nos controles.

— Nós temos uma visualização? — Ele estava perguntando impacientemente, inclinando-se mais sobre o ombro do piloto e olhando para uma tela grande que estava mostrando apenas uma estática acinzentada.

— Lamentavelmente, meu Senhor, apenas áudio. A vegetação densa deve estar interrompendo nossos sinais visuais.

— Não importa, o áudio terá que servir então. — Lorde Radisson levantou a voz, dirigindo-se à tela. — Humphreys, você pode me ouvir?

Houve um estalo, uma voz distante disse: — Sim, meu Senhor. Ouvindo alto e claro.

— Você o pegou? — Lorde Radisson se aproximou até que seu nariz comprido e estreito quase roçou a tela. Krisa teve um momento de irrealidade, quando achou que era melhor tomar cuidado, ou ele poderia cair e ser sugado pelo campo cinza da estática. Então entendeu o significado de suas palavras.

Teague, minha Deusa, eles o pegaram.

— Eu digo, você o tem?

— Bem aqui, meu senhor. — Houve algum murmúrio indistinto no fundo e a voz disse: — O que? Não pode nos ver? — E então mais alto: — Eu tenho o grande bruto aqui ao meu lado algemado, Lorde Radisson. Todos os sistemas funcionam.

— Não importa a sua linguagem, idiota. — Lorde Radisson parecia impaciente. Ele se virou para Percy por um momento. — Ela está acordada? — Então ele olhou para Krisa e seu rosto endureceu.

— Bom, eu vejo que ela está.

— Senhor? Lorde Radisson? — A voz estridente e estática foi subitamente interrompida por um tom baixo e rosnado.

— Eu disse, tire suas mãos de mim se você não quer perder uma.

O coração de Krisa afundou. Não havia como duvidar daquela voz.

— É ele? — Lorde Radisson perguntou.

— É ele. — Confirmou a outra voz.

— Krisa? Você pode me ouvir? — Era Teague novamente.

Krisa se esforçou para se sentar, mas as alças que a seguravam no sofá de bom gosto e cinza tornaram isso impossível. — Teague! — Ela gritou, tentando fazer sua voz ser ouvida do outro lado da sala. — Teague, corra. Eles vão te matar!

— Krisa? — Ela não podia dizer se ele a ouviu ou não.

— Eu te amo! — Gritou, não se importando que o rosto de Lorde Radisson tivesse ficado tão frio quanto um iceberg.

— Você não pode calá-la? — Ele sussurrou para Percy, que já estava lutando para colocar a mão sobre sua boca. Krisa torceu a cabeça violentamente para evitá-lo, mas ele a pegou de qualquer maneira.

— Fique quieta, Krisa. Você está apenas piorando as coisas para si mesma! — Percy parecia estar ficando vermelho com o esforço de mantê-la quieta.

— Espere, querida! Eu estou indo para você, eu prometo.

— Isso já é o suficiente. — A voz de Lorde Radisson rachou com raiva pela cabine da pequena nave. — Humphreys, faça isso. Atire nele!

Krisa lutou descontroladamente e mordeu a mão em sua boca o mais forte que pôde. Percy gritou e puxou a palma ferida para longe. — Não! —Ela gritou. — Teague!

— Faça isso. — Lorde Radisson insistiu. — Humphreys, faça de uma vez. Eu ordeno!

— Sim, meu L... — Houve o estalo de uma arma laser sendo descarregada e, em seguida, um silêncio repentino.

— Meu Senhor, parece que perdemos a conexão. — Disse o piloto sem

emoção.

— Não importa, não importa. — Lorde Radisson parecia satisfeito agora, quase presunçoso. Ele juntou as mãos, como se tivesse matado ele mesmo e fosse um trabalho bem feito. — Ouvimos tudo o que precisávamos ouvir, não é, minha querida?

— Você... — Krisa estava atordoada. Um único pensamento continuou correndo em sua mente. Eu nem sei se ele me ouviu. Nem sei se Teague me ouviu dizer que eu o amo.

Krisa nunca realmente odiara alguém antes, nem mesmo seu pai quando ele insistiu que ela fosse para Briar Rose sob causa dos protestos de sua mãe. Mas agora a emoção que sentia dentro dela estava em brasa, uma raiva tão vívida quanto a agonia que experimentara quando Teague retirou seu chip. Lorde Radisson tinha acabado de executar o único homem que já amara e ele tinha a arrogância de ficar ali com aquela expressão presunçosa e satisfeita em seu rosto frio e parecer satisfeito com isso.

— Eu vou... Você... — Algumas das melhores palavras de Teague subiram aos seus lábios e Krisa colocou seu novo vocabulário em bom uso. Os olhos de Percy se arregalaram com sua linguagem vulgar e ele apertou a palma da mão sobre a boca dela, balançando a cabeça em negação.

Lorde Radisson simplesmente a encarou, um olhar de desgosto crescendo em suas feições frias.

— Acho que esperei oito anos e paguei quatrocentos mil créditos por isso. — Ele murmurou.

— Meu Senhor… os efeitos da droga. Tenho certeza de que ela não sabe o que está dizendo.

Percy balbuciou, mantendo a mão apertada firmemente sobre a boca de

Krisa.

— Oh, ela sabe o que está dizendo, tudo bem Percy. Uma vida de boa criação foi eliminada em um mês ou ela sempre foi assim, uma boca suja?

— Meu Senhor, garanto-lhe, que não. — Percy protestou. Krisa tentou mordê-lo novamente, mas ele tirou o injetor do bolso e já havia a conhecida sensação de ardor no braço dela. O mundo começou a ficar confuso e Krisa sentiu-se começando a flutuar apesar de sua raiva e tristeza.

Lorde Radisson franziu a testa. — Não importa de qualquer maneira, você a descartará quando voltarmos para Prime. Do jeito que ela está agora e sem sua virgindade, Krisa é inútil para mim.

— Mas meu Lorde, pense no que as pessoas vão dizer, as fofocas rolarão sozinhas... — A voz de Percy subiu para um guincho positivo. — Com o condicionamento adequado ... ninguém precisa saber que ela não foi salva do crio-sono da mesma forma que o resto de nós da Princesa Estelar.

— Com outro chip, talvez um mais avançado desta vez ...

— Você pode ter razão, Percy. Eu vou ser motivo de riso se alguém descobrir a verdade. — Radisson fez uma careta, parecendo uma mancha cinzenta e irritada com a visão distorcida pela droga injetada em Krisa.

— Mas outro chip, por mais avançado que seja, não é a resposta. Não, acho que uma limpeza completa da memória está em ordem. Um implante neural deve fazer bem o truque. Entre em contato com meu cirurgião no minuto em que fizermos a órbita em torno de Prime e nos certificaremos de que ele compreende a necessidade de discrição.

— Um implante neural? Mas Lorde Radisson, os perigos. Houve rumores de… complicações.

— Você acha que eu dou a mínima, Percy? Se eu quiser manter a aparência

como você sugere, prefiro me casar com uma idiota bonita do que essa coisa delirante com uma boca suja. — Ele sacudiu o queixo com raiva na direção de Krisa. — Apenas faça, e eu não quero ouvir mais nada sobre isso. — Ele saiu de sua linha de visão, aparentemente se dirigindo para um dos outros sofás de pelúcia cinza.

A sala estava entrando e saindo de foco de forma alarmante. Krisa sabia que a droga estava prestes a levá-la para baixo, não importa o quanto tentasse lutar contra isso. Ouviu a voz plana e sem emoção do piloto, pedindo a todos que colocassem o cinto de segurança para a explosão da saída. Eles estavam indo para Lynix Prime, onde sua memória seria limpa.

Ela teve uma lembrança breve e vívida de ajudar a espanar a larga e importada mesa de madeira de mogno em Briar Rose, como punição por fugir do dormitório à noite.

— Tudo, tenham certeza de que cada partícula de poeira, cada impressão digital será removida, meninas. Eu quero ver meu rosto brilhando na madeira quando vocês terminarem. — Madame Wisk, a governanta, tinha sido bastante inflexível de que ela e as outras meninas que estavam detidas fizessem o trabalho direito.

Agora ela seria limpa de sua memória e personalidade, se tornaria uma superfície refletiva em branco na qual Lorde Radisson poderia se ver.

Tudo bem, faça. Se o Teague está morto, então não há nada para eu lembrar de qualquer maneira. O pensamento a seguiu até a escuridão.

Capítulo Vinte e Sete

— Krisa. — O homem tinha olhos prateados e brilhantes em um rosto escuro e ameaçador. Ele levantou a mão e segurou sua bochecha na palma da mão. Sua pele estava tão quente ...

— Krisa. — Ele disse novamente. Havia profunda tristeza, um desejo em sua voz que fez suas pálpebras picarem com lágrimas não derramadas. Tinha a sensação de que deveria conhecê-lo, que ele era importante para ela de alguma forma. Mas por quê? Por quê?

— Krisa. — Disse uma terceira vez. Seu nome, o nome do estranho homem de olhos prateados, estava na ponta da língua, estava tão perto quanto a palma quente em sua bochecha, mas ela não podia ... bem ... lembrar .... Havia uma dor aguda e ardente em suas têmporas.

***

— Perla! Perla! — Ela acordou com lágrimas nos olhos, a cabeça latejando. Sua enfermeira estava lá imediatamente, seu rosto gentil e enrugado cheio de preocupação.

— Sim, meu amor? Era o sonho de novo? — Ela se sentou ao lado do luxuoso sofá de cetim de Krisa e pegou uma de suas mãos. Seu toque era frio e gracioso, sua pele tão desgastada pela idade que era tão suave quanto a de um bebê.

Krisa suspirou de alívio. — Sim, o mesmo. O homem com olhos prateados - ele me conhece, mas eu não o conheço, mesmo achando que deveria. E Perla, ele parece tão triste. O que isso significa?

— Bem, agora é apenas um sonho, meu amor. Na maioria das vezes eles

não significam nada, então não se preocupe. — Perla deu uma tapinha tranquilizador em sua mão e enxugou os olhos de Krisa com um dos lenços cheirosos que ela sempre parecia ter à mão quando Krisa precisava de um. — Já é de manhã, está na hora de levantar. Você não quer ser uma lesma hoje, pois o senhorio pediu que você tome café da manhã com ele. Agora, não está bem?

O rosto enrugado de Perla brilhava com o elogio ao seu encargo. O Lorde Radisson não costumava solicitar a presença de Krisa em qualquer lugar.

— Isso é ... maravilhoso. — Krisa disse, esforçando-se para mostrar a emoção e o entusiasmo que sabia que Perla esperava. Lorde Radisson era responsável por todas as coisas boas da vida dela. Suas roupas adoráveis, a elegante capa azul que ela usava nas compras e para ir a qualquer lugar que gostasse, o belo quarto feito de sedas e cetins rosa escuro, tudo importado da Velha Terra - tudo vinha dele. E, no entanto, de alguma forma, Krisa não conseguia gostar muito do homem, embora Perla a lembrasse constantemente de sua generosidade.

Toda vez que Lorde Radisson pedia sua presença, Perla ficava tão excitada que a velha enfermeira gostava de mexer em cada detalhe de sua aparência. Krisa não se importava com Lorde Radisson como sabia que deveria, mas gostava muito da enfermeira. Pelo bem de Perla, tentou fingir que estava entusiasmada com a perspectiva de comer a primeira refeição do dia com o homem frio e silencioso que sempre a observava como se ela fosse um cachorro que pudesse pular nele e mordê-lo a qualquer momento.

— Bem, então, o que vestir? — Perla prontamente pulou do sofá forrado de cetim e foi até o grande closet, em um canto do espaçoso quarto, onde todas as melhores roupas de Krisa estavam guardadas. Perla tinha sido enfermeira de Lorde Radisson quando criança e ele não poupou gastos com tratamentos de rejuvenescimento para mantê-la saudável e vital, então ela se moveu surpreendentemente rápido para uma mulher em seu segundo século.

Krisa suspirou e resignou-se a levantar e encarar outro dia. Deixou de lado as cortinas de seda rosa que pendiam ao redor de seu sofá, formando um casulo confortável para ela no quarto cavernoso à noite.

Outro dia e ainda todos os dias aqui, na vasta e bela casa de Lynix Prime, parecia o mesmo. Krisa se levantava, tomava banho, comia, comprava ou não qualquer coisa que a atraísse. Às vezes vagava pelos extensos jardins com sua exuberante grama roxa ou brincava com alguns dos divertidos animais de estimação que Lorde Radisson importara da Terra Antiga, só para ela. À noite jantava, sempre o melhor da cozinha e às vezes Lorde Radisson a chamava para a biblioteca para se sentar junto à lareira em seus pés enquanto lia. Krisa olhava para o fogo e Lorde Radisson olhava para ela, sempre com aquele mesmo olhar, aquele olhar cauteloso e vigilante como se ele estivesse se perguntando se podia confiar nela ou não.

Krisa suspirou de novo, fazendo desenhos sem rumo no tapete rosa e sedoso com os dedos dos pés. Parecia tão macio, quase tão macio quanto o pelo de uma ... Krisa franziu a testa. A pelo de um quê?

Nenhum dos animais de estimação que Lorde Radisson havia conseguido para ela tinha pelo macio. Krisa assinalou em sua cabeça.

Havia um pônei cinza que ela montava às vezes, com uma crina longa e grossa, belos peixes que enchiam a lagoa perto de sua janela com flashes de ouro, laranja e azul, um pássaro divertido com longas penas brancas que podia falar e se sentava no ombro dela de vez em quando. Mas ela não tinha visto um animal, ou conhecido alguém que tivesse, que fosse pequeno e suave, com uma voz alta e tagarelante?

Krisa estremeceu com a dor aguda em suas têmporas. *Por que não consigo me lembrar? Por que dói quando eu tento?*

— Perla. — Ela chamou, ainda desenhando padrões no tapete com os dedos

dos pés. — Qual é o nome daquele pequeno animal - você sabe o que é - ele cabe na pala da mão e parece um pouco como um pó de arroz? — Ela estendeu a mão distraidamente para massagear suas têmporas doloridas.

— Parece um animal de sonhos, meu amor. Um bichinho engraçado que você pode brincar enquanto dorme. — A cabeça cinzenta de Perla estava enterrada entre os vestidos enquanto ela vasculhava a parte inferior do armário, procurando os chinelos que combinavam com o vestido de seda verde-maçã que tinha escolhido para Krisa usar. — E é hora de tirar a cabeça das nuvens e vir se vestir. — Acrescentou com firmeza. — Eu já coloquei suas meias e cinta.

Suspirando, Krisa foi.

O tilintar dos talheres na porcelana fina parecia quase ensurdecedor no silêncio da sala de jantar cavernosa com o teto curvado e o chão de mármore. Krisa teve a impressão de que poderia se lembrar de outro quarto como aquele, mas naquela sala não havia mesa nem cadeiras. As pessoas sentavam no chão. Ela balançou a cabeça, tentando pensar além da dor que acompanhava tais pensamentos. Sentar no chão? Isso não fazia nenhum sentido. E ainda assim ... Krisa largou a faca e o garfo e fechou os olhos, esfregando os dedos nas laterais da cabeça dolorida. Flashes de rostos pálidos e estreitos, olhos alienígenas. Uma delas era minha amiga. Ela me deu um banho em sua panela. Krisa franziu a testa. Isso é louco.

— O que você está pensando? — A voz dura e seca de Lorde Radisson a surpreendeu, abriu os olhos e colocou as mãos no colo. Ele estava a olhando com a mesma expressão atenta em seu rosto pálido e severo, dando-lhe um olhar que parecia ver através dela de alguma forma. Krisa se sentiu envergonhada, embora não soubesse por quê.

— Eu-eu estava pensando que o dia está lindo. — Ela gaguejou. De alguma forma, não parecia sábio dizer a esse homem severo seus pensamentos reais.

Lorde Radisson olhou para ela longa e duramente através da superfície brilhante da mesa. Ele estava vestindo um terno preto severamente costurado e seu cabelo e cavanhaque recém aparados. Krisa se contorceu sob os implacáveis olhos cinzentos, imaginando o que ele via quando a olhava daquele jeito.

— Venha cá, criança. — Disse ele finalmente, fazendo-a andar em volta da mesa e ficar na frente dele. Krisa fez isso imediatamente, embora não houvesse quase nada que ela pudesse pensar que queria fazer menos.

— Sim, meu senhor? — Disse Krisa, incerta, olhando fixamente para o nariz pontudo e bicudo. Era um truque que aprendeu em algum lugar - olhar diretamente para o nariz de alguém, faz parecer que você está olhando nos olhos deles, quando não está. É um truque útil quando se está em apuros e precisa convencer alguém de como você está arrependida. Onde ela aprendeu isso? Costumava haver um lugar cheio de garotas. Garotas que gostam de mim ... esperando ... por quê? Sua cabeça doía.

— Perla me diz que você tem sonhos ruins às vezes. Pesadelos. — Lorde Radisson disse abruptamente, quebrando seus pensamentos e jogando-a em confusão.

— Eu-eu faço às vezes. — Krisa tropeçou, sentindo-se desconfortável. O apertado espartilho que usava dificultava a respiração. Ela teve um desejo súbito e irracional de arrancá-lo, mas suprimiu o desejo pouco feminino.

— Ela diz que você acorda chorando. Diga-me, garota, o que você sonha? — Ele estendeu a mão e segurou seu queixo com firmeza, forçando seu rosto para baixo para que ele pudesse olhar fixamente nos olhos dela.

Krisa olhou para as profundezas geladas e tentou não piscar. A respiração do Lorde Radisson estava pesada com o amargo odor de sua bebida matinal de cafeína. Instintivamente, ela sabia que não devia contar a ele sobre seus sonhos com o homem de olhos prateados, mas como sabia disso não estava claro. Mas,

quanto Perla disse?

— Bem? — Ele ainda estava olhando-a ferozmente.

— Eu-eu não sei, meu Senhor. — Krisa vacilou, decidindo arriscar uma mentira. — Eu não me lembro muito. Eu acabei de acordar me sentindo terrivelmente triste. É bobo, na verdade. — Ela gesticulou nervosamente com uma mão, na esperança de acalmá-lo. — Quando eu moro em um lugar tão bonito e tenho tudo o que qualquer garota poderia querer.

Lorde Radisson estudou seus olhos por mais um momento e depois soltou bruscamente seu queixo. — Muito bem. — Disse ele finalmente. — Eu suponho que não é culpa sua ter um sonho ruim de vez em quando. Talvez seja hora de esquecer o passado e passar para o futuro.

— Meu Senhor? — Krisa olhou para ele incerta.

— Sim, é hora, especialmente se eu espero produzir um herdeiro. — Ele parecia estar falando mais para si mesmo do que para ela neste momento. E olhou para cima. — Krisa, você vai me atender em meu quarto hoje à noite depois do jantar. — Lorde Radisson estendeu a mão e tocou a manga do vestido de seda verde que ela estava usando. — Use algo ... bonito.

— Meu Senhor. — Krisa fez uma reverência submissa e voltou para a mesa para pegar seu café da manhã. De repente ela não tinha apetite. Sentiu, de fato, como se alguém tivesse jogado um grande pedaço de gelo em sua barriga. No fundo de seu cérebro, uma voz baixa e rosnante falou. "*O preço de todas essas coisas bonitas virá, garotinha*." A quem pertence a voz e por que as palavras enviaram um arrepio desamparado ao longo de sua espinha e uma pontada de dor em sua cabeça?

— Sua senhoria me disse que você irá atendê-lo hoje à noite. — Perla estava claramente borbulhando de felicidade com a notícia maravilhosa.

— Sim. — Disse Krisa e depois não conseguiu pensar em mais nada para dizer. Por alguma razão, seus pensamentos continuaram voltando ao homem em seu sonho - o homem com olhos prateados e mãos quentes. Como seria "*atender*" a Lorde Radisson? Supôs que descobriria hoje à noite.

— Bem, vamos lá. — Perla fez um gesto impaciente para a cadeira com a almofada cor-de-rosa que estava na frente de um espelho antiquado. Krisa teria preferido um holo-visualizador, mas o espelho era uma antiguidade valiosa e Perla tinha tentado impressiona-la com o quanto era afortunada por Lorde Radisson se importar com ela o suficiente para colocá-lo em seu quarto.

Krisa caiu na almofada e olhou para a garota de olhos ocos no espelho. Suas bochechas eram muito finas, apesar dos ricos alimentos servidos diariamente na casa grande e sua pele era muito pálida. Pareceu-lhe que, quando começou a se olhar no espelho, sua pele era de um tom bronzeado e suas bochechas cor-de-rosa, mas isso se desvaneceu com o tempo. Costumava haver marcas também, nas laterais do pescoço dela ... não tinha? Ela se lembrava vagamente delas, mas não conseguia lembrar quanto tempo levaram para desaparecer.

Os dias pareciam se encontrar, cheios de rotina e mesmice, era impossível saber quanto tempo estava na casa grande. Ela tinha uma vaga ideia de que nem sempre vivera aqui, mas quando tentava explorá-lo, sua cabeça doía e sua mente se desviava em outra direção. Frequentemente se via pensando em outra coisa, como sair para brincar com o pônei cinza ou contar os peixes na lagoa. Era terrivelmente frustrante.

— Agora, como vamos pentear seu cabelo hoje à noite? — Perla passou por trás dela, colocando grampos de cabelo com joias e pentes de ouro e prata.

De repente, Krisa sentiu como se fosse explodir. — Nós ainda temos que nos preocupar com o meu cabelo? — Ela perguntou. — Afinal, o jantar ainda vai demorar horas e eu deveria ... sair e fazer algumas compras, encontrar algo

bonito para vestir. — Esperava que sua antiga enfermeira não visse o arrepio que passou por ela quando disse isso.

— Bem, agora, acho uma ótima ideia. Só me deixe pegar minha sacola e vamos embora. — Perla deu uma tapinha nos seus ombros e se virou para sair.

— Perla, espere. Eu não poderia ir sozinha? Só desta vez? — Krisa implorou. Por mais que gostasse da velha enfermeira, ansiava por sair de casa sem acompanhante. Parecia-lhe que, se pudesse ficar completamente sozinha, pela primeira vez, poderia pensar.

— Bem, penso que não poderia doer apenas uma vez. Quer comprar algo especial, suponho, e você está se sentindo tímida. — A velha enfermeira riu. — Veja você, meu amor, não há nada que possa comprar que chocaria a velha Perla, mas se precisa de um pouco de privacidade, basta pegar o hovercoach[7] e não se esqueça de ficar na área comercial restrita. Hoje são os dez dias, então todos os vendedores sairão com suas mercadorias, mas lembre-se de ficar longe do Grande Mercado, ninguém além do lixo comum vai para lá. Tudo bem?

— Eu prometo. — Disse Krisa com alívio. — Eu não vou colocar um dedo fora da linha. Obrigado Perla.

— Oh, vá em frente. — Sua enfermeira fez um gesto de enxotar. — Só não se esqueça que deve estar de volta a tempo de se aprontar corretamente. Não faria bem manter Lorde Radisson esperando.

— Não ... não, não faria. — Krisa sentiu o frio horrível e gelado na boca de sua barriga novamente.

— Não se preocupe, Perla. Eu voltarei com bastante tempo.

* * * * *

O hovercoach azul esfumaçado zumbia silenciosamente pelas ruas de Centaurea, indo para as lojas restritas onde apenas pessoas com um certo limite

de crédito podiam entrar.

O distrito ficou famoso em todo o Lynix Prime por suas múltiplas medidas de segurança. Mais seguro do que o seu próprio quintal! — Proclamou um holoposter largo, enrolado, com uma flecha apontando o caminho.

Krisa suspirou e afundou de volta no estofamento de pelúcia, observando o mundo se desenrolar além das janelas escurecidas do hovercoach. Centaurea era uma cidade muito moderna, as ruas dispostas de forma ordenada, todas exceto o antigo distrito do canal, onde ficava a Praça Central. Krisa nunca tinha estado lá, mas tinha ouvido Perla falar com bastante frequência, em como eram vulgares e comuns as pessoas que viviam e faziam compras lá. De hoje aos dez dias, o bairro do canal estaria lotado, cheio de pessoas vendendo seus produtos, gente comum comprando, crianças com caras pegajosas chorando…

De repente, apesar de sua promessa a Perla, ela queria ir ao Grande Mercado mais do que tudo. Ela já tinha tantas "*coisas bonitas*" quanto precisava usar. Talvez pudesse conseguir outra coisa. Talvez algumas… flores? A ideia parecia certa de uma forma que ela não conseguia explicar para si mesma.

— Treinador. — Ela disse em voz alta. — Mude o destino.

O hovercoach puxou para o lado da estrada em um movimento suave. — Novo destino, Senhora Krisa? — Uma voz suave e sem sexo perguntou.

— O distrito do canal. Eu quero ir ao Grande Mercado na Praça Central.

— Negativa, Senhora Krisa. Você não está autorizado a ir a áreas perigosas sem supervisão. A senhora Perla ou o Lorde Radisson devem acompanhá-la e nenhum dos dois está presente.

— Tudo bem, eu vou andando. — Krisa puxou o trinco da porta mais próxima a ela, mas não abriu. Puxou com mais força. — Deixe-me sair!

— Negativo. — Disse a voz suave e assexuada do hovercoach novamente.

— Sinto muito, Senhora Krisa, mas não posso permitir que saia para um destino tão inseguro. Seria contra as ordens do Lorde Radisson.

Krisa pensou muito. O antigo bairro dos canais não estava tão longe da zona restrita, pelo menos achava que não. De qualquer forma, ambos estavam no centro da cidade. Ela deixava o hovercoach levá-la ao seu destino original e depois caminharia de lá. Dessa forma, se alguém viesse procurá-la, o diário do hovercoach mostraria que havia ido exatamente para onde tinha dito a Perla que estava indo. Não lhe ocorreu perguntar por que alguém deveria procurá-la ou por que seu capricho repentino de comprar flores no Grande Mercado agora parecia de vital importância. Só sabia que tinha que chegar lá.

— Dirija para a área restrita. — Disse ao hovercoach. Ela tocou a pequena pulseira de prata que a ligava ao mecanismo. — Deixe-me na primeira loja e leve-se ao armazenamento. Eu vou sinalizar quando precisar de você.

— Muito bem, senhora Krisa. — O treinador retomou seu movimento suave. O mais discretamente possível, Krisa tirou a fina pulseira do braço e enfiou-a entre as almofadas forradas de veludo.

— Com licença, você poderia me ajudar, estou procurando o Grande M

Os centauranos deram um olhar desconfiado ao vestido de seda verde-maçã e seguiram apressadamente, sem parar para responder às suas perguntas. Krisa suspirou e se arrastou, com o sol brilhante do Prime batendo em sua cabeça como um pesado martelo dourado.

Encontrar a Praça Central estava se mostrando mais difícil do que pensava e ninguém a olhava ou falava com ela por causa das roupas ridiculamente ricas que usava. Havia tirado há muito tempo as joias de esmeralda que combinavam com o vestido e enfiou-as no bolso interno de sua capa, esperando não atrair o tipo errado de atenção. Agora caminhava com dificuldade, com os pés doendo nas finas sandálias, na calçada áspera das ruas estreitas, tentando seguir pessoas

que pareciam ter negócios no mercado.

Pior do que a dor nos pés era a batida em suas têmporas. *Uma tenda de flor… No lado oeste do mercado ... Mulher de cabelos ruivos ... Rosas azuis ...* Krisa conhecia aquela voz - aquela que dava direções fragmentadas dentro de seu crânio dolorido – a voz pertencia ao homem de olhos prateados. Mas o que isso significa? E por que a cabeça dela doía tão ferozmente quando se lembrava de outro fragmento de informação?

Por fim chegou a um alto portão de pedra e no interior havia uma imensa praça, repleta de pessoas de todas as descrições. As vozes eram altas, clientes regateando preços e vendedores exaltando as virtudes de seus produtos. Certamente era isso. Com alívio, Krisa caminhou sob o enorme arco de pedra e entrou na multidão.

— Lado Oeste. — Ela murmurou para si mesma. — Qual lado é o Oeste? — Então se lembrou das letras de pedra inscritas no arco de pedra. "*Portão norte*" tinha dito. Ela virou à esquerda, empurrando multidões de pessoas. Depois de seu tempo na Casa Grande com apenas Perla e Lorde Radisson por companhia, a pressão dos corpos, o barulho da multidão e o fedor de carne suja, eram quase demais, mas Krisa prendeu a respiração e tentou não se concentrar na dor de cabeça.

Então ela viu. *Lá! Lá está*! Ao lado de um pequeno carrinho de madeira que vendia massa frita, havia uma tenda cheia de flores de cores vivas e, ao lado, uma mulher alta e ruiva. Ela estava de costas para Krisa e estava inclinada para cuidar de algumas flores. Krisa se apressou para a frente avidamente, passando por uma criança com o rosto coberto de mel e pessoas se alinhando no outro carrinho com cheiro oleoso. Ela estava pronta para tocar a ruiva no ombro e as palavras, rosas azuis Rigellian estavam na ponta da língua.

— Ei senhorita. Agora. O que uma coisa bonita como você faz vagando por aí perdida no Grande Mercado? — Uma mão pesada caiu sobre seu ombro e

antes que ela pudesse emitir um grito abafado, uma enorme palma suja estava apertada sobre sua boca e estava sendo arrastada para longe.

* * * * *

— ... eu vou! — Krisa ofegou quando a palma imunda finalmente soltou sua boca.

Quem quer que a tivesse agarrado, arrastou-a para longe da tenda de flores e para um canto sombrio e escuro do mercado, por um beco sem saída e em uma esquina que parecia estar deserta. Ela se virou para encarar seu agressor, desejando algum tipo de arma. Existia uma lembrança sombria de lutar com alguém uma vez com um grampo de cabelo, mas seu longo cabelo estava confinado em uma rede hoje, coberto de delicadas sementes peroladas.

O homem que bloqueava sua saída do beco era grande e sujo, com o nariz achatado e cabelos lisos e oleosos, grudados no couro cabeludo. Olhos estreitos e amarelos olhavam para ela com diversão e alguma outra emoção que não queria pensar.

— Bem, agora se você não é a coisinha mais linda que eu já vi. — Ele balbuciou suavemente, dando um passo em direção a ela.

Krisa se encolheu contra a parede de pedra atrás dela. "*Por favor*." Ela empurrou uma mão trêmula no bolso de sua capa e tirou o colar de esmeralda e brincos que combinavam com seu vestido. — Isso é tudo que tenho, pegue e me deixe em paz. Por favor!

Os olhos amarelos se arregalaram e o homem sujo pegou as joias cintilantes de sua mão estendida. Ele examinou o tesouro de perto e, em seguida, enfiou-o em um bolso interno do colete rasgado e sujo.

— Isso é bom, meu doce. — Ele sorriu para ela com aprovação e se aproximou. —Muito agradável. Talvez quase tão legal quanto o que você tem

sob este lindo vestido verde. — Ele se aproximou ainda mais, de repente, prendendo-a contra a parede. A respiração que soprava em seu rosto era espessa com o odor de dentes podres. O homem sorriu, revelando alguns tocos enegrecidos, como se para provar de onde vinha o fedor.

— Me deixe em paz! Socorro! — Krisa lutou para fugir, mas ele a tinha presa, pulsos presos em uma mão, as palmas arranhando as pedras ásperas da parede, tirando sangue da carne maltratada.

— Grite tudo que você puder, senhorita. Não há ninguém para te ouvir. — O rosto imundo se refletiu em seus próprios olhos amarelos e os dentes enegrecidos preenchendo sua visão.

— É aí que você está errado. — O homem foi de repente arrancado dela e jogado para um lado do beco. — Saia agora se você quiser viver. — A voz profunda e grave pertencia ao maior homem que Krisa já vira. Ele apareceu nas sombras do beco como um deus negro, seus ombros tão largos quanto o arco de pedra sobre o mercado, seus olhos prateados brilhando de raiva.

Seu agressor deu uma olhada para o feroz estranho e fugiu do beco, levando suas joias de esmeralda com ele, mas Krisa não se importava. Ela só tinha olhos para o homem enorme com os olhos prateados.

— Ei, garotinha. — A voz profunda era surpreendentemente gentil. O homem deu um passo mais perto e Krisa recuou com medo, segurando as mãos feridas contra o peito. Este era o homem em seus sonhos, disso ela não tinha dúvidas. Mas quem era ele e o que ele queria?

— Estou surpreso em encontrá-la aqui sem sequer um prendedor de cabelo para se proteger. — O homem deu outro passo em sua direção e Krisa percebeu que estava encurralada em um canto.

— Não olhe para mim como se você achasse que eu vou te comer. Eu te disse que voltaria por você, não foi?

Ele se abaixou e os olhos prateados se voltaram para os dela. Um almíscar selvagem e aguçado encheu sua cabeça, fazendo cócegas em algum lugar em seu cérebro. Este homem ... ele era ... ele era ... o nome estava na ponta da língua, ela quase podia ouvir em sua cabeça. Se ao menos pudesse pensar além do esfaqueamento, causando dor em suas têmporas!

— Krisa. — O homem enorme a pegou pelos ombros e a sacudiu uma vez. — Krisa, por que você não diz alguma coisa?

— Por favor. — Ela mal reconheceu a voz como dela própria. — Por favor, você está me assustando. Quem é você?

— Quem você acha? — Ele a sacudiu novamente. — Sou eu, Teague.

O nome desencadeou uma onda tão horrível de dor ardente e penetrante que ela não podia mais ver. O homem grande oscilou em sua visão e depois desapareceu, junto com todo o resto, para a escuridão.

Capítulo Vinte e Oito

— ... injetados com nanotecnologia. Formando uma parede neural nos lobos temporais, onde a memória é armazenada. Mas não como um chip, Teague, veja.

Teague ... O nome soava muito familiar para seu cérebro ainda nebuloso, no momento que ela pensou nisto uma dor forte atravessou as têmporas, como um pedaço de vidro sendo cravado.

Krisa engasgou e um pequeno grito fraco escapou de seus lábios.

— Você está bem? — O homem alto de olhos prateados curvou-se sobre ela, fazendo Krisa se encolher de medo. Um olhar de ternura e frustração atravessou o rosto sombrio e ele se afastou.

— Não vou te machucar.

— Não — A outra voz disse, e um homem pequeno de cabelos vermelhos apareceu à vista do outro lado dela. Krisa percebeu que estava deitada em uma sala escura em algum tipo de mesa. Ela tentou sentar-se, mas mãos suaves apertaram as suas costas para baixo. — Não tente mover-se, minha cara. — O homem ruivo com a cara de duende disse suavemente — Apenas tente relaxar e descansar. — E se virou para o homem moreno.

— Como eu estava dizendo, estes nano transmissores são agrupados em torno dos pontos de memória de seu cérebro, ao contrário de um chip. A boa notícia é que não há nenhum dispositivo de rastreamento. A má notícia é que eles são completamente irremovíveis. Olhe aqui o que a CT mostra. — Ele atraiu a atenção do grande homem a um dispositivo que estava segurando. Parecia algum tipo de instrumento médico com uma fileira de controles e uma tela plana

de cerca de três polegadas de diâmetro na parte superior.

— Vê aquelas minúsculas manchas brilhantes na região temporal? Eles estão, na verdade, formando uma parede, impedindo as memórias de chegarem até a parte cognitiva do cérebro. Se alguma coisa passar, ele vem com um preço. Tenho certeza que você se lembra como o pensamento de fuga é doloroso quando você tem um chip alojado no pescoço. Bem, esta jovem senhora terá o mesmo tipo de sensação se ela conseguir se lembrar de algo que o programador que injetou estes transmissores não queria que ela lembrasse. — O homenzinho sacudiu a cabeça — Já ouvi falar de cantos de memória e paredes neurais, mas eu nunca vi um tão complicado. Ela tem sorte que ela pode pensar em algo.

— Mas então ... Tem que haver algo que você possa fazer. Isto é importante, T'lix — O grande homem gesticulou bruscamente, projetando enormes sombras escuras na parede oposta, e Krisa recuou com o movimento repentino.

— Eu sinto muito — O homem ruivo se afastou, colocando, cuidadosamente, o dispositivo portátil em uma bancada que continha uma bagunça de outros instrumentos em sua superfície.

— Mas se o que você me disse é correto, apenas tentando lembrar do seu nome projetou uma dor tão forte que causou um episódio de desmaio. Pense no que você estaria causando à pobre menina, Teague. Eu posso ver que você se sente fortemente atraído por ela e eu tenho certeza que em algum momento ela sentiu o mesmo por você. Mas isso está tudo acabado agora, apagado. — Ele se virou para enfrentar homem sombrio novamente — Se você a ama, a melhor coisa que você pode fazer é devolvê-la a Lorde Radisson para que possa viver uma vida confortável, sem dor.

— Não! — Krisa lutou para se sentar e desta vez quando o grande homem se aproximou para ajudá-la, ela não se encolheu com a proximidade. — Não, por favor — disse ela, olhando do rosto fúnebre de olhos prateados estranhamente

familiar para a carranca preocupada do médico que ele tinha chamado T'lix.

— O que é isso, querida? — O carinho gentil parecia fazer surgir outra memória solta dentro de seu crânio e Krisa estremeceu com a dor. O homem moreno se inclinou sobre ela e ela estendeu a mão para agarrar os lados do colete, saboreando o couro áspero contra as palmas das mãos feridas.

— Por favor — disse ela muito concentrada, tentando pensar além da dor — Por favor, eu não te conheço. Eu não sei quem é, mas sonho com você quase todas as noites. Por favor, não me leve de volta ao Lorde Radisson. Eu odeio estar lá. Seja você quem for, onde quer que você vá ... Me leve com você.

Capítulo Vinte e Nove

A viagem à Alpha Lyrae foi longa porque Teague estava indo devagar, voltando de tempos em tempos e certificando-se de que ninguém os estava seguindo. Ele não estava muito preocupado com isso, como explicou a Krisa. Teague mesmo fora considerado morto, a execução relatada por ninguém menos que Lorde Radisson. A brigada dos Royal Spacers, que teriam feito o trabalho, supostamente se perdeu no espaço, os restos de sua nave foram encontrados em órbita ao redor do Planeta X. Teague explicou que a verdade o que havia sido descoberto eram as peças de reposição que a maioria dos veículos dos Spacers transportavam. Em caso de emergência, eram ejetados pela saída de ar e fritados pelos motores para fazê-los parecer como restos de uma nave explodida.

Krisa não perguntou o que realmente aconteceu com os homens que deveriam ter matado Teague. Seu olhar sombrio foi o suficiente para que ela soubesse que, qualquer um que cruzasse com aquele homem estranho com quem ela decidira ir, principalmente pela força de seus sonhos perturbadores, estaria em apuros.

Embora a neurotecnologia continuasse a bloquear as muitas lembranças que Teague dissera que tinham juntos, pelo menos ela não tinha mais nenhum chip localizador no pescoço dessa vez. Teague especulou que as joias de esmeralda roubadas e os vestígios de suas mãos cheias de seu sangue raspadas na parede de pedra do beco, provavelmente funcionariam a seu favor. Sua esperança era que Lorde Radisson assumisse que estava morta e não se preocupasse em confirmar. Krisa esperava que ele estivesse certo. Ela não se lembrava muito, mas sabia que não gostava do homem frio e grisalho que abandonará em Lynix Prime.

Por mais estranho e ameaçador que Teague fosse, ele a tratou com gentileza e consideração. As vezes ele contava a ela um pouco sobre seu passado juntos,

embora parecesse a fantasia mais exagerada que Krisa pudesse imaginar. Era difícil acreditar que eles tivessem atravessado as selvas de um planeta desconhecido, que enormes animais telepáticos carnívoros os perseguiram, que eles tinham vivido com canibais e uma dúzia de outras coisas que Teague lhe dissera.

Mas ela nunca teve a sensação de que o homem grande estava mentindo e, de vez em quando, algo que ele dizia a ela movimentava uma memória e, com isso, uma terrível dor forte e aguda.

Quando isso acontecia, Teague parava imediatamente e a fazia deitar-se até que a agonia passasse. Então, Krisa teria que persuadir e implorar para que ele voltasse lhe falar sobre o passado.

Teague havia voltado para o lugar em que estiveram hospedados, o lugar de que Lorde Radisson a levara do Planeta X para completar o que ele chamava de "*negócios inacabados*." O olhar em seus olhos prateados quando ele disse isso fez Krisa estremecer por algum motivo. Teague tinha guardado alguns de seus pertences pessoais, incluindo um Certificado de Virgindade rasgado, um longo grampo de cabelo prateado e um holo-vídeo de alguém que ele disse a ela que acreditava ser sua mãe.

No dia em que ele estava ocupado planejando uma nova rota no Nave-Com, Krisa levou o vídeo para seu quarto de dormir, que ficava ao lado do de Teague, e o assistiu.

Ela ativou o aparelho pequeno e gasto e sentou-se em seu colchão, com os joelhos puxados até o queixo e os braços ao redor das pernas, enquanto zumbia para a vida.

De repente, havia um holo 3D da cabeça de uma mulher na frente dela. Krisa percebeu de imediato por que Teague acreditava que essa era sua mãe. A mulher tinha os mesmos olhos castanho chocolate e cabelo castanho

encaracolado que ela tinha. Exceto pelas linhas de cuidado e preocupação ao redor dos olhos cansados e da boca bonita e cheia, Krisa poderia estar olhando para si mesma. A semelhança estava lá, mas Krisa não sentiu nenhuma pontada de reconhecimento na visão.

— Minha querida Krisa — A mulher começou, em uma voz suave e bonita que era apenas um pouco prejudicada pela qualidade áspera da gravação — Você tem doze anos agora, mais da metade do caminho. Em apenas mais oito anos, você atingirá a idade de consentimento e será uma mulher. Espero estar lá para você nesse dia. Eu quero ver você e suas filhas crescerem e se tornarem mulheres bonitas, graciosas e fortes também. Mas ainda não estamos lá, são muitos anos no futuro.

— O que eu quero dizer a você, Krisa, é que mesmo que você ainda seja uma garota, eu já a vejo com todas as qualidades que farão de você uma mulher a ser admirada, uma mulher da qual eu possa me orgulhar. Você é inteligente e atenciosa e não tem medo de ser sua própria pessoa. Krisa, se você não se lembrar de mais nada do que sua mãe já lhe disse, eu quero que você lembre o quanto eu te amo e como estou orgulhosa por ter uma filha tão forte e independente.

Depois disso, o holo piscou e saiu deixando Krisa olhando para o local na colcha onde a cabeça da mulher tinha estado, as palavras da gravação ecoando em sua cabeça. Tão orgulhosa, ela estava tão orgulhosa de mim e eu nem consigo me lembrar dela.

Krisa descansou a testa nos joelhos e chorou por tudo que perdera. Para a memória de sua mãe e seu tempo com Teague, pela grande parte de sua vida que ela não conseguia se lembrar absolutamente e pelas minúsculas peças que conseguiram passar pelo bloqueio neural que vinha com preço da dor cegante em suas têmporas. Pela emoção perdida que acompanhava as memórias perdidas.

Krisa tinha uma ideia de que ela amara Teague uma vez, amara-o com uma

intensidade quente e uma paixão física que era insuperável. Mas isso foi embora agora, deixando-a apenas com um desejo vago que era mais um fantasma de uma emoção do que uma emoção em si.

Eles dormiam em quartos separados na pequena nave, embora ela tivesse certeza de que eles não tinham dormido separadamente no passado. Teague parecia não estar disposto a forçar um relacionamento físico, embora Krisa se virasse às vezes e o pegasse olhando para ela com um desejo que beirava a fome em seus profundos olhos prateados.

Pensando naqueles olhos prateados, tão ilegíveis quando uma segunda camada que os cobria em alguns momentos e tão vulnerável em outros quando ela o pegava olhando-a inesperadamente, Krisa chorava até dormir enrolada em sua cama ...

***

— Krisa — Seus braços estavam abertos e ela foi para ele de bom grado.

— Teague — Ela sussurrou quando ele a puxou para perto e enfiou a sua cabeça sob o seu queixo, uma posição que a fez se sentir maravilhosamente segura. — Por que eu não te conheço mais?

— Não é sua culpa, querida. Não deixe que isso te incomode — Mas a voz profunda estava terrivelmente triste.

— Isso me incomoda. — Krisa se afastou e olhou para cima. — Porque eu quero conhecer você. Do jeito que eu fiz antes e quero que você me conheça. Teague. - Toque-me.

— Você não deveria pedir coisas como essa, garotinha. — A voz profunda se tornou um grunhido baixo e os olhos prateados brilharam. — Você não sabe o que está pedindo, mas vai conseguir mesmo assim, se não for cuidadosa.

— Teague ... Eu não estou com medo. — Krisa fez o seu melhor para se

fazer acreditar. — Eu disse que não estou com medo!

***

— Não tem medo de quê?

Krisa abriu os olhos com um choque de reconhecimento e viu seus olhos pairando acima de sua cabeça como duas luas de prata na penumbra de seu quarto. Teague estava sentado ao lado da cama, olhando-a atentamente. No começo, ela recuou, mas depois se lembrou do sonho. Poderia ser algum tipo de pista para passar pelo bloqueio neural, para o retorno de sua memória?

— Eu não tenho medo de você. Não tenho medo de você me tocar. — Ela sussurrou, encontrando o olhar intenso dele sem piscar. Olhos prateados olharam nos dela. O coração de Krisa começou a bater mais rápido.

— Sobre o que você está falando, garotinha? — Perguntou Teague finalmente. A voz profunda era gentil, mas carregava um tom de alerta que ela sabia que podia ignorar por sua própria conta e risco. E Krisa decidiu responder a uma pergunta com outra pergunta.

— Teague. — Ela sussurrou, sentando-se contra a cabeceira da cama moldada.

— Você me contou muito sobre as coisas que fizemos e vimos enquanto estávamos presos no Planeta X, mas há uma coisa sobre a qual você nunca falou. Enquanto estivemos lá, você alguma vez ... já fizemos ... fizemos amor?

Teague virou-se e fez menção de sair da cama, mas seu leve toque em seu braço o deteve.

— Você viu o Certificado de Virgindade todo rasgado do jeito que estava. — Ele murmurou finalmente. — Você fez isso, Krisa. Você rasgou, você não pode tirar suas próprias conclusões disso?

— Eu posso, mas eu quero ouvir você dizer isso. Conte-me sobre isso, sobre o que fizemos. Mostre-me.

O coração de Krisa estava batendo com tanta força que ela podia senti-lo em todas as partes de seu corpo, e, de repente, ela estava vivamente ciente da fragrância masculina e almiscarada que Teague levava consigo por toda parte, invadindo seus sentidos. Mas ela tinha que perguntar, tinha que saber.

— Você não sabe o que você está pedindo. — Ele rosnou, assim como ele tinha feito no sonho.

— Não, mas eu não tenho medo de descobrir. — Krisa insistiu.

— Você está mentindo. — Teague se virou para ela e a pegou pelos ombros. — Eu posso sentir o seu medo no ar, ao nosso redor, e seu pequeno coração está prestes a sair do seu peito. Você não me conhece mais, Krisa. Não me peça para fazer coisas das quais você vai se arrepender depois.

— Eu sei que eu costumava amar você. — Ela sussurrou e lambeu os lábios nervosamente. — E eu sei que quero de novo. Eu desejo me lembrar como me senti sobre você, quero lembrar do meu passado, nosso passado, Teague. Eu pensei que talvez se você me tocasse ... me segurasse ...

— Não me peça para fazer isso. — Teague fechou os olhos brevemente, um olhar de quase agonia vindo de sua forte expressão. — Você não entende, Krisa. Eu perdi você uma vez, não aguentaria mais. Eu ia te dar até chegarmos a Alpha Lyrae para recuperar sua memória e, se você não pudesse, eu a deixaria seguir seu próprio caminho, se quisesse. Mas se você me forçar a fazer isso, não poderei parar. E quando estiver pronto, não poderei deixar você ir para sempre. Compreendeu?

— Talvez eu não queira que você pare. Talvez eu não queira que me deixe ir. — Krisa não sabia de onde as palavras estavam vindo, mas elas soavam bem em sua boca. Ela podia saborear seu aroma masculino no ar, quente como uma

pimenta na ponta da língua, podia respirar o almíscar de seu grande corpo e sentir seu calor irradiando contra sua pele.

De repente, embora ela não o conhecesse como antes, ela o queria. Queria muito dele. Seu corpo respondeu a ele mesmo se seu cérebro entendia o porquê ou não. Eles precisavam ficar juntos, eles pertenciam um ao outro.

— Eu deveria ir. — Teague virou-se para sair da cama de novo e Krisa segurou-o de volta com um toque mais leve.

— Deixe-me provar isso para você. — Ela sussurrou, as palavras saindo de algum lugar dentro dela, mais profundo do que a memória. Krisa estava usando um vestido de seda de uma peça que abraçava suas curvas. Teague tinha comprado para ela em uma de suas paradas para o que ele considerava ser um planeta "*seguro*", onde os Royal Spacers raramente aterrissavam. Como o espartilho que estava usando quando saiu de Prime era tão desconfortável, Krisa não o usava mais, então não havia nada sob o material que envolvia suas curvas, apenas um pequeno conjunto de seda.

Ela pegou a mão grande de Teague na dela e puxou a saia do vestido para fora, para colocar a palma da sua mão sobre o pedaço quente e úmido de seda que cobria sua boceta. — Sinta-me. — Ela sussurrou, arqueando as costas para pressionar mais de seu calor em sua palma. — Sinta como eu estou molhada para você, Teague. Sinta o quanto eu quero que você me toque.

— Krisa … — Seu nome era pouco mais que um gemido e ela sabia que ele estava perto de quebrar. Krisa levantou os quadris novamente, esfregando contra sua mão grande e quente, sentindo os lábios molhados da sua boceta abrirem como uma flor sob a seda fina. Os dedos de Teague enrolaram quase convulsivamente em torno da borda do material frágil e a respiração de Krisa ficou presa quando ela sentiu as pontas dos dedos encontrarem o calor escorregadio de sua umidade.

Então Teague estava rosnando baixo em sua garganta. Ele arrancou a calcinha frágil, em um movimento que parecia desencadear uma memória de antiga. Krisa sentiu uma dor aguda nas têmporas, mas afastou-a ferozmente, sem vontade de deixar que alguma coisa se intrometesse naquele momento com Teague. Ele tinha sido seu amante uma vez e agora ela estava certa de que ele seria seu amante novamente.

— Fora. — Ele rosnou e levantou o vestido de seda sobre a cabeça, mostrando-a completamente para os olhos prateados brilhantes.

— Teague. — Ela protestou, de repente tímida. Krisa tentou se cobrir com as mãos, mas ele a prendeu na cama, os braços acima da cabeça de um jeito que a fez sentir inexplicavelmente nua, indescritivelmente quente.

— Não se esconda de mim, garotinha. — Sua voz profunda estava rouca de emoção.

— Você pode não se lembrar, mas eu já vi e provei cada centímetro de você e eu não posso esperar para fazê-lo novamente. — Ele baixou a cabeça e esfregou as bochechas contra a encosta tenra de seus seios, fazendo Krisa ondular e contorcer-se debaixo dele. Então uma boca quente estava capturando seus mamilos, chupando, lambendo, beliscando, torturando-os com prazer quase insuportável até que ela estava gemendo e chorando embaixo dele.

Quando Teague marcou as curvas cremosas de seus seios com várias mordidas vermelhas escuras de amor, Krisa pensou que não podia mais aguentar, a cabeça escura começou a se mover para baixo de seu peito e abdômen para sua barriga trêmula e sua boceta exposta.

— Teague, eu não acho … — Ela ofegou sem fôlego.

Ele olhou para cima, olhos prateados brilhando como moedas alienígenas na penumbra de seu quarto. — Você não acha o que, querida? Não acha que eu deva provar sua boceta gostosa? Bem, isso é muito ruim. Você desistiu do

controle dessa situação há algum tempo, caso não tenha notado. Faz meses desde que toquei em você e não vou parar até terminar, entendeu?

— Eu … — Krisa mal podia respirar através do medo e do prazer que ele estava causando a ela. — Eu entendo. — Ela sussurrou por fim.

— Bom, agora apenas deite-se e divirta-se, garotinha. Você não sabe há quanto tempo eu estou esperando para fazer isso. — Ele baixou a cabeça novamente, o cabelo preto-azulado e áspero arranhando a sensível pele do abdômen, enquanto sua língua conhecia seu umbigo em uma promessa do que estava por vir.

Mãos grandes espalharam suas coxas e Krisa deu um pequeno gemido estrangulado quando sentiu o hálito quente soprando contra os lábios molhados de sua vagina, inchada pela necessidade dele.

Dedos contundentes e experientes espalham os lábios, revelando seu mais íntimo segredo.

Então uma língua quente e úmida a invadiu, circulando implacavelmente seu clitóris dolorido, antes de mergulhar de repente nas profundezas escorregadias de sua fenda para tocá-la tão profundamente quanto podia.

— Teague! — Seu nome era um gemido na penumbra da cabine. Krisa enterrou as mãos pequenas no cabelo preto espetado e se apoiou contra ele, pressionando para conseguir mais daquela língua maravilhosa dentro dela. Bochechas ásperas rasparam suas coxas tenras e ela se deliciava com a sensação, sabendo que seria marcada pelo prazer dele. Krisa podia sentir algo se construindo dentro dela, uma onda de prazer que estava ameaçando subir, se Teague pudesse empurrá-la um pouco mais alto, um pouco mais forte.

Mas o intenso prazer que Teague estava lhe dando estava trazendo de volta memórias em fragmentos quebrados e irregulares, como pedaços de cerâmica saindo da areia de seu inconsciente. E, como cacos irregulares, doíam quando

chegavam, enviando dores nas têmporas que se tornavam cada vez mais difíceis de ignorar. Krisa sabia instintivamente que o prazer precisava ser mais profundo, necessário para combinar com a dor, a fim de trazer qualquer resultado.

— Teague. — Ela gemeu, puxando o cabelo espetado. — Teague, por favor. Eu preciso de mais ... preciso de você dentro de mim ...

Krisa não precisou pedir duas vezes. Nunca soube como ele conseguiu tirar suas roupas tão rapidamente, mas no que parecia ser o próximo batimento cardíaco Teague estava nu debaixo dela e ela estava sentada em cima dele, sua vagina molhada e aberta posicionada acima do grosso gume de seu pênis. Ele não precisou perguntar se Krisa estava pronta, Teague já tinha certeza disso. Foi com um sentimento de alívio que beirava a dor que Krisa sentiu que ele a penetraria, sentiu o pau grosso espalhar os lábios de sua vagina para abrir espaço dentro dela para ele, sentiu suas mãos envolverem sua cintura e derrubá-la firmemente enquanto Teague empurrava profundo para enchê-la de si mesmo.

Teague começou a empurrar, puxando-se para fora e empurrando de volta, com uma urgência brutal que forçou um prazer profundo e irregular a se espalhar por todo seu corpo e chiar ao longo de suas terminações nervosas. Suas mãos ainda estavam presas em torno de seus quadris e Krisa se abaixou para agarrar seus antebraços musculosos, tentando superar as intensas sensações que seu pênis provocava em sua boceta enquanto as memórias começaram a voltar.

Ela estava na Princesa Estelar e havia um homem moreno vendado, e acorrentado à parede de metal do porão…. Estava sentindo o impacto na parte de trás do seu pescoço, sabendo o que significava pela primeira vez desde que o chip foi implantado…. E Krisa se contorcia para atravessar seu estado de sono, tentando se libertar no silêncio da nave que parecia uma tumba... Ela estava correndo pela selva seguindo a trilha cortante de Teague à sua frente ... E estava ouvindo a misteriosa tagarelice dos targees. E vendo os olhos roxos e pulsantes do soondar em seu rastro no negrume absoluto da noite do Planeta X ... E se viu

sentada em um banquete no vilarejo de Yss, encontrando Ziba e Vis de novo ...

Correndo ao pôr do sol para salvar Teague… dançando diante dos Yss reunidos não uma, mas duas vezes…

Sentindo as mãos de Teague em seu corpo, fazendo-a desamparada e quente. Provando sua semente quando ela o levou em sua boca e no fundo de sua garganta ... Sentindo sua língua dentro dela pela primeira vez ...

Sentindo-o abrir as pernas para montá-la ... sentindo o impulso profundo de seu pau grosso quando ele violou sua virgindade e a reivindicou pela primeira vez como sua ... Como ele a possuiu completamente...

— Eu vejo pelo seu rosto que o que eu estou tentando dizer para você causou uma boa impressão.

— Teague ... Oh, Deusa, Teague! — A dor de suas memórias retornando e o prazer de seu pau grosso dentro dela atingiram o pico ao mesmo tempo. Krisa sentiu-se inclinar sobre a borda, sentiu algo estourar dentro dela, quando Teague empurrou profundamente e segurou seu pau sólido e firme, para bombear em sua boceta aberta, deixando-a cheia de sua semente. De repente ela se lembrou de tudo. Tudo! Foi demais. Soluçando com uma mistura inebriante e esmagadora de prazer e dor, Krisa desmoronou no peito largo abaixo dela.

Capítulo Trinta

— Krisa, você acordou? — Uma mão quente a sacudiu suavemente e Krisa murmurou algo ininteligível e virou-se, aconchegando-se mais perto do grande corpo quente ao lado dela. Eles fizeram amor por horas na noite anterior e ela estava exausta. Era quase como se Teague estivesse com medo de que Krisa esquecesse as memórias duramente conquistadas que recuperara através de seu amor e quisesse reforçar tanto o lugar delas em sua cabeça, quanto seu próprio lugar em seu coração.

— Estou cansada, Teague. Não pode esperar? — Ela murmurou irritada, quando ele continuou a cutucá-la. — Você me esgotou na noite passada, deixe uma garota descansar um pouco, vai?

— Não é sobre isso, querida. — Houve um baixo estrondo de riso em sua voz profunda. — Embora eu nunca consiga o suficiente dessa sua doce boceta. Mas há algo que eu acho que você deveria ver.

— Agora mesmo? — Ela resmungou. Mas ela podia dizer pelo tom dele que a grande fera não ia desistir tão cedo. Suspirando, Krisa levantou-se e envolveu o lençol que havia pego em volta dos ombros. Arrastando a ponta dele ao longo do chão de chapa de metal da nave e estremecendo com o frio nos pés descalços, ela seguiu Teague, que não se incomodara em se vestir na Nave-Com.

— Bem? — Ele estava de pé, completamente nu e apontando para a grande abertura que dominava a sala.

— Humm? — Krisa esfregou o sono fora de seus olhos. O que ela mais procurava era o corpo perfeitamente esculpido e deliciosamente nu de seu amante. Por insistência de Teague, porém, Krisa ergueu os olhos para a janela e viu uma forma pequena e arredondada do tamanho de seu punho, mas ficando

visivelmente maior o tempo todo. A forma era azul e verde com redemoinhos brancos e de repente ela percebeu que estava olhando para um planeta girando lentamente no vazio do espaço, aproximando-se cada vez mais para preencher o campo de visão.

— Viu isso? — Teague sorriu para ela, um sorriso branco selvagem que a encheu de alegria.

— O que é isso? — Nunca tirando os olhos da tela, Krisa moveu-se para pressionar contra o seu lado e Teague a puxou e colocou um braço quente em torno de sua cintura. Ele se inclinou e deu um beijo suave em sua testa enquanto observava o planeta crescer.

— Aquele, garotinha, é o Alpha Lyrae. Estamos quase em casa.

Fim...

Sobre o Autor

Evangeline Anderson é uma técnica de ressonância magnética registrada que prefere estar escrevendo. Ela tem trinta e poucos anos e mora na Flórida com um marido, três gatos e uma irmã de idade universitária, mas não tem filhos, porque já basta. Ela vinha escrevendo histórias eróticas para sua própria gratificação por vários anos antes que lhe ocorresse tentar ser paga por isso. Para sua alegria, Evangeline descobriu que era realmente possível conseguir dinheiro por ter uma mente suja e ela tem escrito constantemente desde então.

Esperamos que tenha gostado desta aventura sobrenatural!

Esta tradução foi feita por fãs para fãs, sem qualquer propósito de Lucro.
Não se esqueça de comprar nossos autores favoritos, se estiver dentro de suas possibilidades financeiras.
E publicado no seu idioma. Sem eles, não poderíamos desfrutar de todas essas histórias maravilhosas.

Não distribua nossas traduções abertamente na internet, respeite nosso trabalho voluntário.

Notas

[←1] Alojamento das feras /zoo

[←2]

Sistema de propulsão para viajar no Hiperespaço, ficcional

[←3]
Sem tradução para inglês ou português. (Nota da tradutora.)

[←4]
Sem tradução para Inglês e português. (Nota da tradutora.)

[←5]

Esponjas hemostáticas?

[←6]
Barco aéreo. (Linguee)

[←7]

Tipo de transporte